

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
*Campus de Rio Claro*

**HISTÓRIA DA DISCIPLINA GEOGRAFIA –  
CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA DE UMA EDUCADORA**

*GEÓRGIA STEFÂNIA PICELLI LAUBSTEIN*

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Rosangela Doin de Almeida

Co-orientador: Prof. Dr. João Pedro Pezzato

Dissertação de Mestrado elaborada  
junto ao Programa de Pós-Graduação  
em Geografia Área de *Organização do  
Espaço* para obtenção do título de  
Mestre em Geografia.

Rio Claro (SP)

2008

910.07 Laubstein, Geórgia Stefânia Picelli  
L366h História da disciplina Geografia – contribuições da memória de uma educadora / Geórgia Stefânia Picelli Laubstein. -- Rio Claro : [s.n.], 2008  
233 f. : il.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Orientador: Rosangela Doin de Almeida  
Co-orientador: João Pedro Pezzato

1. Geografia - Estudo e ensino. 2. Oliveira, Livia – Biografia. 3. Geografia escolar. 4. Memórias. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP  
Campus de Rio Claro/SP

Comissão Examinadora

Profª Drª Rosangela Doin de Almeida

Profª Drª Agueda Bernadete Bittencourt

Profª Drª Amanda Regina Gonçalves

---

Aluno (a)

Rio Claro, 22 de fevereiro de 2008

Resultado \_\_\_\_\_ APROVADA \_\_\_\_\_

*Aos meus pais, José e  
Eliana, exemplos de fé,  
amor e coragem.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Aos meus pais, muito obrigada por toda paciência, amor, compreensão e estímulo ao meu desenvolvimento intelectual;*

*Aos meus avós, Antenor e Antonina, pela constante inspiração;*

*Aos meus irmãos Rafael e Vitor, por estarem sempre por perto; por darem exemplos de coragem e de que sempre vale à pena acreditarmos em nossos sonhos...*

*Ao meu querido Rodinei, por todo apoio, paciência e ternura nos momentos mais difíceis...*

*À querida Gi por todas as palavras fortalecedoras...*

*À Erica por estar sempre por perto; amiga para sempre*

*À Rafa, amiga em todos os momentos, pelas discussões teóricas e pelas boas risadas no decorrer do caminho...*

*À Carol e Regina pela ajuda constante, conversas enriquecedoras e amizade sincera*

*À Amanda por toda clareza e ajuda na compreensão deste trabalho...*

*À Profª Drª Rosangela, pela oportunidade e estímulo;*

*Ao Prof. Dr. João Pedro Pezatto, pelos esclarecimentos e apoio;*

*À Profª Drª Agueda Bernadete Bittencourt pela atenção e contribuições no decorrer da pesquisa;*

*À amiga Regina Celli Ara por me ajudar a agir de acordo com as decisões tomadas...*

*À todos que direta ou indiretamente me ajudaram na concretização de um sonho;*

*E em especial à Deus, por toda inspiração de força e fé nos momentos em que nada se pode fazer, apenas confiar em sua bondade...*

*À todos muito obrigada!*

*Memória*  
(Mario Quintana)

*Essa lembrança que nos vem às vezes...*

*folha súbita*

*que tomba*

*abrindo na memória a flor silenciosa*

*de mil e uma pétalas concêntricas...*

*Essa lembrança...mas de onde? de quem?*

*Essa lembrança talvez nem seja nossa,  
mas de alguém que, pensando em nós, só possa*

*mandar um eco do seu pensamento*

*nessa mensagem pelos céus perdida...*

*Ai! Tão perdida*

*que nem se possa saber mais de quem!*

## **RESUMO**

Esta pesquisa, realizada através do relato oral de uma educadora, busca fornecer subsídios à reflexão histórica da disciplina Geografia. O estudo fundamentou-se, principalmente, na compreensão do relato biográfico de Livia de Oliveira, professora de Geografia que há tempos vem colaborando para o desenvolvimento de pesquisas sobre o Ensino de Geografia, tanto no nível universitário como no nível fundamental de educação. Partindo de suas lembranças, tentamos refletir sobre a influência desta professora na constituição da Geografia Escolar brasileira. Adotamos como método de trabalho as entrevistas e a coleta de depoimentos, como forma de registrar as memórias da professora; a partir de suas memórias fomos delineando nossa pesquisa. No decorrer do trabalho discutimos algumas implicações da metodologia da História Oral, bem como concepções sobre memória e lembrança, fundamentais às nossas reflexões.

Palavras-chave: Biografia, Ensino de Geografia, Geografia Escolar, Memórias.

## **ABSTRACT**

This research, made through the oral report an educator, intends to contribute to the historical reflection of the discipline Geography. The study was mainly based on the understanding of the biographical report of Livia de Oliveira, teacher of Geography that a long time have been collaborating for the development of researches about the teaching of Geography, in the academics level and in the fundamental level of education. Leaving of your remembrances, we tried to reflect about this teacher's influence in the constitution of the Scholastic Geography in Brazil. We adopted as work method the interviews and the collect of testimony, as a form of registering the memories of this teacher; starting from your memories, we went delineating our research. In elapsing of the work we discussed some implications of the methodology of the Oral History, as well as conceptions about memory and remembrance, fundamental to our reflections.

Key words: Biography, Teaching of Geography, Scholastic Geography, Memories.

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
1. INTRODUÇÃO .....	01
2. CAPÍTULO 1 - Narrativa - A trajetória da professora Livia de Oliveira.....	04
3. CAPÍTULO 2 - Caminho de possibilidades: trabalhando com memória e relatos biográficos .....	59
3.1 A prática da pesquisa .....	61
3.2 Questões sobre memória .....	68
3.3 Entrelaçamento de tempos e espaços .....	79
3.4 Sobre memória individual e coletiva .....	81
3.5 Entrevistas: construções e possibilidades .....	86
4. CAPÍTULO 3 - Construindo uma trajetória profissional.....	94
4.1 Formação para a Docência .....	94
4.2 Escolhas: a Geografia e a concretização do projeto profissional.....	107
4.3 A professora Livia de Oliveira na FFCL de Rio Claro .....	117
4.4. O pioneirismo das pesquisas realizadas pela professora Livia de Oliveira .....	124
5. CONCLUSÃO .....	135
6. REFERÊNCIAS .....	142
7. APÊNDICE: AS TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS .....	151
7.1 Apêndice A – A Primeira Entrevista .....	151
7.2 Apêndice B – A Segunda Entrevista .....	185
7.3 Apêndice C – A Terceira Entrevista .....	208



## 1- INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, as reflexões sobre o Ensino de Geografia se dão a partir da compreensão do relato biográfico de uma educadora, no caso, a professora Livia de Oliveira, nascida em 1927, atuante neste campo há mais de 40 anos.

No decorrer desta pesquisa discutiremos, em especial, algumas questões referentes aos conceitos de memória, rememoração e história oral. Para tanto, recorreremos a autores como Pierre Bourdieu, Walter Benjamin, Jacques LeGoff, Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira.

As principais fontes utilizadas nesta pesquisa são o relato biográfico da professora Livia de Oliveira e também suas publicações acadêmicas como o Doutorado, sua Tese de Livre Docência, e outros artigos que versam sobre o Ensino de Geografia. O trabalho de Buschinelli assim como o Boletim Geográfico e o Boletim Paulista de Geografia nos forneceram dados importantes sobre o desenvolvimento da disciplina Geografia nas Universidades brasileiras, especialmente na USP e na FFCL de Rio Claro.

A partir das memórias desta professora de Geografia, pudemos tecer algumas considerações sobre os caminhos que conduziram a constituição da Geografia Escolar como um campo de investigação no Brasil.

Se hoje se discute a necessidade de pesquisas que tratem das especificidades da Geografia Acadêmica e da Geografia Escolar, pouco tem sido investigado sobre as condições que levaram à construção de conhecimentos chamados de Geografia Escolar, como um campo de pesquisa.

Apoiando-nos em Benjamim (1987), dizemos que o rememorar possibilita um entrelaçamento de tempos distintos, porém complementares. As memórias de uma pessoa não são lembranças somente individuais, são também lembranças sobre outras pessoas. Ao serem rememoradas, as memórias, compostas por informações, suscitam ao indivíduo, novos saberes, novas compreensões. Nesse sentido, podemos dizer que as memórias carregam conhecimentos, experiências de vida, e quando vêm à tona, permitem reflexões àquele que rememora e também àqueles que dela se ocupam.

As lembranças da professora Livia são compostas por diversos conhecimentos; nesta pesquisa nos ativemos às lembranças que a vinculam como professora da disciplina Geografia.

Assim, dizemos que as memórias da professora Livia são memórias sobre Educação. Seu registro impede o seu esquecimento, e ainda, contribui na busca de novas reflexões sobre as histórias da disciplina geografia.

Dessa forma, para que pudéssemos construir nossas próprias reflexões, lançamos mão de uma metodologia que nos capacitou para o trabalho com relatos biográficos: a História Oral. Da mesma maneira, utilizamos um arcabouço teórico que nos permitiu tecer considerações sobre alguns conceitos, tais como, memória, rememoração, memória coletiva, biografia, dentre outros.

As considerações de Bourdieu (1999) nortearam a estruturação deste trabalho. Dessa forma, como nossa proposta de pesquisa surgiu a partir de um relato biográfico, julgamos que seria interessante apresentar no primeiro capítulo da dissertação, as memórias da professora Livia. Assim, a partir da compreensão das considerações tecidas por Bourdieu (1999), podemos concluir que o texto único, constante no primeiro capítulo, é uma construção elaborada por nós pesquisadores a partir das três entrevistas realizadas com a professora.

No segundo capítulo, tecemos considerações sobre a teoria que fundamenta nossa pesquisa, e os conceitos que dela decorrem. Porém, tentamos estabelecer relações entre o relato de Livia e os conceitos fornecidos pelo aporte teórico utilizado. Este tipo de abordagem nos ajuda a direcionar o olhar do leitor, para determinados fatos que julgamos imprescindíveis para a compreensão do relato.

No terceiro capítulo tentamos dialogar com as memórias e a produção acadêmica da professora Livia de Oliveira, buscando conhecer e entender os

elementos relevantes para a construção de sua trajetória como professora de Geografia.

Na última parte do trabalho, disponibilizamos as transcrições das três entrevistas, as quais tiveram diversos trechos suprimidos durante a construção da narrativa. O conhecimento e a reflexão sobre a condição em que estes documentos (narrativa e entrevistas transcritas) foram produzidos, são de suma importância para a compreensão do todo desta pesquisa; por isso, as transcrições foram colocadas como apêndice, e não como anexo.

Nesta pesquisa, tentamos evidenciar que o trabalho com relatos biográficos também pode fornecer reflexões oriundas da experiência individual, e conseqüentemente, da memória individual que também se articula à memória de um grupo. (HALBWACHS, 2004).

Assim, essas memórias podem iluminar nossas reflexões sobre o contexto em que a Geografia Escolar se desenvolveu como um campo de investigação. A compreensão de que a memória relaciona-se intrinsecamente à experiência individual, autoriza-nos a dizer que os conhecimentos suscitados pela rememoração dizem respeito à informações únicas porque pertencem à uma experiência de vida, que também é única. Ao refletir sobre as considerações de Jacques LeGoff (1990), dizemos que 'As verdades' que compõem a memória pertencem ao indivíduo que rememora; podem não ser verdades para outras pessoas, porém, ao serem divulgadas, essas memórias suscitam indagações, informações novas, condizentes às verdades daquele que rememora e que não estão presentes em documentos tidos como oficiais, porque estas informações pertencem ao indivíduo, à sua experiência de vida.

Nesse sentido, o trabalho com memórias representa uma opção diferente de pesquisa porque permite colocar o indivíduo em evidência, e ao mesmo tempo, registrar acontecimentos que muitas vezes foram apagados, relegados ao esquecimento pelo discurso dominante.

Assim, esperamos que este trabalho possa contribuir para a compreensão da história da Geografia e sua presença no currículo escolar, bem como auxiliar na reflexão sobre o seu desenvolvimento e a importância da realização de pesquisas que versem sobre a Geografia da sala de aula.

## CAPÍTULO 1

### NARRATIVA: A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA LÍVIA DE OLIVEIRA

Eu nasci em Mairinque, que na época era um antigo distrito pertencente ao município de São Roque (SP). Tive cinco irmãos, mas poderia dizer seis porque o primeiro morreu com alguns dias de vida. Naquela época, minha mãe punha os nomes todos começados com a mesma letra. O primeiro filho se chamou Cid, mas como morreu, minha mãe mudou a letra, e começou com a letra L. Então, veio primeiro a Laís, depois o Laércio, a Liseika, depois eu - Lívia -, e o mais novo, Laerte. Nós éramos três mulheres e dois homens; desses já morreram a minha irmã Laís e o meu irmão Laércio. Minha mãe era professora primária, só que tenho que fazer um destaque, pois naquela época, uma professora primária formada pela escola da Caetano de Campos, era como uma faculdade<sup>1</sup>.

---

1 A escola Caetano de Campos, ou Instituto de Educação Caetano de Campos, foi instalada num edifício construído especialmente para a Escola Normal em 1894, localizado na Praça da República, na cidade de São Paulo. Atualmente funciona a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. “[...] O prédio novo da Escola Normal tornou-se um símbolo da República e fixou-se como referência e pólo difusor de teorias científicas e pedagógicas. O conceito de Escola Modelo era aplicado à Escola Normal, tanto para os alunos de 11 a 14 anos como para as crianças menores, no jardim-de-infância que se situava nos fundos da edificação.” (SÃO PAULO 450anos.Disponívelem:[http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/escola\\_cidade/2\\_escola\\_catedra](http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/escola_cidade/2_escola_catedra) l.asp. Acesso em: 04 fev. 2006

Minha mãe estudou em São Paulo, e se formou em 1910. Era como uma faculdade porque os livros em que estudou, por exemplo, álgebra, que depois eu dei para o meu sobrinho, era uma álgebra de faculdade. Ela aprendeu francês na escola e falava correntemente; não era uma normalista como as de hoje! Na verdade era como uma escola superior!

Meu pai era agricultor, vinha de trabalhos de fazenda, no início de cana, depois de policultura, enfim, meu pai trabalhava na terra. Eu fiz o primário em Mairinque. Minha mãe era professora primária e ensinava sempre para o primeiro ano. Eu era muito levada, e minha avó já tinha muita idade, então mamãe levava a gente para a escola. Com 4 ou 5 anos eu já fui para a escola e ficava sentada, quieta lá no canto, porque ela tinha que dar aula. Eu entrei na escola em 1934, 35 e eu sou de 1927. A escola chamava-se Grupo Escolar; havia um ano para cada série: o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto. As professoras sempre davam aula para a mesma série; minha mãe dava aula no primeiro ano, a outra no segundo, no terceiro e no quarto. As classes eram enormes, sessenta alunos; a gente sentava na carteira dois de cada um. Quando enchia muito a classe imaginem o problema da disciplina com três crianças sentadas juntas!

Na sala de aula havia um quadro negro e muitos cartazes. Minha mãe desde o início dava lápis para as crianças escreverem. Pela maneira como escreviam ela via se iam ser capazes de ser alfabetizados ou não. Na verdade ela estava vendo a coordenação motora da criança, porque na época ela tinha pouca psicologia e pedagogia. Ela aprendeu francês, matemática, álgebra, mas não aprendeu psicologia, porém pela prática ela era capaz.

Ela dividia a classe em A, B e C. A de letra A era a que ela achava que naquele ano não aprenderia, não seria alfabetizado. O B, mais ou menos. E o C ela achava que seria capaz de alfabetizar. E eu ficava no A, no B e no C. Naquela época também não tinha essa pressão para o professor passar os alunos, porque ela não iria sair de Mairinque nunca, ela precisava fazer carreira, fazer pontos. Então ela deixava a criança lá, o pai vinha e reclamava que fazia um, dois anos que o menino estava na escola e não aprendia a ler e escrever. Mas ela alfabetizava mesmo, só que ela não tinha pressa! Ficava lá fazendo cobrinha, como ela dizia; ficava lá dentro, já se disciplinando. E os que eram capazes já passavam para o segundo ano. Mas quando nós passávamos para o segundo ano, nós estávamos alfabetizados, líamos e escrevíamos com firmeza! Minha

mãe fazia questão que a criança que fosse para o segundo ano não desse trabalho para a colega do segundo ano e não tivesse o trabalho de alfabetizar a criança. Se tivesse alguma dúvida ela retinha no primeiro ano, para depois, no ano seguinte, firmemente a outra professora passar. Tanto é que quando a gente chegava no segundo ano ninguém tinha dúvida do que o professor escrevia na lousa.

A grande diferença no segundo ano é que nós começávamos a escrever com tinta, e no primeiro ano só escrevíamos com lápis. Cada carteira tinha um lugarzinho para pôr um copinho e, no dia que íamos escrever com tinta o servente vinha, enchia os copinhos e nós pegávamos a caneta para escrever. Então na primeira semana, no primeiro mês, era aquele esparramo, mas nós sabíamos escrever, o que nós não sabíamos era controlar a tinta para por no papel. Passado um mês nós éramos capazes, e nos tornávamos mais adultos, mais maduros olhando para o primeiro ano que só usava lápis. A professora então começava com alguns conhecimentos de geografia, de ciências; a matemática já era mais complicada, e nós líamos muito mais o português.

No terceiro ano nós escrevíamos à tinta com a mesma facilidade, com a mesma correção. E também estudávamos mais, aprofundávamos todos os estudos.

No quarto ano era o estudo já de uma história mais geral, uma geografia mais geral; a gente já ouvia falar e via os mapas da Europa, da Ásia, das Américas...

Mas voltando um pouco no primeiro ano, como eu ia com minha mãe na escola desde pequena, eu aprendi a ler e escrever sozinha. Minha mãe não me dava atenção porque era só para eu ficar quieta lá dentro, mas eu já fui escrevendo! Aí um dia - eu ainda tinha seis anos e não era registrada na escola! - eu estava sentada com o jornal O Estado de São Paulo que minha família assinava desde o início de sua formação, e minha mãe me perguntou o que eu estava fazendo. Eu respondi que estava lendo, e ela me pediu para ler um trecho do jornal. Minha mãe ficou espantada, mas eu expliquei que como ela me levava todos os dias pra escola eu havia aprendido a ler e a escrever!

Agora, depois que estudei o Piaget é que eu vi claramente que não fui nada extraordinária, porque para o Piaget o aprender a escrever é espontâneo.

Qualquer criança, não importa a época, pode ser um pouco mais tarde, um pouco mais precoce, mas nós aprendemos a ler e escrever espontaneamente.

Assim, eu comecei a ler e até hoje eu nunca mais parei. Leio, leio, leio e eu sempre digo que mesmo estando meio surda não importa, podendo ler já estou contente!

Voltando um pouco mais, na experiência da minha escola primária, nós não fazíamos excursões, não fazíamos visitas, não tinha vídeo, não tinha televisão, nem rádio. E me pergunto o que as professoras faziam conosco? Talvez tinham um relacionamento muito mais íntimo com os alunos! Os professores conheciam cada aluno, conheciam os pais de cada aluno, sabiam os problemas de cada aluno!

Tanto as professoras do terceiro e do quarto ano davam uma disciplina que se chamava Trabalhos Manuais, e todos nós tínhamos que bordar, tricotear; os meninos usavam serrinha, faziam sacolas com macramé. Segundo as professoras e segundo minha mãe, era para dar uma atividade para os alunos aprenderem a trabalhar com as mãos, além de ler e escrever.

Outro aspecto que eu também guardo, é que a escola perdeu o Canto! Nos reuníamos todas, dava o sinal da entrada, todas as séries formavam uma fila por tamanho, primeiro as meninas e depois os meninos; cada série cantava um pouquinho, uma estrofezinha: “- Minha jangada de vela...”. Cantava a do sabiá... Cada um cantava e depois entrávamos para a sala. Também havia aula de Canto com as professoras nos sábados, e isso eu acho que a escola perdeu! Trabalhos Manuais e a parte da música; acho que a escola perdeu um pouco a vivência que dava para as crianças!

E naquela época também aos sábados era dia letivo comum, e as professoras aproveitavam para a higiene. Minha mãe cortava a unha de todos os moleques que na casa não deixavam o pai e a mãe cortar; minha mãe cortava, as professoras cortavam. Iam para a torneira com escova: escovava o pé, a mão; era revistado todinho para ver a cabeça, matava piolho, outros parasitas; tomava banho ali mesmo, porque se não tomava em casa, tomava no sábado! No sábado todo mundo tinha que levar uma roupinha pra trocar e ficar bonitinho; depois que lavava tudo vinha a aula de religião.

Naquela época eram poucos os não católicos, mas havia já uma tolerância! Então os que não eram católicos e se o que se ensinava não interessava, eles

saiam da sala de aula; mas a religião católica era a oficial e todos tinham. Depois tinha os Trabalhos Manuais. Então sábado era um dia muito cheio. Também tinha brincadeiras e tudo. No final do ano havia sempre uma exposição por série, e cada um tinha que expor seus trabalhos.

O ano letivo também tinha uma festa em que toda a família ia. Minha mãe conta que antes da minha época (1934-35), logo em 1920-21, os exames na escola primária eram conduzidos pelos promotores e pelos juizes. Havia uma banca para examinar os alunos; não era a professora que aprovava de ano!

Já na minha época não era assim, era só a professora. O diretor também era nomeado, era escolhido, mas hoje perdeu isso de ter as pessoas de fora que faziam a prova!

Na época, a escola em Mairinque (Escolas Reunidas) só tinha até o terceiro ano. Então para fazer o quarto ano, meus irmãos, a Laís e o Laércio, tiveram que ir para São Paulo para terminar o quarto ano e depois poderem estudar. Quando a Liseika já estava, e depois eu e o Laerte, já tinha a quarta série.

Mas a partir da quinta-série, que naquela época era primeiro ano do Ginásio, nós já tivemos que sair. Eu com onze anos fui para São Paulo fazer o primeiro ano.

Nessa época tinha o que nós chamávamos de Exame-Admissão; era um medo tão grande quanto tem agora do vestibular, porque a gente estava com 10 anos ainda, nem tinha onze, e tinha que fazer um Exame de Admissão! A minha irmã Laís que já estudava em São Paulo, estava fazendo a Escola Normal. Ela estudava no Ginásio Ipiranga que era um ginásio particular, muito conceituado. Então eu terminei o quarto ano e fui para São Paulo fazer o cursinho para o Exame de Admissão.

Cheguei, com o pé grosso porque eu não conseguia pôr sapato, só punha para ir para a escola. Queimada de sol, cabelo em pé com aquele suor... Eu com nove anos perdi o dente da frente - o incisivo- numa brincadeira; caí e quebrei o dente na cabeça de uma menina e fiquei banguela!

Então, imaginem esta figura chegando em São Paulo, na capital, para estudar! Sentei lá, não conhecia ninguém, tinha quarenta e tantos alunos! Mas o diretor quando viu as minhas notas disse para a Laís que eu deveria freqüentar as aulas do cursinho somente uns dias, e então fazer o Admissão já de cara! Assisti



umas dez aulas e senti que tudo o que o professor falava eu sabia. O professor falava de História, eu sabia; de Geografia, eu sabia; de Português, eu sabia. Então falei para a Laís que faria o Exame e ela me inscreveu no Exame de Admissão. Quando eu passei era eliminatório, Português e Matemática era escrito. Quando fui lá para saber o resultado ficou minha alegria porque eu tinha passado de primeira, e daquela classe de quarenta já restavam só vinte.

Depois tinha a prova oral de Português, de Geografia, de História. O professor de História me perguntou, quando eu sentei na frente dele, se eu sabia o significado do meu nome, já que as mães põem nomes nos filhos e não explicam o que significa! E eu muito rápida, respondi que Livia foi imperadora de Roma, mulher de Augusto, e mãe de Tibério que também foi imperador! E ele disse que eu podia ir embora porque eu sabia o que significava o meu nome.

Aí passei para o de Geografia e ele me perguntou se eu já tinha olhado para o céu. Eu respondi que sim, e ele me pediu para dar o nome de uma estrela. Todo mundo citaria o Sol, mas eu falei Bételgeuse! Ele ficou espantado e me perguntou por que eu não falei do Sol. Aí eu disse que o Sol é uma estrela de quinta grandeza, e a Bételgeuse é uma estrela de primeira grandeza! E ele me mandou embora porque eu sabia Geografia. No de Matemática eu nunca tive nota muito boa, mas caiu máximo divisor comum e eu fui capaz de responder. E no de Português também ele mandou eu ler um trecho e interpretar, interpretei e eu passei! Aí voltamos para Mairinque antes do Natal; mamãe ficou surpresa quando eu disse que não precisaria voltar para São Paulo nas férias porque já havia passado no Exame! Eu já fiquei de férias, toda pimpolha com os meus colegas, porque de toda a minha classe, a única que ia continuar os estudos era eu; na época, fazer ginásio fora não dava pra ninguém fazer, então de toda classe foi só eu que continuei!

Eu entrei no Ginásio em 1939; era uma escola particular. Eu morava na casa de um parente. Meu pai, uma pessoa muito aberta, era contra colégio interno. Ele achava que tanto para o filho homem como para a filha mulher, a formação de internato não era boa. Então preferiram me colocar numa escola externa, ficar na casa de parente como minha irmã que morava na casa da madrinha dela. Quando a gente fica adulta é que a gente entende, conhece todos os problemas que aparecem na escola interna!

Eu gostava muito de ir à escola, eu gostava de saber cada coisa nova que os professores davam, gostava de olhar o corredor cheio de cartazes. Eu via ali o mapa da Europa, via onde estava localizado o país, onde estava localizada Nova Iorque, onde estava localizado Fortaleza...

Eu sempre sonhei em viajar, e o mapa sempre foi uma atração para mim! O número é que não, eu nunca tive uma atração muito grande pelo número. Eu sempre tive atração pela cor, por isso acho que os mapas – que eram muito coloridos - pra mim, me diziam muito. Eu gostava também da parte de Português porque eu gostava muito de ler; eu escrevia muito com a imaginação, contava e inventava histórias.

E as brincadeiras que eu não falei! Abria a escola meia hora antes e a primeira a entrar era eu! Entrava correndo, para organizar os grupos de brincadeiras. Eu dominava mesmo quando estava no primeiro ano! No segundo eu decidia quem ia pra cá, quem ia pra lá, quem fazia as coisas... E aí a gente brincava até entrar na aula. Depois tinha o recreio que também era de meia hora; eu não comia, descia correndo para brincar.

Quando acabava a aula nós tínhamos que sair da escola. Eu brigava com todo mundo, batia num, batia noutro, e tinha que sair correndo porque a molecada corria atrás de mim. E aí gritavam - eram dois pontos fracos meus! -, me chamavam de banguela e de Olívia Palito por causa do Popeye; eu era muito magrinha e era chamada de Lívia Palito. Então aquele ódio acho que me fez ser agressiva, e depois ter orientado pelo bom caminho; mas eu fui muito agressiva por causa disso! Me olhavam, banguela e magra feito num sei o quê, era Olívia Palito! Então eu saía correndo porque sempre vinham; com dois meninos eu era capaz, eu batia em dois. Se viessem em três, eles me pegavam. Mas tudo longe, minha mãe nunca viu; nem sabia que eu batia em todo mundo e que todo mundo batia em mim. Quando eu chegava marcada contava uma história e ela, como foi lá fora, dizia que a gente tinha que resolver os problemas lá fora e não trazer para casa; a primeira vez que eu levei para casa e disse para mamãe que tinham batido em mim, ela me bateu. Nunca mais eu levei trabalho para minha mãe, eu resolvia tudo lá, batia, fazia o que eu tinha que fazer lá fora, com os meninos, com as meninas...

Nessa época a gente tinha uma professora, mas minha mãe era uma pessoa especial! No segundo ano eu gostei muito da professora e pedi para ela

ser minha madrinha de crisma. No terceiro ano era dona Tereziana e no quarto ano voltou a minha madrinha de crisma. A gente tinha uma relação muito boa, muito franca com as professoras!

Eu nunca fui daquelas crianças de carregar caderno para professora. As crianças brigavam para esperar porque as professoras levavam os trabalhos, os cadernos para corrigir em casa. E eu nunca fiz isso, nunca fui de carregar nada para professora; eu achava que isso não era minha obrigação! Minha mãe ficava brava; às vezes ela pedia para eu ajudar, mas eu dizia que aquela não era minha obrigação! Levar flor ou fruta para professor eu também nunca levei. Eu estudava, eu fazia a lição e eu acho que era aí que estava a minha relação com o professor. Não levar flor, nem levar fruta, nem agradecer professor, nem nada, isso eu nunca fiz! Também os professores nunca passaram a mão na minha cabeça, acho que tinham até medo de passar e eu levantar a voz contra eles!

Mais tarde fui fazer Escola Normal, mas dei poucas aulas na escola primária. Quando dei aula para o primário era substituta lá em Mairinque. A minha relação com as crianças era de brincadeira; eu tinha 17 anos quando terminei o Normal, e brincava com as crianças! O diretor achava que eu não podia ser daquele jeito, mas as crianças me adoravam porque eu ensinava brincando com eles, cantando, fazendo as coisas. Eu levava eles para o pátio e o Diretor ficava furioso, dizia que eu nem devia entrar no primário porque como é que eu ia ser professora?

Naquela época, em mil novecentos e... - agora já perdi um pouquinho! - , foi 1944, 45, quando eu terminei o Normal, se falava qualquer coisa de Escola Nova, mas muito pouca; mas eu intuía que teria que ter um outro relacionamento com as crianças. Eu substitui por pouco tempo; na minha escola já não era mais minha mãe porque ela já tinha se aposentado, mas na escola já estava havendo mudanças!

Eu comecei o ginásio no Ginásio Ipiranga e lá fiz a primeira e a segunda séries; depois por questões particulares - eu briguei com a prima da minha mãe que morava na casa! -, fui morar na casa de uma tia que foi excelente, mas ela morreu quando eu ainda estava na segunda série. Fiquei muito triste, achei que ia dar trabalho lá, para o meu tio que ficou viúvo. Nessa época eu tinha um conhecido lá de Mairinque que estava estudando no Ginásio do Estado de Sorocaba; ele me falou que não pagava no Estado e que a escola era melhor do

que a particular. Aí eu falei pra mamãe, e mudei. Mairinque era muito mais perto de Sorocaba do que de São Paulo. Então eu me formei no Ginásio Estadual de Sorocaba e depois fiz a Escola Normal lá também!

Na minha época houve aquela reforma que eram cinco séries no Ginásio. Quando eu terminei eram quatro séries e eu passei de ano diretamente - com Exame, claro!, para a Escola Normal, e por isso é que eu me formei na Escola Normal com 17 anos. A reforma da Escola Normal de ser de três anos ainda não tinha acontecido, eram dois anos ainda; e eu fiz quatro anos de Ginásio e dois anos de Escola Normal. Então minha base é de seis anos e não de sete como depois os outros foram! <sup>2</sup>

No Ginásio eu ia ter bastante Latim e não tive. Fiquei contente porque tive um ano só; a quinta-série de latim era de lascar, todo mundo reclamava! Mas na quinta-série apareceu uma professora licenciada pela USP, que foi dar aula de latim, e nós todos ficamos encantados porque ela era uma belezinha; chamava Virginia, -não me lembro o sobrenome -, mas ela dava aula de Latim pedagogicamente, didaticamente como a gente imagina. E esta foi a primeira professora licenciada que eu tive, porque o de Português, o de História, o de Geografia, o de Matemática eram todos engenheiros, advogados, pessoas eruditas, mas não licenciadas. O meu contato com Licenciatura foi através da professora de Latim do Ginásio.

Dessa época eu gostava de Geografia, de História e de Português; também dos colegas... Eu tinha vindo do ginásio particular, tinha um grupo que tinha vindo da escola das freiras. Nós nos reuníamos, foi uma amizade muito boa, tanto é que

---

2 As modificações assinaladas por Livia dizem respeito às Leis Orgânicas do Ensino. A Reforma do Ginásio à que Livia se refere é a Reforma Francisco Campos que pela primeira vez dá organização ao Ensino Secundário no Brasil. Esta Reforma ocorre no início da década de 1930, e em 1939, quando Livia inicia o Curso Secundário, ainda está em vigor. Porém, em 1942 – ano em que Livia cursava o quarto ano do Secundário – a lei Francisco Campos é modificada e o Ensino Secundário passa a ser regido pela Lei Orgânica do Ensino Secundário de 9 de abril de 1942, também conhecida como Reforma Capanema; nesta nova Reforma o Ensino Secundário passa a ter dois ciclos: o primeiro denominado Ginásio, com duração de 4 anos, e o segundo subdividido em dois cursos, o Clássico e o Científico, ambos com duração de 3 anos, sem caráter de especialização.

A Reforma do Ensino Normal, citada também por Livia, diz respeito ao Decreto Lei nº 8.530 promulgado em 2 de janeiro de 1946 que pela primeira vez organiza e dá diretrizes ao Ensino Normal em nível nacional. Anteriormente a esta lei as regras e diretrizes para o Ensino Normal eram de responsabilidade dos Estados, o que provavelmente permitiu que o Curso Normal freqüentado por Livia tivesse a duração de 2 anos. Com a lei 8.530 o Ensino Normal passa a ter duração de 3 anos. (ROMANELLI, 1982)

a turma da formatura do Normal até hoje se encontra; até eu senti que nos 60 anos eu não pude ir!

Eu gostava muito do professor de Geografia, e depois fiquei encantada com a de Latim, e depois, - como o mundo dá volta! -, com o de Matemática. O de Geografia, senhor Abdias, eu vim conhecer o filho dele que veio fazer Geografia quando eu entrei na faculdade. O senhor Abdias era pai do Douglas Teixeira, um sociólogo! O Heber - outro filho do senhor Abdias -, fez Geografia mas depois desistiu. O filho mais velho do senhor Abdias era do Partido Comunista e ele estava preso naquela época de 1940, 41, 42.

Eu vinha à noite de Mairinque para Sorocaba aos domingos, ia de trem porque no outro dia eu tinha aula cedo. O senhor Abdias vinha com a senhora dele porque eles iam visitar o filho, e aí a gente vinha conversando; eu me lembro até hoje da fisionomia da mulher! Eles devem ter criado os filhos com muita abertura; depois eu vim saber que eles eram presbiterianos ou metodistas. Então estabeleci uma relação com ele, depois amarrei quando entrei na faculdade com o Heber, e quando eu conheci o Douglas.

Eu tinha muito medo da Matemática e acho que a gente projetava aquilo no professor. Eles eram educados com a gente, nunca gritaram, nunca falaram que a gente errou. Depois também teve um professor de Física que me disse que eu não era capaz de raciocinar por isso eu não conseguia fazer matemática e física. Isso então já me fechou, mas eu não posso dizer que não gostava desses professores, eu acho que tinha medo deles.

A conduta dos professores era de autoridade, em geral ficavam em pé ou sentados; usavam lousa, nós tínhamos livros para seguir e era tradicional, mas a gente aprendia!

O professor de História fazia uns parênteses e caminhava através da História e nós prestávamos mais atenção nessas viagens que ele fazia por toda a História. Eu ficava encantada com os livros didáticos porque eu sempre gostei deles, eu aprendia muito! E depois, na época que eu fiquei em São Paulo na casa da minha prima não podia ler jornal, romance nenhum, então eu lia livro didático!

O livro de Geografia me encantava, o de História então... História Medieval eu achava a coisa mais linda que podia existir. O de Ciências a gente lia, e de Matemática eu não entendia. Infelizmente eu não tenho mais nenhum; a gente foi dando, foi perdendo!

Eu fiz a Graduação na USP. Só que entre eu ter formado na Escola Normal e ter entrado na USP para fazer Geografia e História na antiga Filosofia, Ciências e Letras, eu fiz Enfermagem! Eu com 17 anos entrei na Enfermagem da USP; era apaixonada, como tudo que faço! Trabalhei, estudei, fui aos Estados Unidos, fiz o curso de especialização em Saúde Pública; trabalhava e dava minha aula, mas como eu era muito jovem não fui capaz de lidar com as coisas que aparecem na vida, e que depois apareceram na Geografia, mas aí fui capaz de lidar! Briguei feio na Faculdade de Higiene e eu saí; já estava fazendo Geografia quando fui trabalhar no Hospital de Ortopedia. Só depois é que eu fiz o Concurso para o magistério.

Quando eu terminei o curso, quis fazer uma outra faculdade. Pensei em fazer Letras porque eu tinha estado nos Estados Unidos, falava inglês e sempre gostei muito de Português. Pensei em fazer Filosofia que também me atraía. Mas aí a mamãe disse que, como eu havia feito Enfermagem sem a aprovação de ninguém, agora eu deveria mudar minha vida e escolher uma nova profissão. Ela disse que eu não deveria fazer nem Letras, nem Filosofia, mas sim Geografia. Minha mãe gostava demais de Geografia, desde a época da Escola Normal! Aí eu fui lá na Faculdade de Filosofia - naquela época era na Maria Antonia - vi o programa e decidi fazer o curso de História e Geografia por causa da História. Fiz um cursinho que eram os próprios alunos lá da Filosofia que davam. Na época a gente fazia o vestibular na própria Filosofia, não tinha essa história de coisa grande, nada! Só que naquela época não entrava Matemática; eu fiz Português, uma língua (Inglês), Geografia e História. Aí no vestibular - eu preciso contar para vocês! - eu entrei em primeiro lugar, aliás, a nota mais alta do vestibular do ano, de toda a Filosofia foi a minha nota. Eu tive sorte porque foi o doutor Eurípides Simões - de História - e caiu o Renascimento da Itália! E eu, em 1950, tinha estado na Europa a passeio e tinha visto o Renascimento! Então, eu escrevi 6, 7 páginas de almoço! Eu sabia tudo, comparava tudo porque tinha tomado nota na viagem!

Fiz o vestibular em 1952, então é claro, eu tive 10 em História! Aí de Português e Inglês também! E depois ainda tinha a parte oral. Todas as minhas notas foram assim, acima de 9! Eu tive a nota mais alta de todo o vestibular, entre de dia, de noite, de tudo!

Mas foi também uma sorte porque Geografia eu tinha estudado e o que caiu eu fui capaz de responder; eu me lembro ainda de Português, foi o Ayrosa Galvão o professor de Português que deu a parte oral; ele me pediu para falar alguma coisa sobre o livro O Último dos Moicanos. Nós assistíamos o seriado em Mairinque quando éramos crianças; nós brincávamos e representávamos aquilo tudo. Depois eu li o livro mais simples e agora eu mandei buscar o mais completo. Então aquilo para mim, O Último dos Moicanos, era uma coisa fabulosa, eu lembrava com todos os detalhes o nome das pessoas: eu sabia da Cora, da Alice, tão bonitinha, moreninha, o Moicano; tudo eu sabia e então eu contei para ele. Por isso a sorte foi essa, tudo o que caiu eu sabia, eu tinha vivido o que eu falava. Entrei na USP, na Geografia, era Geografia e História.

O meu encanto era a História, mas como sou sempre muito briguenta, briguei com o Rosendo e o Astrogildo que eram os de História da América e aí eu acabei ficando na Geografia. O Araújo sempre brincava comigo, dizia que nunca iriam brigar comigo, e que na Geografia tratariam muito bem de mim. Ele sempre brincava, e depois, minhas brigas dentro da Geografia não foram assim tão profundas para eu mudar de novo. Porque eu digo, se eu tivesse que mudar, teria mudado de novo, porque eu só faço as coisas que eu gosto, apaixonadamente! Pra fazer obrigada eu nunca faria nada!

Mas deixa eu voltar um pouquinho: antes de ingressar na USP eu também já tinha estado na Europa. Era uma ousadia, porque ir pra Europa em 1950... a guerra tinha acabado em 45,46. Nós tínhamos em Mairinque um abade, um alemão que veio fugido da guerra. Ele estava organizando uma viagem para o Ano Santo em 1950, então havia uma série de facilidades... Fomos quatro pessoas com ele: foi a Maria Betina que era da minha idade, a Dona Romilda e a Olga, que era irmã da minha tia e era mais velha. Fomos de navio, levamos 15 dias!

Lá nós tínhamos certas facilidades; em Roma ficamos num colégio de freiras, mas a gente tinha liberdade para entrar e sair; ficamos simplesmente 15 dias em Roma. Naquela época, no Ano Santo, a gente tinha um passzinho que a gente comprava para poder andar de bonde, de ônibus. Então conheci Roma inteira, e depois dali fomos para a Suíça e para a Alemanha onde a família dele estava nos esperando. A família dele morava numa aldeia, (na época as aldeias

ainda tinham vestígios medievais), que era só de católicos, mas tinham outras que eram só de luteranos...

Eles nunca tinham visto um estrangeiro porque era uma aldeia mesmo, um lugar perdido... Eles vinham à noite para nos ver. As risadas eram em dois tempos porque o Dom Abade ficava traduzindo pra lá e pra cá. Nós ríamos, depois eles riam. Eles ficavam deslumbrados com nossas roupas coloridas, nossa alegria!

Depois de lá fomos até a Áustria, depois fomos para Paris e voltamos. Ficamos dois meses na Europa. Eu já era formada em Enfermagem e em 51 fui fazer um curso de especialização. Eu dizia que Minnesota era lá onde Judas perdeu a bota porque era quase lá no Canadá!

A viagem para os Estados Unidos eu fui com Bolsa, e para a Europa com o meu dinheiro mesmo. Minha mãe me ajudou, mas fomos com o meu dinheiro. O Abade arrumava muitos lugares, pagamos pouco.

Nós trabalhávamos na Faculdade de Higiene e Saúde Pública e fomos fazer um Curso nos Estados Unidos. Era um acordo pós-guerra que existia entre o Brasil e os Estados Unidos, mas a bolsa era americana. Nós recebíamos em dólar. Eu fui em 51 e voltei em 52. Aí depois eu entrei na Geografia.

E entrei na Geografia porque eu briguei na História. Mas se eu não tivesse brigado teria feito na História porque para nós podermos fazer Mestrado não podíamos fazer com o Curso de Enfermagem já que naquela época ele era de três anos - era considerado um curso superior não universitário; então eu ia fazer Filosofia para ter o título superior, mas depois, como aconteceu a briga, eu fui para a Geografia; mas eu tenho diploma de Enfermagem, Superior, é igualzinho ao da USP. Formei na quarta turma.

Com relação ao curso de graduação na Geografia eu me lembro das excursões. Pasquale Petroni que era um professor especial, Araújo, Aziz, Doutor João... A graduação na Geografia me abriu muito! E tem um detalhe, minha mãe estudou comigo a Geografia, como ela gostava! Ela traduzia todo o francês, eu trazia os livros e ela lia; ela fez o curso comigo! A História ela dizia que não ia ler, que ela não queria, mas os de Geografia, todos. E quando ela viajava, quando ia na casa dos parentes, ela ia com um livrinho, marcando as mudanças da paisagem, para que depois eu visse o que era. Ela dizia que se voltasse outra vez naquele lugar queria saber qual era a rocha etc! Ela também notava se estava frio



e de repente ficava quente! Então a minha mãe sabia tanto Geografia quanto eu, porque ela lia, fazia as provas comigo! Por isso a Geografia foi para mim muito agradável; eu redescobri minha mãe nessa parte de nós estudarmos juntas, principalmente por causa do francês...eu dominava o inglês, e ela me ajudava com o francês, e o mesmo com o italiano; para mim foi muito gostoso ter estudado com ela!

Eu tinha duas colegas que entraram comigo no vestibular; elas eram irmãs, eram lá de Itapetininga. Também eram como eu, muito briguentas, e também gostavam muito de História. Mas aí elas acharam que como nós tínhamos diploma de Escola Normal podíamos fazer direto o concurso de ingresso no magistério, antes de terminar a Licenciatura. Aí nós faríamos, entraríamos e pediríamos um comissionamento, porque podia ser feito; mas na nossa época não podia mais fazer isso. Então, eu perdi um ano na graduação; eu entrei em 1952; fiz 53 e 54 e saí em 1955; aí eu fiz 57 e 58, porque eu fui dar aula lá em Pedro de Toledo; eu tinha que dar aula de História todos os dias, então eu comecei a estudar à noite na USP; a minha foi a primeira turma da noite que apareceu.

Eu morava em São Paulo, trabalhava no hospital e ia na escola. O Marcos Alegre<sup>3</sup> - que todo mundo conhece - foi um dos meus colegas que entrou comigo; tem vários... Aí quando eu parei um ano e voltei, aí eu voltei de dia, não mais de noite. Fiquei morando em Santos, levamos a mamãe para Santos, morando com meu irmão. Eu ia dar aula em Pedro de Toledo, voltava 4 horas naquele trenzinho de Santos-Juquiá. Dava 4 horas de aula e voltava 4 horas. Nos outros dias, eu ia dois dias por semana para Pedro de Toledo, e os outros dias eu vinha para São Paulo assistir as aulas. Aí, mudou a minha turma. Eu sou da turma da Helena Mirabelli, da Maria Alice Reis, do Conti, do João Rodrigues - marido da Adir<sup>4</sup>.

Eu voltei a estudar de manhã com outra turma, e era a última turma que continuaria História e Geografia. Os alunos poderiam escolher fazer só História, só Geografia ou Geografia e História. Eu escolhi fazer licenciatura e bacharelado em Geografia e História.

---

3 Marcos Alegre, colega de Livia no Curso de Geografia da USP, depois professor de Cartografia em Presidente Prudente.

4 Helena Mirabelli, Maria Alice Reis e José Bueno Conti, forma também colegas de Livia durante a Graduação da USP.

Na época de estudante da graduação a gente não fazia uma pesquisa de fato; os professores também estavam fazendo Doutorado. Naquela época, a única pessoa que era Doutor era o Doutor. João que também já era catedrático. Ari França, o professor Aroldo...O Aziz tinha feito o doutorado, Pasquale Petrone também. Então eles não tinham essa tradição, este conceito de pesquisa. O que nós fazíamos eram excursões com os professores; fazíamos levantamentos bibliográficos, mas pesquisa, pesquisa, não.

O professor Aziz sempre me dizia que com os meus alunos, lá em Pedro de Toledo, eu deveria fazer pesquisa. Então com eles nós saíamos para o campo; mas não era pesquisa, na verdade, eu classificaria de levantamentos, nós fazíamos levantamentos dos lugares, das áreas onde a gente estava.

Dessa época o que eu mais gostava era das excursões. Quanto aos professores eu não sei dizer qual eu mais gostava, eram todos iguais para mim, todos especiais. A professora Nice Lecoque Muller<sup>5</sup> era um pouco assim..., mas depois quando eu fiz viagens com ela...

Nas excursões usávamos um caderninho, tomando nota de tudo. No final da tarde, reuniam-se os alunos; no caso do Doutor João ele não admitia que fosse em boate, em festa, porque no outro dia tinha que levantar cedo, e a gente tinha que ir prestando atenção em tudo que ia vendo enquanto o ônibus passava. Sempre era preparado antes, era dado um roteiro, o que a gente ia ver no caminho, e depois quando voltávamos fazíamos um relatório.

Eu me lembro antes da aposentadoria, eu e a Lucy Marion éramos responsáveis pela Disciplina O Estado de São Paulo e nós fizemos uma excursão com os alunos. Foi obrigatório e não tinha muito dinheiro, mas nós fomos até o Paraná, até Paranaguá. Fizemos todo o preparo com eles; fizemos como era na nossa época, tudo pago, com todas as coisas, o que comia, tudo! Até me lembro que sobrava um pouco de dinheiro; aqui sempre diziam que era difícil você prestar conta de pouco, então compramos frutas para os alunos para zerar o dinheiro. Mas a última excursão que eu fiz acho que era válida, e era desse tipo. O que chamava atenção entre as outras escolas de Geografia é que nós tínhamos ônibus, os outros não tinham; nem o Rio de Janeiro tinha ônibus, mas nós tínhamos.

---

5 Professora aposentada de Geografia Humana da USP.

Eu acho que na graduação deveria ter a prática das excursões; eu acho que teria que ser na Prática de Ensino da Geografia, na Didática da Geografia - não sei que nome ela tem agora -, deveria sair com o professor, com o licenciando para ele aprender como se deve fazer a excursão.

Eu percebi isso quando dava aula de Prática de Ensino de Geografia. Eu falava com eles isso, eu sempre citei essa parte de que eles teriam que sair com os alunos, mas que não era pra repetir aquela excursão como tinham feito; que deveriam ser mais curtas, uma parte do dia, não duraria o dia inteiro, ou ia no sábado ou no domingo.

Eu me lembro quando dava aula na Prática de Ensino, fiquei com uma classe - mas não recebia - só para os alunos trabalharem no Bilac<sup>6</sup> a Geografia, com a quinta ou sexta série. Nós fizemos uma excursão que a própria escola planejou; fomos num sábado para Piracicaba e foram os alunos do ginásio, da quinta série, e os meus alunos da Prática de Ensino. Fomos para eles verem de verdade como é diferente a excursão no nível da graduação para o nível de ginásio.

A questão da conduta das crianças é diferente<sup>7</sup>; eles tiram fotografia, não podem ficar o tempo todo prestando atenção, então tomam nota de alguma coisa; a excursão era mais no sentido de mostrar. Nós fomos ao rio, eles viram a cidade; então foi alguma coisa prática, mas isso eu acho que deveria ser feito na Prática de Ensino, de sair pelo menos uma vez para o aluno licenciando aprender.

Na minha época de faculdade os livros usados na graduação eram quase todos em francês e inglês, pouquíssimos escritos em português, pouquíssimos traduzidos. Eu por exemplo, que não sabia francês - eu tinha conhecimento só de ginásio -, aprendi a ler francês por causa disso. Eu não consigo falar francês, mas entender e ler o francês, eu leio correntemente.

---

6 Livia refere-se à Escola Olavo Bilac situada em Rio Claro-SP.

7 O texto da narrativa foi entregue à professora Livia. Neste trecho ela excluiu a palavra comportamento. Assim, a frase transcrita originalmente era a seguinte: "A questão do comportamento, da conduta das crianças, é diferente;[...]" Cabe esclarecer que a palavra comportamento contraria as concepções piagetianas. Mas como o rememorar é diverso, Livia acaba usando essa palavra durante a entrevista. Mas, atenta à "tração do relato oral", logo corrige a palavra.

Agora é que tem essa quantidade de traduzidos, porque eu fico imaginando vocês lerem o Tuan - Topofilia<sup>8</sup> - no inglês, se vocês entenderiam ou não, porque me deu trabalho para fazer a tradução! Mas dessa época eu também não tenho guardado nenhum livro.

Eu não fiz pós-graduação, não existia. Na época, saía da graduação o próximo passo era o Doutorado. E o Doutorado tinha que se fazer três disciplinas que se chamavam geralmente assim: Geografia Física, Geografia Humana e Geografia do Brasil, na USP.

E isso eu fiz, ganhei um papel lá que eu não sei dizer o que seria, se poderia ser equivalente a pós-graduação, mas não se chamava pós-graduação. Depois que a gente fazia essas três disciplinas é que a gente escolhia a área e o professor para poder fazer o doutoramento.

Coincidiu eu ter vindo para Rio Claro, e veio também toda a remodelação do Ensino Superior. Então eu já fiz o doutoramento direto, já em Rio Claro, porque não tinha mestrado; no meu currículo não tem mestrado, e nem podia ter porque na época não tinha!

Eu fui convidada pelo Doutor João para vir para Rio Claro. Naquela época, era o catedrático que convidava, e Doutor João me convidou para eu vir para cá bem antes do Doutorado!

Mas minha mãe já era muito doente, não tanto velha, mas muito doente; antes de 1960 eu não podia vir para Rio Claro porque minha mãe era cardíaca! Então, eu morava em São Paulo, e em Santos tinha um médico ótimo, mas nem me passou pela cabeça vir para Rio Claro!

Nessa época eu já tinha terminado a Geografia, já dava aula, já estava fazendo essas disciplinas, e o Doutor João sabia que eu tinha interesse de fazer carreira universitária. Aí depois, quando ele soube que mamãe havia morrido em 1961, ele voltou a me convidar. Aí eu disse que aceitava, por isso eu vim para Rio Claro em 1962. Ele foi meu professor e do meu concurso, também fizemos excursões juntos; conhecia o Doutor João desde o primeiro ano que eu fiz Geografia.

---

8 YU-FU, Tuan, Topofilia. Tradução. Livia de Oliveira. DIFEL, São Paulo, 1980.

Eu dava aula no secundário, terminei a Graduação e comecei no Curso, vamos dizer, de Doutorado. Comecei porque a mamãe me incentivava muito; quando ele me convidou, ela disse que eu deveria ir. Mas eu disse que não ia. Naquela época, para vir pra cá, pra eu voltar pra Santos... Meu irmão dizia que não levaria de jeito nenhum minha mãe para Rio Claro; imaginem o que era Rio Claro naquela época!

Então, já no final de 61, ele voltou a convidar. Só que eu tinha a minha cadeira no secundário; eu falei para ele que eu pediria um afastamento, mas que eu não iria largar, porque eu não sabia se ficaria aqui ou não. Demorou para sair meu afastamento, e eu vim pra cá em maio, e não em março. Ele queria que eu desse a disciplina que se chamava “Didática Especial de Geografia” para o quarto ano; era o quarto ano para os formandos aqui de Rio Claro.

Ele me chamou bem atenção, porque ele não queria que eu transformasse a minha vinda como trampolim para eu passar para a Geografia; ele não queria que eu viesse pra cá e depois passasse a trabalhar em Geomorfologia - que eu gostava muito - em Climatologia, Urbana... Ele queria que eu viesse para trabalhar em Didática da Geografia; que eu fizesse pesquisa, ele usou bem a palavra, que eu iniciasse trabalhos de pesquisa em Ensino da Geografia, não em Geomorfologia. Ele dizia que eu poderia ir lá com o Carlos Augusto, com a Elza,<sup>9</sup> ir lá observar mas não queria que eu fizesse pesquisa nisso. Ele queria que eu fizesse pesquisa em Ensino de Geografia! Nem a USP tinha esse tipo de trabalho!

Então o meu trabalho foi pioneiro, de vanguarda por causa da visão do Doutor João, porque foi ele que me colocou nisso. Quando eu cheguei não havia programa nem nada, havia a minha experiência de secundário e de primário.

Também estava chegando a turma da Filosofia para trabalhar na Pedagogia, a Maria da Penha Villalobos que vinha pra Didática Geral, a Maria Alice<sup>10</sup> que estava dando Filosofia da Educação, o Tamás<sup>11</sup> que ia dar Pedagogia - Didática da Pedagogia; então o Doutor João disse para eu ficar na

---

9 Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro foi professor titular de Geografia da USP, e também em Rio Claro. Elza Coelho de Souza Keller, professora de Geografia Humana, vinda da Universidade do Distrito Federal. (GERARDI, 2002)

10 Maria Alice de Azevedo Fonseca, docente da primeira turma do Curso de Pedagogia responsável pela disciplina História da Educação.(GERARDI, 2002)

11 Tamas J. M. K. Smzrecsanyi, docente da primeira turma do Curso de Pedagogia responsável pela disciplina Didática Especial. (GERARDI, 2002)

Geografia e também na Educação. E eu aproveitei, era tempo integral, eu não tinha muito o que fazer e estava acostumada a dar aula, correr pra cá, pra lá.

Então eu assistia às aulas da Filosofia, de Geomorfologia e Climatologia do Carlos Augusto, da Elza – de Agrária; eu me atualizei em Geografia com os grandes que estavam aqui, e como eu não escrevia, só ia lá, se não podia ir eu não ia. Eu assistia Aerofotogrametria, que também começou em Rio Claro; também fui fazer o curso porque os meus alunos faziam reconstituição e eu não sabia nada de Aerofoto; também refiz a Cartografia. E lá na Educação, Filosofia da Educação que eu não tinha. Comecei a ler todos os livros ligados ao ensino; foi aí que fui ler Kilpatrick, Dewey. Minhas leituras foram se ampliando na Educação e na Geografia. Eu também ia às excursões da Geografia, todas as excursões, com o Carlos Augusto, com a dona Elza, com todos; falava que tinha, lá estava eu, porque eu queria ver como eles trabalhavam no campo. Por exemplo, a Olguinha Cruz<sup>12</sup> estava fazendo trabalhos e ela queria conhecer a região; não tinha ninguém que fosse com ela, mas eu ia. Então, sempre acompanhei para o campo, e acho que isso é que me deu esta base grande.

Eu acho que quem vai para a educação geográfica precisa pôr os dois pés nas duas canoas; se ele ficar só em uma, ou só noutra, se ficar só na Educação, ele perde a evolução, o progresso na Geografia, e ele fica para trás e aí os alunos não respeitam a gente.

Eu sempre falo que havia um pouco de ciúmes entre a USP e a UNESP. O Doutor João era lá da USP; o sonho do Doutor João sempre foi ser diretor da Filosofia, e sempre era escolhido o Doutor Eurípides. Ele achava que ia ser um ótimo diretor, se fosse ele o diretor da Filosofia na USP. Não conseguiu, nunca foi, porque eram aquelas indicações, aquelas coisas...

Aí ele aceitou organizar a Filosofia de Santa Catarina, que estava no começo; a experiência dele foi lá, o teste dele foi lá. Ele levou o Carlos Augusto, o Peluzo<sup>13</sup>, muita gente boa lá pra Santa Catarina...Não sei se chamava federal em 1959, 58, devia ser Federal, mas não sei se fala ainda assim. E nós não falávamos USP naquela época. Essa sigla de chamar USP é relativamente nova;

---

12 Olguinha Cruz, professora titular da USP. Depois professora de Geomorfologia em Rio Claro.

13 Peluzo foi professor de Geografia Física em Santa Catarina.

a primeira vez que eu ouvi nem sabia o que significava, mesmo tendo estudado lá.

Aí Jânio Quadros, que estava começando a dar uma nova orientação para o Ensino Superior, veio com essa idéia de ter campus espalhados pelo Estado de São Paulo. E convidou o Doutor João para organizar a Faculdade de Rio Claro, mas o Doutor João disse que só aceitaria se tivesse curso de Geografia. Ele aceitou e ficou aquela dúvida de onde se localizaria, e por questões políticas locais, ficou em Rio Claro.

A Faculdade começou com o curso de Geografia, de Matemática, Pedagogia e História Natural. Ficou História Natural por causa do Doutor Buschinelli<sup>14</sup> que tinha interesse.

O Doutor João era, não sei se pode-se dizer amigo, mas ele tinha acesso ao palácio do governador a hora que ele queria, e o dinheiro que ele precisava. Então, ele organizou, fez o curso de Geografia como ele imaginava, já de cara com o ônibus para sair, com a Aerofotogrametria que ele tinha ido não sei onde e já tinha visto, já com todos os aparelhos, com o professor dando aula. Ele queria uma Geomorfologia, uma Climatologia moderna e convenceu o Carlos Augusto pra vir pra cá. E queria uma parte agrária e urbana também forte, por isso trouxe a Elza Keller lá do IBGE<sup>15</sup>, que era considerada uma das sumidades. Na Geografia do Brasil, veio o Penteado<sup>16</sup>. E na Cartografia era o Linton<sup>17</sup>, que dava a Aerofotogrametria.

A Geografia daqui começou já num outro nível. É claro, algumas coisas que tinham em São Paulo, na USP, aqui já não tinha. Primeiro, ele trouxe todos os professores com tempo integral. Isso foi também a base que ele exigia. Ele não queria que fosse “bico” vir pra cá; era para trabalhar, e pesquisar! Ele dizia que nós deveríamos ficar 40 horas fazendo pesquisa, docência, preparando material e pesquisa. Ele exigia que todos fossem em Congressos; naquela época também davam dinheiro para ir a Congressos levando trabalhos para divulgar o

---

14 Professor Doutor Antonio Buschinelli foi professor na FFCL de Rio Claro, assessor do Prof. Dr. João Dias da Silveira, enquanto diretor da Faculdade, e também Diretor da FFCL nos anos de 1967-1968, 1971-1975. Escreveu o livro *Subsídios para uma avaliação futura do ensino superior oficial de Rio Claro*. (GERARDI, 2002).

15 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

16 Antonio da Rocha Penteado, professor de Geografia do Brasil na USP e também em Rio Claro.

17 Professor Linton Ferreira de Barros. Professor responsável pela área de Cartografia e Topografia. (GERARDI, 2002)

nome da Geografia de Rio Claro. Mas isso não foi só na Geografia, foi na Matemática, na História Natural e na Pedagogia, e por isso passaram a ter um alto nível de pesquisa e de docência. Os alunos que entravam aqui ficavam de manhã, à tarde e às vezes até de noite. O Carlos Augusto dava aula de noite para eles aqui.

Para fazer meu doutorado, vocês não podem imaginar como foi. Cheguei sozinha naquelas discussões, batendo a cabeça pra cá e pra lá, sem ninguém para me dizer como que eu devia fazer! Naquela época a reprodução era por mimeógrafo de tinta...

Chovia lá fora, aquela umidade, e eu rodando os meus exemplares, todos borrados, e depois não acharam que era boa, acharam que aquilo não era pra ter sido feito. A minha defesa foi brava porque quem aceitou dar o nome de orientador foi o Araújo, e por isso eu tenho uma gratidão muito grande! Não foi dona Amélia que aceitou dar o nome como orientadora, mas o professor Araújo e o Petrone me defenderam porque eu disse que procurei fazer de uma maneira que outros pudessem repetir e ir pra frente.

Aquele grupo aqui da Filosofia era muito teórico, e eu achava que tinha que fazer uma pesquisa mais prática. O meu doutorado foi um trabalho que ficou muito esquecido, eu nem falava no meu doutoramento, eu o escondia! De fato, agora olhando para trás, para mim aquilo seria um mestrado, não seria o doutorado, mas nós não tínhamos mestrado...

Eu levei o meu Doutorado para o Congresso Internacional da Índia, mas mesmo o Doutor João achou que eu não deveria ter levado! O Doutor João achava que ele deveria ter me orientado e não o Araújo! Eu não o procurei porque eu me sentia perdida, sem saber com quem falar. Eu tinha mais liberdade com o Araújo e o Petrone. Então falei com o Araújo e ele me disse para levar o trabalho. Mas na defesa o Doutor João e a Dona Amélia<sup>18</sup> me colocaram pra baixo.

Então quando eu me preparei para ir para o Congresso na Índia só me deram o afastamento; o Doutor João disse que não aceitariam meu trabalho porque não era bom, mas eu mandei e aceitaram; o trabalho na Índia foi muito

---

18 Amélia Domingues de Castro, professora de Didática da USP.



reconhecido! Aí eu vim conhecer o Norman Graves<sup>19</sup>. Então está publicado em inglês, mas em português eu não tive possibilidade de divulgar.

Havia uma separação entre o que acontecia na década de 70, na área de Ensino de Geografia, e a minha atuação aqui. Na USP a Educação sempre foi separada da Geografia. Agora é que eles estão tentando unir as duas. Mas naquela época era completamente separado.

Quando houve um Congresso de Geografia no Rio de Janeiro na década de 60 eu levei uma parte do meu Doutorado; lá eu defendi que se precisava começar a fazer pesquisa em ensino. Eu estava sentindo que todos os que levaram, como até hoje levam trabalhos em Congressos, na seção de Ensino de Geografia, levam a sua experiência, como deveria ser o currículo. Não é uma pesquisa com metodologia, com análises!

Depois muita gente veio me procurar, e eu dizia que tínhamos que fazer pesquisa e não ficar relatando experiências porque em cada lugar vai ser um tipo desses relatórios.

Ainda agora você vê no EGAL<sup>20</sup> que as comunicações ainda são relatos de como deveria ser feito, não é pesquisa!

Quando eu dava aulas lá em Pedro de Toledo eu tive muita sorte porque eu era nova, dava aula de Geografia fazendo Filosofia. Então, entre os alunos eu tinha muita autoridade porque eu estava estudando e ensinava uma Geografia já moderna para eles. Nós fazíamos trabalhos, eles faziam desenhos; por exemplo, na quinta série, que naquele tempo era o primeiro ginásial, eu pegava as últimas aulas dos outros professores; tinha um riozinho lá e nós íamos dar aula no rio. Todas aquelas nomenclaturas de rio eram dadas dentro do rio. Depois, nós íamos para Peruíbe ensinar a parte de mar; a cidade nós estudávamos a cidade de Pedro de Toledo, eles confeccionavam mapas!

Quando eu fui para a Europa pela segunda vez, em 1960, eu ainda estava dando aula em Pedro de Toledo e para cada série eu mandava um postal de um

---

19 O texto à que Livia se refere faz parte da publicação *Research and Research Methods in Geographical Education*, uma coletânea de textos apresentados nos Congressos da União Geográfica Internacional, editados por Norman Graves, Professor de Educação Geográfica da Universidade de Londres. No texto publicado por Livia - *Three Brazilian Cognitive Studies on Geographical Education* – é brevemente apresentado o estudo realizado por ela durante sua tese de livre docência; também são mencionados mais dois estudos relativos ao tema, realizados respectivamente por Jandira Maria Cecchet e Lucila Elisa Lorenz Góes. Esta publicação foi fornecida por Livia de Oliveira.

20 EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina

país: da França, outro da Itália, outro da Alemanha, outro da Inglaterra. Quando eu voltei do meu passeio as mães e os pais estavam todos lá na estação me esperando, com o cartãozinho na mão. Eu usava muito os cartões para eles fazerem análises geográficas do cartão; fizemos um grupo sobre a França, outro sobre a Alemanha...

Minhas aulas eram movimentadíssimas. Até hoje, nós lá de Pedro de Toledo, nos reunimos. Tem uma família, o sobrenome é Sato, e todos eles foram meus alunos. Agora os filhos deles levam o cartãozinho, porque o cartãozinho foi guardado até hoje!

Nós estabelecemos um relacionamento e todos eles têm um respeito pela Geografia que eu acho que é isso que nós temos que fazer enquanto professores. Os alunos dessa época foram trabalhar na Sabesp, no IPT. Todos aqueles que fizeram Engenharia, e dizem que o que eu ensinei de Geografia é o que vale pra eles! A questão de enchentes que nós estudávamos, a questão de prédios...

Eu queria que eles usassem a Geografia na vida deles. Eu dizia para eles nunca esquecerem da Geografia porque ela permeia toda a nossa vida. Esses que foram meus alunos até já são avós, mas até hoje continuam usando a minha Geografia.

A escola lá em Pedro de Toledo era bem simples, era um prédio emprestado. Quando vinha a chuva enchia tudo; a primeira vez eu perdi todo o material. Quase que 80, 90 por cento dos alunos eram de origem japonesa, e principalmente do arquipélago de Okinawa; eles eram todos da agricultura e eu aproveitava aquele conhecimento deles para organizar a parte agrária. Eles me davam todo o calendário agrícola para nós tirarmos em qual época chovia.

Eu cheguei muito com aquelas idéias de que no Estado de São Paulo o clima era tropical, com duas estações. Quando eu acabei de falar isso, um menininho levantou a mão e disse que lá chovia o ano inteiro! Pois eu estava em pleno Vale do Ribeira achando que as frentes chegam por ali e saem por ali. Quando fui falar com o Carlos Augusto ele disse que até então eles não tinham essa idéia, porque para muitos tudo era tropical. Aí ele disse que lá era um tropical úmido porque chovia o ano inteiro, e tem máximas equinociais.

Assim, eu aproveitei o conhecimento dos alunos, e aqui na Prática de Ensino eu sempre dizia para os meus alunos que quando eles fossem dar aula

primeiro eles deveriam perguntar como era a cidade deles, o clima, para depois entrarem com o conhecimento que eles tiveram na faculdade.

Naquela época, com as crianças japonesas não havia problema de disciplina. Os mais malandros preferiam ficar na escola do que no campo com o pai, porque se não fosse na escola, iam trabalhar. Lá tínhamos um relacionamento muito informal; nós íamos de trem, e já em Itanhaém os alunos começavam a entrar; nós já íamos brincando de palavra-cruzada, de jogos, com as professoras de Matemática, Geografia, História e de Português. Quando eu me removi para São Paulo, dava aulas à noite, eu não gostava, e no começo tive um pouco de indisciplina.

Lá em São Paulo eu dei aula na escola Manuel de Paiva, na Vila Nova Conceição. A diretora tinha autoridade, e o grupo de professores era excelente, como ela dizia! Porque a de Matemática tinha dado Didática de Matemática durante vários anos na USP. Alaurindo, que era de Português, a Regina que dava História...

Então, não tínhamos problema de disciplina porque éramos todos capazes e interessados, dávamos aula, e trabalhávamos com eles. Problema mesmo eu tinha era à noite! A escola era usada de dia, não tinha ainda prédio próprio, então usavam à noite para escola; mas eram poucos os que trabalhavam.

Dei aula de Prática de Ensino durante mais de 20 anos, influenciei muitos professores; todos os professores de Geografia, aqui da redondeza, tinham sido meus alunos. Tanto de Limeira, como de Araras, São Carlos, Araraquara, Piracicaba, todos tinham sido meus alunos.

Então, a gente recolhe coisas, como por exemplo uma aluna que formada aqui em Rio Claro, foi dar aula lá em São Bernardo do Campo, e a diretora por ficar sabendo que eu tinha sido a professora dela de Prática de Ensino, contratou essa aluna sem fazer seleção! Essa diretora tinha sido a minha secretária lá em Pedro de Toledo! E também ainda continuo sendo conhecida aqui em Rio Claro, porque depois de tantos anos aqui...

Com relação às mudanças do Ensino de Geografia vejo que mudou a condição sócio-econômica dos alunos. Eu acho que com a saída da classe média, que ia à escola pública, a clientela mudou! E nós, talvez na Prática de Ensino, continuamos dando aula, formando professores, para aquela classe média que não existe mais; teria que haver uma reformulação na formação do professor,

porque agora o professor sai daqui da faculdade e encontra um aluno que ele não imagina! Eu tenho conversado com professores que não esperavam aquele aluno; ele não sabe que mudou completamente a conduta do diretor, de tudo! Tenho uma orientanda que está dando aula em Sumaré e diz que o diretor é muito bom, mas morre de medo dos alunos!

Houve esta inversão! No meu tempo, e há até pouco tempo atrás, a pessoa importante, central, era o professor, e agora o aluno é o central! Agora colocaram o foco no aluno, e todos têm medo do aluno. O professor tem medo, o diretor tem medo, todos tem medo porque a clientela mudou.

Então precisa tratar essa clientela de outra maneira; eu acho que a Psicologia teria que mudar, a Pedagogia teria que mudar! A Pedagogia teria que dar instrumentos para o professor em escola pública entrar em sala de aula

Eu não sou contra, pelo contrário, que a massa entre na escola, afinal precisava, havia a necessidade! Mas nós ficamos defasados na Universidade, na formação do professor, e não é só o de Geografia, é o de Matemática, o de História, de todos! Eu acho que os nossos cursos de licenciatura não se atualizaram sociologicamente, culturalmente, economicamente para aquela clientela que agora vêm à escola pública. Porque nós ainda estamos ensinando como se a clientela fosse a de classe média!

Estão falando aí que a classe média está voltando, mas não vai voltar porque os pais vão fazer de tudo para poder continuar na escola particular. E também tem um detalhe, na minha época, a escola boa era a pública! Os professores bons, bem pagos, eram da pública.

Hoje, as escolas que melhor pagam, são as de escolas particulares. E por um detalhe, que a gente não pode esquecer: o BIRD<sup>21</sup> dá todo o apoio para a escola particular! Como eu digo, por que o Integrado<sup>22</sup> ficou essa escola desse jeito? O próprio Koelle<sup>23</sup> aqui de Rio Claro, nunca foi desse jeito; o BIRD emprega dinheiro, ele dá empréstimo para pagar em 30, 50 anos, por 2% ao ano. O

---

21 Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento.

22 Colégio particular situado em Rio Claro-SP.

23 O colégio particular mais tradicional da cidade de Rio Claro. Foi fundado em 1883 por alemães. Inicialmente também funcionava como Colégio Interno. Hoje possui educação infantil, fundamental e média.

Puríssimo<sup>24</sup> era péssimo aqui em Rio Claro; o Koelle era péssimo em Rio Claro. Escolas boas aqui eram o Ribeiro<sup>25</sup>, o Batista Leme<sup>26</sup>. E por que houve essa inversão? Não é só a clientela não, porque se tivessem colocado dinheiro nessas escolas, teriam mantido o nível delas. Porque nós sabemos perfeitamente, gente, mesmo as escolas públicas e Universidades, por que nós estamos nessa situação? Porque nós não recebemos auxílio do BIRD, mas quem continua recebendo? As particulares, e elas se transformam materialmente numa maravilha, mas nós sabemos que o conteúdo continua fraco e em certos sentidos até o próprio secundário particular!

*Eu sempre achei que ensinar é bom senso*

Quando fui professora da rede básica eu tentava trazer o cotidiano dos alunos para a sala de aula. Agora voltando um pouco, com retrospectiva, eu poderia dizer que isso foi intuitivo! Eu não tinha um conhecimento científico sobre isso. Eu sentia que se eu levasse as crianças, os alunos de quinta, sexta série ao campo para eles observarem, para eles me fazerem perguntas, eu achava que isso era válido. Mas dizer que eu tinha uma base científica, eu não tinha mesmo. Por isso, eu diria que minha base foi intuitiva! Eu sempre achei que ensinar é bom senso; se eu tiver um bom senso com os meus alunos eu não vou ensinar nada errado, não vou ensinar nada absurdo porque eu parto dele e volto para ele. Porque eu sempre procurava ver o que eles conheciam sobre o meio ambiente; naquela época também não se falava meio ambiente, se falava paisagem, onde vocês vivem, as suas cidades, como seus pais cultivam. Então era isso que eu retirava deles e depois voltava para eles. Na verdade o que eu fazia era uma sistematização daquele conhecimento, só que filtrado pelo meu conhecimento geográfico, da universidade, já que eu ainda estava terminando o Curso.

Nas aulas de Prática de Ensino na Universidade não havia exatamente esse tipo de abordagem. O que, por exemplo, o Carlos Augusto fazia eram blocos

---

24 Colégio Puríssimo Coração de Maria confessional católico, também particular situado em Rio Claro-SP.

25 Escola Estadual Joaquim Ribeiro. Nesta escola, já denominada de Instituto de Educação, também funcionou o Curso Normal. Atualmente possui somente educação de nível médio.

26 Escola Estadual João Batista Leme, situada em Rio Claro-SP. Possui educação de nível fundamental e médio.

diagramas para ensinar Geomorfologia, ou ele fazia todas as representações da circulação atmosférica usando uma lousa toda pra fazer esses desenhos com giz colorido; quando os alunos entravam em sala de aula encontravam aquilo já desenhado. Ele desenhava muito bem, um artista na verdade; ele dizia para os alunos - eu assistia às aulas dele!- fazerem a minha atualização de Geomorfologia, de Climatologia. Ele dizia que quando fossemos dar aula no Ginásio deveríamos fazer desenho na lousa para os alunos. O Doutor João também, quando nós saíamos para as excursões ele dizia que tínhamos que sair com os alunos no campo, mas não era para ensinar Geomorfologia profunda. Mesmo a Elza, ela também chamava atenção para o estudo da cidade; dizia que se fossemos dar aula no Ginásio, em qualquer cidade, mesmo que não a conhecêssemos, deveríamos sair com os alunos para dar um reconhecimento da cidade.

Nessa época havia um consenso entre os professores de que o trabalho de campo era importante para as práticas das aulas da universidade e do ensino fundamental, mas no meu caso foi meu pai quem me incentivou a observar a paisagem, a ter o hábito de observar. Meu pai trabalhava numa fazenda; foi na época de escravo - ele teve escravo - mas a preocupação dele sempre foi com a natureza. Quando saíamos, tínhamos que coletar folhinhas para ver a diferença uma da outra; ele nos ensinava a ouvir os passarinhos, e a discriminar um que estava cantando, outro que cantava de maneira diferente. Assim, toda essa parte de natureza foi dada por meu pai. A mamãe também gostava, é claro, ela gostava muito de flores, mas quando nós saíamos com ele, era ele quem ía indicando e nos ensinando a discriminar sons, ruídos, cores, enfim, todas as diferenças! Ele dizia que o mundo não era igual, que nós tínhamos que observar. Com 11 anos eu saí de casa para estudar, e sempre tivemos o hábito de relatar o que tinha acontecido enquanto nós estávamos fora.

A mamãe exigia, e o papai também, que prestássemos atenção; eu também desenvolvi a fala, o discurso, porque eu tinha que descrever, com detalhes, tudo que eu tinha visto. Meu pai sempre perguntava sobre a paisagem, o que eu tinha visto de diferente em São Paulo, etc. Por isso eu sempre tive essa preocupação com a observação, e isso foi do meu pai.

Quando eu dava aula lembro que usava o livro didático do Aroldo de Azevedo, mas muitas vezes, para o primeiro ano, quinta e sexta série, eu achava

um pouco difícil porque eram crianças lá do meio rural, do Vale do Ribeira; muitas vezes só falavam japonês em casa, então eu escrevia muito na lousa. Eles tinham um caderno em que copiavam e completavam com o livro didático, como uma consulta para eles! Tanto é que eu nem os obrigava a comprar o livro, eles usavam os livros já usados, de outros colegas, de outros pais. Com a quinta e a sexta série eu exigia um caderninho de desenho, não de Cartografia, um caderno de desenho onde eles tinham que fazer os desenhinhos de solos, de camadas, de geomorfologia.

Eu tinha um sobrinho que fez a quinta série comigo, e eu também mandei ele fazer os desenhos...Minha irmã morava em Raposo Tavares, e eu dava aula em Pedro de Toledo, então meu sobrinho vinha de trem. Aí eu mandei que ele fizesse um caderninho, e ele pegou um caderno velho, arrancou umas folhas, fez de qualquer jeito e me entregou. Eu fiquei muito brava: “Logo você, Luis Antonio, o meu sobrinho, olha este daqui! Você tinha que fazer deste jeito!”. Peguei, rasguei o caderno e pedi para ele fazer outro, bonitinho, porque ele era capaz! Ele diz que até hoje lembra disso, que eu disse que ele era capaz de fazer uma coisa melhor do que ele tinha feito!

Então, eles davam esses cadernos, eu corrigia, dava nota e depois eu indicava para eles que não comprassem um caderninho tão fininho, porque já serviria para o segundo ano. Aí no segundo ano, eles punham “segundo ano”, que era a sexta, e continuavam. Eu fazia só com a quinta e com a sexta-série por causa da idade deles, porque achava que pedir caderninho de desenho para aluno já na sétima série era tratá-los muito como crianças, e eles não gostariam. Aí na sétima e oitava série, o que nós fazíamos eram os mapas tirados dos Atlas, dos livros do Aroldo de Azevedo; nós fazíamos grandes reproduções, reproduzíamos para deixar como material para a própria escola. Então aí eu já mudava o tipo de trabalho que eu solicitava para eles, mas eles faziam o trabalho em grupo, e deixávamos para a escola, para outro professor e no ano seguinte a gente já aproveitava o que tinha feito.

Na escola não tinha Atlas. Eu comprei os Atlas com o meu dinheiro, aquele que era do IBGE, e deixei na escola, para serem usados. Alguns pais ficaram tão entusiasmados que compraram, mas eu comprei 40, pedi para o IBGE e eles me mandaram mais barato. Deixei os 40 mapas porque desde quando eu comecei a lecionar Geografia, no secundário, eu sentia que a base da Geografia, para o

ensino, tinha que ser o mapa. Eu tinha que partir do mapa e chegar no mapa, porque qualquer coisa que eu ia trabalhar com eles, como representação, precisava do Atlas. Por isso eu comprei os Atlas para a escola.

Para fazer a ampliação era uma loucura! Eles iam, procuravam os engenheiros de lá, e arrumavam pantógrafo, eles se viravam! Sempre tinha um agrimensor porque tinham muitas terras que precisavam ser medidas... A ampliação não era feita por quadrículas, eles iam com o pantógrafo! Eu sempre deixei os meus alunos se virarem, mesmo quando eu fazia as excursões dentro da cidade ou na redondeza; eles iam com um caderninho - aí já era sétima e oitava série - e eles tinham que anotar o que eles viam. Mas também eu ficava com a parte mais alegre, porque nós fazíamos músicas nas excursões!

Então nós íamos cantando com eles -“O relevo hostil, do meu Brasil...!”- e depois quando voltava eles pegavam uma outra música, com uma outra letra - “Gnaisse, gnaisse e mais gnaisse...”- porque nós andamos e só encontramos o gnaisse, eles ficaram desesperados porque não encontraram outra rocha, só gnaisse!

Mas eu fazia isso no sábado e no domingo. Para não ficar longe da minha mãe eu trazia ela para Pedro de Toledo; ela ficava na casa de uma família muito amiga. Eu vinha na sexta-feira com a mamãe; no sábado eu saía com um grupo e no domingo com outro grupo, todas as famílias nos ajudavam muito! Tinha uma padaria que fazia os lanches para nós levarmos; cada família dava uma coisa, eles gostavam de ver esse interesse com os alunos, já que no sábado e no domingo eu voltava pra trabalhar com eles!

Eu não ganhava nada para fazer isso! Eu ganhava a satisfação de ver aquela criançada descobrindo coisas, essa é que era a minha satisfação! Nessa época o meu pai já tinha morrido e eles gostavam muito da mamãe. Quando eu ia corrigir as provas deles minha mãe refazia todas as leituras e opinava nas notas que eu dava para os alunos. Então, havia uma relação muito íntima porque todos sabiam que a mamãe era a protetora deles. Mandavam goiaba, mandavam coisas para a mamãe porque sabiam que ela era protetora deles, assim eu não seria muito rígida com eles. Mas eu era mesmo exigente com eles, eu dizia que não podia ser fácil porque a vida lá fora ia ser difícil; eles sabiam que eu gostava deles, que eu estava fazendo tudo por eles, e lá fora eles iriam estar sozinhos.



Eu dava oito aulas na semana, quatro aulas num dia e quatro aulas no outro dia. Eram duas aulas por semana para cada série, e na época eu tinha uma quinta-série, uma sexta, uma sétima e uma oitava-série. Então viajava e ia dois dias pra lá de segunda e de sexta, porque os outros dias eu voltava para São Paulo para terminar a Faculdade.

O salário até que dava para pagar a viagem. Mas eu sempre senti que no mundo inteiro o professor nunca vai enriquecer. Isso eu também falava nas minhas aulas de Didática; eu dizia pra eles que você enriquece porque tem uma realização íntima muito grande, porque a relação do professor com o aluno é uma relação especial, e isto você não tem entre patrão e empregado, em lugar nenhum, nem no comércio, nem na indústria, em lugar nenhum, é só no magistério que a gente tem essa relação! O que eu ganhava dava pra eu viajar - eu viajava muito - comprava as coisas que eu queria, mas nunca fui de muito luxo, então por isso dava! Existiu um mito de que professor, na década de 70, 60, ganhava igual um juiz. Na época de 1920, 1930, ganhava, mas na década de 60 não. Eu entrei em 56 e não ganhava não! O professor universitário talvez sim, mas o professor secundário não.

*Não sabia exatamente o que eu queria fazer, mas (...) intuitivamente, eu sabia*

Quando comecei a trabalhar na Didática, senti que a questão do mapa é que seria importante para desenvolver trabalhos. Mas, antes de eu entrar em contato com Piaget, eu estive várias vezes nos Estados Unidos, principalmente na Universidade de Iowa que já estava com uma Geografia moderna, diferente, pra frente; lá era um centro importante, tinha o Doutor Harold Carter, Doutor Kohn<sup>27</sup>, vários professores já famosos na Geografia. Lá eu entrei em contato com uma bibliografia numa biblioteca daquelas fabulosas! Eu entrei e fui procurando tudo, não sabia exatamente o que eu queria fazer, mas instintivamente, intuitivamente, eu sabia, mas claramente não! Ao procurar toda a biblioteca, não encontrei nada.

---

27 Ambos foram professores de Geografia na Universidade de Iowa, nos EUA.

Eu tinha muitas conversas com o Doutor Kohn; ele sempre se interessou por ensino, porque, em geral, lá nos Estados Unidos, quando os professores chegam a ser professor, quando eles chegam no máximo, eles passam a se interessar pelo ensino. Então, ele já estava nessa fase - chefe de departamento nos Estados Unidos é uma coisa importantíssima!- e ele já tinha publicado livros, já tinha sido presidente da AAG<sup>28</sup>, e agora ele estava voltado para o Ensino. Nós conversávamos muito, ele brincava comigo, que eu já no começo estava indo para o ensino, e ele estava indo para o fim, mas que nós tínhamos muita coisa em comum. Foi ele que me deu muitas dicas, de como fazer uma pesquisa, de procurar tudo, porque eu não sabia direito!

Aí, eu fui no encontro - as datas pra mim já me confundem um pouco - da UGI, na União Soviética. A UGI - União Geográfica Internacional era um encontro internacional que eu fui várias vezes. Então, como nós íamos pagar a passagem para a Europa, eu fui com antecedência e escrevi lá para o centro de epistemologia do Piaget, e consegui um estágio! Fiquei um mês estagiando, aí encontrei a biblioteca específica, conversei muito rapidamente com Piaget - ele ainda estava vivo, com oitenta anos! Eu tive a oportunidade de ter uma entrevista com Vinh Bang<sup>29</sup>, que era o que trabalhava com espaço. Aí eu coloquei todos os meus problemas, as minhas angústias, as minhas preocupações, como o espaço geográfico; eu disse pra ele que eu estava lendo toda a parte de espaço do Piaget, mas não encontrava o espaço geográfico. E aí ele me disse que quem iria encontrar seria eu mesma, porque ele e o Piaget não encontrariam o espaço geográfico para mim. Eu é que deveria fazer essa ponte, porque eu conhecia Geografia e deveria então fazer essa superposição. E isso me deu direção para fazer esse trabalho. Eu já tinha feito alguns, e aí quando eu voltei - deve ter sido em 64, 68, 72 - me deu um estalo, de que no mapa, no plano, é que eu tinha que fazer a passagem para o aluno, e não na realidade, não lá fora; eu tinha que trabalhar com ele na representação! Então, eu pensei como é que nós faríamos essa passagem, se no mapa é tão importante a direita e a esquerda, e acima e abaixo? Muita gente, erradamente, fala “em cima” e “em baixo”, mas “em cima” e “em baixo” é altimetria. No plano, não há “em cima”, é acima e abaixo.

---

28 American Association of Geography

29 Vinh Bang, segundo Livia, trabalhava no Grupo de Genebra, com Piaget. Trabalhava com epistemologia do espaço.

Conversando com uma professora de Português ela me ajudou a usar a palavra exata no Português; ela disse que no mapa é acima, porque eu não vou pra cima no mapa, eu vou em direção, para o norte!

Então, eu encontrei no Piaget, aquilo da frente e atrás. Mas e a direita e a esquerda? Aí eu criei uns testes e as provas também de direita e esquerda. Porque também eu ia na Matemática e perguntava para o Mario Tourasse<sup>30</sup> o que era direita, o que era esquerda, porque a Matemática tem que me descrever, tem que me definir! Mas ele disse que não tem uma definição exata em Matemática para direita e esquerda. Disse para que eu mesma definisse, e eu defini. Então eu defini voltando com o Piaget, que trabalha com o próprio corpo. Assim, eu tinha que fazer a passagem para o mapa; aí eu encontrei os mapas para poder fazer as provas. Então quando eu tive as provas - acima e abaixo, direita e esquerda - eu passei para o mapa: norte - sul, leste - oeste. E aí eu fiz a prova.

Eu testei numa escola só - ainda era aquela época em que o Batista Leme ainda estava situado na avenida 1- e usei a escola toda! Aperfeiçoei os meus testes, as minhas provas, acertei tudo, porque eu queria que a pesquisa fosse perfeita!

Coletei em cada escola - ainda naquela época não tinha tanta escola em Rio Claro - todos os nomes dos alunos de todas as primeiras às oitavas séries. Organizei em letra alfabética, misturando todas as escolas. Então as minhas listas eram, por exemplo, de idade, tinha que amarrar a idade com a série. Assim, quinta série eram 11 anos, etc. Aí fiz listas e listas de todas as crianças. Depois eu fiz o sorteio aleatoriamente, usando a tabela do Acaso. Eu sorteava os alunos: por exemplo, quatro saiam numa escola, três saiam da outra, e aí eu tinha que aplicar os testes num período curto, porque para Piaget um mês faz diferença e você já não pode comparar! Eu preparei alunas da Pedagogia para poder me ajudar a aplicar; não peguei da Geografia, tinha que ser da Pedagogia. Então eu fiz quatro cópias, levei em casa e elas aplicaram em mim; todas viram, estava direitinho, eram alunas já de terceira, quarta série da Pedagogia.

---

30 Mario Tourasse Teixeira, professor responsável pela Cadeira de Geometria. Fez parte do grupo de primeiros professores a lecionar na FFCL de Rio Claro. (BUSCHINELLI, 1988)

Fui nas escolas e eles me deram uma sala, porque eu tinha que tirar as crianças da sala de aula. E aí como que eu ia tirar uma criança de sete anos da classe, dizendo que ela tinha que sair? Ela já viria com medo, preocupada para poder fazer o teste. Então eu trouxe uma sobrinha minha que se dá muito bem com criança; ela ia buscar as crianças na sala de aula e eu pedia para que ela desse a mão para as crianças. Ela dizia que as crianças apertavam a mão dela porque não sabiam para onde elas iam. Então, eu tive todos esses cuidados para que isso não atrapalhasse na coisa. Mas depois, quando elas viam que era um brinquedo, que era uma coisa, elas se sentiam à vontade. Na sétima, oitava série já não precisava, mas precisava de alguém que os tirasse da sala.

Se eu não fizesse com rigor não poderia comparar, e depois, eu queria fazer uma pesquisa completa, rigorosa, precisa, que qualquer outro professor pudesse reproduzir, ou a partir da minha pesquisa, realizar outras pesquisas. Então, foi feito com todo esse cuidado, e depois quando tive que fazer a análise já foi mais fácil! A coleta foi rigorosa, o preparo de instrumento de medida foi trabalhoso; eu demorei para chegar naquilo, e depois, a coleta também foi trabalhosa porque eu tinha que controlá-la, não queria que passasse nada de fora!

Durante a pesquisa eu detectei uma pequena defasagem. Mas depois, conversando com dona Amélia e outras pessoas, vi que essa defasagem é comum porque não se pode comparar as nossas escolas com as européias e americanas! O mês que eu fiquei lá em Genebra, eu ia quase todo dia na escolinha; lá é uma beleza, vocês não podem imaginar o que é ensinar numa escola daquele tipo! Mas eu também fui numa escola pública de Genebra, com alunos e professores comuns; o diretor me deixou entrar na sala, e eu vi que lá a escola pública é uma coisa...! Não tem nada a ver com a nossa escola, e por isso não dá para você comparar mesmo! Depois quando eu encontrei Barbel Inhelder<sup>31</sup> – nós fomos à Curitiba e ela recebeu o Honnoris Causa da Universidade do Paraná – ela falou que todos que tem feito pesquisas desse tipo e usam o Piaget encontram uma defasagem, a não ser, por exemplo, na Finlândia, na Suécia. Ela disse que pode até ter algum que possa ir um pouco a mais, mas você encontrar um pouco a menos não tem problema; o importante foi

---

31 Pesquisadora com Piaget, sobre a representação do espaço com crianças.

que todos os alunos atingiram o estágio! Se eles atingiram o estágio um pouco atrasado, isso não vai fazer com que eles se sintam infelizes - ela ainda usou essa palavra! – porque o importante é que o aluno atinja os estágios!

Eu sempre gostei da novidade, e aí, mesmo trabalhando com o Piaget, eu encontrei a percepção, a do Piaget. As vezes que eu ia nos Estados Unidos, notei que lá já estava começando o “perception environment”, com todos trabalhando nisso, e aí eu encontrei um lugar na Geografia para eu trabalhar. Então eu comecei a trabalhar com isso, mas ainda era Piaget, só que a percepção. E agora nós já estamos saindo da percepção e passando para a cognição, porque na verdade, não é propriamente percepção, mas sim cognição. A percepção é um pouco parada, ela é de laboratório, de dentro da sala de aula. E nós agora já estamos usando a palavra cognição, já estamos vendo, porque na verdade, o que nós trabalhamos é a cognição e não com a percepção. Já estão começando os primeiros trabalhos, e muita gente já está mudando a palavra para cognição.

Eu mesma estou orientando trabalhos voltados para a cognição. Mas mesmo nessa volta eu continuo com o Piaget. Eu li toda a parte do Vygotsky, e ele me dá um outra complementação. Muita gente, quando ele apareceu, disse que ele havia derrubado o Piaget. De jeito nenhum, primeiro que na época, na União Soviética era proibido ler e trabalhar com o Piaget, como agora ainda em Cuba. Uma amiga minha, a Maria Lucia, que é psicóloga, esteve lá e apresentou um trabalho; foi um horror, só faltaram levar ela pra fora, porque não podia dizer aquela palavra, porque é claro, o Piaget leva as crianças, os alunos à crítica, à realização, não é uma doutrinação, tanto é que não há conscientização, há tomada de consciência! Então, ela disse que nem imaginava, porque a União Soviética tinha acabado, já era Rússia, mas em Cuba ainda é completamente proibida a palavra Piaget. Então, em questão de educação, você encontra essa dificuldade, como quando eu fui lá na União Soviética e o meu trabalho era piagetiano, o Stoltman<sup>32</sup> mesmo me incentivou a falar porque ele também ia falar do Piaget. Nós já tínhamos um grupo grande, e eles não podiam nos prender por causa disso, porque lá era um congresso, e nós tínhamos mandado os trabalhos antes.

---

32 De acordo com a professora Livia, Joseph Stoltman, professor de Didática de Geografia na Universidade de Kalamazoo, EUA.

*Notei que houve uma cisão entre eles e o pessoal da Geografia lá de São Paulo*

Quando eu estava estudando mais sobre a percepção do meio ambiente e situei o pessoal de Rio Claro nisso, notei que houve uma cisão entre eles e o pessoal da Geografia lá de São Paulo, que era mais marxista, e predominou na década de 70 e 80. Eu, agora com perspectiva, vejo que na época também não conseguia perceber isso exatamente. Para mim foi a questão do marxismo, porque nós sabemos perfeitamente que a doutrina marxista é dogmática. Quando a gente estuda epistemologia, eu não entendia como uma pessoa que quer fazer ciência podia ser marxista, doutrinariamente falando! Porque é uma doutrina e é um dogmatismo, não permite a crítica, não permite nem a dúvida, nem o ceticismo, tem que ser aquilo e acabou! Muitos dos geógrafos não leram Marx, só ouviram falar; eu conversava com as pessoas que nunca leram, mas eu li O Capital antes de entrar na Geografia por questão de religião - eu pertencia a um grupo, na JUC - Juventude Universitária Católica -, e nós na época de 1940 já líamos todo o Marx!

Nessa época eu li toda a obra do Marx e já tínhamos constatado que era uma ideologia, mas a parte econômica, isso eu não entro em discussão porque isso é outro aspecto do Marx. O que eu falo é essa parte, e para o Ensino, eu acho que de jeito nenhum poderia ser colocada a noção de Marx para a educação, a começar que ele nunca teve preocupação com isso, ele não tem livros, não tem trabalhos, não teve essa preocupação com a educação. A preocupação dele era muito mais econômica, com as classes operárias, as classes sociais; essa era a sua preocupação, que é válida, ninguém dizia que devia ser tratado o trabalhador de outra maneira, mas muitos de nossos geógrafos - da CENP <sup>33</sup> – usaram ele. Porque enquanto eu fui da CEMP, nós sempre tínhamos essa preocupação de que a parte universitária se preocupasse também com o ensino, já separasse o universitário com o secundário; mas aí acabou, eles tomaram conta, mudaram toda a grade curricular, tiraram toda a parte de natureza, tiraram toda a parte de Geografia Física, e quem tinha que dar

---

33 CENP- Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

era economia, era sociologia, porque eles deturparam Marx; na verdade, a meu ver foi isso! Eu acho que Marx não concordaria com isso, e eu também!

O que eu falava na época é que como havia o materialismo histórico, eles que procurassem o materialismo geográfico porque deveria existir uma dialética geográfica. Eu não estava preocupada com a dialética, nem com o materialismo geográfico, mas tinha que ter um materialismo e esse era o papel do geógrafo; ele tinha que fazer e não transformar o materialismo histórico para depois transformar o Ensino da Geografia! Para mim - pode ser que eu esteja errada - mas não sei quando vamos conseguir recuperar a nossa parte perdida, ou como diria o Carlos Augusto, o nosso "geo"! Porque nós perdemos mesmo, e os professores de Ciências não sabem nada de Climatologia, não sabem nada de solo, nem de relevo, nem de vegetação, mas dizem que dão toda a parte física!

Eu tenho visto os PCNs<sup>34</sup>, discuti, e muitas das proposições são válidas, só que eu acho que como perdeu uma parte aqui, para retomar o que estava lá colocado, eu não sei mais... E depois era assim: quando eu fiz concurso para o Ensino Secundário apareciam 50, 60 professores candidatos, mas passavam 20, 15. Hoje, aparecem 10 mil, e passam 2 mil! Então, eu acho que agora a CEMP deveria usar outra estratégia, porque é outro contexto, é outra realidade. Hoje é um ensino de massa.

Durante um período não houve uma produção voltada para o Ensino de Geografia. Por isso que uma das explicações entre o período da minha tese em 1977, e depois com o aparecimento da Cartografia Infantil, é que durante esse período muitos professores estavam preocupados com a parte marxista, com a parte da dialética, com outras coisas, e quando começou fazer a volta, passaram a se interessar pelo Ensino da Geografia. Eu sou otimista, e acho que nós já estamos voltando. Eu já vi muitos dos meus colegas que já foram radicais, hoje estão procurando fazer pesquisa dentro do Ensino da Geografia; muitos já estão aceitando a percepção e já estão vendo Marx mais como ele deve ser visto, como filósofo, como um homem estudioso, preocupado com a economia que era naquela época. Eu acho que hoje eles estão pondo Marx na devida posição.

Quando o Armando Correia propôs um encontro sobre as categorias da Geografia, que foi no Rio de Janeiro, Milton Santos estava lá, e só eu de

---

34 Parâmetros Curriculares Nacionais

diferente, como um patinho feio lá no meio; até a Fani brincou comigo... Não me lembro quando foi isso, mas o Milton Santos disse que tinham que me aceitar porque se eu era uma pessoa preocupada com a teoria da Geografia, então deviam me aceitar lá! E eles aceitaram o que eu coloquei, da questão que tinha que se pensar nas categorias da Geografia a partir do Ensino, não a partir do geógrafo; ver como a criança e o adolescente categorizam a Geografia, porque a partir daí um categoriza o outro. Eu me dava muito bem com o Armando, ele dizia que a única pessoa que entendia os livros dele era eu porque eu lia, nunca tive problema de ler; o Milton Santos também, ele sempre me respeitou muito como eu também a ele; ele sempre dizia para mim que mesmo esses marxistas aí não sabem nada, e que eu sabia muito mais de Marx do que eles.

Eu acho que valia a pena a gente voltar, fazer uma discussão sobre a questão dos PCNs, só que eu acho que essas coisas que vem lá de cima não vem pra durar. Vem o PCN, mas passa, porque lá em cima eles têm que fazer relatórios, dizer que fizeram algo, então fizeram o PCN. Eles não estão nem aí, nem com o PCN, nem com o professor, nem com o aluno, eles não estão nem aí; estão só fazendo relatórios para dizer que fizeram. Mas eu acho que seria válido estudar, fazer uma análise, mas não sei até quando esses PCNs serão válidos!

Talvez até vir outro que proponha outras coisas, por isso eu não sei se eu teria interesse em gastar meu tempo nisso. Eu preferia fazer as pesquisas diretas, dentro do Ensino da Geografia.

*A minha sala era na Geografia (...) mas depois eu descobri que  
administrativamente eu era da Educação*

Mas voltando um pouco, no início do meu trabalho aqui em Rio Claro lembro que também tinha a parte da Educação. A minha sala era na Geografia porque o doutor João queria que eu ficasse na Geografia, mas depois eu descobri que administrativamente eu era da Educação, e não da Geografia. Eu me ligava muito com a turma da Educação, e também naquela primeira época, naqueles primeiros anos, a Pedagogia teve grandes nomes, como a Maria da Penha Villalobos, que dava Didática e era formada em Filosofia; a Maria Alice Fonseca que dava História da Filosofia e que também era formada em Filosofia; a Regina



Bicalho<sup>35</sup>, que ainda está em Araraquara e também era Filósofa; e o Támas, que depois ficou mais na Economia do que na Pedagogia. Então, era um grupo muito bom, eu aprendi muito com eles e entrei em contato com muitas leituras que eu não conhecia como o Kilpatrick, Dewey, Bertrand Russel ! A Penha me dava livro e eu lia para saber como eu passava tudo aquilo para a Geografia; Anísio Teixeira, todos esses nomes eu li e entrei em contato com o pessoal da Educação. Nós tínhamos também a Matemática que era muito boa, e o Ubiratan<sup>36</sup> estava chegando de fora com a Teoria dos Conjuntos; então tínhamos – e isso perdeu um pouco! - ele que era da Matemática, e dava para nós a Teoria dos Conjuntos como uma introdução, porque nós não sabíamos e precisávamos trabalhar com isso!

Esses cursos que ele dava eram informais, no fim da tarde a gente se via no dia que todos podiam, e o Ubiratan D`Ambrósio, que está agora na UNICAMP, nos ensinava. Tinha também a questão da Epistemologia, ligada à Matemática, e o Mario Tourasse fazia discussões com a Penha, porque a Penha para ler o Piaget teve que ir no Tourasse para entender a Matemática do Piaget. Então, eu aproveitei esse começo, a gente não tinha compromisso, não sabia que tinha compromisso com doutorado, nada disso, e aí eu aproveitei para ler, participar de reuniões de cá, reuniões de lá, na SBPC<sup>37</sup>...

E naquela época na Universidade tudo era mais fácil; de repente, quando a gente acordou já tinham passados os cinco anos e era obrigatório fazer o doutorado ali, se não a gente ia ser mandado embora; então foi uma água fria na cabeça porque foram 5 anos que eu passei inocentemente, porque não sabia que tinha que fazer o doutorado; eu queria fazer, mas não sabia que tinha uma data para fazer!

Nós fundamos aqui a AGB<sup>38</sup> de Rio Claro. O diretor era sempre um professor, e os alunos participavam da diretoria, mas não como diretores; aliás eu, o Tavares<sup>39</sup> e o Carlos Augusto sempre participamos. Nós tínhamos reuniões semanais e tínhamos sempre uma palestra. A reunião era bem do tipo da AGB:

---

35 Regina Célia Bicalho, professora de Filosofia da Educação da FFCL de Rio Claro. (GERARDI, 2002)

36 Ubiratan D'Ambrósio foi professor de matemática em Rio Claro.

37 Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

38 Associação de Geógrafos do Brasil

39 Professor Antonio Carlos Tavares, professor de Geografia Física em Rio Claro.

primeiro tinha uma reunião, a gente trazia alguém, um professor, e aí eu levava a Maria da Penha para fazer um aparte de Filosofia, levava um da Matemática, reunia alunos e professores de Geografia. Depois nós tínhamos a UPEG, que era a União Paulista de Estudantes de Geografia e os alunos eram os diretores, mas precisava de um professor como orientador; eu por muitos anos acompanhei os alunos nas reuniões da UPEG. Até hoje quando eu encontro com o Archimedes, ele ainda lembra da nossa briga contra os Estudos Sociais; eles eram alunos e precisavam brigar em Diamantina contra os Estudos Sociais e fomos e eu fui lá com os alunos e brigamos, saímos correndo, o ônibus ligado e nós corremos, a turma correndo atrás de nós porque éramos contra os Estudos Sociais. Então, havia uma ligação entre os professores e os alunos de graduação muito grande !

Mesmo naquela época, no período de OSPB, a procura sempre foi alta porque nós sempre começamos o curso com um nível muito bom, já que em Rio Claro foi o primeiro curso no Estado que teve Aerofotogrametria. Então nós tínhamos um corpo docente, uma grade curricular muito chamativa para os professores, para os alunos e por isso nós sempre tivemos procura!

Mas quando venceu os Estudos Sociais, muita gente procurou porque eram 3 anos, a licenciatura curta era de um ano e meio, e muita gente queria dar aula. Aí muita gente procurou porque podia dar aquele curso de Educação Moral e Cívica. Só que naquela época houve uma diminuição, mas logo depois já começou de novo a procura.

Pensando agora na relação entre o ensino na Universidade e na formação dos alunos acho que enquanto nós fomos um instituto isolado, que nós podíamos escolher até os professores para contratar, eu acho que nós tivemos um nível melhor. Porque, nós mesmos, os professores, é que fazíamos o vestibular dos alunos; os alunos nos viam, e nós, por exemplo - isso era muito comum - fazíamos a seleção. Eu sempre examinava inglês, o Carlos Augusto, Geografia; o francês, o Jorge<sup>40</sup>. E como o Carlos Augusto sempre dizia e mesmo a Elza, é que às vezes o aluno estava nervoso, não tinha ido bem na prova escrita, nem na prova oral - tinha prova oral naquela época - ela deixava de lado e depois nós

---

40 De acordo com Livia, Juergen Richard Langenbuch, apelido "Jorge". Professor de Geografia Humana em Rio Claro.

fazíamos uma reunião para ver cada um, e aí a gente olhava o currículo, as notas que ele tinha aqui no Ginásio, de qual Ginásio ele vinha, e dizia que era um aluno bom, ficou nervoso, pode ser tímido, e por isso íamos perder esse aluno? Não, não vamos. Então decidíamos aprovar! Então, havia muito isso, e muitos que entraram através disso - não vou dizer os nomes - hoje são professores aqui! Aqui e noutro lugar, porque este vestibular, do jeito que é feito hoje, fica muito impessoal! Não é que nós protegíamos, mas era pessoalmente! Mesmo na chegada dos professores também se reunia o departamento e todos davam palpite, contava a história de quem estava querendo entrar. Aí a gente fazia um balanço, e entrava. Eu também acho que foi com isso que nós tivemos um nível bom, porque no momento que entra um professor que dá uma aula no data-show, isso não vai indicar para nenhum que ele vai entrar aqui no nosso departamento, com o nosso espírito de corpo docente porque nós perdemos esse espírito que nós tínhamos! Nós sentíamos que nós éramos um grupo que não era fechado, podia entrar, mas para entrar tinha que ter certos valores. Constato isso, que a seleção de um professor para entrar, tem que ser, por exemplo, com base no que ele considera ser o curso de Geografia; se ele sente que vai entrar num grupo em que ele se sinta orgulhoso de fazer parte; mas eu não sinto isso hoje!

Hoje o ensino passa por uma massificação. O aluno faz o exame, passa em primeiro lugar, mas eu acho que hoje é dada mais importância à prova que ele fez do que à entrevista, quando nós sempre demos mais importância à entrevista, porque muitos professores que entraram aqui, usaram só como trampolim porque queriam ir para São Paulo, etc.

Lembrando da época em que eu era professora de Didática da Geografia posso dizer que não sei se meus alunos enfrentavam muitos problemas, porque eles nunca foram sozinhos fazer estágio, eu sempre acompanhei-os. Eu nunca deixei os meus licenciandos sozinhos lá na escola; eu achava que era largá-los na cova do leão sozinhos, porque os alunos lá sabiam que eles não eram professores, o professor sabia que eles não eram professores, e por isso quem impunha respeito lá era eu. Eu conversava com os professores antes, para preparar os meus alunos; eles preparavam um capítulo de dados da escola, eu escolhia dentro do programa do professor o que os meus alunos podiam dar. Então, um grupo preparava um de quinta série, outro de sexta, outro de sétima, e

cada um preparava aquele tema. Eles preparavam o texto e iam lá dar aula, mas eu ficava lá na sala, porque também os meus alunos, os meus licenciandos sentiam um pouco de medo de ficar sozinhos na frente da classe, ainda mais com a professora lá, olhando para eles! Nos 20 anos que eu trabalhei, eu nunca deixei os meus alunos sozinhos! O ano que eu mais tive alunos foram 50. E eu trabalhava de dia e de noite, mas nunca deixei os meus alunos sozinhos. Mas em média tinha uns 20, 30, nunca foram poucos!

Eu pegava o tema que o professor deu; por exemplo, ele ia dar Geografia Física Geral, de rios, e eu pegava o tema de lá. Os meus alunos preparavam uma apostila - eu tenho isso! - com mapas, distribuíam para cada aluno; nela tinham exercícios, e a gente dava uma para a professora porque aí as apostilas atualizavam os conhecimentos do professor de sala de aula. Eu me lembro de uma que teve que falar sobre cana-de-açúcar e não tinha idéia de como plantar e produzir. Aí eu falei para ir numa dessas fazendas da região, e ela descobriu que para plantar a cana, era o pedaço de cana que punha, e punha de atravessado. Então eu sempre fiz isso, eu tenho todos os que foram feitos na época!

A minha parte da aula de Didática me tomava muito tempo por causa do estágio, e eu sempre achei que estágio era desse jeito, com acompanhamento e supervisionado. E eu nunca tive tempo, mas o meu sonho, era escrever um livro. Eu sinto nunca ter conseguido; eu tentei com algumas alunas, das que saíram, fazer um livro didático, como que eu imaginava, mas eu nunca consegui reunir um grupo pra isso! Mesmo porque eu também já estava na percepção, correndo, viajando - eu viajava muito, ia muito em congressos, dava muito cursos fora - mas agora estou me realizando...

Na época eu até dava uma aula sobre estudo dirigido, mas não trabalhei com estudo dirigido. Eu fazia na prática com eles, dava um texto só para eles terem idéia do que era ensino dirigido. Eu dava uma aula, como uma aula prática; dava um texto, arrumava os grupos, e eu ia dando a parte de sistematização.

Na passagem da Didática para a Prática de Ensino eu continuei fazendo a mesma coisa, não mudei de jeito nenhum, porque o meu conceito de didática era a prática. É claro, eu dava um pouquinho de teoria para eles, a gente discutia, e enquanto eu ia dando as aulas da prática, eu dava um pouco de teoria da didática. Então, eu não sentia diferença. Talvez eu sentiria agora, com a carga horária, já que agora ela está mudando. Por isso eu acho que agora teria que

fazer uma remodelação, porque eu dava aula o ano inteiro, e não sei como faria para preparar os temas e a contagem de horas/aula.

Nas aulas dos estágios os meus alunos davam um tema, cada um dava um, mas todos preparavam. Vamos dizer se o grupo dava 4 ou 5 temas, todos os alunos preparavam, todos iam lá em todos os dias de aula, e cada um dava uma aula. Então, por exemplo, um dava apresentação, um dava isso, etc, e depois nós dávamos o trabalho com os alunos. Agora, com a mudança curricular do ensino superior, as iniciativas mudaram, mas eu não sei exatamente o que mudou e para que foi! Isso, sinceramente, eu não sei. Eu nunca separei a prática do estágio, mas se tivesse que separar, acho que daria para separar...

*Depois de formada em Geografia, (...) depois de 62 é que comecei a estudar a parte da Nova Educação*

Eu não me recordo da vinda do Piaget ao Brasil. Quando ele veio eu acho que nem tava ligada à geografia. Em 1950 eu estava na Geografia, estava saindo, ou pode ser que até estivesse na Enfermagem, mas não na Geografia. Mas é que não me disse nada o Piaget na época.

Depois de formada em Geografia, depois de dando aula, quando eu vim aqui para Rio Claro depois de 62 é que comecei a estudar a parte da Nova Educação. Comecei ler livros de Educação, do Horkheimer, do Bertrand Russel; aí que eu entrei em contacto com essa literatura e junto com o Piaget. Porque a Maria da Penha Villalobos já estava preparando o Doutorado dela sobre o Piaget. Então aí que eu entrei em contato e comecei a ler o Piaget e como tinha o problema do espaço e nós também na época já estávamos discutindo que a Geografia estudava o espaço, não era simplesmente a descrição, então foi aí que eu entrei. Foi depois de 62 meu primeiro contato com a obra do Piaget.

O que mais marcou nesse primeiro contato foi porque ele se preocupava com o espaço, com o espaço das crianças, e aí também que eu vi a primeira vez a palavra de dizer construção do espaço pela criança; aí acendeu a lamparina, que de fato os alunos da primeira, do fundamental, agora do ensino médio, eles estavam construindo o espaço deles. E aí que eu fui também, junto com isso, eu fui ver o que era espaço.

Então fui para a matemática a partir também já da matemática porque o Piaget também trabalhava com o espaço da matemática. E quando eu dizia no grupo de professores aqui da pedagogia que eu trabalhava com espaço geográfico, ninguém sabia o que era espaço geográfico. Porque para eles só existia o espaço matemático e o espaço físico, mas o espaço geográfico, o que era? O que era a geografia? Então também comecei a me perguntar o que era geografia? E todos me tiravam sarro, porque o que é geografia, o que é?

Aí que eu vi que eu não podia mais dar aquela resposta da descrição da geografia. Eu também fui reler o Sorre, reler o Demartone, o Vidal de La Blache, que na verdade, nós é que líamos como se fosse uma simples descrição, mas mesmo esses geógrafos mais antigos, eles não ficavam presos à descrição; nós aqui no Brasil é que dizíamos isso. Então quando eu comecei a ler as minhas leituras e claro, junto com o do Piaget, eu fui encontrando respostas no Piaget, e junto, a parte da educação, que também já tinha passado que não era só psicologia, não era só pedagogia, que a criança também tinha um desenvolvimento mental. Então aí toda a década de 60 e começo de 70 lendo, lendo, lendo as coisas do Piaget.

Eu conheço a obra da Amélia Domingues de Castro porque a dona Amélia foi minha professora na USP, e eu tinha muita ligação com ela. Tanto é que ela foi da minha banca de Livre Docência. Eu trabalhei, conversei muito com ela, porque agora eu acho que é mais fácil fazer uma Livre Docência, porque já tem muita gente com o título. Mas naquela época eram pouquíssimas, então eu tinha muito medo se o que eu estava fazendo daria uma Livre Docência; é sempre essa a preocupação... Porque a gente, no Doutorado, você tem um orientador, e ali eu não tinha um orientador. Então eu discuti muito com ela e ela diz que sim, que eu consegui, porque apesar da dona Amélia ter vindo da Geografia, o Doutorado dela foi em História.

A dona Amélia é formada em Geografia e História, por isso o Doutorado dela é Didática de História, por isso que o meu foi o primeiro em Geografia.

Datas exatamente eu já não sei, mas eu estava cursando, freqüentando o curso de Geografia e História quando veio a separação, porque achavam que não podia mais continuar, faltavam disciplinas para História, faltavam disciplinas para Geografia, não havia tempo na grade curricular e aí separaram. Então, quem estava no momento podia escolher ir para a Geografia, terminar Geografia, ou

terminar para História, ou terminar Geografia e História. Eu continuei na Geografia e História; eu tinha entrado então na licenciatura em Geografia e História.

Minha Livre Docência foi em 1977. A Dona Amélia já tinha feito a dela. Ela fez um trabalho muito bom. O Doutorado dela também não tinha grandes coisas porque ninguém sabia direito como pesquisar em educação. Agora, a Livre Docência dela já é uma grande contribuição para o ensino geral, e para nós da geografia estava bom, casava tudo o que nos interessava. E a Zélia Chiarottino foi o livro dela que a gente começou a ler. Aí também como eu procurei em São Paulo, ela já estava dando aula na psicologia, e ela também continuava trabalhando porque ela tinha estado na França, ela trabalho com Granger<sup>41</sup>. É, acho que o Doutorado foi orientado pelo Granger; foi aí que eu entrei em contato com a Zélia.

### *Percepção, Cognição*

Percepção não é separada do meio ambiente, porque quando eu trabalhava com o espaço baseado no Piaget, eu tive que trabalhar com a percepção. Então eu li toda a parte de percepção, de inteligência do Piaget, os livros e tudo. E aí que para minha definição, e que eu uso, porque muita gente usa agora outras definições para percepção, a percepção é atribuição de significados; a gente vê tudo, ouve tudo, pega em tudo. É através dos sentidos, mas você tem que, ao selecionar o que lhe interessa, é aquilo que atribui significado. E também aí que chegamos à conclusão, fazendo parte daquele grupo em Araraquara - tivemos vários encontros, eu não me lembro o nome - que nós vimos com o Batro<sup>42</sup>, que vinha da Argentina e dava tudo. Aí que nós chegamos à conclusão, como Batro também falou que nós não trabalhávamos exatamente com a percepção, mas com a cognição.

Também quando tinha um dos professores que vinha de Ribeirão Preto, ele é psicólogo, era do nosso grupo, fez Mestrado, fez Doutorado - até fui fazer parte da Banca que era de titular dele. Como tinham poucos titulares ele pediu que eu fosse. Aí que também, discutindo, a gente viu que na verdade, nós não fazemos

---

41 Granger trabalhava com Piaget na França

42 Antonio Batro, especialista em Piaget; trabalhou com Piaget na França

percepção do meio ambiente, nós fazemos cognição do meio ambiente, é o conhecimento que nós temos. Então, agora é que nós estamos passando para o outro lado, mas o título ficou percepção do meio ambiente. Agora nos últimos orientandos nós temos acrescentado no título percepção e cognição porque a percepção em psicologia é o aqui e agora, e é um trabalho de laboratório, você, para fazer todos os experimentos em psicologia visual, você fica parada vendo as coisas, todos aqueles testes. Mas não é isso que nós fazemos. E também quando o Piaget reconhece que entre a percepção e a inteligência, a cognição ele coloca uma atividade perceptiva, na verdade nós trabalhamos com as atividades perceptivas.

A cognição é mais atividade perceptiva, está mais perto porque ele coloca que é um contínuo. Então a cognição está mais, vamos dizer, no final e a percepção no começo da atividade perceptiva.

E também com a percepção eu tive que ver e rever, entender toda essa fase, destrinchar todo esse conhecimento do Piaget, dos livros dele. Nessa época nós estávamos começando a fazer os primeiros estudos, as primeiras pesquisas aqui; aí quando fui - agora não me lembro exatamente, acho que foi depois que fiz a Livre Docência que teve um Encontro de percepção do meio ambiente lá na Nigéria que era da UGI - aí que conversamos, eles também não se incomodavam em dizer que não estavam preocupados com a base psicológica que eles estavam trabalhando. Para eles isso era nada, eles queriam, na verdade, atitudes das pessoas diante da paisagem, diante do meio ambiente. Mas o nome ficou percepção do meio ambiente, também naquela época deveria ter-se atitude, mas... Aí depois que veio o livro do Tuan.

E a Geografia da Percepção começaram a falar, nós mesmos começamos a falar. Depois eu vi que não era, porque a geografia da percepção é comportamental, a psicologia é Skinneriana, por isso que nós falamos percepção do meio ambiente, ou percepção geográfica, mas não geografia da percepção. Porque a geografia da percepção é um tipo de pesquisa, eles nem falam como campo, é um tipo de pesquisa encomendada, em geral, pelos legisladores, os deputados, para o mercado. Por exemplo, querem implantar um supermercado, uma loja num lugar, então aí que faz a percepção; é uma geografia da percepção porque eles usam um mapa e distribuem o que lhes estão interessando. Mas nós



nunca trabalhamos nisso. É válido, tem muita gente que ganha a vida fazendo isso, mas nós aqui nunca fizemos isso.

Mas são coisas que entram e a gente não consegue tirar. Mas mesmo no começo eu também não falava Geografia Humanista, foi depois que a gente foi vendo que existia, que o Tuan já estava falando assim, e o Claval no grupo francês chamava de Geografia Cultural, mas é a mesma Geografia Cultural, só que no inglês, no americano, nos ingleses, é Geografia Humanista.

*Na Geografia ninguém estava preocupado com a Escola Nova (...), pelo menos lá na USP ninguém falava*

Na época da transição da escola para Escola Nova eu não trabalhava com educação, eu era Enfermeira nessa época. Eu vim ler Dewey, eu vim ler Anísio Teixeira quando entrei aqui em 62. Então eu entrei em contato com a Escola Nova, vamos dizer, ela já tinha acontecido aqui.

Então, quando eu entrei na Geografia foi em 53 eu não estava interessada em educação, eu estava interessada em Geografia, eu estava saindo da Enfermagem, passando por Geografia. E na Geografia, não se falava, ninguém estava preocupado com Escola Nova, nem com nada, pelo menos lá na USP ninguém falava; talvez na pedagogia falasse, mas cada curso apesar do prédio ser o mesmo, cada um estudava o seu.

Quando eu comecei a dar aula, aí que eu comecei a fazer indagações, como o que acontece, como que os meus alunos aprendem, como que eu posso afirmar que eles aprenderam, como que eu devo chegar até eles, a Geografia. Mas quando eu cheguei aqui em 62 para dar Prática de Ensino é que eu comecei a ler Dewey, e todos eles. Li Kilpatrick, todos, todos, todos a partir daqui. Só quando eu cheguei aqui que eu ouvi falar em Piaget.

*Eu fiz isto intuitivamente*

Com relação aos trabalhos de campo eu fazia por mim. Eu considerava, porque eu nunca ouvi falar, nunca tinha ouvido falar o nome do Estudo do Meio, porque eu só ouvi Estudo do Meio quando cheguei aqui que conheci o Colégio Vocacional, mas antes disso não. Eu fiz isto intuitivamente, e com quem eu falava

muito era com o Aziz, ele que me dizia: “Você está lá numa região como é lá no litoral sul - eu estava em Pedro de Toledo – é um riquíssimo lugar pra você levar os alunos seus pra entrar, pra você conhecer”.

Então, eu no fim de semana saía com os alunos; nós entrávamos por trilha, e mostrando, eles vendo a rocha, que tipo de rocha que era, a parte de vegetação; o tempo todo eles marcavam horas que choviam, isso na escola mesmo, em casa, o dia que chovia. Então nós fazíamos gráficos. Então, isso tudo o que eu fazia era intuitivamente. Por exemplo, tinha um rio lá perto, eu dava aula de rio lá dentro do rio pra eles aprenderem. Então não esquece o que é margem, o que é talvegue, todas essas coisas. E de cidade também, eles faziam a planta da cidade, localizavam. E também eu trabalhava muito com a professora de desenho, ela ajudava muito, os croquis que eles faziam, e a de português para corrigir o português. Então, eu fazia isso daí; eu trabalhei seis anos lá em Pedro de Toledo, mas era intuitivamente, porque eu considero que se o professor, mesmo que ele não tenha grandes leituras, ele colocado diante dos alunos e se ele tiver bom senso para ensinar ele consegue descobrir as coisas com os alunos.

Quanto à didática no ensino da Geografia não sei o que se quer dizer com “propunha como didática”. Também era uma outra parte que nós não sabíamos direito o que era Didática. Aí que eu fui ler o que era Didática, o que era pedagogia. E também, para os meus alunos - você vê que as primeiras turmas que eu dei aula foi pedido pelo Departamento - eu fazia um pequeno histórico da Geografia, dava para eles e dava um pouco das Escolas portu... inglesa, americana, francesa, alemã. Dava um pouco dessa visão e depois eu dava leituras para eles. Então eu procurei tirar. Eles começaram a ler Anísio Teixeira, Kilpatrick. Então eles começaram a ler para saber o que tinha que ensinar, mas eu passei aí para a prática. Então eu já começava a preparar para fazer os estágios com eles, para eles entrarem em contato com os alunos no secundário, no ginásio. Mas a Didática, se você me perguntar que Didática eu usava, eu não posso dizer para você que eu sei, como agora.

E como eram relativamente poucos alunos, nós nos reuníamos... Eu também já comecei a usar uma mesa redonda, fazendo em grupos, isso eu usava. Depois até o Carlos Augusto gostou muito dos grupos. Aí ele também começou a fazer grupos; ele dava trabalho e mandava que cada um fizesse um grupo, porque todo mundo dava aquela aula magna, lá na frente dando aula. E

eu, desde o começo, comecei dando aula, não assim expositiva, expositiva, de discussões, de usar grupos.

Nessa época, no Brasil, não havia algo produzido sobre Didática da Geografia. Eram os traduzidos, porque para mandar... Não ia dar o Dewey pra eles lerem em inglês! Eu preparava alguns textos, já conversava com a Maria da Penha, ela já dava algumas leituras e aí apareceu, logo no começo, o livro do Aebli<sup>43</sup> traduzido, primeiro em espanhol. Então esse já começamos a ler, aí eu dava...

O livro se chamava Prática de Ensino, é, Prática de Ensino! E aí o Aebli dava umas técnicas, umas práticas, e eu usava aquelas práticas que ele dava. Por exemplo, na parte de geografia que ele dizia que a geografia devia usar o contraste. Então eles preparavam aula para mostrar isto e aquilo, para fazer a comparação através do contraste; não dá tudo igual porque não era tudo homogêneo. Então eu usei muito o Aebli.

Os documentos que eu dei para vocês eram as aulas que os alunos da graduação davam. Eram textos que eles levavam, não é relatório. Eles preparavam o material didático, mas eu nunca deixei os meus licenciandos irem sozinhos na escola, eu ia junto; a professora deixava a classe pra gente, mas eles chegavam lá, organizavam os alunos em grupos, distribuía, falavam, davam aula; davam uma parte expositiva, uma parte de trabalho. Mas aquilo não são relatórios.

Quem elaborava os textos era eu com os alunos, porque eu considerava que a Didática da Geografia não adiantava ficar dando aula, aula, aula. Eles tinham que passar da geografia científica pra geografia escolar. Era isso que eu queria. Então muitos ali não sabiam o que tinham que falar, e eu sempre junto com eles, trabalhávamos com os grupos. Eles ficavam em grupos, pegávamos os temas, as classes lá no Ribeiro, depois fomos aqui no Batista Leme. Então pegávamos os textos e os temas lá da professora, nós não levávamos uma coisa fora pra ensinar, de dentro do tema. Então por exemplo, ela ia dar agricultura do Brasil; ela dava o tema e nós organizávamos aqueles textos, e os alunos iam lá dar, e depois também faziam a avaliação, porque nesse ponto sou bem

---

43 Hans Aebli, autor do livro Didática Psicológica.

piagetiana, como ele diz: se você não avaliar o que você ensinou, não adianta nada, você não sabe.

Os alunos iam observar aula. No começo eu solicitava várias vezes que eles fossem. Aí depois os próprios alunos licenciandos disseram que as aulas eram do mesmo jeito. Eram todas tradicionais e que o professor ficava meio inibido com o aluno sentado lá atrás. Então eu acabei, porque eu acho que não adianta ir lá pra se indispor com o professor que é o dono da classe... E muitas vezes eles vinham fazendo críticas pesadas e o que eu dizia, ainda me lembro até hoje: “Ela fica lá repetindo, repetindo...” e eu falei: “Eu quero ver você daqui há 20 anos, você com filho, com marido, com tudo, tendo que trabalhar 40 horas, um diretor ‘chato de argola’ e tudo”... Ainda argola eu falaria para os alunos, porque naquela época os alunos eram normais. Então, como que você vai criticar? Ele tá fazendo o que ele pode, e nós dávamos muito material para as professoras quando nós íamos! Porque tinha uma das professoras do Ribeiro que ela tinha formado em Campinas... Quer dizer que nunca mais faziam... Agora que estão fazendo esses ensinos, porque antes não, professor formava, fazia o Concurso, entrava, nunca mais ouvia falar nada.

*...E eu consegui afastamento pra ir pra Europa...*

O Ano Santo eu fui em 1950, eu era geógrafa ainda. O Ano Santo foi... Porque na Igreja Católica, de 50 em 50 anos tem o Jubileu que a Igreja faz essa... como teve agora no ano 2000, também teve o Ano Santo. E eu consegui afastamento para ir para a Europa porque davam para os funcionários públicos. Eu lutei de cá, lutei de lá e consegui. Fiquei dois meses na Europa.

Isto me ajudou muito depois na geografia, eu fui como geógrafa, mas sempre fui muito curiosa, sempre gostei, tomava nota de tudo. Quando eu fui fazer o vestibular eu não tive quase dificuldade, porque o que eles estavam falando, principalmente a parte de história, tudo o que eles estavam falando eu tinha vivido aquilo.

Eu entrei na Geografia em 54. Na época eu era Enfermeira. Mas depois em 1960 eu voltei de novo à Europa com mais tempo. Aí eu fui, era o Congresso Eucarístico, também eu consegui de novo – aí eu era professora secundária - e consegui dois meses de novo de licença. Eu aproveitei muito mais em 60, porque

aí eu já tinha formado em Geografia. Então foi aquela beleza mesmo. Depois outras vezes eu voltei para a Europa, mas para Congresso, mais rápido. Mas foram duas vezes, em 1950, em 1960 eu fiquei dois meses.

Quanto à mania de entrar em livraria e ficar caçando livro eu fiz um pouco disso, não muito. Na primeira vez não, e uma segunda vez eu não fiz muito não! Eu achava que era perder muito o tempo que eu tinha; eu preferia, por exemplo, se eu estava em Roma, se eu estava em Paris, ir na periferia, pegar o metrô chegar até o final, do que ficar... Porque na biblioteca, nas livrarias a gente manda buscar daqui, e agora então com a Internet. Mas naquela época não tinha.

Mas nos Estados Unidos eu fui muito em livraria porque eu fiquei lá muito mais tempo, fiquei na casa de uma amiga. Então eu tinha tempo, eu precisava encher o tempo, aí eu enchia nas livrarias, nas bibliotecas. Aí freqüentei muito biblioteca, muita livraria, mas nos Estados Unidos, na Europa não muito.

Eu fui da JUC na época que eu estava de Enfermeira, na Enfermagem. Era o auge do marxismo, e era para nós sermos preparados, para nós podermos enfrentar o que tinha aceitação ou não aceitação do marxismo.

Não tinha ligação com a Teologia da Libertação. Nem sabia o que era isso em 1940, 46, 47, 48. Depois acabou, tinha Juventude..., JEC, tinham vários assim. Depois isso acabou na Igreja Católica, esses encontros. Nós nos reuníamos com teólogos, advogados que nos preparavam, que nos davam conhecimento pra gente não... Nessa época eu li O Capital, li todo o Marx.

Eu estava na Enfermagem, não foi aqui na geografia. E era para nós podermos, o que tinha de bom, aceitar, e o que não tinha, pra não aceitar, porque não ia dar certo, aquelas coisas. Então isso que é Juventude Universitária Católica.

O objetivo da JUC só a parte teológica, não era social e nem política. Não era um movimento pra fazer alguma reforma. Era pra dar conhecimento das novas... ,as novas... ,enfim, as novas doutrinas, as ideologias... Nem usava a palavra ideologia, não existia essa palavra ideologia. É que vocês já tão acostumados com o jargão de agora, e no final de 1940, em 1950 era outro o linguajar da gente.

Eu não saí da JUC. É que terminou. Eu me formei na Enfermagem, aí era só juventude, era só profissional, já não pertencia... Aí eu saí.

Em 62 quando eu vim pra Rio Claro já não tinha mais JUC. Eu acho que em cinqüenta e pouco, cinqüenta e cinco, cinqüenta e seis, já não tinha mais. Aí também já estava, como se diria, a situação política já era diferente aqui no Brasil!

Essas viagens não tinham ligação com a JUC não. Apesar de que eu fui no Ano Santo, fui no Eucarístico, e ainda fui por minha conta visitando as coisa que eu queria. Nunca viajei para fazer peregrinação não. Nós fomos em todas as Igrejas que queríamos ir, mas não junto assim.

Não acho que a Igreja, preocupada com as conseqüências da guerra da década de 40, promoveu esse tipo de movimento. Porque você vê, a guerra tá acabando em 1945. Então a gente já tinha, já existia.

Era mesmo para dar um preparo para o universitário poder conhecer as doutrinas que se ensinava, na verdade, na universidade. Não, não era do pós-guerra não.

O marxismo também foi proibido na década de 60. Mas também em 45 ele era aberto, as pessoas eram marxistas, a gente tem amigos daquela época, tudo mais. Cada um de nós discutia, mas nunca brigamos, nunca ofendemos ninguém. Nós nos encontrávamos em reuniões, em tudo, principalmente na parte de vôlei, de natação que a gente ía muito, na Medicina que tinha esses esportes.

Esses encontros serviram também para as pessoas se conhecerem, pra se confraternizar.

Essas viagens que eu fiz não eram comuns para todos que freqüentavam a Universidade. Era eu que, como eu sempre dizia, desde menininha, que eu ia comer pão e banana, mas eu ia conhecer Paris. Essa mentalidade minha foi sempre comigo! Todo o meu dinheiro, eu guardava dólar pra poder viajar. E vou contar a você, nenhuma das minhas viagens - nem antes nem depois - a faculdade me deu um tostão. Sempre viajei com meu dinheiro, nunca pedi pra ninguém. O dinheiro foi sempre meu; eu não sou rica, mas também não tinha casa, não tinha nada, nunca fiz conta de roupa nem de nada, mas eu viajava! Isso eu sempre fiz, viajar. Sempre desejei viajar.

Quem me financiava era a Livia de Oliveira. Enquanto minha mãe foi viva ela me ajudava com dinheiro, mas depois que ela morreu... ,aí eu fiquei com a pensão...

Mas mesmo depois quando apareceu essas Capes, essas coisas, eu nunca pedi, eu sempre fui muito independente, eu não sei obedecer ninguém. E

eu via, por exemplo, os mesmos colegas aqui do Departamento, preparavam tudo, eu vejo, mesmo a Rosangela<sup>44</sup>, preparam tudo e a passagem não vem. A passagem chega na hora e você têm que pegar correndo o avião que já ta saindo. Eu não, minhas viagens sempre foram planejadas.

Já fui pra Rússia, mas não vou mais, é muito longe. Então, por exemplo, para o Japão, eu já fui. Mesmo todos esses Congressos internacionais, sempre foram com o meu dinheiro.

Para Minnesota eu fui fazer um estudo, aí foi Bolsa porque era Enfermagem. Aí sim, eu fiquei lá um ano e meio, mas era um estudo. Estava fazendo um curso de especialização, aí foi com Bolsa.

A fluência do inglês vem dessa época. Mas tive que aprender antes, fazer um exame na União Cultural, ser aprovada. Chegamos lá e ainda ficamos um mês só falando inglês pra depois ir pra Universidade.

Eu não tenho fluência em francês. Quem eu falei foi minha mãe, minha mãe que teve fluência em francês. Eu acabei nunca estudando francês, só aprendi na escola. Eu leio, entendo um pouco, mas não falo francês.

*... ele queria mais para a frente, ele queria pesquisa*

Doutor João Dias da Silveira que começou, que fundou aqui a Faculdade de Filosofia, instalou um Departamento de Geografia. E o Doutor João queria um Departamento de Geografia diferente do da USP; ele queria mais para a frente, ele queria pesquisa, ele achava que tinha que ter pesquisa. Por isso ele foi buscar o Carlos Augusto, foi buscar a Elza. Aí trouxe o de cartografia, começou já com a Aerofotogrametria, porque ele tinha estado na Europa e já viu que era utilizado.

Doutor João foi o primeiro geógrafo a defender Doutorado. E todo nome daqui é porque ele era da Geografia. E aí também já existia ônibus pra nós fazermos excursões, pra fazer trabalho de campo. A USP não tinha isso viu! Para pegar um ônibus para a gente sair quando era estudante, era uma dificuldade.

Então essa nova visão era daqui de Rio Claro. E como não eram, não tinham vindo da USP - a não ser o Penteado que era de geografia aqui do Brasil,

---

<sup>44</sup> A professora Livia está se referindo à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosangela Doin de Almeida, orientadora desta pesquisa.

a Cecília França<sup>45</sup> que depois já foi embora - eram de fora; e o Carlos Augusto já começou com aquela parte mesmo, a geomorfologia dele que era muito viva, com desenhos, com croqui e a parte da Climatologia, e a Elza que já trabalhava com a parte de Agrária.

Então, desde o primeiro dia os alunos já começavam sair para o campo para fazer trabalho, já fazer pesquisa, e eles já começaram a pedir auxílios de Bolsa, de tudo. Não é que na USP não tinha; tinha, mas era para um ou para outro; agora aqui não, eram vários que tinham; o Carlos Augusto fez uma equipe de trabalho, 5, 6 alunos trabalhando.

Muita gente falava que existia uma certa rivalidade entre USP e a Faculdade de Filosofia de Rio Claro. Mas eu, como era uspiana, porque eu fui formada lá, eu sempre fui muito amiga do Araújo, do Aziz, de todos eles. Eu nunca tive, eu ia lá..., mas a turma daqui achava que falava.

Eu não posso dizer isso, eu não posso dizer. É como agora falam de Rio Claro com Presidente Prudente; se eu chegar lá em Presidente Prudente, eu sou muito bem recebida, nunca tive problema. Agora, talvez seja até pessoal. Eu nunca tive dificuldade, não de impor, de me aceitarem. Eu sou assim, eu faço as coisas. Agora, também nunca jogo na cara do outro que eu sei que ele não sabe; se você fizer isso ninguém vai gostar! Então, falavam que tinha. O que tinha era isso.

Porque quando nós saíamos para um Congresso, era maior o número de alunos nossos que apresentavam trabalhos, porque lá não tinha essa tradição da USP. Depois é que começou a também o professor..., porque os professores lá eram catedráticos, para mim a diferença toda era essa. Eles eram catedráticos.

O que significa isso? A cátedra, o que é a cátedra? A cátedra - até me lembro sempre que o Doutor Eurípides que dizia - ele vinha para dar aula de História, ele vinha com uma coisinha, um móvelzinho, e ele punha ali. Aquilo é a cátedra. Então você se coloca numa situação acima do aluno, o aluno fica lá embaixo e o professor...

Então a cátedra foi isso também, uma das Reformas Universitárias; foi contra a cátedra, e quem escolhia o assistente era o catedrático, não havia

---

45 Professora Maria Cecília França, indicada como Assistente. Os professores responsáveis pelas Cadeiras indicavam, quando julgavam necessário, professores que seriam Assistentes. Os Assistentes tinham a incumbência de instalar laboratórios e gabinetes. (BUSCHINELLI, 1988)



concurso, não havia seleção, o catedrático escolhia fulano, beltrano para ser os assistentes dele. É de formação européia.

Aí, quando chegou aqui, o Carlos Augusto não se sentia catedrático; primeiro que ele nem era doutor, lá todos eram doutores, todos eram catedráticos! O Carlos Augusto não era, nem a Elza.

Então havia ali o nosso... A nossa sala... , era muito mais fácil de entrar junto com professor e o aluno. Havia um entrosamento, umas discussões. Agora na USP também é assim, mas na época dos catedráticos não era. E com isto nós íamos, o grupo todo, apresentando trabalho, em todas as seções. Os alunos, também os daqui, quando iam lá chegavam superiores aos da USP para se impor, mas isso depois passou.

Aí, quando veio a pós-graduação também, eles achavam que nós não tínhamos como ser... Como que nós ousávamos implantar um Doutorado numa cidade do interior! O problema todo era o interior, a província como eu dizia, a província. Lá é o centro, a metrópole, aqui era província.

Porque os catedráticos em geral não aceitavam que tivesse outro curso de geografia, de que tivesse outro de nível universitário no interior. Quer dizer, a parte universitária pertencia à metrópole, à capital. Depois a própria USP abriu o curso; me lembro quando abriu o curso de medicina de Ribeirão Preto, o Zeferino Vaz<sup>46</sup> só faltaram comê-lo, porque onde já se viu uma faculdade de medicina no interior! Aí ele respondia: “não é no interior, é em Ribeirão Preto, cidade rica!”. Então era essa a resposta que ele dava. E depois começou com aqui de São Carlos, que também é USP. Então agora já não tem mais isso!

Quando foi criada a UNESP na década de 70 a situação mudou. Aí já tinha aparecido outra Universidade Estadual no interior. A UNICAMP é antes da UNESP. Então nós já éramos a terceira. Agora, o que nós sentíamos, e sentimos até hoje, é que nós nos sentíamos muito bem – ainda que somos unespianos - porque somos muito fragmentados. Não tem um elo que ligue as Faculdades. Isso falta na nossa Universidade de Unesp. Está acontecendo lá dentro e a gente não sabe. Agora, por exemplo, na USP não; o que está acontecendo na Geografia está ali acontecendo na Geografia, mas o nosso não.

---

46 Zeferino Vaz, o primeiro reitor da UNICAMP.

Então, eu acho que por isso é que ainda falta este sentimento universitário, por ser do interior e por ser todo... Porque na época, antes de juntar como Universidade da Unesp, nós pretendíamos grupos de Universidades! Nós iríamos unir com Araraquara, faria assim um grupo, seria de centro, Universidade do centro. O grupo mais antigo não concordava com isto, de toda essa extensão geográfica do estado de São Paulo, de fazer do sul, do norte, do centro. E acabou, era politicamente pra sair, só podia sair desse jeito e saiu.

Quando o Doutor João veio pra cá ele era formado, ele era catedrático lá da USP; deram uma licença pra ele, um afastamento, e ele veio aqui como diretor para instalar os cursos. Eram Institutos Isolados, se chamavam Institutos Isolados; nós éramos comandados pelo Conselho Estadual de Educação.

E era uma política do governo; foi do Jânio Quadros a idéia de trazer a Universidade para o interior. E depois o Carvalho Pinto continuou com esta política de trazer..., que a Universidade... Porque também se você levar em conta, o Estado de São Paulo, as cidades já estavam florescendo com as estradas, com o agronegócio, com as indústrias; a indústria já estava saindo de São Paulo para o interior. Então, o interior de São Paulo já começava marcando a posição dentro do Brasil. Aí, junto com isso, tem os Institutos Isolados, mas o Doutor João não tem nada a ver com UNESP, ele nem sonhava em formar a UNESP.

Mas estou às ordens, qualquer coisa.

## **CAPITULO 2**

### **CAMINHO DE POSSIBILIDADES: TRABALHANDO COM MEMÓRIA E RELATOS BIOGRÁFICOS**

A pesquisa que nos propomos realizar busca compreender alguns aspectos históricos e epistemológicos do Ensino de Geografia no Brasil a partir dos relatos biográficos de uma professora de Geografia – Lívia de Oliveira. A compreensão de parte da história da disciplina Geografia dar-se-á por meio das lembranças dessa professora, isto é, a partir do que ela nos conta nas entrevistas que realizamos. A professora Lívia de Oliveira teve grande influência na formação de professores desde o início do Curso de Geografia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro (FFCL), mais tarde incorporada à Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Lívia de Oliveira iniciou o Curso de Geografia em 1952 – tinha então 25 anos – na Universidade de São Paulo (USP), após ter concluído também o Curso de Enfermagem em 1947 nesta mesma Universidade.

Lívia é filha de uma professora primária e de um agricultor, ou como ela mesma diz, um homem que trabalhava na terra. Sua mãe estudou na Escola Caetano de Campos, tradicional colégio da capital paulista, e lecionava na escola da cidade de Mairinque-SP, antigo Distrito de São Roque, cidade natal de Lívia. Segundo a professora Lívia, seu pai era proprietário de escravos, e um homem muito preocupado com a educação dos filhos.

Lívia pertence a uma família de elite, que pôde garantir aos cinco filhos a continuidade dos estudos em escolas particulares e públicas, na própria cidade de Mairinque ou mesmo na cidade de São Paulo. Diferentemente da maioria da população brasileira que na primeira década do século XX não conseguia chegar ao Ginásio, Lívia de Oliveira não só foi a única aluna de sua turma a conseguir cursar o Ginásio, como teve a oportunidade de freqüentar o Ginásio Ipiranga, escola particular muito conceituada na época, na cidade de São Paulo, e também o Ginásio de Sorocaba, escola pública onde se formou no Curso Normal.

Assim, Lívia freqüenta e termina a escola básica durante as décadas de 1930 e 1940, época em que há por parte do Governo uma forte preocupação com a constituição do Estado Nacional. É nesta época também que as idéias de Anísio Teixeira encontram um campo fecundo para sua divulgação, influenciando o Ensino Secundário brasileiro, contribuindo para que a disciplina Geografia passe a ser obrigatória no Ciclo Fundamental do Ensino Secundário. (ROCHA, 1996)

Depois de formar-se professora lecionou em algumas escolas, e com 17 anos vai cursar Enfermagem na USP, na época reconhecido como um Curso Superior não universitário com duração de três anos. Em 1952, após viajar para a Europa e EUA vai cursar Geografia na USP, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, situada à rua Maria Antonia.

Inicia a docência no Ensino Superior em 1962 na Faculdade de Ciências e Letras de Rio Claro a convite de João Dias da Silveira, geógrafo formado na USP e primeiro diretor da FFCL de Rio Claro.

Conforme depoimento, para lecionar “Didática Especial da Geografia” se atualizou em diversos temas da Geografia e teve contato com as obras de John Dewey, Kilpatrick, dentre outros teóricos da época, muito utilizados na área de educação. Foi também devido ao seu trabalho na FFCL de Rio Claro que Lívia teve contato com as obras de Jean Piaget e Yi-Fu Tuan, e desenvolveu pesquisas sobre a aprendizagem do mapa por crianças, percepção e cognição do meio ambiente.

Mesmo depois de ter se aposentado como professora de Geografia na Unesp de Rio Claro, ainda tem orientado pesquisas no Programa de Pós-Graduação que versam principalmente sobre percepção e cognição do meio ambiente, na perspectiva da Geografia Humanista.

## **A Prática da Pesquisa**

Adotamos como método de trabalho as entrevistas e a coleta de depoimentos por nos possibilitar o registro das memórias da professora Lívia de Oliveira, a partir das quais fomos delineando nossa pesquisa.

Utilizamos a metodologia proposta pela História Oral como forma de trabalho por nos fornecer meios para lidar com a oralidade; esta metodologia centra suas análises na visão e versão do indivíduo, fornecendo ao pesquisador alternativas para tratar as experiências que os atores sociais compartilham durante a entrevista.(LOZANO,2001)

Assim sendo, primeiramente gravamos as entrevistas realizadas e depois as transcrevemos. Num primeiro momento, entrevistamos a professora Lívia duas vezes. Após as primeiras análises de seus conteúdos, vimos a necessidade de nos encontrarmos novamente para a realização de uma terceira entrevista.

Levamos ao seu conhecimento todas as entrevistas no formato de narrativa, isto é, incorporando as perguntas ao longo do texto, dando origem então a um novo texto composto pelas três entrevistas. Esclarecemos que nossa preocupação estava em saber se a fidelidade das respostas se mantinha naquele novo texto por nós elaborado, salientando que a ordem do que ela havia nos contado deveria permanecer a mesma. Após a leitura do texto, as correções de Lívia disseram respeito a aspectos ortográficos de algumas palavras (“pra” mudando para “para”). O sentido das idéias permaneceu, assim como as referências a nomes e acontecimentos.

Num primeiro momento o caminho da pesquisa abrangia três etapas: gravação de três entrevistas, transcrição na qual aparecem as perguntas e respostas, e elaboração da narrativa, um texto único, composto pelas três entrevistas.

Ao longo dessas etapas fomos percebendo que as entrevistas nos traziam muitos dados e “pistas” para a compreensão da trajetória profissional da professora Lívia.

Porém, consideramos que suas memórias não bastam para que possamos entender sua trajetória. Não é fácil descrever o outro e não podemos ter a

pretensão de afirmar, a partir das memórias do entrevistado, “foi isso o que aconteceu!” É preciso dizer como é essa pessoa, compreender com quem aconteceu, pois, “[...] os eventos significam muito pouco, se não soubermos primeiro com quem eles aconteceram. [...]”.(WOOLF, 1986, p. 76).

Nesse sentido, para que possamos tentar compreender a trajetória profissional de Livia de Oliveira, torna-se imprescindível estabelecermos relações entre os depoimentos orais da professora e sua produção acadêmica.

Cabe aqui destacar que tanto os textos acadêmicos produzidos por Livia, como seu relato biográfico, e também esta própria pesquisa, são concebidos como construções produzidas intencionalmente. Tratam-se, portanto, de documentos-monumentos, isto é, construções resultantes de uma montagem – consciente ou inconsciente –, compostos por “materiais da memória” que são os monumentos, ou a “herança do passado”, e que guardam a história de uma época, da sociedade que o produziu. Segundo Jacques LeGoff (1990, p. 535-548), “O monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos inscritos”. Para este autor o documento é

[...] antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. [...] qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo, talvez sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupa, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.

Assim, os documentos-monumentos que temos em mãos devem ser considerados de modo que possamos compreender as condições em que foram produzidos, tentando desmistificar-lhes o seu significado aparente.

Nesse sentido, em especial, é muito importante refletirmos sobre os significados do relato de Lívia de Oliveira, já que o cerne desta pesquisa são as memórias desta professora.

A leitura do livro *Momentos de Vida*, de Virgínia Woolf (1986), nos alerta para as diferentes maneiras que temos para lembrar de nosso passado. Somos nós, os donos de nossas lembranças, que escolhemos o que contar, como contar e para quem contar. Ao leitor de memórias cabe a interpretação, a leitura das memórias que escolhemos narrar.

Lembramos do passado por várias razões, na maior parte das vezes porque somos motivados por algo ou por alguém. De qualquer forma, podemos dizer que é o motivo quem vai determinar as lembranças que desejamos contar, registrar.

Assim, a seletividade da memória contribui para que os relatos de vida sejam, na realidade, fragmentos, trechos de uma história. Portanto, julgar que um relato biográfico possa revelar verdades sobre uma vida é um engano. Virgínia Woolf (1986) esclarece que todos nós somos complicados, e mesmo que tentemos encontrar explicações para nossa própria vida, certamente só conseguiremos descobrir algumas razões possíveis; podem haver outras, e por isso é tão difícil supor que possamos ter o domínio da verdade sobre nós mesmos, ou sobre os outros. Além disso, quando motivados a lembrar do passado recordamos apenas de momentos; não conseguimos lembrar de um dia inteiro, exatamente como foi. Muitos detalhes sobre nosso passado ficam esquecidos, e talvez estes sejam tão importantes quanto os que lembramos.

Podemos considerar que os esquecimentos também estão relacionados aos motivos que nos levam a rememorar nosso passado. As lembranças narradas e os esquecimentos sobre o passado também são escolhas – conscientes ou inconscientes - que o narrador faz durante uma entrevista ou a escrita de suas próprias memórias.

Como já dito anteriormente, o relato biográfico é composto por fragmentos, trechos de uma vida. Portanto, não podemos conceber o relato biográfico como uma história capaz de contemplar a vida de um indivíduo. Tratar a vida de uma

pessoa como uma história “[...] talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar”.(BOURDIEU, 1986, p.185 )

Mesmo que uma pessoa queira revelar todas as suas verdades, encontrará obstáculos porque sua identidade, constituída socialmente, o inscreve num tempo e espaço determinados. Aquele que resolve contar sobre seu passado certamente irá se esforçar na apresentação oficial de si mesmo. Da mesma forma, a construção do discurso tende a ser influenciada pelas leis da biografia oficial, isto é, tende a ser uma montagem na qual o relato de vida se apresenta como oficial. (BOURDIEU, 1986)

Segundo Bourdieu (1986, p.189), a biografia oficial se impõe

[...] através de pressupostos inconscientes da interrogação (como a preocupação com a cronologia e tudo o que é inerente à representação da vida como história) e também através da situação de investigação, que, segundo a distância objetiva entre o interrogador e o interrogado e segundo a capacidade do primeiro para ‘manipular’ essa relação, poderá variar desde essa forma doce de interrogatório oficial, que é, geralmente sem que o saiba o sociólogo, a investigação sociológica até a confidência – através, enfim, da representação mais ou menos consciente que o investigado fará da situação de investigação, em função de sua experiência direta ou mediata de situações equivalentes [...], e que orientará todo o seu esforço de apresentação de si, ou melhor, de produção de si.

Nesse sentido, adotamos o relato biográfico da professora Lívia como uma construção que deve ser interpretada por nós pesquisadores. Além disso, é importante ressaltar que seu relato não foi construído livremente; nós pesquisadores também influenciemos sua constituição, pois as perguntas que nortearam as lembranças da professora foram elaboradas de acordo com os objetivos do estudo que aqui propomos realizar.

Portanto, as idéias expostas nesta pesquisa dizem respeito a um posto de vista particular, formado a partir da inter-relação estabelecida entre o relato de experiências da professora e sua produção acadêmica publicada, como a Tese de Doutorado, de Livre Docência, artigos sobre o Ensino de Geografia e as aulas dadas durante os estágios realizados por seus alunos da disciplina “Didática



Especial da Geografia” nos anos de 1962,1963,1966,1969,1973,1974,1976,1978 e 1979.

À medida que relacionamos o relato da professora à sua produção acadêmica temos a possibilidade de perceber as contradições da memória. Podemos caminhar pelas lembranças que Livia nos conta, encontrar incoerências que na verdade enriquecem a reflexão. Um texto escrito tende a ser mais coerente do que as lembranças narradas. Quando escrevemos temos a oportunidade de apagar e controlar o que pensamos. Mas quando rememoramos as lembranças surgem, muitas vezes, de forma espontânea, deixando-nos mais suscetíveis à perda do controle daquilo que falamos. O rememorar é diverso; tem a faculdade de nos levar a reflexões muito profundas sobre nós mesmos, o que muitas vezes não é expresso em documentos como uma tese de Doutorado ou um artigo sobre Ensino e Geografia. (BENJAMIN, 1987; WOOLF, 1986)

É justamente neste momento que as contradições da memória podem aparecer. Às vezes, as idéias publicadas em um documento não correspondem às mesmas divulgadas durante uma entrevista, e vice-versa. Porém, é possível que relatos biográficos forneçam informações que confirmam uma reflexão feita pelo indivíduo durante a escrita de um texto acadêmico.

No que diz respeito ao relato da professora Livia podemos observar algumas dessas contradições, especialmente nos momentos em que o assunto tratado relaciona-se, de alguma forma, à Escola Nova.

*Professora Livia – [...] Quando dei aula para o primário era substituta lá em Mairinque. A minha relação com as crianças era de brincadeira; eu tinha 17 anos (...). O diretor achava que eu não podia ser daquele jeito, mas as crianças me adoravam porque eu ensinava brincando com eles, cantando, fazendo as coisas. Eu levava eles para o pátio e o Diretor ficava furioso (...).Naquela época, em mil novecentos e..., (agora já perdi um pouquinho!), foi 1944, 45, quando eu terminei o Normal, se falava qualquer coisa de Escola Nova, mas muito pouca; mas eu intuía que teria que ter um outro relacionamento com as crianças. Eu substituí por pouco tempo; na minha escola já não era mais minha mãe porque ela já tinha se aposentado, mas na escola já estava havendo mudanças!*

Nesta passagem, retirada da primeira entrevista, Livia assinala que já havia tomado conhecimento sobre a Escola Nova na época em que terminou o Curso Normal, embora afirme que seu relacionamento diferenciado com as crianças tenha surgido de modo intuitivo.

Na terceira entrevista elaboramos questões mais diretas sobre a Escola Nova:

*- A senhora vivenciou a transição da escola para a Escola Nova; como a senhora vê a influência do Dewey e do Anísio Teixeira na educação e também no seu trabalho no magistério?*

**Professora Livia** - *Nessa época eu não trabalhava com educação, eu era enfermeira nessa época. Eu vim ler Dewey, eu vim ler Anísio Teixeira quando entrei aqui em 62. Então eu entrei em contato com a Escola Nova, vamos dizer, ela já tinha acontecido aqui.*

*- Porque veja bem, até as publicações, aquele livro que divulga um pouco as idéias da escola ativa é de 60, final de 60, início de 70...*

**Professora Livia** - *Então, quando eu entrei na Geografia foi em 53<sup>47</sup>. Então eu não estava interessada em educação, eu tava interessada aí em Geografia, eu tava saindo da Enfermagem, passando por Geografia. E na Geografia ninguém tava preocupado com Escola Nova, nem com nada, pelo menos lá na USP ninguém falava; talvez na pedagogia falasse, mas cada curso apesar de o prédio era o mesmo cada um estudava o seu. Quando eu comecei a dar aula, aí que eu comecei a fazer indagações, como o que acontece, como que os meus alunos aprendem, como que eu posso afirmar que eles aprenderam, como que eu devo chegar até eles, a Geografia. Mas quando eu cheguei aqui em 62 pra dar Prática de Ensino é que eu comecei a ler Dewey, e todos eles, li que o Killpatrick, todos, todos, todos a partir daqui.*

---

47 Nas duas entrevistas anteriores a professora Livia diz que entrou na Geografia da USP em 1952. Assim sendo, utilizamos essa data como base em nossas análises.

Desta vez, Livia aponta que não se preocupava com questões relativas à educação enquanto cursava Enfermagem e que somente quando chegou à cidade de Rio Claro para lecionar na FFCL é que teve acesso às concepções escolanovistas.

A partir da leitura de sua Tese de Doutorado vimos que na bibliografia constam obras de Anísio Teixeira, confirmando seu contato com a teoria da Escola Nova quando veio lecionar em Rio Claro.

Porém, Livia ministrava aulas no município de Pedro de Toledo-SP enquanto cursava Geografia na Filosofia da USP. Possivelmente as concepções da Escola Nova estiveram presentes no Curso de Licenciatura da USP freqüentado pela professora.

Assim, podemos perceber que o rememorar de Livia, especialmente no que se refere à Escola Nova, apresenta algumas informações contraditórias.

As discussões trazidas pela Escola Nova tiveram como base as idéias de John Dewey. O conceito de experiência norteia todo o seu pensamento e também dos escolanovistas. Para ambos a aprendizagem consiste em experimentar e provar; aquilo que se experimenta pode ser provado, praticado.(ZACHARIAS, 2006)

Nesse sentido, se somente analisássemos as publicações da professora Livia não perceberíamos que a compreensão sobre prática e experiência para ela são idéias que permeiam sua infância, seu convívio familiar; não são concepções nascidas de discussões teóricas tecidas em salas de aula ou devido à leituras que se aproximam das idéias veiculadas pela Escola Nova. Entendemos que os conceitos pertinentes à Escola Nova fundamentam idéias que Livia já possuía, especialmente no que tange à questão conceitual de prática e experiência.

Portanto, buscamos compreender, através do relato biográfico da professora Livia, como se dá sua contribuição para a construção da disciplina Geografia para a escola fundamental. Para tanto, é necessário entender o momento histórico no qual ela atua, bem como conhecer e refletir sobre as perspectivas teórico-metodológicas que influenciam o Ensino ministrado pela professora Livia.

Procuramos entender os detalhes que as entrevistas nos trouxeram, como, por exemplo, refletir sobre a escola que ela freqüentou, porque decidiu fazer

Geografia após ter se formado como enfermeira, e por que se interessou pelas idéias que nortearam seus trabalhos, como os referentes à influência de Jean Piaget em suas pesquisas na Universidade.

O trabalho com entrevistas essencialmente biográficas nos proporciona muitas reflexões. Contudo, essas reflexões variam de acordo com o objetivo e olhar do pesquisador. No presente trabalho, tentamos construir uma narrativa possível que contemplasse a professora Lívia de Oliveira principalmente no âmbito profissional.

### **Questões sobre memória**

Os relatos das experiências com o Ensino de Geografia permitem-nos trazer à tona as memórias da professora Lívia e evidenciar sua vivência pessoal.

O registro dessas experiências possibilita destacar o indivíduo, suas particularidades e suas ações como sujeito, dando-lhe a oportunidade de ter consciência de si mesmo e dos outros com os quais convive. Procuramos olhar para os relatos da professora tendo em mente que ela é uma agente produtora de saberes históricos e educacionais (GALZERANI, 2004).

O conceito de rememoração, desenvolvido por Walter Benjamin (1987) é aqui utilizado para a compreensão do relato da professora no que se refere às reflexões que ela faz ao lembrar de seu passado.

A rememoração permite que dimensões sociais perdidas, ou no mínimo ameaçadas pelo avanço capitalista, sejam recuperadas, assim como as dimensões psíquicas e sociais da pessoa que rememora. A rememoração dá a oportunidade do indivíduo se perceber como uma pessoa sensível, portadora de esquecimentos, de atos voluntários e conscientes, e também de atos involuntários e inconscientes. Ela (a rememoração) evidencia a singularidade de cada pessoa, permitindo que o indivíduo reconheça que suas relações articulam-se com as de outras pessoas. Através da rememoração podemos entender que a reconstituição de nosso passado somente adquire sentido quando articulado a uma memória coletiva. (BENJAMIN, 1987; GAGNEBIN, 1994; GALZERANI, 2004)

Assim, enquanto convidada a relatar suas experiências, Livia elabora discussões profundas de suas práticas culturais - que são sociais ao mesmo tempo - e individuais. A partir de questionamentos do momento presente ela traz o passado vivido como opção para agir no presente e no futuro. Quando expõe suas opiniões sobre o processo de aprendizagem ou mesmo sobre o Ensino de Geografia, por exemplo, ela está agindo sobre o presente a partir de idéias e concepções de seu passado vivido.

*Professora Livia – [...] como eu ia com minha mãe na escola desde pequena, eu aprendi a ler e escrever sozinha. [...] Aí um dia – eu ainda tinha seis anos e não era registrada na escola! – eu estava sentada com o jornal O Estado de São Paulo que minha família assinava desde o início de sua formatação, e minha mãe me perguntou o que eu estava fazendo. Eu respondi que estava lendo, e ela me pediu para ler um trecho do jornal. Minha mãe ficou espantada, mas eu expliquei que como ela me levava todos os dias pra escola eu havia aprendido a ler e a escrever! Agora, depois que estudei o Piaget é que eu vi claramente que não fui nada extraordinária, porque para o Piaget o aprender a escrever é espontâneo. Qualquer criança, não importa a época, pode ser um pouco mais tarde, um pouco mais precoce, mas nós aprendemos a ler e escrever espontaneamente.*

Nesta passagem podemos notar que Livia analisa seu passado à medida que é convidada a se lembrar de sua infância. Ela utiliza suas experiências de professora e pesquisadora para explicar o início de sua alfabetização. O convite à rememoração permite que ela explique e compreenda o seu passado, fazendo com que este não seja esquecido. Além de encontrar no momento presente as ferramentas para tal compreensão, ela acaba agindo sobre o presente por ter a possibilidade de pensar sua trajetória de maneira diferente.

Sua rememoração também recupera determinados momentos da Educação Brasileira que poderiam ser esquecidos se não fossem registrados; momentos particulares que mostram como era o Ensino ministrado nas décadas de 1930 e 1940 e que vão, como discutiremos mais adiante, influenciar sua prática como professora de Geografia.

Determinados fatos contados por ela nos fornecem indícios que nos permitem refletir sobre o currículo escolar vigente na época em que freqüentava a escola. Como exemplo podemos citar o relato abaixo:

*Professora Livia – [...] Tanto as professoras do terceiro e do quarto ano davam uma disciplina que se chamava “Trabalhos Manuais”, e todos nós tínhamos que bordar, tricotear; os meninos usavam serrinha, faziam sacolas com macramé. [...] Outro aspecto que eu também guardo, é que a escola perdeu o canto! Nos reuníamos todas, dava o sinal da entrada, todas as séries formavam uma fila por tamanho, primeiro as meninas e depois os meninos; cada série cantava um pouquinho, uma estrofezinha: “- Minha jangada de vela...”. Cantava a do sabiá... Cada um cantava e depois entrávamos para a sala. Também havia aula de canto com as professoras nos sábados, e isso eu acho que a escola perdeu! Trabalhos manuais e a parte da música; acho que a escola perdeu um pouco a vivência que dava para as crianças!*

Aqui Livia narra com prazer algumas das atividades realizadas na escola. Atividades concernentes ao ideal de currículo a ser ensinado.

Segundo Romanelli (1982), as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas pelas propostas do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. O documento, elaborado por Fernando de Azevedo e assinado por diversos educadores brasileiros que lideravam o movimento de ‘renovação educacional’, trata, pela primeira vez, a educação como um problema social; defende que todos, sem distinção de classes e situação econômica, tem direito à educação, sendo um dever do Estado garantir a gratuidade do ensino. O ‘Manifesto’ representou um avanço para a época, especialmente por utilizar idéias da sociologia e da psicologia na elaboração de suas propostas.

[...] Ao proclamar a educação como um problema social, o Manifesto não só estava traçando diretrizes novas para o estudo da educação no Brasil, mas também estava representando uma tomada de consciência, por parte dos educadores, até então praticamente inexistente. Essa tomada de consciência vinha-se processando graças à influência que, desde a segunda década do século, certos educadores vinham recebendo das

correntes americanas e européias ligadas ao chamado movimento das Escolas Novas. Prova disso é a incontestável presença, no Manifesto, na parte referente aos fundamentos da Educação Nova, do pensamento de Dewey acerca do papel do interesse no processo educativo. (ROMANELLI,1982,p.150)

No Brasil foi Anísio Teixeira quem mais contribuiu para a divulgação das idéias da 'Escola Nova'. Já na década de 1930 Anísio traz algumas obras de John Dewey, divulgando, conseqüentemente, a concepção deste autor sobre experiência. A filosofia de Dewey é conhecida como instrumentalismo ou experimentalismo, e Anísio nela se apóia para defender a necessidade da formação de uma base científica fundamentada na observação e na experimentação, a ser estendida para os mundos social, moral, religioso e político. (LIMA, 1978)

No caso específico da disciplina Geografia, cabia ao professor aproveitar as atividades manuais espontâneas dos alunos para a confecção de modelos que os familiarizariam com a representação dos acidentes geográficos (ROCHA, 1996)

Desse modo, notamos que no trecho acima retirado da entrevista é também evidenciada a questão da vivência, intimamente relacionada à idéia de experiência. Essas concepções foram centrais e, portanto, discutidas intensamente pela Escola Nova.

Observamos que para a professora Lívia a experiência e a prática são muito importantes no processo de ensino-aprendizagem, assim como necessárias à pesquisa. Seu conceito de pesquisa relaciona-se a questão da prática, de se experimentar na prática aquilo que foi aprendido na teoria.

Prova disso é a importância dada aos Trabalhos de Campo realizados com seus alunos enquanto professora do Ensino Fundamental, Médio e Universitário.

Como nossa intenção era de que a professora pudesse, em algum momento, nos fornecer dados sobre a Escola Nova, e quando sob perguntas mais diretas as respostas não surgiam de forma satisfatória, resolvemos questioná-la sobre os Trabalhos de Campo e os Estudos do Meio, já que estas eram atividades bem situadas dentro do movimento da Escola Nova.

Ao longo das três entrevistas pedimos para que Livia falasse sobre os Trabalhos de Campo. Ora seu relato trata dos Trabalhos de Campo aplicados no Ensino Básico, ora tratam desta prática no Ensino Superior. Vejamos alguns exemplos:

***Professora Livia** - Acho que na graduação deveria ter a prática das excursões; eu acho que teria que ser na Prática de Ensino da Geografia, na Didática da Geografia ( não sei que nome ela tem agora), deveria sair com o professor, com o licenciando para ele aprender como se deve fazer a excursão. Eu percebi isso quando dava aula de Prática de Ensino de Geografia. Eu falava com eles isso, eu sempre citei essa parte de que eles teriam que sair com os alunos, mas que não era pra repetir aquela excursão como tinham feito; que deveriam ser mais curtas, uma parte do dia, não duraria o dia inteiro, ou ia no sábado ou no domingo.*

***Professora Livia** – [...] O professor Aziz sempre me dizia que com os meus alunos, lá em Pedro de Toledo, eu deveria fazer pesquisa. Então com eles nós saíamos para o campo; mas não era pesquisa, na verdade, eu classificaria de levantamentos, nós fazíamos levantamentos dos lugares, das áreas onde a gente estava.*

*- Os trabalhos de campo, estudo do meio, são atividades bem, vamos dizer assim, situadas dentro do movimento da Escola Nova, que é ir ao campo, observar, fazer registro. E isso na outra entrevista você falou que fazia muito já antes...*

***Professora Livia** - Mas eu fazia por mim. Eu considerava, porque eu nunca ouvi falar, nunca tinha ouvido falar o nome do Estudo do Meio, porque eu só ouvi estudo do meio quando cheguei aqui que conheci o Colégio Vocacional, mas antes disso não. Eu fiz isto intuitivamente, e com quem eu falava muito era com o Aziz<sup>48</sup>, ele que me dizia: “Você tá lá*

---

48 Aziz Nacib Ab´Saber, é um dos mais conceituados geógrafos do país. Nasceu em 24 de outubro de 1924 em São Luís do Paraitinga (SP). Ingressou no curso de História e Geografia da USP aos 17 anos. Lá fez toda a sua formação acadêmica, até o Doutorado.



*numa região como é lá no litoral sul, que eu tava em Pedro de Toledo, esse é riquíssimo lugar pra você levar os alunos seus pra entrar, pra você conhecer”.*

*- Que é um método da pesquisa geográfica, na verdade, esse trabalho de campo...*

**Professora Livia** – *É, é, é. Então, eu no fim de semana saía com os alunos; nós entrávamos por trilha, e mostrando, eles vendo a rocha, que tipo de rocha que era, a parte de vegetação; o tempo todo eles marcavam as horas que choviam, isso na escola mesmo, em casa, o dia que chovia. Então nós fazíamos gráficos. Então isso tudo o que eu fazia era intuitivamente. Por exemplo, tinha um rio lá perto, eu dava aula de rio lá dentro do rio pra eles aprenderem. Então não esquece o que é margem, o que é talvegue, todas essas coisas. (...) Então, eu fazia isso daí; eu trabalhei seis anos lá em Pedro de Toledo, mas era intuitivamente, porque eu considero que se o professor, mesmo que ele não tenha grandes leituras, ele colocado diante dos alunos e se ele tiver bom senso pra ensinar ele consegue descobrir as coisas com os alunos.*

Durante o século XX os estudos educacionais, em sua grande maioria, estiveram direcionados à aprendizagem pela experiência. E para Livia isso não foi diferente. Para ela, ter bom senso em ensinar significa dar a oportunidade ao aluno de aprender praticando, pois assim o conhecimento poderá ser registrado na memória.

Livia nos aponta seu ideal de ensino, mas não de forma explícita. Suas concepções ficam subentendidas no relato, exigindo de nós pesquisadores uma interpretação mais acurada acerca do tipo de abordagem pedagógica utilizada pela professora.

Segundo nosso entendimento seu ponto de vista sobre o ensino vincula-se às idéias divulgadas pela Escola Nova, presentes nas Universidades também na década de 1960. A pedagogia da Escola Nova deixou profundas marcas na Educação Brasileira, dentre elas destacamos o incentivo do ensino prático, no qual o aluno deveria ser o construtor de seu próprio conhecimento e não apenas

um receptor de idéias emitidas pelo professor (LIMA,1978; ROCHA, 1996; ROMANELLI,1982).

Acreditamos que as concepções da Escola Nova encontraram um campo fecundo na Geografia da USP, dada a forte influência francesa que permeava esta Universidade, desde sua criação.

A Geografia Francesa, diferentemente da Geografia Clássica, busca oferecer explicações para os fenômenos observados. Não bastava mais a mera descrição do que se observava; era necessário estudar os fenômenos.

O curso de Geografia da USP foi um dos primeiros criados no Brasil e teve como principal objetivo a formação de professores que atuariam no ensino desta disciplina (ROCHA, 1996).

Segundo Ab'Sáber (1994), professores como Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig faziam parte da missão francesa responsável pela fundação da Universidade de São Paulo. Pierre Monbeig veio para substituir o professor Deffontaines e iniciou um trabalho que visava introduzir os alunos em tarefas de iniciação, feitas diretamente no campo. Monbeig alertava que:

[...] toda a teorização precoce acabava por ser repetitiva e infértil. Era necessário iniciar-se por trabalhos analíticos sobre temas reais, percebidos no teatro geográfico das atividades humanas, quer no mundo rural quer no urbano. Antes de se iniciar nos trabalhos de campo e na percepção das relações entre os homens e a terra, e os homens e a sociedade, era impossível teorizar.[...] (AB'SÁBER, 1994, p. ? )

Assim, podemos notar que o Curso de Geografia que formou a professora Lívia teve, desde o início, uma forte influência francesa, cuja concepção relaciona-se a então chamada Geografia Moderna. Esta concepção de Geografia Moderna foi sendo estabelecida sob embasamentos positivistas. O caráter empírico, limitado aos fenômenos, e baseado na observação, marcou os trabalhos dos geógrafos adeptos desta concepção filosófica e metodológica (ROCHA, 1996)

Ainda segundo Rocha (1996, p.105), podemos notar a influência positivista na Geografia pela idéia, tida como máxima entre os mesmos geógrafos, de que

[...] só existia um único método comum a todas as ciências. Para eles(as), por não existir diferença qualitativa entre os domínios das ciências da

natureza e os das ciências da sociedade, um único método poderia ser adotado, qual seja: o método das ciências naturais, já que estas se encontravam mais desenvolvidas e poderiam servir de modelo pelo qual as demais deveriam se orientar.[...]

Ainda, a Geografia Moderna, devido aos princípios positivistas que a alicerçavam, pretendeu ser uma 'ciência de síntese'. Assim, a geografia passa a ter caráter de Ciência graças ao abandono da simples descrição, "[...] substituída que foi pela tentativa de estabelecer a relação entre causa e efeito através da explicação. [...]" (ROCHA, 1996, p.107).

A criação do curso de Geografia na USP, em 1934, ocorre numa época em que se buscava a consolidação de uma orientação moderna de geografia, nas escolas e nas universidades. A própria geografia escolar passa a ser valorizada pelo Estado, haja vista a criação da reforma Francisco Campos que, pela primeira vez, dava estrutura orgânica ao ensino secundário no Brasil e uma orientação mais efetiva para o ensino da geografia.

Além disso, esta reforma apresenta grande influência do movimento escolanovista; teve como proposta uma educação capaz de concentrar seus interesses sobre o processo de aquisição de conhecimento e não somente na quantidade de saberes transmitidos pelos professores (ROCHA, 1996). Fazem parte desse processo de aquisição do conhecimento a observação e a demonstração das experiências.

Os primeiros geógrafos da Universidade de São Paulo são formados nesse contexto. Anteriormente ao surgimento da USP, por exemplo, os professores de geografia que ministravam aulas no ensino regular eram autodidatas ou pessoas formadas em outros cursos como Direito e Engenharia.

Assim, os professores do curso de Geografia com os quais Livia de Oliveira teve contato vivenciaram esse contexto no qual surgem as primeiras preocupações com o ensino de uma geografia moderna, notadamente influenciada por concepções da Escola Nova e da Geografia acadêmica francesa.

Como já citado anteriormente, um desses professores era Aziz Ab'Sáber; ele incentivava Livia a desenvolver com seus alunos trabalhos de campo, ou de Estudo do Meio. Assim como os demais professores de Livia de Oliveira, Aziz Ab'Sáber compartilhava das idéias que eram divulgadas no início do curso de

Geografia da USP, e talvez ele tenha sido o professor que mais incentivou em Livia a prática do Trabalho de Campo. Em artigo publicado em 1994 o professor Ab'Sáber deixa evidente o quanto a Geografia Francesa, praticada por seu professor Pierre Monbeig, o influenciou em sua prática como geógrafo:

Outro campo em que Pierre Monbeig conseguiu influenciar profundamente seus alunos foi o do terreno geografia urbana. [...] recebemos os ensinamentos de Monbeig sobre as abordagens geográficas para estudar uma cidade e podíamos incorporar a elas os princípios e fundamentos criados pelos sociólogos da Escola de Chicago [...]. A fusão sobre esses dois feixes de metodologias foi um trabalho à parte, feito por nós mesmos, com grande enriquecimento para a compreensão da organização interna dos organismos urbanos (AB'SÁBER, 1994, p. ?).

Cabe acrescentar que nesse mesmo momento as excursões ganham importância como um dos principais recursos didáticos. Recomendava-se que o ensino deveria ser realizado essencialmente em contato direto com a natureza, porque este procedimento “[...] proporcionaria uma maior apuração da capacidade de observação, bem como tornar-se-ia mais sólido o conhecimento devido ao contato com a realidade objetiva” (ROCHA, 1996, p. 265).

No mesmo período em que a Geografia Francesa está em evidência na USP na década de 1930, o Governo Federal por meio de Reformas Educacionais, como a Reforma Francisco Campos, divulga um ideal de ensino que prevê a organização do ensino secundário e aponta a relevância da Universidade para a continuação dos estudos que devem ser voltados à prática e a observação dos fenômenos. Destacamos ainda que a Reforma Francisco Campos contou com grande apoio de Anísio Teixeira<sup>49</sup>, que em 1931 era nomeado Diretor de Educação da Capital Federal, na época o Rio de Janeiro.

---

49 “[...] Anísio assumiu a 15 de outubro de 1931 a Diretoria da Educação no Rio de Janeiro. Seu nome não despertava ainda ressonância nacional, mas já se tornara bastante conhecido na esfera dos educadores. (...) Dentro em pouco, estava participando dos trabalhos de reorganização do ensino secundário, na reforma Francisco Campos. Era natural que solicitassem o concurso de sua experiência. [...] Na reforma Campos decidiu-se o reconhecimento oficial de ginásios particulares desde que preenchessem requisitos exigidos pela lei. Em cada Estado havia um ginásio oficial que concentrava os exames finais do curso secundário. Tratava-se de etapa da descentralização, mas Anísio não tivera participação direta na elaboração da lei. Confiaram-lhe a direção do serviço de inspeção dos estabelecimentos em condições de se habilitarem a bancas examinadoras. Pelo

Portanto, podemos dizer que não foi a prática como professora de Geografia que fez com que Lívia percebesse a relevância do ensino prático. Na realidade, as questões sobre prática e experiência parecem estar muito presentes ao longo de sua vida. Desde a infância Lívia é incentivada por seus pais a observar a paisagem em viagens que faziam. Quando ingressou na USP para cursar Geografia todo o conhecimento adquirido acaba fundamentando suas vivências referentes às questões sobre prática e experiência, adquiridas enquanto criança.

Portanto, embora em seu relato Lívia afirme que seu conhecimento sobre a importância dos Trabalhos de Campo tenha surgido de modo intuitivo, acreditamos que essa concepção está estritamente vinculada às suas experiências vividas desde a infância, e afirmadas durante o Curso de Geografia. Assim, a importância que Lívia atribui às questões sobre o ensino prático, concretizado pelos Trabalhos de Campo, por exemplo, é desenvolvida ao longo de sua vida através do incentivo de seus pais, e mais adiante pelo contato com uma Geografia e um ideal de Educação que também dava relevância a um ensino prático, no qual a observação dos fenômenos era o primeiro passo a ser dado. Dessa forma, notamos que, para ela, não basta o professor relatar o que tem feito em sala de aula ou aconselhar outros professores. É preciso que o ensino seja prático. E isso é o que Lívia entende por experiência. Não aquela experiência discutida por Benjamim (1987), que é a fonte a que recorrem todos os narradores. Para ela, relatar experiências não importa, mas sim experimentar aquilo que se tem de conhecimento teórico.

Como demonstram os trechos acima, a professora Lívia afirma que seu conhecimento sobre a prática era intuitivo. Entretanto, como já citado, a Geografia da USP possuía forte influência francesa, a qual priorizava os Trabalhos de Campo, a prática da teoria. Além disso, também durante a Graduação cursada na USP Lívia estabelece contato com professores que concordavam com as concepções divulgadas pela Escola Nova, especialmente com o professor Aziz Ab´Sáber:

---

decreto nº 18.890 de 18 de abril de 1931 cabia-lhe a Superintendência do Serviço Geral de Inspeção do Ensino Secundário e, ainda, proceder a pesquisar sobre escolas secundárias.”(LIMA, 1978, p.103)

Foi o professor Aziz, como ela mesma comenta, um dos elementos incentivadores a levar os alunos para o campo a fim de 'aprender praticando'.

Vale destacar que o professor Aziz Ab'Sáber<sup>50</sup> estabeleceu estreito vínculo com o professor Florestan Fernandes, um sociólogo, defensor da escola pública. A questão do ensino público era uma das metas, senão a principal, defendida pelos seguidores da Escola Nova. E foi na pedagogia da Escola Nova que o ensino prático adquiriu destaque.

Mas, por que ocorrem essas contradições? Porque Lívia afirma que seu conhecimento era intuitivo, mas depois se contradiz ao mencionar que foi seu professor quem a incentivou a utilizar os 'Trabalhos de Campo' como uma prática no ensino da Geografia? Seriam apenas 'coisas' da memória?

Lívia utiliza idéias que são compartilhadas por uma coletividade para explicar sua trajetória e suas escolhas. Dessa forma, aquele que rememora, pode, tomar como suas, idéias discutidas no âmbito coletivo do qual participa. (GALZERANI, 2004)

Isso explica porque Lívia diz que o ensino prático (os trabalhos de campo, por exemplo) adotado por ela surgiu de modo intuitivo. Ela não assume que foram os seus professores os responsáveis pela veiculação da idéia do ensino prático porque essa consciência vai aparecer durante a rememoração.

Para aquele que narra sua própria história tudo parece fazer sentido, mas para quem está de fora o relato pode parecer confuso, contrastante. Por isso, é importante que o pesquisador envolvido num trabalho com memória esteja ciente

---

50 Em entrevista concedida à Cecília Prada (2006), o professor Aziz fala sobre seu contato com Florestan Fernandes. Abaixo, um trecho da entrevista.

"Como era a cidade de São Paulo quando o senhor chegou aqui?

(...) Andava-se muito a pé, também. Quantas vezes Florestan Fernandes e eu fizemos passeios pelo centro, para depois pegarmos o bonde que nos levava para a zona leste, ele para uma pensão no Belém, eu para uma modesta casinha onde morava minha família, no Tatuapé... No centro havia um emaranhado de ruas, praças e pracinhas, becos e pátios coloniais e uma multidão em trânsito permanente, uma gentarada que eu achava parecida com a que acompanhava procissões, na minha terra."

"Quais os colegas e amigos de sua geração que mais o influenciaram?

(...) Foram essenciais para mim os contatos que mantive também com Plínio Ayrosa, Eurípides Simões de Paula, Odilon Nogueira de Matos, Eduardo de Oliveira França, Emilio Willems e, sobretudo, Florestan Fernandes. Acho que Florestan foi o mais rebelde, esclarecido e coerente cientista e intelectual paulista de sua geração. Éramos companheiros de bancos escolares e de sintonia cultural, eu como aluno de história e geografia, ele de ciências sociais. Mas Florestan, então com 22 anos, estava a léguas de distância intelectual em relação a nós todos."

de que o lembrar é diverso, e essa diversidade lhe fornece detalhes capazes de enriquecer a pesquisa.

### **Entrelaçamento de tempos e espaços**

A lembrança nos permite compreender a íntima relação existente entre o tempo - passado e presente – e os espaços. A viagem no tempo feita por Lívia pode lhe proporcionar a percepção do entrelaçamento existente entre passado vivido, momento presente, e espaços diferentes.

Durante a lembrança o indivíduo tem a chance de (re) construir seu passado por conseguir rever aquilo que foi vivido, pelo presente. “Lembrar é partir de indagações presentes, para trazer o passado vivido como opção de busca atenciosa, em relação aos rumos a serem construídos no presente e no futuro. Não se trata apenas de não esquecer o passado, mas de agir sobre o presente”.(GALZERANI, 2004, p.295)

Assim sendo, observamos que a professora Lívia revê seu passado pelo presente quando, por exemplo, destaca o Exame Oral em História e Geografia, sua preferência por mapas ou quando procura demonstrar que desde criança gostava de Geografia e História.

*Professora Lívia – (...) Depois tinha a prova oral de Português, de Geografia, de História. (...) o de Geografia e ele me perguntou se eu já tinha olhado para o céu. Eu respondi que sim, e ele me pediu para dar o nome de uma estrela. Todo mundo citaria o Sol, mas eu falei Bételgeuse! Ele ficou espantado, e me perguntou por que eu não falei do Sol. Aí eu disse que o Sol é uma estrela de quinta grandeza, e a Bételgeuse é uma estrela de primeira grandeza! E ele me mandou embora porque eu sabia Geografia.(...) Eu via ali o mapa da Europa, via onde estava localizado o país, onde estava localizada Nova Iorque, onde estava localizado Fortaleza... Eu sempre sonhei em viajar, e o mapa sempre foi uma atração para mim! (...) Eu sempre tive atração pela cor, por isso acho que os mapas – que eram muito coloridos – pra mim, me diziam muito.*

*Dessa época eu gostava de Geografia, de História e de Português; (...) Eu gostava muito do professor de Geografia, e depois fiquei encantada com a de Latim. (...) O livro de Geografia me encantava, o de História então... História Medieval eu achava a coisa mais linda que podia existir.*

Em seu relato também parece evidente o entrelaçamento entre os tempos e os espaços, elaborado pela própria professora ao analisar questões relativas à Universidade de hoje e do passado.

*Professora Livia – [...] Agora o que nós sentimos e sentimos até hoje - é que nós nos sentíamos muito bem – ainda que somos unespianos - porque somos muito fragmentados. Não tem um elo que ligue as faculdades. Isso falta na nossa Universidade de Unesp (...) Agora, por exemplo, na USP não, o que está acontecendo na Geografia, está ali acontecendo na Geografia, mas o nosso não. Então eu acho que por isso é que ainda falta este sentimento universitário (...) Porque na época antes de juntar como universidade da Unesp, nós pretendíamos grupos de universidade viu. (...) O grupo mais antigo não concordava com isto, de toda essa extensão geográfica do estado de São Paulo, de fazer do sul, do norte, do centro. E acabou, era politicamente pra sair, só podia sair desse jeito e saiu.*

Ao comentar a interiorização das faculdades ocorrida no Estado de São Paulo na década de 1960, fica evidente sua percepção sobre a íntima relação entre o passado e o presente, e os espaços vividos. O sentimento de fragmentação vivido por ela enquanto professora da FFCL de Rio Claro, continua presente nos dias atuais. Assim, suas experiências vividas no passado continuam a fazer parte de seu presente, e foram passíveis de serem registradas graças a sua rememoração. Rememoração que lhe permite refletir e tecer comparações entre o seu local de trabalho, isto é, a FFCL de Rio Claro ontem, e hoje como UNESP, e a USP, Universidade na qual cursou Geografia.

Nesse sentido, observamos que se olharmos os acontecimentos vividos por Livia por si mesmos, muito pouco teremos como contribuição para a compreensão de aspectos da história da disciplina Geografia. Porém, a lembrança reavivada pela rememoração apresenta-se como um contato para tudo



o que acontece. Isso ocorre porque o “[...] acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIM, 1987, p.37).

### **Sobre a memória individual e coletiva**

Aquele que pensa é sempre único; sua individualidade é evidente, assim como sua maneira de conhecer as coisas. Sua imaginação, sua interpretação, seus julgamentos de valores são, portanto, completamente pessoais. Contudo, o indivíduo só existe em coletividades das quais é parte essencial. É na sociedade e no grupo do qual participa que o indivíduo adquire sua forma de pensar, de conceber a ciência. “Todo indivíduo encerra uma parte que é particularmente sua e uma parte que lhe foi insuflada pelo seu meio; partes que sempre se interpenetram, mas que ora estão em harmonia, ora em oposição” (QUEIROZ, 1992, p. 13).

Nesses termos, podemos dizer que as visões individuais sobre determinados assuntos podem estar intimamente ligadas às visões de outros sujeitos, e são incorporadas pelo indivíduo durante a elaboração do relato.

E foi exatamente o que notamos no depoimento da professora. Observamos que suas lembranças também podem fazer parte da memória de outros grupos.

Maurice Halbwachs (2004), autor de *A Memória Coletiva*, enfatiza as relações entre memória individual e coletiva. Embora suas discussões tenham como essência o caráter coletivo da memória, diminuindo muitas vezes a dimensão do sujeito, acreditamos que ainda assim este autor pode contribuir para a compreensão das relações entre memória coletiva e individual. Halbwachs nos alerta: as memórias não são somente individuais, mas estão relacionadas a um coletivo do qual o indivíduo participa.

Destacamos que é através da rememoração que o indivíduo percebe as relações entre a memória individual e coletiva. O indivíduo que rememora passa a se perceber como um ser único, que estabelece relações ora harmoniosas, ora conflituosas com outras pessoas. Através da rememoração o indivíduo percebe

que suas lembranças estão sempre associadas à memória de um grupo.(Benjamim, 1987).

Alguns acontecimentos citados por Livia evidenciam essa relação:

*Professora Livia – [...] Doutor João Dias da Silveira que começou, que fundou aqui a Faculdade de Filosofia, instalou um Departamento de Geografia. E o Doutor João queria um Departamento de Geografia diferente do da USP, ele queria mais para a frente, ele queria pesquisa, ele achava que tinha que ter pesquisa. Por isso que ele foi buscar o Carlos Augusto, foi buscar a Elza. Aí trouxe o de Cartografia, começou já com a Aerofotogrametria, porque ele tinha estado na Europa e já viu que era utilizado. (...). E aí também já existia ônibus pra nós fazermos excursões, pra fazer trabalho de campo. A USP não tinha isso viu! Pra pegar um ônibus pra gente sair quando era estudante, era uma dificuldade. Então essa nova visão era daqui de Rio Claro.*

Abaixo transcrevemos um trecho da terceira entrevista em que Livia comenta a resistência de professores da USP em aceitar a política de interiorização das Universidades no Estado de São Paulo. Nas entrevistas anteriores muito pouco havia sido comentado sobre as divergências entre USP e a FFCL de Rio Claro (UNESP). Contudo, ao mencionar que tivemos acesso, no livro Mosaico Iconográfico, à outras memórias, de pessoas que vivenciaram este período e que também identificavam a crítica dos catedráticos da USP à instalação da FFCL em Rio Claro, a professora Livia prontamente expõe a sua opinião sobre o assunto:

*- Porque essa questão de interior, de província, tem um livro - Mosaico Iconográfico, organizado pela Lucia Gerardi -, e lá, tem um depoimento que fala justamente disso, de uma pessoa que - eu não vou me recordar o nome agora, eu tive lendo o livro, mas não me recordo qual depoimento- e fala justamente disso, dessa crítica de uma Universidade, Faculdade que vai para o interior...*

*Professora Livia - É, porque também os catedráticos em geral não aceitavam viu, que tivesse outro Curso de Geografia, de que tivesse outro nível de..., universitário no interior. Quer dizer, a parte universitária pertencia à metrópole, à capital. Depois a própria USP abriu o curso, me lembro quando abriu o curso de Medicina de Ribeirão Preto, o Zeferino Vaz só faltaram comê-lo, porque onde já se viu uma Faculdade de Medicina no interior! Aí ele respondia: - Não é no interior, é em Ribeirão Preto, cidade rica! Então era essa a resposta que ele dava viu. Então depois começou com aqui de São Carlos, que também é USP. Então agora, agora já não tem mais isso!*

Podemos notar que as observações feitas pela professora Livia com relação à utilização de ônibus pela FFCL de Rio Claro, ou mesmo sobre as divergências de opinião sobre a interiorização das Faculdades na década de 1960, são vistas também por outras pessoas que vivenciaram esses episódios. Portanto, esses acontecimentos fazem parte de uma memória coletiva; e mais ainda, muitas das opiniões sobre esses fatos, discutidas no âmbito coletivo, passam a ser reproduzidas pelo indivíduo durante a rememoração.

Não é somente a professora Livia que destaca a proposta política de desenvolver um Instituto de alto nível na FFCL de Rio Claro, tampouco é a única a apontar as divergências entre USP e a FFCL.

Alguns depoimentos presentes no livro Mosaico Iconográfico do Instituto de Biociências – Unesp – Rio Claro – SP (2002) confirmam que as opiniões da professora Livia sobre esses temas estão relacionadas à memória de um grupo que também vivenciou a instalação da Faculdade de Filosofia de Rio Claro. No depoimento do Dr. José Felício Castellano encontramos o seguinte comentário:

[...] A história da FAFI foi precedida pelo processo de interiorização do ensino superior, idealizado e executado pelo Governador Jânio Quadros e consolidado no governo Carvalho Pinto. Tal ação levou em consideração a visão futurista do Dr. Jânio da Silva Quadros, que defendia a necessidade de prover o interior do Estado com ensino superior, dado o grande número de jovens que se deslocavam para estudar na capital, quando São Paulo já dava sinais de uma megalópole. Este processo era, entretanto, combatido pelos núcleos formados em torno da USP e pelos jornais, inclusive o

Estadão. [...] A Universidade de São Paulo (USP) não compartilhava da idéia, pois acreditava que a criação de Unidades Universitárias no interior seria um fracasso. Por outro lado, em várias passagens no seu relatório ao Dr. Jânio Quadros, o Dr. João Dias deixou clara a exigência do governador de que deveria ser criada uma instituição de alto nível. Foi com este propósito que o Dr. João Dias procurou trazer pessoas de renome para atuar na FAFI. Tanto que trazia professores contratados e não-contratados (especiais) para dar aulas, criando condições para estabelecer uma escola de excelência [...] (CaStellano apud SILVA, 2002, p. 54-55).

Em outro depoimento, assim expressa-se a professora Edy de Lello Montenegro:

Quando me refiro à época do meu curso de graduação superior, costumo dizer que fui uma privilegiada. Eu e os demais 19 colegas, alunos da primeira turma do curso de História Natural da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro. [...] Aquela época, a USP era única e não tinha concorrentes. [...] A “idéia” de “interiorizar” o ensino superior estava começando. [...] Lembro-me bem, que, o futuro da nossa FFCL, logo no início de seu funcionamento, com poucos cursos (História Natural, Pedagogia, Geografia e Matemática) e algumas dezenas de alunos, era acridamente criticado por um importante e tradicional jornal de São Paulo [...] (Montenegro apud SILVA, 2002, p. 50-51).

Como podemos observar, a idéia de que a Faculdade de Filosofia de Rio Claro possuía um alto nível não pertence somente à memória da professora Livia; da mesma forma, a desarmonia existente entre USP e a FFCL de Rio Claro é abordada por Livia e por uma coletividade.

Nesses termos, vemos que é possível conhecer alguns pontos de vista individuais a partir da memória do grupo do qual este participa. O contato com a memória da professora Livia nos dá a oportunidade de compreendermos como o tempo, o espaço e as correntes de pensamento, passam a influenciar suas convicções e sua atuação como professora e pesquisadora de Geografia.

A memória da professora Livia é composta por lembranças que se relacionam a um conjunto de significados construídos pelos grupos sociais aos quais ela está vinculada.

A memória, individual e coletiva, quando relativamente constituída, pode realizar um trabalho de manutenção, coerência, unidade, continuidade e organização, e tem a capacidade de ser enquadrada de acordo com interesses particulares para defender uma ou outra versão dos fatos (POLLAK, 1992).

Assim, vale destacar que o lembrar é individual, porém nossa memória é composta por um cotidiano coletivo. As lembranças que temos de nosso passado podem, muitas vezes, fazer parte da memória de outras pessoas, o que não significa que a representação do passado seja compartilhada nos mesmos termos por toda uma coletividade (ROUSSO, 2001).

Mas o que é memória? De que memória estamos falando quando convidamos a professora Lívia à lembrar sua trajetória?

Em primeiro lugar, podemos dizer que a memória é um elemento constitutivo de todo ser humano. O significado de memória é variável; para o poeta ela pode estar relacionada à idéia de lembrança, saudade, dor. Pode também estar associada a algo ruim, uma chave capaz de trazer ao presente, verdades que gostaríamos de esquecer.

A memória pode carregar lembranças dolorosas e alegres que nos fazem reviver momentos passados, como num sonho.

Assim, embora existam diversas definições para memória e o que esta representa, na presente pesquisa parece-nos coerente reconhecê-la como um elemento imprescindível na formação da identidade (LE GOFF, 1990).

A memória é constituída por marcas diversas que podem remeter aquele que lembra ao relato de imagens, acontecimentos, situações ou mesmo experiências (MONTENEGRO, 1993).

Ela não se dá num tempo cronológico determinado, mas sim continuamente, nas rupturas. É composta não somente daquilo que é vivido ou experimentado por uma pessoa, mas também do que é analisado por ela no momento em que o passado é lembrado (BENJAMIM, 1987).

Ver-se-á que o indivíduo, durante a lembrança, pode encontrar alguns impedimentos para se lembrar com exatidão de datas e fatos. Isso ocorre devido à dificuldade que ele encontra para caminhar por entre os diversos tempos - passado, presente e futuro.

Além disso, temos que considerar que a memória é seletiva. Nem todos os acontecimentos vividos são lembrados pelo indivíduo. Essa seletividade depende

de como a memória é articulada; preocupações, ou mesmo uma comunicação violenta ocorrida durante uma entrevista podem influir na estruturação da memória individual.

A individualidade fica evidente durante o processo da rememoração, especialmente quando percebemos que o narrador das memórias assume uma imagem determinada, que será diversa à medida que o entrevistador também muda.

Assim, podemos de fato considerar que a individualidade fica evidente durante o processo de rememoração, mesmo quando o indivíduo se apóia na memória de um coletivo para afirmar ou mesmo trazer à tona suas próprias lembranças. Interessante é perceber, portanto, que ao compartilhar seu pensamento o indivíduo tem a possibilidade de fazer com que suas lembranças sobrevivam ao longo do tempo. Talvez seja este o motivo que tenha feito com que a professora Lívia aceitasse nosso convite para nos contar suas memórias sobre sua trajetória profissional.

### **Entrevistas: construções e possibilidades**

Os procedimentos adotados no trato com as entrevistas realizadas foram aparecendo pouco a pouco, à medida que refletíamos sobre as situações das entrevistas e o que elas nos forneciam de informações.

A discussão sobre como olhar e trabalhar com as entrevistas que realizamos pauta-se principalmente nas idéias de Pierre Bourdieu (1999) em seu livro *A Miséria do Mundo*, especialmente no texto *Compreender*.

Para entender o que a professora Lívia narrou foi imprescindível que nos aproximássemos dela, de seus pontos de vista. Todavia, essa aproximação não seria conseguida a partir de uma única entrevista porque, para compreender o que é dito numa conversa é preciso que saibamos ler, nas palavras do entrevistado, a estrutura das relações objetivas, passadas e presentes, entre a sua trajetória e a estrutura do espaço social no qual o entrevistado está situado.

Como Bourdieu (1999, p.706) mesmo escreve “[... ] somente quando se apóia num conhecimento prévio das realidades que a pesquisa pode fazer surgir as realidades que ela deseja registrar.”

Durante todo o processo das entrevistas com a professora Lívia procuramos conhecer e compreender sua produção acadêmica e suas práticas como professora de Geografia e compreender as idéias sobre Educação e Ensino de Geografia que permeiam sua trajetória e que conseqüentemente influenciam a Geografia Escolar ensinada por ela.

Assim, uma única entrevista não seria capaz de fornecer informações para a compreensão do exposto acima; porque as memórias nunca cessam e sempre podem suscitar novos objetos, novos olhares.

Por isso, na caminhada da pesquisa, fez-se importante realizar três entrevistas com a professora Lívia, o que nos forneceu importantes e consistentes subsídios para a compreensão do trabalho que esta professora realizou na Geografia Escolar, num determinado tempo.

Entretanto, a continuidade de uma entrevista depende principalmente do tipo de relação que se estabelece entre o entrevistado e o entrevistador.

Desse modo, nossa intenção era realizar entrevistas cujas situações tivessem, como prioridade, o que Bourdieu (1999, p.695) chama de “comunicação não violenta”. Assim, para tentar estabelecer uma maior familiarização entre a professora Lívia e a entrevistadora, tivemos a presença, nas três entrevistas, do Orientador e Co-orientador desta pesquisa. Acreditávamos que a presença deles pudesse colaborar para o bom andamento das entrevistas, especialmente no que se refere à linguagem utilizada nas perguntas, diminuindo a distância entre a professora e a entrevistadora – no meu caso - uma pesquisadora recém formada com pouco conhecimento prático sobre a profissão, e que não vivenciou a “história da Geografia” como ela, Lívia de Oliveira. Porém, à priori, as duas primeiras entrevistas caracterizaram-se pelo distanciamento entre pesquisadora e entrevistada.<sup>51</sup>

---

51 As duas primeiras entrevistas, ambas gravadas em sistema de áudio e vídeo, foram realizadas no prédio da pós-graduação do IGCE da Unesp de Rio Claro. A primeira, no dia 13 de abril de 2005, e a segunda no dia 9 de maio de 2005.

*“Você não é uma professora, porque o professor fala pra fora, não pra dentro”.*<sup>52</sup>

Contrariamente às orientações de Bourdieu, as duas primeiras entrevistas caracterizaram-se por uma “comunicação violenta”. Para Bourdieu (1999) uma ‘comunicação violenta’ ocorre quando a violência simbólica não pôde ser evitada ou mesmo reduzida durante a entrevista. Há, numa ‘comunicação violenta’, uma dissimetria entre pesquisador e entrevistado. Essa dissimetria é acentuada quando existem diferenças hierárquicas de capital, especialmente de capital cultural. Segundo este autor, o pesquisador deve tentar reduzir ao máximo a violência simbólica de uma comunicação.

Para que seja possível uma relação de pesquisa o mais próxima possível do limite ideal, muitas condições deveriam ser preenchidas: não é suficiente agir, como o faz espontaneamente todo “bom” pesquisador, no que pode ser consciente ou inconscientemente controlado na interação, principalmente o nível da linguagem utilizada e todos os sinais verbais ou não verbais próprios a estimular a colaboração das pessoas interrogadas, que não podem dar uma resposta digna desse nome à pergunta a menos que elas possam delas se apropriar e se tornarem os sujeitos. Deve-se agir também, em certos casos, sobre a própria estrutura da relação (e, por isso, na estrutura do mercado lingüístico e simbólico), portanto na própria escolha das pessoas interrogadas e dos interrogadores” (Bourdieu, 1999, p. 696)

Penso que isto tenha ocorrido porque meu primeiro contato com a professora Lívia se deu no mesmo dia em que ocorreu a primeira entrevista. Eu, professora de Geografia recém formada estava entrevistando uma professora formadora de professores de Geografia, há muito reconhecida por sua atuação nessa área. A diferença na linguagem empregada no decorrer da conversa, bem

---

52 Frase retirada da primeira entrevista que consta na íntegra, no corpo da dissertação. A utilização completa das entrevistas, bem como de termos e partes das mesmas foram autorizadas pela própria depoente, Lívia de Oliveira. O documento assinado por ela consta como anexo desta dissertação. Esclarecemos também que a utilização desta frase como início de um tópico de discussão segue o modelo utilizado por Pierre Bourdieu (1999), no qual a própria fala do depoente é recortada e serve como ponto de partida para a compreensão de cada entrevista realizada. “[...] Na transcrição da própria entrevista, que faz o discurso oral passar por uma transformação decisiva, o título e os subtítulos (sempre tomados das palavras dos entrevistados) e sobretudo o texto que fazemos preceder ao diálogo, estão lá para direcionar o olhar do leitor para os traços pertinentes que a percepção distraída e desarmada deixa escapar.[...]” (BORDIEU, 1999,p.10)



como a distância social e a não familiaridade entre entrevistadora e entrevistada favoreceram uma conversa tensa e de difícil continuidade.

Embora a participação do Orientador e Co-orientador da pesquisa possam ter ajudado a garantir que a entrevistada não se sentisse ameaçada em “ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas” e “suas escolhas vividas como livres, reduzidas aos determinismos objetivos revelados pela análise” (Bourdieu, 1999, p.697), a presença de uma pesquisadora inexperiente, distante socialmente da entrevistada e sem o domínio lingüístico próximo ao dela, contribuíram para um maior distanciamento entre pesquisadora e entrevistada.

Pode-se notar a tensão desta primeira entrevista em diversas passagens nas quais a professora Lívia corrige os termos utilizados nas perguntas:

*- Com relação ao comportamento, como era a disciplina?*

**Professora Lívia** - *Comportamento eu não posso falar, porque eu sou piagetiana, viu! Você não pode usar essa palavra pra mim, você tem que usar a palavra conduta, falou comportamento você está querendo que eu lhe diga... não posso, como você usa essa palavra aqui?*

*- Então, como era a conduta?*

**Professora Lívia** - *Como você fala comportamento pra mim? De jeito nenhum! A conduta de que você quer saber? Dos alunos, dos professores?*

*- Com relação aos alunos.*

**Professora Lívia** - *Dos professores? Não, a conduta era de autoridade; o professor dava a aula em geral em pé, um ou outro que dava sentado, usava lousa, nós tínhamos livros pra seguir, e era tradicional, vamos dizer, mas a gente aprendia, viu! Por exemplo, o de História fazia uns parênteses e caminhava através da História, e nós prestávamos mais atenção com essas viagens que ele fazia por toda a História.*

O mesmo acontece na passagem em que a professora Lívia repreende a entrevistadora quanto ao tom de voz utilizado durante a entrevista:

- *Quando e onde a senhora fez o curso primário?*

*Professora Livia* - *Não escuto o que você fala. Por favor, eu to explicando pra você que eu to surda. Você fala pra baixo, fala pra dentro. Você não é uma professora, porque o professor fala pra fora, não pra dentro.*

Em ambos os casos a entrevistada exerce seu papel social de formadora de professores. O distanciamento entre entrevistadora e entrevistada pode também ser verificado pela ausência de sinais que denotariam aprovação com relação aos conteúdos e às formas da comunicação, tais como, os acenos de cabeça, os olhares, sorrisos e todos os demais sinais corporais ou verbais de atenção, interesse, incentivo, agradecimento.

Depois do exame de qualificação tomamos conhecimento das discussões realizadas por Pierre Bourdieu (1999) e assim a terceira entrevista foi planejada.

*“Me chame de Livia, eu não sou sua professora, agora você é minha colega”.*

A terceira entrevista aconteceu após a leitura e discussão do texto Compreender, de Pierre Bourdieu (1999), e depois de termos levado para a professora Livia as transcrições das duas primeiras entrevistas.<sup>53</sup>

Fui até sua residência pegar os exemplares que continham as modificações gramaticais que ela julgou serem necessárias. Nesse encontro conversamos mais detalhadamente sobre a pesquisa que eu estava fazendo, os motivos que nos levaram a escrever sobre ela. Falamos sobre a paisagem que podíamos avistar da janela de sua casa, das homenagens que ela já havia recebido por seu trabalho como Geógrafa. Foi um encontro agradável que me permitiu entender o que Bourdieu (1999, p. 699) quis dizer ao apontar que a

---

53 A terceira entrevista, gravada em sistema de áudio e vídeo, aconteceu no dia 14 de maio de 2007, no prédio da pós-graduação da Geografia da Unesp de Rio Claro.

entrevista é uma situação social em que os efeitos produzidos podem afetar os resultados obtidos, e que, para tentarmos diminuir a distância existente entre pesquisador e entrevistado é necessário um “exercício espiritual” no qual devemos nos colocar no lugar do entrevistado, tendo consciência de que se estivéssemos no lugar dele pensaríamos como ele.

A partir daquele encontro pude entender que me colocar no lugar da professora Lívia significava compreendê-la tal como ela é, suas particularidades e as condições sociais que a fizeram ser o que é.

Portanto, foi essa aproximação que proporcionou à terceira entrevista um tom mais coloquial e amigável. Durante a conversa não procuramos anular as distâncias sociais entre nós; apenas tentamos compreender o que ela nos contava.<sup>54</sup>

No decorrer desta terceira entrevista não houve em momento algum uma comunicação violenta explícita. Pelo contrário, os sinais verbais e não verbais da professora Lívia eram aprovadores. A conversa teve maior continuidade, dado especialmente a maior familiaridade entre pesquisadora e entrevistada:

*- Voltando um pouco professora, como a senhora vivenciou...*

**Professora Lívia** - *Me chame de Lívia, eu acho que quando vocês falam...  
Eu não sou sua professora, agora você é minha colega.*

*- Tá bom, que ótimo Lívia. Então, voltando um pouco Lívia, como você...,  
posso te chamar de você?*

**Professora Lívia** - *Claro, aluno de primeiro ano aqui me chamava de você  
e eu gostava.*

As diferenças entre as três entrevistas realizadas comprovam que esse tipo de trabalho é uma incessante construção. Construção que requer do pesquisador

---

54 A idéia de se colocar em pensamento no lugar do entrevistado, segundo Bourdieu, não diz respeito a projeção de si em outrem, mas sim a uma compreensão do que ele é, fundada no domínio das condições sociais das quais ele é o produto. “É preciso ser dito que *compreender e explicar são a mesma coisa.*” (BOURDIEU, 1999, p. 700)

uma disposição de perseguir a verdade, atentando para o fato de que as entrevistas oferecem inúmeras interpretações e possibilidades, mas também têm suas limitações.

Pesquisas que tem como objeto de estudo entrevistas biográficas exigem do pesquisador um certo distanciamento das emoções que a narração de uma história vivida pode trazer. É preciso que o pesquisador reconheça e entenda seu lugar social e que compreenda as entrevistas como documentos capazes de fornecer subsídios à compreensão de um determinado problema de pesquisa.

A escrita das entrevistas deve ser rigorosa, especialmente no que tange a especificação do ponto de vista. Embora a pergunta do entrevistador é que desencadeia a narrativa, é imprescindível que o pesquisador avise ao leitor que o relato presente na entrevista diz respeito ao ponto de vista da pessoa interrogada, e não do pesquisador.

Com a intenção de tornar o relato da professora Livia legível, elaboramos um texto único, composto pelas três entrevistas. Nesse texto único as perguntas que fizemos não aparecem, estão contidas na narrativa. No entanto, esse procedimento fez com que desaparecessem as situações de comunicação violenta, as perguntas que incomodaram nossa entrevistada e nossos equívocos na condução das entrevistas, comprometendo a compreensão de seu desenrolar.

De acordo com Bourdieu (1999, p. 713), o rigor diz respeito ao controle permanente do ponto de vista.

O sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista. Ele não pode re-produzir o ponto de vista de seu objeto, e constituir-lo como tal, re-situando-o no espaço social, senão a partir deste ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado) onde deve se colocar para estar pronto a assumir (em pensamento) todos os pontos de vista possíveis. E é somente à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que lhe é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto (que é também, ao mesmo em uma certa medida, um alter ego) e tomar assim seu ponto de vista, isto é, compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele.

Como dito anteriormente, as lembranças relatadas correspondem ao ponto de vista da entrevistada, e a elaboração de um texto único faz com que o pesquisador participe da construção de uma história.

Embora nesta pesquisa a transcrição permita que as situações mais violentas apareçam, a fidelidade que esse procedimento exige encontra obstáculos nos reduzidos recursos da linguagem de uma dissertação que nos impede de transcrever a entonação, o ritmo, a postura corporal que também compõem uma entrevista.

Deste modo, tentando seguir o rigor proposto por Bourdieu (1999) esclarecemos que a intervenção do pesquisador se dá tanto na transcrição quanto na elaboração da narrativa.

Assim, na tentativa de esclarecer ao leitor os pontos de vista que compõem a narrativa, optamos por deixar como apêndice as entrevistas transcritas, com perguntas e respostas, na ordem em que foram feitas. Acreditamos que a disponibilização da narrativa e das entrevistas transcritas permite que o leitor perceba e compreenda a construção desta pesquisa, bem como identifique os cortes realizados, as seleções, enfim, a nossa leitura sobre a trajetória da professora Lívia de Oliveira.

## **CAPÍTULO 3**

### **CONSTRUINDO UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

#### **FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA**

Para que possamos compreender a trajetória da professora de Geografia Lívia de Oliveira, faz-se necessário, primeiramente, entender o significado que o magistério teve para ela.

No decorrer das próximas páginas tentaremos refletir sobre a importância que o magistério, secundário e universitário, assume para a professora Lívia.

Acredito que para ela, a questão de sua escolarização, e também do magistério eram conquistas “naturais”. Conquistas talvez “naturais”, dadas ao lugar social a qual pertencia, principalmente se considerarmos que nas décadas de 1930 e de 1940 apenas uma minoria da população tinha acesso à educação.

Educar-se, freqüentar a escola até os mais altos níveis, inclusive o universitário, parece ter sido muito mais resultado de sua inserção social do que propriamente uma luta por mercado de trabalho ou melhores condições de vida.

O acesso aos mais altos níveis de escolarização são lembrados naturalmente, como se concluir o ensino primário, o secundário e o Curso Normal estivessem dentro dos padrões normais da sociedade.

Não são relatadas dificuldades em freqüentar a escola; pelo contrário, suas lembranças sobre esta época são em grande parte muito alegres. Lívia percebe a escola como um ambiente harmônico, repleto de brincadeiras, sons, cores e possibilidades:

*[...] Nos reuníamos todas, dava o sinal da entrada, todas as séries formavam uma fila por tamanho, primeiro as meninas e depois os meninos; cada série cantava um pouquinho, uma estrofezinha: “- Minha jangada de vela...”. Cantava a do sabiá [...]*

*[...] Eu gostava muito de ir à escola, eu gostava de saber cada coisa nova que os professores davam, gostava de olhar o corredor cheio de cartazes. Eu via ali o mapa da Europa, via onde estava localizado o país, onde estava localizada Nova Iorque, onde estava localizado Fortaleza [...]*

*[...] Eu sempre tive atração pela cor, por isso acho que os mapas – que eram muito coloridos - pra mim, me diziam muito. Eu gostava também da parte de Português porque eu gostava muito de ler; eu escrevia muito com a imaginação, contava e inventava histórias.*

*E as brincadeiras que eu não falei! Abria a escola meia hora antes e a primeira a entrar era eu! Entrava correndo, para organizar os grupos de brincadeiras.[...]*

Nas décadas de 1940 e 1950 o magistério secundário oficial foi concebido como oportunidade de ampliação do mercado de trabalho, para homens e mulheres, e aspirado por segmentos da classe média, desde o início da criação e instalação de uma rede de unidades de ensino, especialmente no Estado de São Paulo, fenômeno intensificado após a Segunda Guerra Mundial. (ROMANELLI, 1982; TRIGO, 1997)

A heterogeneidade da classe média interfere no significado que o magistério secundário vai assumindo ao longo do tempo. Suas diferentes acepções variam conforme o sexo e também com relação ao universo no qual situa a família do interessado em ser professor.

De acordo com Nadai (1991, p.49), o significado do magistério secundário se diferencia para as mulheres de origem burguesa e de origem da classe média. Para a mulher das camadas médias o magistério secundário “[...] apresenta-se como conquista, com forte significado de auto-afirmação, (...), carregado de positividade, como algo bom e de valor. [...]”

Além disso, a Escola Normal é tida para Nadai (1991, p. 50) como o grande centro fornecedor de candidatos ao magistério secundário, principalmente quando

[...] este se apresentou como novo campo de trabalho e a elevação da formação dos profissionais a ele dedicados, em nível universitário, foi considerada condição de modernização da sociedade brasileira. Tanto que foi entre seus egressos que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo foi buscar sua clientela preferencial, quando esgotou a demanda pelos seus cursos superiores ‘altamente desinteressados’ e a instituição necessitou reorientar seu projeto. [...]

Outro ponto que merece destaque é a questão do Concurso para o exercício do magistério. Já na década de 1940 um candidato ao magistério do ensino secundário precisava prestar Concurso público, sendo esta uma condição básica para que o candidato fosse realmente reconhecido como “o professor”.

A criação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, cujos objetivos principais residiam em incentivar a pesquisa no país e, concomitantemente, formar professores para atuar no ensino secundário, contribuiu para a difusão da idéia de que o bom professor estava na escola pública. Isto porque desde o início, o discurso dominante divulgava a Faculdade de Filosofia da USP como um centro de pesquisa de alta qualidade, renovador e moderno. A FFCL da USP acabou ganhando importância entre os candidatos à professor por fornecer condições de serem aprovados no Concurso público para o secundário.

A escolarização apresenta-se para a família de Lívia, principalmente para sua mãe, como algo muito importante. Seus pais, ao permitirem que todos os filhos estudem em plena década de 1930 e 40, demonstram uma preocupação característica das elites da época. A mãe de Lívia, professora primária formada pela Caetano de Campos em 1910, representa uma minoria da população que no início do século XX tem o privilegio de freqüentar a escola.



*Minha mãe era professora primária, só que tenho que fazer um destaque, pois naquela época, uma professora primária formada pela escola da Caetano de Campos, era como uma faculdade. Minha mãe estudou em São Paulo, e se formou em 1910. Era como uma faculdade porque os livros em que estudou, por exemplo, álgebra, que depois eu dei para o meu sobrinho, era uma álgebra de faculdade. Ela aprendeu francês na escola e falava correntemente; não era uma normalista como as de hoje! Na verdade era como uma escola superior!*

No início do século XX o recrutamento de professores para o Ensino Primário era feito nas Escolas Normais. Para o ensino secundário eram escolhidos especialistas, profissionais liberais como advogados e engenheiros. Somente com a criação das Faculdades de Filosofia na década de 30 é que este recrutamento passou a ser feito nas instituições de nível superior.

Portanto, freqüentar a Escola Normal no começo do século XX era prerrogativa de poucos, de uma elite cujo discurso dominante a colocava como a única capaz de conduzir e contribuir culturalmente para o país.

A instalação da FFCL da USP colaborou para a imagem de prestígio da Escola Normal, sobretudo na década de 1930. Isto porque muitos professores da área pedagógica da FFCL foram angariados dentre os docentes das Escolas Normais, principalmente da Caetano de Campos. (NADAI,1991)

Nesses termos, refletir sobre a trajetória da professora Livia significa compreender que a questão do magistério, e também da escolarização, estão atreladas à sua experiência como algo certo, já esperado. Ela narra de forma bem espontânea sua ida à São Paulo para cursar o Ginásio, e depois o Normal. Não faz qualquer menção a possíveis dificuldades ou resistências em continuar os estudos.

*[...] Eu com onze anos fui para São Paulo fazer o primeiro ano. (...) Eu entrei no Ginásio em 1939; era uma escola particular. Eu morava na casa de um parente. Meu pai, uma pessoa muito aberta, era contra colégio interno. [...] Eu comecei o ginásio no Ginásio Ipiranga e lá fiz a primeira e a segunda séries; [...] Nessa época eu tinha um conhecido lá de Mairinque que estava estudando no Ginásio do Estado de Sorocaba; ele*

*me falou que não pagava no Estado e que a escola era melhor do que a particular. Aí eu falei pra mamãe, e mudei. Mairinque era muito mais perto de Sorocaba do que de São Paulo. Então eu me formei no Ginásio Estadual de Sorocaba e depois fiz a Escola Normal lá também!*

Suas lembranças sobre o Ginásio são alegres, repletas de satisfação e orgulho ao ser aprovada no Exame-Admissão:

*Nessa época tinha o que nós chamávamos de Exame-Admissão; era um medo tão grande quanto tem agora do vestibular, porque a gente estava com 10 anos ainda, nem tinha onze, e tinha que fazer um Exame de Admissão! A minha irmã Laís que já estudava em São Paulo, estava fazendo a Escola Normal. Ela estudava no Ginásio Ipiranga que era um ginásio particular, muito conceituado. Então eu terminei o quarto ano e fui para São Paulo fazer o cursinho para o Exame de Admissão. [...] Mas o diretor quando viu as minhas notas disse para a Laís que eu deveria frequentar as aulas do cursinho somente uns dias, e então fazer o Admissão já de cara!*

*Assisti umas dez aulas e senti que tudo o que o professor falava eu sabia. O professor falava de História, eu sabia; de Geografia, eu sabia; de Português, eu sabia. Então falei para a Laís que faria o Exame e ela me inscreveu no Exame de Admissão. Quando eu passei era eliminatório, Português e Matemática era escrito. Quando fui lá para saber o resultado ficou minha alegria porque eu tinha passado de primeira, e daquela classe de quarenta já restavam só vinte. [...] Aí voltamos para Mairinque antes do Natal; mamãe ficou surpresa quando eu disse que não precisaria voltar para São Paulo nas férias porque já havia passado no Exame! Eu já fiquei de férias, toda pimpolha com os meus colegas, porque de toda a minha classe, a única que ia continuar os estudos era eu; na época, fazer ginásio fora não dava pra ninguém fazer, então de toda classe foi só eu que continuei!*

A seletividade imposta pela política educacional fica evidente neste trecho. A década de 1930 embora tenha contado com a ampla divulgação das idéias da

Escola Nova, ainda contava com uma escola cujos exames eram muito rigorosos. Na prática, esta seleção acentuou ainda mais a dificuldade do acesso à educação para a maioria da população; novamente a elite, especialmente, a elite urbano-industrial é privilegiada e consegue, através do acesso à escola, garantir suas vantagens.

Ao terminar o Curso Normal Livia de Oliveira entra na USP para cursar Enfermagem, contrariando a idéia de que o magistério para ela era dado como provável. Entretanto, acredito que, para Livia, cursar o Normal não significava necessariamente desejo de se tornar professora. Frequentar o Normal e se formar professora, para ela, era mais uma conseqüência, uma fase de sua escolarização que deveria ser cumprida, segundo as vontades de sua família, especialmente de sua mãe. Ou ainda, representava uma garantia de trabalho, e também uma oportunidade de se tornar independente financeira e economicamente, aspirações pelas quais as mulheres começavam a lutar mais intensamente.

Como discutiremos adiante, as ambigüidades vividas pelas mulheres nas décadas de 1930, 40 e 50 estão diretamente relacionadas aos seus projetos de vida, ou seja, entre o desejo de cada mulher e o que a estas era desejável.

Assim, como compreender a *professora de Geografia Livia de Oliveira*? Como entender o interesse de uma pessoa por duas áreas distintas do conhecimento, e até que ponto essa aparente contradição vai influenciar, mais tarde, a Geografia que pesquisa e ministra?

Longe de querer dar sentido ou encontrar razões para as escolhas de Livia – tarefa que, aliás, não nos compete – esses questionamentos foram articulados à medida que construíamos nossa reflexão sobre sua trajetória como professora de Geografia.

Abordando as lembranças de Livia exatamente como sugere Bourdieu (1994), é que buscamos, nesses questionamentos “pistas” que nos levem a compreensão da professora Livia, tal como ela é, seus pontos de vista e, portanto, de suas escolhas.

Tento, neste estudo, esclarecer que sua trajetória como professora de Geografia não poderia ter sido trilhada de outra maneira, senão como foi. Da mesma forma, suas escolhas de pesquisa e sua contribuição para o Ensino da Geografia não poderiam se dar de outra forma.

Quando questiono sua escolha pela Enfermagem e depois pela Geografia não procuro censurar, tampouco apontar erros ou acertos nos caminhos trilhados. Apenas tento compreender as aparentes contradições que um relato deixa transparecer. Aparentes porque à medida que tentamos estabelecer conexões e entendimentos sobre esta ou aquela contradição, percebemos que estas, na verdade, dão sentido e significado ao relato e à própria trajetória do indivíduo que rememora.

Ao tentar desmistificar o sentido aparente de um documento-monumento (LeGoff,1990), vamos exercitando a sua compreensão e, por conseqüência, das incoerências que os compõem. Incoerências não para o indivíduo que rememora, mas para o leitor de memórias.

Assim, ao escolher cursar Enfermagem, Livia pode ter começado a traçar, de forma consciente ou inconsciente, o seu projeto de vida baseado essencialmente na profissionalização. É necessário também esclarecer que às mulheres eram permitidas, desde o final do século XIX, as *ocupações* de Enfermeira e Professora, seguindo o pensamento vigente de que a função de *cuidar* era essencialmente feminina. (NADAI, 1991; TRIGO, 1997)

Essa tentativa de Livia em trilhar seu projeto profissional encontrou algumas resistências, especialmente de sua mãe:

*[...] entre eu ter formado na Escola Normal e ter entrado na USP para fazer Geografia e História na antiga Filosofia, Ciências e Letras, eu fiz Enfermagem! Eu com 17 anos entrei na Enfermagem da USP; era apaixonada, como tudo que faço! [...] Briguei feio na Faculdade de Higiene e eu saí; [...] Quando eu terminei o curso, quis fazer uma outra faculdade. Pensei em fazer Letras porque eu tinha estado nos Estados Unidos, falava inglês e sempre gostei muito de Português. Pensei em fazer Filosofia que também me atraía. Mas aí a mamãe disse que, como eu havia feito Enfermagem sem a aprovação de ninguém, agora eu deveria mudar minha vida e escolher uma nova profissão. Ela disse que eu não deveria fazer nem Letras, nem Filosofia, mas sim Geografia. Minha mãe gostava demais de Geografia, desde a época da Escola Normal!*

Acredito que tal influência esteja relacionada à imagem de prestígio e relevância que o Ensino e o Magistério Secundário assumiam na época; assim, não só a mãe de Livia atribuía grande importância a este nível da escolarização, mas a própria legislação vigente o concebia, juntamente com o nível universitário, como prioridade das políticas educacionais.

Além disso, fazia parte do discurso dominante da época e, conseqüentemente, das concepções da elite, que as escolas públicas eram as *boas escolas com bons professores*.

Assim, a crítica que Livia recebe de sua mãe pode estar relacionada à visão dominante na época, entre as elites e classe média, do ensino secundário como uma conquista.

O magistério secundário era, para sua mãe, uma conquista tangível às mulheres, daí o incentivo que dava às suas filhas para cursarem o Normal. O Normal abria as portas para o magistério secundário. (A irmã de Livia já estava em São Paulo cursando o Normal numa escola particular).

Como dissemos anteriormente, ao Curso Normal era dada muita importância e representou durante longo tempo uma oportunidade de profissionalização para as mulheres, numa época marcada pelo domínio masculino nas relações de trabalho.

Lecionar no ensino secundário significou a conquista de prestígio e de altos salários.

De acordo com Nadai (1991, p. 59, grifo do autor),

[...] a partir de meados dos anos cinqüenta, com a intensificação dos concursos e a constituição em cada ginásio, colégio ou escola normal de um núcleo de professores efetivos, por menos que fosse, estável e permanente, independente do recrutamento original, as escolas públicas forma se impondo ao reconhecimento social e passaram a competir, nos anos sessenta, com as privadas, superando-as, em vantagem, por pequeno período. Dataram também daí a mística a respeito do “bom professor” e da “boa escola oficial”.

Portanto, a conquista do magistério secundário poderia ser alcançada mediante aprovação em concurso público, dando status ao professor aprovado, que acabava sendo considerado como o *professor*. Além disso, garantia ao docente estabilidade e permanência no mesmo estabelecimento de ensino. (NADAI, 1991)

Referindo-se a sua mãe, Livia comenta a importância da carreira no magistério, no caso, o ensino primário:

*[...] Naquela época também não tinha essa pressão para o professor passar os alunos, porque ela não iria sair de Mairinque nunca, ela precisava fazer carreira, fazer pontos. Então ela deixava a criança lá, o pai vinha e reclamava que fazia um, dois anos que o menino estava na escola e não aprendia a ler e escrever. Mas ela alfabetizava mesmo, só que ela não tinha pressa!*

Assim, para que Livia pudesse seguir carreira no magistério secundário e gozar de todas as vantagens do cargo, era necessário ser aprovada no concurso público. E na época, a FFCL da USP era o local por excelência incumbido de capacitar os alunos egressos de colégios, nível médio e Normal para o magistério secundário.

Diante disso, nada mais *natural* que sua mãe a incentivasse a frequentar a FFCL e não um curso como Enfermagem, que não tinha, na época, caráter universitário.

*“Então eu ia fazer Filosofia para ter o título superior”*

A busca pela escolarização até os mais altos níveis e, na mesma medida, o desejo de liberdade e independência, parecem ser constantes na trajetória de Livia. Não importava de que maneira isto seria conseguido. Seu projeto profissional de vida começava a ser delineado...

*Pensei em fazer Letras porque eu tinha estado nos Estados Unidos, falava inglês e sempre gostei muito de Português. Pensei em fazer Filosofia que também me atraía. [...] Aí eu fui lá na Faculdade de Filosofia - naquela época era na Maria Antonia - vi o programa e decidi fazer o curso de História e Geografia por causa da História.*

O não reconhecimento do curso de Enfermagem como um curso de nível universitário, na verdade, não só impedia que Livia seguisse a carreira acadêmica, como também impossibilitava seu ingresso no magistério secundário.

Porém, o curso de Especialização em Saúde Pública, realizado nos EUA após a conclusão do Curso de Enfermagem, trazia como possibilidade a concretização de seu projeto de profissionalização.

Neste momento, alguns esclarecimentos são importantes. Segundo Faria (2006), no início da década de 1940, mais especificamente em 1942, é firmado um acordo entre os Governos Brasileiro e dos EUA para a criação de uma Escola de Enfermagem na Universidade de São Paulo. Esse acordo previa não só a criação da Escola como também fornecia Bolsas de Estudos destinadas à especialização das enfermeiras brasileiras. Anterior à criação da Escola de Enfermagem da USP, o recrutamento de enfermeiras no Brasil era realizado dentre as professoras primárias, formadas pela Escola Normal; estas freqüentavam um curso com duração de um ano e meio e levavam às escolas noções de higiene e puericultura. Com a criação da Escola de Enfermagem da USP estas enfermeiras têm a oportunidade de se profissionalizar, já que o curso, com duração de três anos, permitia o exercício da enfermagem nos Hospitais e possibilitava Bolsas de Estudos no exterior. O apoio ao serviço de enfermagem partiu da agência norte-americana IIAA (Instituto de Assuntos Interamericanos) e contou também com o apoio da Fundação Rockefeller que subsidiava bolsas de estudos nos EUA e no Canadá. Segundo Faria (2006, p.200),

[...] Nesse período [até meados da década de 1950], várias bolsas de estudos foram oferecidas pela Fundação Rockefeller e pelo SESP – Serviço Especial de Saúde Pública, para que as enfermeiras pudessem realizar estudos em enfermagem de saúde pública nos Estados Unidos. As Universidades de Boston, Minnesota, Toronto e Columbia foram as que mais receberam enfermeiras brasileiras nesta época. Essas universidades ofereciam excelentes cursos nas áreas de enfermagem de saúde pública, pediatria, ortopedia, psiquiatria, entre outros.

Faria (2006, p. 198-199), ainda esclarece que a criação da Escola de Enfermagem da USP gerou conflitos entre as Educadoras Sanitárias, de 1925, – moças recrutadas nas Escolas Normais com a função de divulgar noções de higiene – e as Enfermeiras de Saúde Pública – profissionais graduadas, a partir de 1942. Logo surgiram questões conflitantes sobre a hierarquia profissional e

competência técnica. “Com o passar dos anos, a liderança profissional das enfermeiras diplomadas tornou-se incontestável.”

Livia foi uma das enfermeiras a conseguir uma Bolsa de Estudos para cursar uma especialização em nos EUA.

*Para Minnesota eu fui fazer um estudo, aí foi Bolsa porque era Enfermagem. Aí sim, eu fiquei lá um ano e meio, mas era um estudo. Estava fazendo um curso de especialização, aí foi com Bolsa.*

Embora não expresse, tudo leva a crer que essa Bolsa de Estudos foi concedida no modelo exposto por Faria (2006). Livia então fazia parte das enfermeiras graduadas, com alto grau de especialização.

O ambiente nada amistoso entre as enfermeiras e as educadoras sanitárias pode ter motivado a desistência de Livia pela Enfermagem.

*Briguei feio na Faculdade de Higiene e eu saí; já estava fazendo Geografia quando fui trabalhar no Hospital de Ortopedia. Só depois é que eu fiz o Concurso para o magistério.*

Como se vê, algum conflito existiu e ‘obrigou’ Livia a mudar o rumo de sua trajetória profissional. A opção de somente fazer o Concurso para o magistério depois de cursar Enfermagem, e já participando do curso de Geografia, reforçam nossa idéia de que ser professora, para Livia de Oliveira, não era sua prioridade, mas sim conseguir a sua inserção no mundo do trabalho; não num universo qualquer de trabalho, mas sim naqueles que exigiam alto grau intelectual. Para Livia havia uma intrínseca e importante relação entre trabalho e conhecimento.

Dessa forma, as circunstâncias de vida, o ambiente favorável ao magistério e a necessidade de agir segundo os desejos da família, podem ter contribuído decisivamente para a atuação de Livia como professora de Geografia. Soma-se a tudo isso sua viagem aos EUA na década de 50, certamente uma experiência significativa.

Acredito que, o magistério para a família de Livia, especialmente para sua mãe, estava atrelado a uma concepção elitista, predominante no início do século XX na qual o universo masculino era privilegiado. As decisões tomadas por Livia



vão de encontro a essa mentalidade que insistia em relegar à mulher o papel de *cuidadora*.

Às mulheres das décadas de 1930, 40 e 50, cabiam as obrigações fundamentais do universo doméstico, tais como casar, ter filhos e cuidar da família. Destaque: Livia de Oliveira não se casou, e também não teve filhos; sua vida foi dedicada à carreira acadêmica. Em conversa informal, após o término da terceira entrevista, ela nos disse que era muito brava para se casar.

Às mulheres só eram admitidas as ocupações

[...] que confirmassem a posição socialmente aceita para a mulher: enfermeira ou professora são atividades que não contrariavam a figura de mulher esposa/mãe, uma vez que, podiam ser definidas como atividades que tinham por objeto o ajudar e servir ao outro. (TRIGO, 1997, p. 150)

Assim, ser professora adequava-se à mulher, porque a ela cabia a função de educar. Entretanto, se por um lado essa visão permitia a soberania masculina, por outro acabou, aos poucos, ajudando-a a abrir caminhos para sua vida profissional.

À medida que os estabelecimentos de ensino multiplicavam-se, mais estas mulheres eram solicitadas. E ainda assim, essa situação era aceitável porque permitia à mulher conciliar suas obrigações domésticas à sua ocupação.

Nesses termos, as Faculdades de Filosofia se tornam locais adequados às mulheres e, ao longo do tempo, acabam permitindo que estas se especializem e se profissionalizem.

Penso que também seja plausível a idéia de que Livia tenha desistido da Enfermagem, e mais tarde, da História, por tentar se impor no meio acadêmico, fato que deu origem a conflitos, ou nos dizeres dela, brigas.

Para as mulheres, assumir um projeto de vida ligado à profissionalização implicava abdicar de um caminho incutido como legítimo. Ainda, significava lutar por prestígio e para ter voz nas decisões, condições básicas para se conseguir uma carreira bem sucedida. (TRIGO, 1997)

Portanto, ao aceitar as conveniências e resolver cursar Geografia na FFCL da USP, assim como sua mãe desejava, pode ter significado para Livia mais uma oportunidade de estabelecer para sua vida um projeto profissional. Por este motivo, não seria conveniente tentar se impor, mas sim “obedecer às regras”,

para talvez conseguir um lugar ao sol, isto é, prosseguir na conquista da carreira acadêmica e, conseqüentemente, de sua liberdade e independência.

*O meu encanto era a História, mas como sou sempre muito briguenta, briguei com o Rosendo e o Astrogildo que eram os de História da América e aí eu acabei ficando na Geografia. O Araújo [professor da Geografia] sempre brincava comigo, dizia que nunca iriam brigar comigo, e que na Geografia tratariam muito bem de mim. Ele sempre brincava, e depois, minhas brigas dentro da Geografia não foram assim tão profundas para eu mudar de novo. Porque eu digo, se eu tivesse que mudar, teria mudado de novo, porque eu só faço as coisas que eu gosto, apaixonadamente! Pra fazer obrigada eu nunca faria nada!*

Nestes termos, Maria Helena Trigo (1997, p. 148) em obra aqui já citada, esclarece que as mulheres que freqüentavam os cursos da FFCL da USP, nas décadas iniciais de seu funcionamento,

[...] socializadas para atuarem em um universo em que as disposições definidoras do feminino eram a submissão, a obediência e a repressão dos impulsos agressivos, não estavam instrumentadas para enfrentar o mundo profissional, [...], da produção intelectual.

No que tange ao nosso estudo, é válido estender essa afirmação à década de 1950, época em que Livia passa a freqüentar o curso de Geografia da USP. Ao refletir sobre o seu rememorar pudemos identificar que Livia assume uma postura nada convencional para a maioria das mulheres da época, o que acabou gerando embates nos locais onde ela tentou se afirmar profissionalmente. Além disso, sua personalidade forte, aliada às facilidades econômicas, características de sua classe social, favoreceram-na a ousar. Ousar por tentar fazer parte de um universo, cujas convenções o determinavam como prioritariamente masculino, isto é, o universo acadêmico; e em outra medida, por aceitar os desafios (prazerosos, é verdade) impostos aos que buscam o desenvolvimento intelectual dentro da Universidade, como viagens, dedicação quase exclusiva à leituras e, conseqüentemente, abdicação da dedicação familiar.

Para as mulheres desta época, dedicar-se aos interesses particulares e profissionais, em detrimento da família, significava conviver com a contradição e também, muitas vezes, com uma cobrança silenciosa que insistia em culpá-las. (TRIGO, 1997)

E foi justamente esse ambiente contraditório que acabou afastando muitas mulheres da tão desejada carreira acadêmica.

### **Escolhas: a Geografia e a concretização do projeto profissional**

Como dissemos anteriormente, as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras no início de seu funcionamento, e também no decorrer da década de 1950, se caracterizaram como um ambiente favorável às mulheres, principalmente àquelas que desejavam ser professoras. No campo das pesquisas acadêmicas os homens ainda predominavam.

Entretanto, o regime parcial de dedicação ao trabalho docente auxiliou muito as mulheres, por lhes permitir assumir as responsabilidades familiares.

Segundo Trigo (1997, p. 146-147),

[...] parece que o prestígio de um ou outro aluno, ou professor iniciante estava muito ligado a competência, isto é, o capital próprio do campo, ou seja, o bom desempenho acadêmico trazia aos postulantes dos cargos a visibilidade necessária. A incipiente estruturação da Faculdade de Filosofia, [no caso, a USP], fazia com que a oferta de postos na carreira fosse ampla e as escolhas muito pessoais, dependendo quase exclusivamente do catedrático.

Livia ressalta diversas vezes seu bom desempenho escolar, principalmente ao ser aprovada no vestibular da Filosofia. Certamente, (e mais uma vez), sua posição social a ajudou ascender culturalmente, não só pela oportunidade de atingir os mais altos níveis de escolarização, mas também pelas experiências adquiridas através das viagens ao exterior.

*[...] Aí no vestibular - eu preciso contar para vocês!- eu entrei em primeiro lugar, aliás, a nota mais alta do vestibular do ano, de toda a Filosofia foi a minha nota. Eu tive sorte porque foi o doutor Eurípides Simões - de História - e caiu o Renascimento da Itália! E eu, em 1950, tinha estado na Europa a passeio e tinha visto o Renascimento! Então, eu escrevi 6, 7 páginas de almaço! Eu sabia tudo, comparava tudo porque tinha tomado nota na viagem!*

As relações sociais estabelecidas por Livia vão exercer determinada influência em suas escolhas e interesses, no âmbito da Geografia. Seu relacionamento próximo ao professor João Dias da Silveira, bem como a conformidade de idéias entre ambos, são fatores que viabilizam o início de sua prática docente numa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em 1962 Livia vai lecionar na FFCL de Rio Claro – um instituto isolado – à convite do professor João Dias, catedrático da USP em Geografia Física.

Além disso, o ambiente da FFCL da USP, como bem esclareceu Maria Helena Trigo (1997), era caracterizado por diversas contradições e divisões, principalmente na diferenciação das atribuições destinados aos homens e às mulheres. A luta feminina por realização pessoal, e também por cargos e funções predominantemente masculinas, marcou as primeiras décadas de funcionamento da FFCL da USP.

Livia interrompeu o curso de Geografia algumas vezes; nestes períodos ela lecionou no Ensino Primário e Secundário. Assim, acredito que estas interrupções estejam relacionadas não só às dificuldades do ambiente universitário, mas principalmente a questões econômicas no que se refere à conquista de sua independência financeira.

*Eu tinha duas colegas que entraram comigo no vestibular; [...] elas acharam que como nós tínhamos diploma de Escola Normal podíamos fazer direto o concurso de ingresso no magistério, antes de terminar a Licenciatura. Aí [...] nós pediríamos um comissionamento, porque podia ser feito; mas na nossa época não podia mais fazer isso. Então, eu perdi um ano na graduação; eu entrei em 1952; fiz 53 e 54 e saí em 1955; aí eu fiz 57 e 58, porque eu fui dar aula lá em Pedro de Toledo; eu tinha que dar*

*aula de História todos os dias, então eu comecei a estudar à noite na USP; a minha foi a primeira turma da noite que apareceu. Eu morava em São Paulo, trabalhava no hospital e ia na escola. [...] Fiquei morando em Santos, levamos a mamãe para Santos, morando com meu irmão. Eu ia dar aula em Pedro de Toledo, voltava 4 horas naquele trezinho de Santos-Juquiá. Dava 4 horas de aula e voltava 4 horas. Nos outros dias, eu ia dois dias por semana para Pedro de Toledo, e os outros dias eu vinha para São Paulo assistir as aulas.*

O Concurso para o magistério secundário, como já apontado, dava aos professores garantias de estabilidade e salários. O comissionamento fez parte de uma política da FFCL da USP no início de seu funcionamento, como forma de preencher vagas ociosas. O incentivo financeiro priorizava os alunos egressos do Curso Normal e acabou atraindo muitos estudantes. Contudo, dada à intensa procura, esse incentivo foi diminuindo cada vez mais, e os critérios para seleção também passaram a ser mais rigorosos. Com o tempo, este tipo de incentivo foi extinto. (NADAI, 1991)

*[...]Eu fui convidada pelo Doutor João para vir para Rio Claro. [...]Mas minha mãe já era muito doente, não tanto velha, mas muito doente; antes de 1960 eu não podia vir para Rio Claro porque minha mãe era cardíaca! Então, eu morava em São Paulo, e em Santos tinha um médico ótimo, mas nem me passou pela cabeça vir para Rio Claro! Nessa época eu já tinha terminado a Geografia, já dava aula, já estava fazendo essas disciplinas, e o Doutor João sabia que eu tinha interesse de fazer carreira universitária. Aí depois, quando ele soube que mamãe havia morrido em 1961, ele voltou a me convidar. [...] Naquela época, para vir pra cá, pra eu voltar pra Santos... Meu irmão dizia que não levaria de jeito nenhum minha mãe para Rio Claro; imaginem o que era Rio Claro naquela época! Então, já no final de 61, ele voltou a convidar. Só que eu tinha a minha cadeira no secundário; eu falei para ele que eu pediria um afastamento, mas que eu não iria largar, porque eu não sabia se ficaria aqui ou não.*

O projeto profissional que Livia havia estabelecido para sua vida é mais uma vez adiado. Dividida entre a realização profissional e as obrigações femininas de dedicar-se à família, opta por trancar sua matrícula no curso de Geografia e deixa para mais tarde o desejo de iniciar sua carreira acadêmica.

Neste trecho do relato, Livia parece tentar afirmar, talvez para si mesma, que não abandonaria sua mãe; em outras palavras, tenta demonstrar o cumprimento de suas obrigações femininas quando recusa, temporariamente, o convite do professor João Dias.

Em suas lembranças, Livia não demonstrou ter participado ativamente do curso de Geografia, mesmo quando as perguntas referiam-se às suas experiências como aluna da USP. De modo geral, ela procura destacar sua preferência pelo magistério, pelo ensino de Geografia, sugerindo-nos a idéia de que ser professora era sua vocação.

Entretanto, já apontamos algumas razões que nos permitem dizer que sua escolha pela Geografia diz respeito às circunstâncias com as quais Livia se deparou, tais como a necessidade pessoal de desenvolvimento intelectual, a busca pela profissionalização e a necessidade de se manter economicamente.

Diante disso, importante é destacar que desde o início Livia teve a oportunidade de aplicar nas salas de aula, os conhecimentos que lhes eram transmitidos na Faculdade. As contradições, e mesmos as dificuldades para a concretização de seu projeto profissional, acabaram 'obrigando' Livia a entrar em contato o universo da prática docente. Geralmente, esta prática acontece após o término da Faculdade, e no caso de Livia, o contato com o magistério como profissão ocorre antes mesmo de se formar como professora de Geografia.

Assim sendo, desde cedo Livia tem a oportunidade de refletir sobre sua prática docente e sobre o que lhe era ensinado na Faculdade. As excursões realizadas na graduação passam a ser utilizadas por ela como práticas em sala de aula no ensino secundário.

Nota-se que a sala de aula acabou incentivando Livia a realizar questionamentos que a graduação, muitas vezes, não estabelecia. Assim, acredito que essas indagações, surgidas da prática em sala de aula, despertaram, ou pelo menos afirmaram, o interesse de Livia pelas pesquisas sobre o Ensino de Geografia.

Livia cursa Geografia num momento em que as pesquisas sobre métodos de ensino e aprendizagem geográficos não são realizadas, pelo menos não no Brasil. O Ensino de Geografia era objeto de estudo especialmente no que se referia à seleção de conteúdos, considerados adequados. Devido à idéia vigente da época, o *como ensinar* ficava restrito às técnicas de memorização destes conteúdos selecionados.

A Geografia aplicada na escola seguia as concepções da Pedagogia, um campo ainda em desenvolvimento, cuja conceituação sobre Didática restringia-se à aplicação de regras aos alunos em sala de aula. (NADAI, 1991)

Este conceito sobre o Ensino de Geografia pode ser notado a partir da leitura de alguns periódicos veiculados nas décadas de 1940 e 1950. Diversos volumes do *Boletim Geográfico* e do *Boletim Paulista de Geografia* denotam que, de modo geral, o *ensinar Geografia* consistia num prolongamento de conceitos, desenvolvidos previamente no âmbito acadêmico, com aplicabilidade nas salas de aula do ensino secundário<sup>55</sup>.

A grande maioria dos artigos das publicações supracitadas tratam do ensino da Geografia no nível superior. Pouquíssimos se referem ao ensino de Geografia no secundário, e quando o fazem, a idéia de transposição de conteúdos prevalece.

A preocupação com o desenvolvimento de um pensamento geográfico brasileiro evidencia-se nestas publicações. São abordados os mais diferentes temas que tentam estabelecer uma ponte entre os estudos geográficos de outros países, principalmente da França, e os problemas que os geógrafos brasileiros recém formados começam a identificar.

---

55 Foram consultas as seguintes obras: *Boletim Geográfico*: 1953/1954, v.11-12; 1952/1953, v.10-11; 1955, nº 125-129; 1957, v.15; 1958, v.16. *Boletim Paulista de Geografia*: 1949, v.1-3.

As publicações foram escolhidas de acordo com o período em que Livia de Oliveira freqüentou a FFCL da USP. O *Boletim Paulista de Geografia* de 1949 nos forneceu dados sobre a estrutura curricular do curso de Geografia da USP no início da década de 1950.

O *Boletim Geográfico* é uma publicação do IBGE. Segundo Andrade (1987, p.88), possui 259 números editados, no período de 1943 a 1978; nele eram publicados “[...] principalmente artigos transcritos de outros periódicos nacionais e estrangeiros, mas de grande interesse teórico ou para o conhecimento da realidade brasileira”. Já o *Boletim Paulista de Geografia* é uma publicação da AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros). Em 1949 teve seu primeiro exemplar publicado, sob direção do professor Aroldo de Azevedo. A AGB “[...] foi fundada por Pierre Deffontaines, em São Paulo, em 1934, no ano em que se iniciava o curso de Geografia da USP, reunindo um grupo de intelectuais que se interessavam pelo tema. [...] Ela difundia métodos de trabalho numa época em que não havia cursos de pós-graduação em Geografia, contribuindo para consolidar a formação dos geógrafos mais novos ou menos experientes”. (Ibid, p. 91-92)

O *Boletim Geográfico*, em todos os volumes consultados, destina um item às reflexões sobre o Ensino de Geografia denominado *Contribuições ao Ensino*. Mas, o *Boletim Paulista de Geografia* somente trata da questão do ensino de forma isolada, isto é, e artigos publicados aleatoriamente vez ou outra.

Evidenciamos que as duas publicações eram amplamente utilizadas pelos alunos do curso de Geografia, e também pelos professores do ensino secundário. Portanto, estas publicações eram responsáveis por divulgar amplamente o pensamento geográfico brasileiro, nos meios acadêmicos e, principalmente, nas escolas.

O curso de Geografia da USP foi pioneiro no Brasil; seus intelectuais acabaram difundindo não só conceitos geográficos, como também temas e modos de pesquisas tidos como específicos aos geógrafos.

Nestes termos, tudo leva a crer que o curso de Geografia da USP, pelo menos até fins da década de 1950 (período aqui estudado), não trata a questão da licenciatura como um campo a ser pesquisado por geógrafos. Embora tenha sido criado com o objetivo principal de formar professores de Geografia para o ensino secundário, concebem o bacharelado e a licenciatura como campos únicos. As reflexões sobre o ensino da Geografia restringem-se à visão técnica da pesquisa geográfica, isto é, fica restrita à divulgação de conceitos e temas abordados no âmbito acadêmico. Isto acabou favorecendo pesquisas sobre *o que ensinar na Faculdade*, em detrimento de *como ensinar no secundário*.

Assim, podemos dizer que o modelo de Geografia da USP, utilizado depois por diversas FFCL, contribuiu muito para a institucionalização de uma Geografia decorativa, baseada na memorização, altamente instrumental.

A imagem do bom aluno em Geografia passava pela capacidade que este tinha em decorar nomes de países e acidentes geográficos. Aliás, esta é uma visão que, em muitos casos, perdura até os dias de hoje.

Mesmo o professor de Geografia, ao terminar a graduação não tinha outra alternativa senão transpor aos alunos aquilo que havia aprendido na Faculdade.

Em artigo publicado no *Boletim Paulista de Geografia* em 1949, por Aroldo de Azevedo e João Dias da Silveira, podemos ter um exemplo de como o Curso de Geografia da FFCL da USP estava distribuído: em 1950 o Curso contava com 3 Cadeiras – Geografia Física, Geografia Humana e Geografia do Brasil. Nas três cadeiras os conteúdos a serem ministrados eram específicos aos temas das



Cadeiras; não havia qualquer tópico em que o ensino da Geografia fosse abordado.

Segundo Azevedo e Silveira (1949, p. 81), o ensino da Geografia na USP seguia a metodologia proposta pela Escola Francesa:

[...] As aulas teóricas são dadas sempre de maneira a mais objetiva possível, através do manuseio de mapas (gerais e regionais) e do uso intensivo de projeções. Para cada assunto do programa, recebem os alunos uma bibliografia selecionada e fundamental. Nas aulas de seminário, fazem-se trabalhos práticos (leitura e interpretação de cartas e de gráficos) e discutem-se problemas de caráter geográfico.

A Geografia Francesa teve como principal intelectual Vidal de la Blache; foi muito utilizada pelos positivistas e evolucionistas do século XIX, os quais detinham-se “[...] nos trabalhos de campo, valorizando a intuição, o ‘olho clínico’ do geógrafo. [...]” De modo geral, la Blache incentivou seus discípulos “[...] à realizarem estudos de campo limitados à pequenas áreas, às regiões, levando em conta os aspectos físicos e a eles sobrepondo os humanos e econômicos. [...]” (ANDRADE, 1987, p.70, grifo nosso.)

As excursões também eram práticas utilizadas frequentemente pelos professores, contudo dependiam das possibilidades financeiras da Faculdade. Segundo Livia,

*Na época de estudante da graduação a gente não fazia uma pesquisa de fato; os professores também estavam fazendo Doutorado. Naquela época, a única pessoa que era Doutor era o Doutor João que também já era catedrático. [...] Então eles não tinham essa tradição, este conceito de pesquisa. O que nós fazíamos eram excursões com os professores; fazíamos levantamentos bibliográficos, mas pesquisa, pesquisa, não. [...] Nas excursões usávamos um caderninho, tomando nota de tudo. No final da tarde, reuniam-se os alunos; no caso do Doutor João ele não admitia que fosse em boate, em festa, porque no outro dia tinha que levantar cedo, e a gente tinha que ir prestando atenção em tudo que ia vendo enquanto o ônibus passava. Sempre era preparado antes, era dado um roteiro, o que a gente ia ver no caminho, e depois quando voltávamos fazíamos um relatório. [...] Eu acho que na graduação deveria ter a prática das*

*excursões; eu acho que teria que ser na Prática de Ensino da Geografia, na Didática da Geografia - não sei que nome ela tem agora -, deveria sair com o professor, com o licenciando para ele aprender como se deve fazer a excursão. Eu percebi isso quando dava aula de Prática de Ensino de Geografia. Eu falava com eles isso, eu sempre citei essa parte de que eles teriam que sair com os alunos, mas que não era pra repetir aquela excursão como tinham feito; que deveriam ser mais curtas, uma parte do dia, não duraria o dia inteiro, ou ia no sábado ou no domingo...*

As lembranças de Livia mais uma vez nos fornecem importantes informações. As excursões realizadas na USP como práticas pedagógicas seguiam um roteiro pré-estabelecido, e eram comuns a todos os alunos, inclusive àqueles que se dedicariam ao magistério.

Contudo, na teoria essas excursões possuíam duas características: umas eram didáticas, e outras, de pesquisa. Conforme esclarecem Azevedo e Silveira (1949, p. 81), as excursões didáticas eram “[...] destinadas a mostrar aos alunos aspectos típicos da paisagem, habituando-os à interpretação do que observam [...]”. Já as excursões de pesquisa eram “[...] destinadas a coleta de observações, dentro de um plano prefixado. Para isso, dispõe o Departamento de um automóvel – um ‘station-wagon’ Ford, com capacidade para transportar nove pessoas”.

Mas o rememorar de Livia aponta que essas excursões não eram específicas à didática ou à pesquisa. Os conceitos de *excursão didática* e *excursão de pesquisa*, na realidade, se misturam numa única prática. Em outros termos, não há uma distinção entre a prática acadêmica e a prática da sala de aula.

Azevedo e Silveira (1949, p.83), também esclarecem que a ênfase do Departamento de Geografia da USP, nas três Cadeiras, eram os estudos regionais “[...] considerados como a expressão mais fiel da paisagem geográfica.”

Diante disso, podemos dizer que a Geografia Francesa utilizada pela USP se relaciona às idéias divulgadas pela Escola Nova. A FFCL da USP era uma aspiração dos escolanovistas; estes defendiam um ensino prático e a Geografia Francesa propunha como prática da geografia os trabalhos de campo. Portanto,

entendemos que as concepções da Escola Nova encontraram na Geografia Francesa da USP o instrumental necessário a consolidação do ensino prático.

Sabemos que as idéias da Escola Francesa não foram as únicas influências que a Geografia da USP recebeu; porém para nossas reflexões nos ativemos à esta Escola.

A proximidade que muitos geógrafos estabeleceram com a Escola Nova deu às considerações sobre o Ensino de Geografia características mais humanísticas, favorecendo o aparecimento de algumas pesquisas sobre como se dá a aprendizagem de conceitos pelo aluno. O contato com as obras de John Dewey, e também com o próprio pensamento de Anísio Teixeira, incentivou, por exemplo, o professor Delgado de Carvalho a escrever diversos textos sobre o caráter prático do ensino da Geografia. Este professor ainda teceu algumas idéias sobre psicologia aplicadas à aprendizagem geográfica; idéias mais uma vez baseadas no pensamento de Dewey. Segundo Carvalho (1955, p. 430), há no crescimento e no desenvolvimento individual,

[...] desde a infância até a adolescência e a idade madura, um certo número de fases de patamares. Infelizmente, ainda é imprecisa a terminologia relativa a cada uma das idades e as classificações dependem muito dos autores e dos tipos de população estudados. A conferência de Geografia, reunida em 1950, pela Unesco, [...], fêz útil dividindo as idades escolares em quatro grupos. [...] Foi, pois, uma grande lição da qual nós ainda não tiramos todo o proveito prático, mas que a UNESCO colocou a nosso alcance e que mereceria uma atenção especial das pessoas incumbidas de redigir programas de ensino para as diferentes séries.

Nesta passagem nota-se que Delgado de Carvalho menciona a relação entre as idades e as fases de desenvolvimento dos indivíduos, considerações baseadas na no pensamento de Dewey. Contudo, alerta que estas ainda não haviam sido bem esclarecidas. Na realidade, Jean Piaget foi o responsável por fundamentar, mais tarde, essas idéias previamente desenvolvidas por John Dewey.

Assim, no ambiente da graduação freqüentado por Livia já eram discutias idéias sobre a Escola Nova, e a relevância do ensino prático, embora este consistisse na aplicação de recursos pedagógicos à aprendizagem.

Entretanto, Livia não reconhece que a Escola Nova tenha influenciado sua prática docente.

*Na época da transição da escola para Escola Nova eu não trabalhava com educação, eu era Enfermeira nessa época. Eu vim ler Dewey, eu vim ler Anísio Teixeira quando entrei aqui em 62. Então eu entrei em contato com a Escola Nova, vamos dizer, ela já tinha acontecido aqui.*

*Então, quando eu entrei na Geografia foi em 53 eu não estava interessada em educação, eu estava interessada em Geografia, eu estava saindo da Enfermagem, passando por Geografia. **E na Geografia, não se falava, ninguém estava preocupado com Escola Nova, nem com nada, pelo menos lá na USP ninguém falava; talvez na pedagogia falasse, mas cada curso apesar do prédio ser o mesmo, cada um estudava o seu.***

*Quando eu comecei a dar aula, aí que eu comecei a fazer indagações, como o que acontece, como que os meus alunos aprendem, como que eu posso afirmar que eles aprenderam, como que eu devo chegar até eles, a Geografia. Mas quando eu cheguei aqui em 62 para dar Prática de Ensino é que eu comecei a ler Dewey, e todos eles. Li Killpatrick, todos, todos, todos a partir daqui. Só quando eu cheguei aqui que eu ouvi falar em Piaget.*

Acredito que o fato de Livia dizer que na Geografia da USP ninguém falava em Escola Nova, e assinalar que *talvez na pedagogia falasse, mas cada curso apesar do prédio ser o mesmo, cada um estudava o seu*, confirmam que as questões sobre *ensino* estavam restritas ao Curso de Pedagogia. Ler Dewey ou Anísio Teixeira só cabia aos que se interessavam pela questão educacional, e não precisavam ser discutidos nas salas de aula da graduação. Além disso, as terminologias ‘Escola Nova’ e ‘escolanovismo’ são ‘criações’ utilizadas somente a partir da década de 1970. As reflexões de Anísio Teixeira e Dewey são chamadas no início de sua divulgação de ‘idéias sobre a Nova Educação’.

Mesmo Delgado de Carvalho, no trecho acima citado, coloca que a elaboração de reflexões sobre a aprendizagem deveriam ser feitas por *pessoas incumbidas de redigir programas de ensino*.

Por isso, Livia não tem a percepção de que as idéias da Escola Nova estavam presentes no tipo de ensino ministrado aos alunos da graduação da Geografia. A idéia vigente que separa a licenciatura da própria graduação faz com que Livia não estabeleça considerações sobre o ensino a ela ministrado. Até

porque, como afirmou anteriormente, *ela não estava interessada em educação, mas sim em Geografia.*

Portanto, possivelmente são as vivências de Livia as responsáveis por *moldar* a sua maneira de conceber o Ensino de Geografia. Em outros termos, acredito que sua prática como professora, ainda enquanto aluna da graduação, foi responsável por guiar o seu olhar para a questão do ensino da geografia, e não as idéias veiculadas pela Faculdade.

Sua prática em sala de aula mostrou que os modelos desenvolvidos no âmbito acadêmico já não bastavam para resolver os problemas com os quais ela se defrontava em sala de aula. Assim, esse conflito propiciou que suas investigações versassem sobre o ensino de Geografia, sobre os problemas enfrentados pelos professores no cotidiano escolar.

Obviamente, seu posicionamento sobre o ensino de geografia não foi influenciado somente pelo conflito acima descrito, mas também pelas viagens que fez à Europa antes de freqüentar a Geografia, aos EUA como Bolsista em Enfermagem, e também pelo seu forte vínculo com as idéias da Igreja Católica. Além disso, suas experiências pessoais, como veremos mais adiante, vão determinar algumas de suas escolhas, dentre elas a de fazer parte do corpo docente da FFCL de Rio Claro.

### **A professora Livia de Oliveira na FFCL de Rio Claro**

A FFCL de Rio Claro foi uma das diversas Faculdades de Filosofia instaladas no Estado de São Paulo na década de 1950. A instalação dessas Faculdades como Institutos Isolados seguiam a linha do progresso vivenciado pelo Estado nesta década, isto é, estas Faculdades são instaladas em cidades que experimentam destacado desenvolvimento econômico relacionado principalmente às estradas de ferro. As cidades escolhidas para a implantação das Faculdades de Filosofia ocupavam o papel da capital, no caso São Paulo, na difusão das concepções sobre progresso e desenvolvimento no interior do Estado. (VAIDERGORN, 1995)

No caso de Rio Claro não foi diferente. Figurando entre as cidades mais desenvolvidas economicamente no Estado de São Paulo na década de 1920, foi uma das primeiras cidades do interior a receber a estrada de ferro; a segunda cidade do Brasil a ter energia elétrica, e em 1888 antecipando-se à lei Áurea tinha abolido a escravidão no município. (VAIDERGORN, 1995)

À época da instalação da Faculdade de Filosofia em Rio Claro a cidade contava com aproximadamente 48 mil habitantes (BUSCHINELLI, 1987), com atividade econômica centrada principalmente no comércio e nas indústrias. Assim como as demais cidades do interior paulista onde foram instaladas outras Faculdades de Filosofia como Institutos Isolados, Rio Claro é uma cidade média, cujo desenvolvimento está diretamente relacionado ao caráter de expansão, desde seu surgimento, devido às estradas de ferro, e mais tarde, aos reflexos da expansão industrial ocorrida na década de 50.

Dessa forma, as novas condições de desenvolvimento vivenciadas por Rio Claro e pelas demais cidades do interior (Marília, São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Araraquara, Assis, Ribeirão Preto e Franca) exigiam novos tipos de serviços de apoio como transportes, comunicações, finanças, e claro, uma rede de ensino básico, médio, técnico-profissional e também universitário. É nesse contexto que surgem as Faculdades de Filosofia Ciências e Letras como Institutos Isolados. (VAIDERGORN, 1995)

As Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo, surgidas no período de 1957 a 1959, inseriram-se em um tempo especial da história paulista e brasileira. As políticas públicas que predominavam na época visavam a modernização do país através de medidas como a interiorização do desenvolvimento e a industrialização pesada. Para tanto, a educação mostrava-se estratégica. (VAIDERGORN, 1995, p. 145)

É nesse sentido que o Governo do Estado de São Paulo legaliza na década de 1950 a ‘proliferação’ das Faculdades de Filosofia no interior.

As FFCL no Brasil, desde o início, foram concebidas como locais nos quais se formariam as elites e estas, por sua vez, seriam responsáveis pela organização e controle do progresso e do desenvolvimento do país. Assim, as Universidades, em especial as Faculdades de Filosofia têm por definição abrigar a

elite dirigente das 'massas' e contribuir para a organização da sociedade. (VAIDERGORN,1995; NADAI,1991)

Daí podemos destacar o interesse de tantos políticos e intelectuais na criação de Universidades no Brasil, como no caso da USP, da Universidade do Brasil que daria origem à Universidade Federal do Rio de Janeiro, dentre outras. (VAIDERGORN, 1995).

Dessa forma, vemos que a questão da Educação sempre esteve voltada, no caso brasileiro, para a manutenção da elite do país. O desenvolvimento das legislações sobre o Ensino brasileiro evidencia a tentativa de garantir à elite educação até os mais altos níveis, e, em contrapartida dificultar o acesso das massas aos níveis elementares de ensino. (ROMANELLI, 1982; VAIDERGORN, 1995)

De qualquer forma, o debate sobre Educação no Brasil ganha destaque ao longo dos anos, e em especial, a partir das décadas de 1920 e 1930 as ações no âmbito educacional tornam-se cada vez mais centralizadoras. (FÁVERO, 2006)

Segundo Romanelli (1982, p. 127), a partir de 1930 “[...] as relações entre a educação e o desenvolvimento, apesar dos imensos progressos alcançados, distinguiram-se por uma crescente distância entre as necessidades do segundo e a forma como se expandiu a primeira.” Há, no Ensino, um crescimento da demanda, também acentuado na década de 1940 devido ao aumento da urbanização brasileira e o crescimento da industrialização. A sociedade brasileira estava se modificando e conseqüentemente o sistema educacional também deveria se adequar a essa nova realidade.

A Reforma Francisco Campos ocorrida no final de 1930 organiza pela primeira vez o Ensino no país, principalmente o ensino secundário, comercial e superior, mas marginaliza o ensino primário e Normal. Estes últimos serão abordados em legislação federal somente em 1946 com o fim do Estado Novo.

Para que possamos compreender a instalação da FFCL em Rio Claro é de suma importância, primeiramente, conhecer e entender o processo que deu origem à USP. Isto porque é nesta instituição de ensino superior que o professor João Dias da Silveira conclui seu curso de graduação em Geografia e, depois de se tornar catedrático, aceita participar da instalação de uma Faculdade de Filosofia no interior de São Paulo, no caso, em Rio Claro. Além disso, é na USP que a professora Livia de Oliveira inicia seu contato com a Geografia e com o

professor João Dias, o responsável por trazer a professora Lúvia à FFCL de Rio Claro.

A criação da USP contou com o apoio da elite paulista da época, dentre outros o jornal *O Estado de São Paulo* cujo dono era Julio de Mesquita Filho, cunhado de Armando Salles de Oliveira. (VAIDERGORN, 1995)

A década de 1930 foi marcada também pela ampla divulgação das concepções sobre a Escola Nova. Muitos intelectuais adeptos desta 'Nova Educação' já haviam conseguido realizar, em seus Estados, mudanças nas leis que regiam o Ensino. Dentre eles destacamos Anísio Teixeira.

São esses intelectuais adeptos da Escola Nova que assinam em 1932 o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", amplamente divulgado pelo jornal *O Estado de São Paulo*. De acordo com Vaidergorn (1995, p.62),

[...] O *Manifesto* foi a tomada de posição frente à marginalidade em que foram colocados os 'liberais reformadores' pelo governo revolucionário, que os identificava com a 'corrente tradicional', ao mesmo tempo em que prestigiava os católicos. No documento, assumiam-se as divergências com a Igreja, marcando-se posição a favor da escola laica e da coeducação.

O ministro Francisco Campos, autor das Reformas Educacionais da década de 1930, como já citado acima, participava das idéias divulgadas pelos Pioneiros da Educação Nova. Porém, embora com esta Reforma o Ensino no país passa a ter um Currículo Nacional baseado nas idéias dos Pioneiros da Educação, na prática ela representou o jogo de forças estabelecido entre os renovadores e parte da velha aristocracia, cujos representantes, em sua maioria, eram católicos e ainda estavam apegados às velhas concepções sobre ensino. (ROMANELLI, 1982)

Com o passar dos anos, as idéias dos renovadores começaram a ser vistas como concepções comunistas, especialmente no que se refere à questão da liberdade de ensino e direito de educação a todos da sociedade.

Nesse sentido, podemos dizer que as idéias veiculadas pela Igreja através da velha aristocracia acabaram auxiliando o Estado da década de 30 a legitimar a ordem e o autoritarismo, e também a transmitir valores ligados à religião, à pátria,



à família, a moralização dos costumes. Tal fato pode ser notado especialmente a partir de 1937 com a instituição do Estado Novo. (GOMES, [200-] )

Portanto, a criação da USP em 1934 representa uma vitória para o grupo renovador, já que sua finalidade está diretamente ligada aos interesses e ideologia deste grupo, cujos representantes foram, dentre outros, Fernando de Azevedo – o redator do Manifesto-, Anísio Teixeira e Julio de Mesquita Filho – dono do jornal *O Estado de São Paulo*. Esta nova instituição de ensino superior centrava-se nos moldes da pesquisa pura, modeladora de uma elite intelectual e de professores que atuavam no ensino secundário.

Ainda segundo Vaidergorn (1995, p. 64), o grupo do qual fazia parte o jornal *O Estado de São Paulo*

[...] pretendia reservar para si a direção da 'regeneração política' através da educação; a Universidade, enquanto missão cultural, apareceria junto com a mística bandeirante, como o republicanismo histórico e como o pioneirismo industrial, como uma alternativa à crise do Partido Republicano Paulista. Sua política educacional visava justamente a criação da Universidade, onde se formaria a elite dirigente nos moldes da *ilustração* [...]. Na verdade, a Universidade por eles pretendida deveria fornecer um estofo intelectual aos projetos oligárquicos em crise, desde que submetida ao seu ponto de vista e sua concepção de mundo e sob sua direção.

Cabe aqui considerar que a ideologia do Manifesto estava pautada nas concepções norte-americanas sobre educação, principalmente nas obras de John Dewey às quais Anísio Teixeira teve acesso ainda na década de 1920. O Manifesto era inovador, trazia a visão da educação como um problema social. Dessa forma, era dever do Estado garantir a toda a sociedade acesso à educação gratuita e laica. Na verdade, o Manifesto representou a luta de uma elite crescente, intelectual, contra a velha oligarquia representante da escola tradicional.

A Constituição de 1934 reflete bem as lutas ideológicas travadas no período; como mencionado anteriormente, de um lado estavam os renovadores, adeptos da nova educação, e de outro os representantes da escola tradicional, compostos em sua maioria por católicos.

A Igreja, que até então praticamente monopolizava o ensino médio no Brasil, via-se ameaçada diante das propostas do Manifesto, principalmente no que se refere à gratuidade do ensino e sua expansão, à laicidade e à igualdade de direitos dos dois sexos à educação. Vale destacar que a elite pagava sua educação, ou seja, contribuía financeiramente com a Igreja; a escola pública aí aparece como um perigo para o esvaziamento das escolas privadas (em sua maioria católicas), e uma ameaça para os privilégios até então assegurados às elites, devido à extensão de educação escolarizada a todas as camadas. (ROMANELLI, 1982)

Assim, observamos que desde o seu começo a USP estabelece uma relação conflitante com a Igreja, dado às diferentes concepções ideológicas que as fundamentam. A partir do Estado Novo aumentam na instituição, principalmente na Faculdade de Filosofia, discussões sobre liberdade, direitos e tantos outros temas contrários ao modelo ditatorial vigente. Nesses termos, cabe dizer que a Universidade de São Paulo, desde seu início, teve como característica ser um local de difusão e defesa de concepções modernas, contrárias aos interesses e ideologia tradicionais.

Tal constatação é de grande relevância para que possamos compreender não somente a instalação da FFCL em Rio Claro – vinculada ao tradicionalismo – mas também para entender o desenvolvimento do Ensino da Geografia a partir da contribuição de Livia de Oliveira, uma professora cujas relações com a Igreja se dão de forma muito particular.

Acredito que as divergências de pensamento entre o professor João Dias da Silveira e a USP motivaram sua vinda para Rio Claro. E, da mesma forma, o distanciamento entre as idéias divulgadas na Filosofia da USP e as concepções da professora Livia são determinantes não somente para sua vinda à Rio Claro, mas também para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas sobre o Ensino da Geografia, a partir da Faculdade de Filosofia de Rio Claro.

Como citado anteriormente, a instalação da FFCL de Rio Claro está diretamente relacionada à interesses políticos locais e também estaduais, e muito pouco associada de fato à uma preocupação com a Educação. A partir da leitura do trabalho realizado por Antonio Buschinelli (1988), relacionado ao doutorado de Vaidergorn (1995) e também às memórias da professora Livia de Oliveira, pudemos verificar que a instalação de uma instituição de nível superior em Rio

Claro estava intrinsecamente relacionada à idéia de progresso econômico. A legitimação desta instituição é conseguida principalmente pelo discurso dominante ao associar a Faculdade de Filosofia como uma instituição de excelência, com um nível educacional diferenciado.

Alguns questionamentos foram aparecendo à medida que relacionávamos os textos dos autores supracitados. O que teria motivado a vinda da professora Livia de Oliveira para Rio Claro? E em que medida o modelo institucional da recém Faculdade proporcionou pesquisas relevantes no âmbito da Geografia, como foi o caso, principalmente, da Livre Docência de Livia de Oliveira?

Na verdade, não podemos dizer que houve um único fator determinante para o desenvolvimento de trabalhos sobre o Ensino da Geografia na FFCL de Rio Claro. O modelo institucional da recém Faculdade, associado aos interesses pessoais do Diretor, o então professor João Dias da Silveira, e à necessidade da professora Livia em garantir seu espaço como mulher no universo acadêmico, foram determinantes para o desenvolvimento de suas pesquisas.

É importante destacar que na USP havia diferenças entre os cursos de licenciatura e bacharelado. Embora a licenciatura preparasse alunos para se tornarem professores, as pesquisas ou qualquer outro tipo de investigação estavam restritos ao bacharelado. Como já apontado anteriormente, os professores do curso de licenciatura não tinham uma formação específica capaz de dar relevância ao cotidiano escolar. Os responsáveis por refletir sobre a escola, sobre como se dava a aprendizagem, eram aqueles formados na Pedagogia.

Assim, ao chegar a Rio Claro para lecionar no curso de Geografia, Livia se depara com um modelo diferente no qual a Didática fazia parte da grade curricular de praticamente todos os cursos. (BUSCHINELLI, 1988).

Certamente a FFCL de Rio Claro representou para Livia uma possibilidade de desenvolver certos questionamentos que já vinham sendo realizados devido à sua prática como professora, mesmo enquanto cursava Geografia na USP. Questionamentos que, mesmo depois de formada, não encontraram espaço na Geografia da USP para serem desenvolvidos. Além disso, como também já citado, o universo acadêmico da USP, predominantemente masculino, impunha obstáculos difíceis às mulheres que desejavam ganhar seu espaço como

pesquisadoras. A FFCL aparecia então como uma oportunidade para garantir sua inserção no universo acadêmico.

### **O pioneirismo das pesquisas realizadas pela professora Livia de Oliveira**

Acredito que o discurso dominante sobre a excelência e qualidade da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, apropriado por professores e demais envolvidos com o início da instituição, contribuíram para que as pesquisas, especialmente no âmbito da Geografia, tivessem caráter inovador e diferenciado.

A FFCL de Rio Claro foi tida, desde seu início como um centro educacional de excelência e qualidade. Entretanto, o discurso sobre qualidade de ensino e pioneirismo também esteve presente durante a instalação das demais Faculdades de Filosofia como Institutos Isolados. (VAIDERGORN, 1995)

No que tange ao presente estudo, o interesse de ter em Rio Claro uma Faculdade data da década de 1940 quando alguns políticos locais tentaram enviar ao poder público estadual algumas propostas, porém nunca foram aceitas. Somente na década de 1950 é que essa idéia ganha força, principalmente com o apoio de professores e alunos de algumas escolas de Rio Claro (BUSCHINELLI, 1988). A maior parte das escolas era particular, de cunho católico. Somente duas eram públicas. Uma das justificativas para a instalação de uma Faculdade na cidade foi a questão da demanda. O poder público local, bem como o Diretor da Faculdade, o professor João Dias da Silveira, justificaram a necessidade da Faculdade de Filosofia devido a grande procura de todos os estudantes da cidade e da região por um curso superior.

Mas podemos nos questionar sobre quem eram esses estudantes interessados num curso de nível superior?

Considerando que ainda na década de 1950 o acesso à educação era muito restrito, especialmente ao ensino secundário, podemos inferir que esses estudantes, egressos do curso secundário, representavam uma minoria da população. Cabe também lembrar que o acesso ao ensino secundário nesta

época era dificultado pelos exames exigidos para o ingresso neste nível de escolarização. Poucas pessoas podiam pagar um cursinho que preparava os interessados para o Exame-Admissão. E mesmo tendo a escola particular como alternativa, poucos eram os que também tinham condições de pagar por seus estudos. (ROMANELLI, 1982)

Um grupo de estudantes de Rio Claro formou a “Congregação de estudantes Rioclarenses”, e diversas vezes foram a São Paulo na Assembléia Legislativa defender a instalação de uma Faculdade em Rio Claro. Este grupo contou com o apoio de diversas autoridades locais, dentre elas representantes da igreja e do poder legislativo Estadual e Municipal. (BUSCHINELLI, 1988)

Em 7 de junho de 1957 foi promulgada por Lei Estadual a criação da Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Rio Claro. A notícia que permitia a instalação de uma Faculdade em Rio Claro foi recebida com grande alegria por toda a cidade. Abaixo transcrevo a notícia veiculada na época pelo mais importante jornal local, constante no trabalho do professor Buschinelli (1988, p. 9)

“Em regozijo à criação da Faculdade de Filosofia de nossa cidade, na manhã de domingo a Congregação dos Estudantes Rioclarenses promoveu manifestação pública. Reunidos os Centros Estudantinos e alunos do Instituto “Joaquim Ribeiro”, Escola de Comércio “Prof. Arthur Bilac”, Escola Industrial “Prof. Aprígio Gonzaga”, Organização Escolar Alem, Ginásio Köelle, e escola Normal P.P. Coração de Maria, desfilaram pela avenida Um e outras ruas centrais d cidade. Conduziram os estudantes faixas com dísticos de gratidão aos colaboradores da grande conquista e cartazes apontando os nomes dos estudantes pioneiros na campanha pró Faculdade encetada em 1955 por Luiz Davi Sobrinho, A. H. Vignini de Lima, Marco Aurélio Pezzotti, Benedito V. Sasso, Jairo S. da Silva, Virgilio E. Cação Filho, Odair Giorgi e outros. Após o desfile os estudantes concentraram-se no jardim público onde falaram os oradores. No coreto estiveram presentes o Dr. Luis Gonzaga de Arruda Campos, Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca; representantes dos deputados Castilho Cabral e Ulysses Guimarães, Srs. Sylvio Schillitler e Hamilton Giometti, vereadores e professores. Em nome da classe estudantil rioclarense fez uso da palavra o Dr. Francisco Feliciano de Camargo. Com sua palavra fácil historiou em detalhe a campanha pró-Faculdade de Filosofia e ressaltando o valor da conquista, referiu-se aos homens que por ela labutaram. Falaram após o

vereador Januário Sylvio Pezzotti e o Prof. Antonio Buschinelli. O Dr. Augusto Schmidt, ausente por outro compromisso dos festejos do centenário, chegou a tempo de usar o microfone para congratular-se com o júbilo da mocidade estudantil e do povo de nossa terra. Terminada a festiva concentração os estudantes, em forma, deixaram o jardim público até o local onde se dispersaram.”

Como se nota, a instalação de uma Faculdade numa cidade do interior além de ser uma estratégia política do Governo Estadual, representou grande prestígio para a própria cidade e para os governantes locais.

A FFCL representou às elites locais a oportunidade de garantir a manutenção de seu poder. O discurso utilizado por esta elite era o de que uma instituição de nível superior traria desenvolvimento para a cidade.

Dessa forma, podemos dizer que dois discursos, ambos articulados pela elite, garantiram a instalação e o funcionamento da Faculdade de Filosofia em Rio Claro. Primeiramente, o discurso utilizado pelo então governador do Estado, Jânio Quadros, baseado na idéia de uma instituição de alto nível e renovadora foi utilizado pelo Diretor da Instituição, João Dias da Silveira, e mais tarde também por professores como é o caso da professora Livia de Oliveira.

Em relatório enviado ao Governador do Estado, assim escreve o Diretor da FFCL, João Dias da Silveira:

[...] Sabe muito bem Vossa Excelência que a atitude do Poder Legislativo, criando institutos de ensino superior em número alarmante, deliberadamente contrariando reiteradas manifestações de técnicos e órgãos especializados e permanecendo indiferente às repetidas declarações feitas pelo Governo sobre as condições do erário público, tem causado mal estar nos meios sinceramente interessados na defesa de nossa política de educação. Isso porque a criação de tais institutos, nas condições em que vem sendo feita, compromete seriamente o nível do ensino em grau superior. [...] Em manifestações repetidas em todas as oportunidades, as classes interessadas no ensino e os órgãos capazes de ajuizar sobre o caso em tela, têm procurado chamar a atenção das autoridades para o perigo que essa diretriz está criando para nosso sistema educacional. Mesmo Vossa Excelência temos recorrido no desejo de

defender uma política educacional que procura elevar a cultura e a capacidade técnica de nosso povo e que está seriamente ameaçada. Tínhamos presentes esses fatos e orientação quando Vossa Excelência teve a gentileza de nos receber em audiência e de nos honrar com o convite para estudarmos a instalação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na cidade de Rio claro. É natural que, coerentes com os pontos de vista mais do que uma vez expostos pela Congregação da Faculdade de que faço parte, pontos de vista aos quais sempre nos associamos, estivéssemos na obrigação de declinar da honrosa incumbência. **Vossa excelência, entretanto, antes que nos manifestássemos, declarou que o convite era para dirigirmos a instalação de uma Faculdade de alto nível e em linhas renovadoras.** Tendo Vossa Excelência colocado nesses termos a instalação do novo instituto, criava, evidentemente, situação nova para nós. Não podíamos, como não podemos, duvidar dos propósitos do Governo, “máxime” quando Vossa Excelência, na referida audiência, fez questão de reafirmar que, para atingir tais escopos, **estão as autoridades dispostas a oferecer todo o amparo e colaboração necessárias. Tudo indicava ter o Governo de Vossa Excelência deliberado depois de atentar maduramente para o problema.**[...] (JOÃO DIAS DAS SILVEIRA apud BUSCHINELLI, 1988, p.17, grifo nosso)

Nota-se que o discurso sobre qualidade, excelência e ensino renovador partem do Governo do Estado como justificativa para a interiorização do ensino superior. Ainda, João Dias da Silveira contou com amplo apoio das elites locais, principalmente no que se refere a doação de terreno para a instalação do prédio, funcionários, e verbas para o início das atividades da Faculdade.

A professora Livia de Oliveira, ao comentar sobre o início da FFCL, esclarece que João Dias da Silveira tinha um relacionamento muito próximo ao Governo do Estado. Suas lembranças, associadas às leituras aqui expostas, nos fornecem dados sobre os interesses na instalação da Faculdade de Filosofia; ainda, nos dão importantes informações que nos permitem refletir sobre o início e o desenvolvimento de pesquisas sobre o Ensino de Geografia na FFCL de Rio Claro.

*[...] Eu sempre falo que havia um pouco de ciúmes entre a USP e a UNESP. O Doutor João era lá da USP; o sonho do Doutor João sempre foi ser diretor da Filosofia, e sempre era escolhido o Doutor Eurípides.*

*Ele achava que ia ser um ótimo diretor, se fosse ele o diretor da Filosofia na USP. Não conseguiu, nunca foi, porque eram aquelas indicações, aquelas coisas...*

*Aí ele aceitou organizar a Filosofia de Santa Catarina, que estava no começo; a experiência dele foi lá, o teste dele foi lá. Ele levou o Carlos Augusto, o Peluzo, muita gente boa lá pra Santa Catarina [...] Aí Jânio Quadros, que estava começando a dar uma nova orientação para o Ensino Superior, veio com essa idéia de ter campus espalhados pelo Estado de São Paulo. E convidou o Doutor João para organizar a Faculdade de Rio Claro, mas o Doutor João disse que só aceitaria se tivesse curso de Geografia. Ele aceitou e ficou aquela dúvida de onde se localizaria, e por questões políticas locais, ficou em Rio Claro. [...] O Doutor João era, não sei se pode-se dizer amigo, **mas ele tinha acesso ao palácio do governador a hora que ele queria, e o dinheiro que ele precisava.** Então, ele organizou, fez o curso de Geografia como ele imaginava, já de cara com o ônibus para sair, com a Aerofotogrametria que ele tinha ido não sei onde e já tinha visto, já com todos os aparelhos, com o professor dando aula. Ele queria uma Geomorfologia, uma Climatologia moderna e convenceu o Carlos Augusto pra vir pra cá. E queria uma parte agrária e urbana também forte, por isso trouxe a Elza Keller lá do IBGE, que era considerada uma das sumidades. Na Geografia do Brasil, veio o Penteado. E na Cartografia era o Linton, que dava a Aerofotogrametria.*

***A Geografia daqui começou já num outro nível.** [...] Primeiro, ele trouxe todos os professores com tempo integral. Isso foi também a base que ele exigia. Ele não queria que fosse “bico” vir pra cá; era para trabalhar, e pesquisar! Ele dizia que nós deveríamos ficar 40 horas fazendo pesquisa, docência, preparando material e pesquisa. Ele exigia que todos fossem em Congressos; naquela época também davam dinheiro para ir a Congressos levando trabalhos para divulgar o nome da Geografia de Rio Claro. **Mas isso não foi só na Geografia, foi na Matemática, na História Natural e na Pedagogia, e por isso passaram a ter um alto nível de pesquisa e de docência.**[...]*



Podemos perceber que Livia se apropria de um discurso utilizado inicialmente pelo Governo do Estado, e depois pelo Diretor da Faculdade. Certamente, uma das justificativas usadas pelo Diretor para fazer com que diversos geógrafos já conhecidos aceitassem lecionar na FFCL foi a idéia da qualidade do ensino e, mais ainda, a oportunidade de trabalho numa instituição que contava com o subsídio necessário ao desenvolvimento de pesquisas que se diferenciavam das já realizadas pela Universidade de São Paulo.

O professor João Dias, ao seguir as diretrizes do Governo Estadual para a instalação da FFCL de Rio Claro, defende a inovação da instituição:

[...] A experiência que temos obtido na Universidade de São Paulo e a que adquirimos visitando e estudando a organização de universidades estrangeiras, em particular européias, leva-nos a convicção que na estruturação de uma Faculdade moderna *deve haver maior centralização do que aquela que ocorre nos nossos institutos de ensino superior. A excessiva multiplicação de cadeiras isoladas, autônomas e, porque não dizer, comumente fechadas entre si, bem como o extraordinário acervo de direitos conferidos aos professores catedráticos são a nosso vêr fatores de dispersão de esforços, confusão no estudos, ao mesmo tempo que oneram de modo excessivo e desnecessário a atividade educacional.* A descentralização tão em voga entre nós, obriga a multiplicação do patrimônio isso, sem proveito, pois comumente registra-se a argüição da mesma utilidade para diversas cadeiras. Essa descentralização obriga também uma multiplicação inútil e mesmo prejudicial de funcionários burocráticos. [...] Todos esses fatos *nos levam a preconizar um sistema diverso, qual seja a instituição de departamentos nos quais se reúnem, sob uma mesma direção, todas as atividades afins.* [...] Para que o ensino seja bom e *para que o Instituto desempenhe a função de centro de estudo é necessário que os cursos apresentem conteúdo moderno* e que, pelo menos em parte, *sejam originais.* [...] Partindo desse plano pensamos que, imediatamente, só seria aconselhável instituir em Rio Claro quatro cursos, o que satisfaria a legislação. Geografia, Matemática, Letras Neo-Latinas e Pedagogia – deixando desde logo prevista para 1959 a instalação do curso de Ciências Naturais.[...]. (BUSCHINELLI, 1988, p.26-31)

O modelo institucional da FFCL permitiu maior concentração de poder na figura do Diretor e ainda, possibilitou que o Estado diminuísse os gastos com o ensino superior. Em outras palavras, o modelo departamental serviu diretamente

aos interesses do Governo do Estado, e também aos interesses de professores, especialmente da USP, que não tinham oportunidade de ampliar sua atuação no universo acadêmico.

Assim, podemos dizer que o caráter inovador das pesquisas desenvolvidas na FFCL de Rio Claro foi uma consequência do modelo institucional adotado para as FFCL. Como a ênfase da FFCL estava na pesquisa, ao criar um Departamento de Geografia, por exemplo, tornava-se 'natural' que investigações nesta área fossem elaboradas por professores do próprio Departamento. Dessa forma, o modelo departamental utilizado na FFCL de Rio Claro possibilitou estudos que não eram comumente desenvolvidos na USP.

*[...]O que chamava atenção entre as outras escolas de Geografia é que nós tínhamos ônibus, os outros não tinham; nem o Rio de Janeiro tinha ônibus, mas nós tínhamos. [...] o Doutor João sabia que eu tinha interesse de fazer carreira universitária. Aí depois, quando ele soube que mamãe havia morrido em 1961, ele voltou a me convidar. Aí eu disse que aceitava, por isso eu vim para Rio Claro em 1962. Ele foi meu professor e do meu concurso, também fizemos excursões juntos; conhecia o Doutor João desde o primeiro ano que eu fiz Geografia.*

*[...] Então, já no final de 61, ele voltou a convidar. Só que eu tinha a minha cadeira no secundário; eu falei para ele que eu pediria um afastamento, mas que eu não iria largar, porque eu não sabia se ficaria aqui ou não. Demorou para sair meu afastamento, e eu vim pra cá em maio, e não em março. Ele queria que eu desse a disciplina que se chamava “Didática Especial de Geografia” para o quarto ano; era o quarto ano para os formandos aqui de Rio Claro.*

*Ele queria que eu viesse para trabalhar em Didática da Geografia; que eu fizesse pesquisa, ele usou bem a palavra, que eu iniciasse trabalhos de pesquisa em Ensino da Geografia, não em Geomorfologia. [...] Ele queria que eu fizesse pesquisa em Ensino de Geografia! Nem a USP tinha esse tipo de trabalho!*

*Então o meu trabalho foi pioneiro, de vanguarda por causa da visão do Doutor João, porque foi ele que me colocou nisso. Quando eu cheguei não havia programa nem nada, havia a minha experiência de secundário e de*

*primário. [...] o Doutor João disse para eu ficar na Geografia e também na Educação*

Se num primeiro momento as críticas de professores da USP às FFCL estavam ligadas principalmente às questões políticas, com o passar do tempo as diferenças metodológicas entre as pesquisas realizadas pelas duas instituições motivaram o distanciamento entre ambas; diferenças estas identificadas por Livia no decorrer de suas lembranças:

*Quando eu estava estudando mais sobre a percepção do meio ambiente e situei o pessoal de Rio Claro nisso, notei que **houve uma cisão entre eles e o pessoal da Geografia lá de São Paulo, que era mais marxista, e predominou na década de 70 e 80.** Eu, agora com perspectiva, vejo que na época também não conseguia perceber isso exatamente. Para mim foi a questão do marxismo, porque nós sabemos perfeitamente que a doutrina marxista é dogmática. Quando a gente estuda epistemologia, eu não entendia como uma pessoa que quer fazer ciência podia ser marxista, doutrinariamente falando! Porque é uma doutrina e é um dogmatismo, não permite a crítica, não permite nem a dúvida, nem o ceticismo, tem que ser aquilo e acabou!*

Como já apontado, a pesquisa sobre o Ensino de Geografia não era contemplada no Curso de Geografia da USP. A separação entre bacharelado e licenciatura fez com que as pesquisas sobre o Ensino estivessem restritas à Pedagogia.

Ao estimular as pesquisas sobre Ensino de Geografia, João Dias da Silveira possibilita uma visão diferente sobre pesquisa e também sobre a questão do ensino da Geografia.

O pioneirismo do trabalho de Livia de Oliveira na FFCL de Rio Claro está intimamente relacionado aos interesses da direção da Faculdade em manter e comprovar o discurso do Governo Estadual sobre a excelência e inovação dos Institutos Isolados. Nesses termos, podemos dizer que as pesquisas desenvolvidas por Livia de Oliveira contribuíram para o reconhecimento da FFCL

de Rio Claro como um centro de excelência, principalmente no que tange ao Curso de Geografia.

À direção da FFCL era interessante estimular pesquisas que se diferenciavam da USP, porque, ao confirmar a qualidade do ensino da instituição, os recursos financeiros para a continuidade dos trabalhos também estariam garantidos. Assim, podemos dizer que ao determinar a permanência de Livia de Oliveira na Geografia e na Educação, João Dias, e o próprio modelo institucional adotado na FFCL, acabou contribuindo para que Livia não só alcançasse a conquista de seu espaço no universo acadêmico, mas também para que temas sobre o Ensino de Geografia e suas implicações no cotidiano escolar pudessem ser pesquisados por geógrafos, e não somente por profissionais ligados estritamente à pedagogia.

Acredito que o *pioneirismo* da FFCL citado por Livia a impulsionou a pesquisar temas até então não explorados dentro da Geografia. Suas vivências como professora e, concomitantemente, como aluna da Geografia da USP possibilitaram experiências singulares que mais tarde acabaram influenciando seu interesse por determinados temas de pesquisa. Dessa forma, sua contribuição ao Ensino de Geografia vai sendo construída ao longo do curso de Geografia da FFCL, especialmente no decorrer de sua prática docente na “inovadora” disciplina Didática Especial da Geografia.

Ainda, é válido esclarecer que uma junção de fatores possibilitou que Livia desenvolvesse pesquisas sobre o Ensino de Geografia. Não foram somente suas experiências como professora e aluna da USP que a fizeram se interessar por temas ligados ao ensino prático, Piaget, percepção, cognição, etc, mas também seu cotidiano familiar, bem como as experiências adquiridas através das viagens realizadas e os contatos estabelecidos com grupos de discussão, como por exemplo, a Juventude Universitária Católica.

No decorrer desta pesquisa acredito ser sempre relevante destacar a questão da *prática* para a professora Livia. Suas pesquisas, sua atuação como professora no âmbito acadêmico, bem como suas reflexões e produções científicas estão constantemente associadas a discussões que envolvem a prática do ensino de Geografia.

*Comecei a ler todos os livros ligados ao ensino; foi aí que fui ler Kilpatrick, Dewey. Minhas leituras foram se ampliando na Educação e na Geografia. Eu também ia às excursões da Geografia, todas as excursões, com o Carlos Augusto, com a dona Elza, com todos; falava que tinha, lá estava eu, porque eu queria ver como eles trabalhavam no campo. [...] Então, sempre acompanhei para o campo, e acho que isso é que me deu esta base grande. [...] Eu acho que quem vai para a educação geográfica precisa pôr os dois pés nas duas canoas; se ele ficar só em uma, ou só noutra, se ficar só na Educação, ele perde a evolução, o progresso na Geografia, e ele fica para trás e aí os alunos não respeitam a gente.*

A busca pelo o que seria ideal de se ensinar em Geografia incentivou em Livia a pesquisa por temas que pudessem ser trabalhados em sala de aula. Assim, seu Doutorado marca o início de suas preocupações com a prática da Geografia; as aulas elaboradas por ela e seus alunos, direcionadas aos estágios realizados nas Escolas da rede estadual de Ensino são notadamente marcadas por tentativas de se desenvolver uma Didática da Geografia. Os anos iniciais de Livia na FFCL são marcados pelo envolvimento com temas sobre conteúdos geográficos para a sala de aula. Esses modelos sobre o quê se ensinar vão ser melhor trabalhadas em discutidos em sua tese de Doutorado defendida em 1967.

A preocupação com os conteúdos de Geografia para a sala de aula vão se ampliando de acordo com sua prática docente. Podemos notar a preocupação de Livia sobre este assunto nas discussões tecidas em artigos publicados, dentre eles “Considerações sobre o ensino de Geografia no primário”, de 1964.

Sua Livre-Docência representa mais uma parte do caminho percorrido na busca de respostas para o que e como ensinar Geografia. Esta pesquisa é um marco na Geografia brasileira especialmente por trazer as contribuições de Piaget às discussões sobre o Ensino de Geografia. Neste momento, acredito que as viagens realizadas ainda enquanto estudante de Enfermagem, ou na companhia de um padre, bem como sua participação na Juventude Universitária Católica foram determinantes para a escolha de seu tema de pesquisa.

Durante sua lembrança Livia destaca em diversos momentos o quanto gostava de viajar e o quanto os mapas sempre chamaram sua atenção. Além

disso, sua participação num grupo de discussão como a JUC possibilitou um ponto de vista muito específico sobre a questão educacional.

Assim, acredito que as concepções de Livia sobre prática e experiência, adquiridas ao longo de sua vida, puderam ser fundamentadas e explicadas a partir da contribuição de Piaget. Livia já conhecia o trabalho da professora Amélia Domingues de Castro, professora de Didática que introduziu na USP as idéias de Piaget. Ao chegar na FFCL teve contato com as obras de Anísio Teixeira e Dewey; embora sua experiência como católica e ex-membro da JUC<sup>56</sup> não permitiam concordar com as idéias ‘revolucionárias’ destes dois autores, as reflexões sobre a prática do ensino de Geografia poderiam ser tecidas apenas atendo-se à questão da prática, do experimentar. E Piaget foi responsável por fundamentar como ocorre a aprendizagem a partir da prática e da experiência.

Assim, acredito que o percurso de pesquisa trilhado por Livia esteve sempre claro, mesmo quando em alguns momentos ela menciona não ter, na época da Livre Docência, um tema de pesquisa específico. Sua trajetória como professora de Geografia e pesquisadora não poderia ser diferente do que está registrado em suas publicações.

Ainda, graças às suas experiências pessoais o Ensino de Geografia em Rio Claro e também no Brasil conseguiu se desenvolver como um campo de investigação. E como se sabe, questionamentos são sempre necessários e imprescindíveis para o desenvolvimento científico.

---

56 - A JUC era concebida como um grupo católico importante para a realização de atividades educativas fora da escola. Este grupo nasceu sob influência da Ação Católica, e assumia caráter religioso-social. Contrária as idéias revolucionárias dos escolanovistas, pregava o combate ao catolicismo burguês, comodista. No livro ‘Noções de Sociologia’ escrito em 1938 por Madre Francisca Peeters (p.256), a crítica aos pioneiros da nova educação fica evidente: “Do lado oposto da trincheira moral, vemos os pioneiros comunistas cheios dum entusiasmo conquistador e fanatizados por seus ideais de igualdade universal. Esses pioneiros desde a mais tenra idade juram lutar contra a idéia de Deus, contra tudo o que O representa na terra. O que dará uma geração que cresce nestes sentimentos, só Deus o sabe. Não falemos de outras organizações que se vêm desenvolvendo sob a tutela de certos Estados totalitários. O tempo se incumbirá de dizer o valor moral e social desses grupos juvenis.”

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, a oportunidade de pensar questões sobre Educação a partir das memórias de uma professora, nos permitiu tecer reflexões importantes sobre a questão educacional brasileira, mais especialmente, sobre o ensino de geografia.

O rememorar da professora Livia de Oliveira produziu conhecimentos que agora podem ser compartilhados coletivamente. Conhecimentos adquiridos a partir de informações que a professora Livia divulga e que nós, ao registrá-las, oferecemos a oportunidade de que outras pessoas reflitam sobre a temática aqui estudada, e ainda, produzam novas investigações.

As informações trazidas pelo relato da professora Livia nos permitiu repensar a Educação, mais especificamente, olhar de modo diferente para a questão principal deste trabalho, que é o desenvolvimento do ensino da geografia. Ainda, seu rememorar nos forneceu pistas sobre a constituição de um campo de investigação que passou a discutir a Geografia Escolar.

Apoiando-nos em Benjamim (1987), dizemos que seu rememorar permitiu a re(constituição) temporal de sua vida; a partir da reflexão aqui apresentada pode-se compreender que sua trajetória está articulada com uma memória coletiva. Esta percepção pode não acontecer de modo consciente para ela, mas percebemos em sua fala que sua memória sempre se articula com a memória de outras pessoas, geralmente com o grupo do qual ela participa.

As discussões aqui tecidas contribuíram para a compreensão da relação existente entre memória e conhecimento. A concepção sobre memória com a qual nos ocupamos nos permite compreender que o próprio relato de Livia é conhecimento. É conhecimento porque divulga saberes, informações e noções adquiridas a partir de sua rememoração. No dicionário <sup>57</sup>, uns dos sinônimos para a palavra conhecimento é experiência, prática de vida. E o relato biográfico é composto essencialmente, como já apontado, por suas experiências como professora de Geografia.

Dar importância à memória é revalorizá-la, permitindo “[...] a revitalização do encadeamento dos tempos, do maior comprometimento das ações no presente, do complexo, racional e afetivo, que leva à ação.[...]” (GALZERANI, 2004)

Ao refletir sobre a narrativa que construímos pudemos efetuar considerações contextualizadoras da disciplina escolar geografia, de modo que, ao abrir na narrativa janelas de tempos e espaços coletivos, pudemos compor flashes da história dessa disciplina. Ainda, nos permitiu pensar de modo diferente sobre a sua prática docente.

Apoiando-nos em Catani (2003), podemos dizer que a prática docente de Livia, concomitante à sua graduação em Geografia, favoreceram o caráter inovador de suas pesquisas, principalmente no que se refere à sua Livre Docência.<sup>58</sup>

Particularmente, esta pesquisa permitiu-me refletir sobre a minha prática como professora de Geografia. Ao terminar o curso de graduação em Geografia, deparei-me com um questionamento que acredito ser também de muitos recém-formados: o que ensinar, ou o que, dentro da Geografia, é relevante ensinar?

Minha atuação em sala de aula, e particularmente a construção desta pesquisa, deixaram evidentes que a prática em sala de aula não deve seguir a mesma prática que vivenciamos na Universidade. A sala de aula deve ser um ambiente que suscite questionamentos ao professor, e acreditamos que as

---

57 Novo Dicionário Aurélio século XXI, versão eletrônica. 2006

58 Segundo Catani (2003, p. 36), “[...] a teoria pedagógica e prática docente, enquanto domínios de natureza diversa, diz respeito a uma relação que não pode ser unívoca e linear. Ao contrário, implica uma relação dialética que requer por parte dos professores uma atitude reflexiva de dupla mão: de um lado, buscando a compreensão dos conteúdos teóricos e, de outro, o desenvolvimento de uma análise sobre as formas mediante as quais eles têm incorporado e traduzido os elementos diversos que compõem as teorias por eles estudadas.”



pesquisas engendradas por professores em sala de aula podem fazer muita diferença no processo de ensino-aprendizagem. As lembranças de Livia confirmam que esta também era uma de suas principais preocupações.

Nesses termos, acredito que não basta apenas saber que a Geografia Escolar é importante. É preciso compreender os processos que contribuíram para o seu desenvolvimento, as correntes de pensamento que influenciaram a construção desta concepção, e até mesmo os interesses que a permearam.

Digo isso porque, talvez, na história da educação brasileira, a questão do como ensinar nunca tenha sido discutida tão enfaticamente quanto nos dias de hoje. Se nas décadas de 1930, 1940 e 1950, período aqui estudado, a idéia do como ensinar quase não era debatida, e em contrapartida, o que ensinar era a noção que norteava os currículos das escolas regulares (principalmente no nível secundário), atualmente, a preocupação com o ensino que se efetiva na sala de aula, além de contar com a contribuição de investigações acadêmicas, é agora amplamente utilizada pelo discurso dominante na divulgação das políticas educacionais.

Consideramos que essa apropriação feita pelo discurso dominante mereça uma atenção especial nesta conclusão.

As memórias da professora Livia evidenciaram que o ensino da geografia nas salas de aula, no período estudado, eram transposições de conceitos e práticas desenvolvidas no meio acadêmico; ainda, que as pesquisas sobre o ensino das disciplinas, também no caso da Geografia, eram de competência dos especialistas da educação e não dos graduandos em Geografia, por exemplo. Também trouxe ao nosso conhecimento que as pesquisas sobre o ensino da geografia estavam atreladas a determinados interesses, pessoais e/ou de uma coletividade. No caso deste estudo, pudemos compreender que a noção da necessidade de pesquisas sobre o ensino que se efetiva nas salas de aula, idéias que Livia já possuía durante a graduação da USP e que contribuíram para a conquista de seu projeto profissional de vida, foram determinantes na constituição de um curso de Geografia concebido como 'inovador', 'pioneiro', como foi o exemplo da instalação da FFCL de Rio Claro.

Suas lembranças também nos levaram a perceber que os currículos escolares e também do curso superior em Geografia, eram condizentes com um ideal de Educação veiculados pelo discurso dominante, e aceito como legítimo

pelas instâncias governamentais. A criação da USP contou não só com o apoio das idéias de Anísio Teixeira e outros escolanovistas, mas também com um aporte legal que instituía a criação de uma Faculdade de Filosofia, cujo objetivo principal foi o de ser o centro, por excelência, capaz de garantir o acesso e a divulgação de conhecimentos científicos, específicos a uma elite intelectual.

Nesses termos, acredito que a idéia de transposição de conceitos e práticas geográficos, realizada nas escolas durante o período estudado, serviram à esta elite intelectual e garantiram a manutenção de sua influência política. O 'mecanismo' de transposição de conhecimento garantiu que uma minoria tivesse acesso à saberes tidos como propriedade de uma elite; a vinculação do conhecimento como capital cultural pôde garantir e manter a influência desta elite intelectual em diversos segmentos da sociedade, inclusive no poder político vigente.

Basta lembrarmos que a instalação da FFCL da USP surgiu das aspirações de uma burguesia urbano-industrial e, contou, como já apontado anteriormente, com o apoio de intelectuais ligados às idéias renovadoras da Escola Nova.

Portanto, se nas décadas de 1930, 1940 e 1950, as concepções sobre ensino estavam atreladas aos interesses de uma elite intelectual, em manter-se como elite de um país, questionamos, então, como se dá essa relação atualmente? Em outras palavras, a escrita dos currículos oficiais permanece como prerrogativa da mesma elite acadêmica (haja vista que o texto de Geografia dos atuais Parâmetros Curriculares é de autoria de dois professores do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo).

Daí o desencontro entre o fazer da geografia nas salas de aula e as recomendações curriculares. E, mais, como disciplina escolar permanece a postura elitizada e excludente de todos os demais saberes, originados em lugares sociais externos à Academia.

A esse respeito, o lembrar de Livia trouxe algumas pistas quando ela comenta a diferença de clientela presente nas escolas públicas. Livia assume um posicionamento bem situado a esse respeito. Evidencia, sobretudo, a mudança dos objetivos do ensino público:

*[...] Houve esta inversão! No meu tempo, e há até pouco tempo atrás, a pessoa importante, central, era o professor, e agora o aluno é o central!*

*Agora colocaram o foco no aluno, e todos têm medo do aluno. O professor tem medo, o diretor tem medo, todos têm medo porque a clientela mudou.*

*Então precisa tratar essa clientela de outra maneira; eu acho que a Psicologia teria que mudar, a Pedagogia teria que mudar! A Pedagogia teria que dar instrumentos para o professor em escola pública entrar em sala de aula*

*Eu não sou contra, pelo contrário, que a massa entre na escola, afinal precisava, havia a necessidade! Mas nós ficamos defasados na Universidade, na formação do professor, e não é só o de Geografia, é o de Matemática, o de História, de todos! Eu acho que os nossos cursos de licenciatura não se atualizaram sociologicamente, culturalmente, economicamente para aquela clientela que agora vêm à escola pública. Porque nós ainda estamos ensinando como se a clientela fosse a de classe média! Estão falando aí que a classe média está voltando, mas não vai voltar porque os pais vão fazer de tudo para poder continuar na escola particular.*

Ao refletir sobre suas memórias a esse respeito, acreditamos que seja plausível dizer que ao colocar o foco do ensino no aluno, isto é, enfatizar práticas que considerem o cotidiano do aluno, favorece-se a manutenção de uma elite intelectual no país. Em outros termos, o discurso dominante ao se apropriar de conceitos e idéias sobre a necessidade de se pensar no ensino que se efetiva nas salas de aula, desenvolvidas no âmbito acadêmico, e que ao simplificá-las, garantiu que nas salas de aula da escola pública a questão do respeito ao cotidiano do aluno fosse a tônica do processo de ensino-aprendizagem, e não mais um conhecimento próximo aos saberes da elite intelectual.

Ou seja, a abertura do ensino público no Brasil permitindo que uma grande maioria da população tivesse acesso à educação, na verdade, não foi condizente com o projeto político da elite intelectual. Nesse sentido, o conhecimento que se deve ensinar às massas é distante daquele que se supõe como necessário à ascensão social. Na verdade, a ida das 'massas' à escola pública acabou criando mecanismos, por parte das elites do país, para excluí-las do processo de aquisição de conhecimento. Atualmente, um conhecimento mais especializado

está nas Universidades Públicas, e não mais no ensino secundário como foi durante as décadas de 1930, 1940 e 1950.

Portanto, acredito que seja imprescindível questionarmos a apropriação que o discurso dominante faz da idéia de que, em termos de ensino, é preciso que se efetivem pesquisas sobre as salas de aula, no caso que aqui nos ocupamos, sobre a Geografia Escolar. Que interesses estão envolvidos quando um documento como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998,p.30), divulgam que o professor de Geografia deve criar e planejar situações de aprendizagem?

[...] em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares.

Consideramos que o discurso dominante, ao se apropriar da concepção, por exemplo, da Geografia Escolar, elabora uma simplificação desta, como forma de difusão de um modelo didático simplista no qual a questão do avanço no ensino de geografia enfatiza mais uma vez, os procedimentos didáticos tidos como necessários à aprendizagem, em detrimento do incentivo a todos os professores de refletir sobre a sua prática docente, o que contribuiria muito para o desenvolvimento de práticas que realmente seriam efetivas e provocariam mudanças na qualidade do que se ensina.

Assim, a lembrança de Livia nos permitiu refletir sobre o presente e tecer considerações para o futuro no que se refere ao ensino de geografia no Brasil. Sua lembrança nos trouxe a possibilidade de pensarmos nas relações entre educação e política; ainda, ao refletir sobre o que ela nos contou pudemos confirmar a necessidade de que pesquisas sejam realizadas por todos os professores, independentemente do nível do magistério em que atua.

Também pudemos inferir que esse incentivo aos professores em refletir sobre sua prática docente está associado aos interesses de uma elite intelectual. Se nas décadas de 1930, 1940 e 1950 os professores do ensino secundário tinham a oportunidade de propor idéias para a construção do projeto educacional brasileiro, dado principalmente a importância deste nível de escolarização para a

manutenção da elite da época, o mesmo não ocorre atualmente com os professores do ensino fundamental e médio. A elaboração dos PCNs de Geografia, um 'manual de conduta escolar destinado aos professores', contou com a participação de uma elite intelectual que atua em uma das Universidades mais tradicionais do país. Não ouviu os professores que estão em sala de aula, demonstrando que o pensar sobre o ensino compete ao universo acadêmico, do qual, aliás, estes professores, em sua grande maioria, não participa.

Portanto, as considerações aqui tecidas, da forma como foram, não poderiam acontecer se não tivéssemos utilizado as memórias de uma professora como recurso à reflexão sobre a Educação. As memórias de Livia são memórias da Educação, e foram estas que nos impulsionaram à questionamentos importantes concernentes ao ensino e, mais especificamente, ao desenvolvimento da disciplina Geografia como campo de investigação.

## REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. Perfis de Mestres. **Estudos Avançados**. Vol.8, n.22, São Paulo. Set-Dez. 1994. Disponível em: [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br) Acesso em: 17 out 2007

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.), **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.p.

\_\_\_\_\_(Org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

ANDRADE, Manuel Correa de. **Geografia, ciência da sociedade**. São Paulo: Atlas, 1987

AZEVEDO, Fernando de. Manifesto dos Educadores: mais uma vez convocados (Janeiro de 1959). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.205–220, ago2006. Disponível em: [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br). Acesso em: 20 set. 2007

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense,1987.

\_\_\_\_\_**Obras escolhidas II. Rua de Mão Única**. São Paulo : Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_**O Narrador**. In: **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense,1987. p.197-221

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Brasília: MEC, 1998

BITTENCOURT, Agueda Bernadete. Memória e Arte: reflexões em torno de condições de formação e de trabalho em setores especiais. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, Memória, História: possibilidades, leituras.** Campinas:Mercado das Letras, 2004. p.545-569.

**Boletim Geográfico** v.10-11. Rio de Janeiro, 1952/1953

\_\_\_\_\_v.11-12. Rio de Janeiro, 1953/1954

\_\_\_\_\_. n. 125-129. Rio de Janeiro, 1955

\_\_\_\_\_. v. 15. Rio de Janeiro, 1957

\_\_\_\_\_. v. 16. Rio de Janeiro, 1958

Boletim Paulista de Geografia. v. 1-3. São Paulo, 1949.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaina. (Org.). **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1986. p.183-191

BOURDIEU, Pierre et.al. **A Miséria do Mundo.** Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 1999

BUSCHINELLI, Antonio. **Subsídios para a História do Ensino Superior Oficial em Rio Claro: da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ao Campus da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”- UNESP.** Rio Claro, 1988.

CARVALHO, Delgado. Contribuição ao Ensino: Didática da Geografia. **Boletim Geográfico**. n. 125, p.193. Rio de Janeiro, mar/abr, 1955.

\_\_\_\_\_.Contribuição ao Ensino: A Geografia no Ensino Secundário. **Boletim Geográfico**. n. 125. Rio de Janeiro, mar/abr, 1955.

CARVALHO, Rita de Cássia Gonçalves. As transformações do ensino no Brasil: análise das reformas. [s.d]. (Texto constante da **Biblioteca Virtual do INEP**). Disponível em: <http://bve.cibec.inep.gov.br/>. Acesso em: nov. 2007

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LAROSSA, Jorge. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes Ediciones, 1995. p.11-59.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. Textos 3, 2 série, p. 42-59. 1992.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro, 1995.

FARIA, Lina. Educadoras Sanitárias e Enfermeiras de Saúde Pública: identidades profissionais em construção. **Cadernos Pagu**. n. 27, p.173-212, julho-dezembro de 2006. Disponível em: [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br). Acesso em: 20 set. 2007.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**. Curitiba, n. 28, p.17-36, 2006. Editora UFPR. Disponível em: <http://calvados.c3sl.ufpr.br>. Acesso em: 20 set. 2007

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Ed. Diadorim, 1994



FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.), **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

GAGNEBIN, Jean-Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Fapesp: Campinas. Editora da Unicamp.1994

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, História e (Re) Invenção Educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.).**Educação, Memória, História: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p.287-330.

GINZBURG,Carlo. **Mitos, emblemas, sinais.**; São Paulo: CIA das Letras, 1989

\_\_\_\_\_.**O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

GOMES, Marco Antonio de Oliveira. **Vozes em defesa da ordem: o debate entre o público e o privado na educação (1945-1968)**. [200-]. p.1-23. UNICAMP. Faculdade de Educação. <disponível em: <http://www.bve.cibec.inep.gov.br>> Acesso em 03 nov. de 2007

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANDUH, Marco Zero, p.180-193, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.(Org.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3 ed. Petrópolis: Vozes. 2002.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lucia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina, v.12, n.2, p.4-19, jul/dez, 2003.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. A utilização do dado qualitativo e a subjetividade do pesquisador. In: **Agruras e Prazeres de uma Pesquisadora: ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. s/d, p. 77-83.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEONARDI, Paula. **Puríssimo Coração: um colégio de elite em Rio Claro**. 2002. 215f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

LIMA, Hermes. Anísio Teixeira: Estadista da Educação. Rio de Janeiro,1978. Disponível em: < [www.prossiga.br/anisioiteixeira](http://www.prossiga.br/anisioiteixeira)>. Acesso em agosto de 2005.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na historia oral contemporânea. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaina.(Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV,2001.p.

MAUAD, Ana Maria. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. **Proj. História**, São Paulo, n. 20, p.157-169, jun. 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom . **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Rev. Inst. Est. Bras**, São Paulo, n.34, p. 9-24. 1992.

MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.13, n.25/26, set.1992/ago.1993. p.55-103

NADAI, Elza. **A Educação como Apostolado: história e reminiscências (São Paulo 1930-1970)**.1991. 450 f. Tese (Livre-Docente). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.

NASCIMENTO, Manoel Nelito M. Nascimento. Educação e nacional-desenvolvimentismo no Brasil. s.d]. (Texto constante da **Biblioteca Virtual do INEP**). Disponível em: <http://bve.cibec.inep.gov.br/>. Acesso em: nov. 2007

OLIVEIRA, Livia; MACHADO, Lucy Marion C. Ph. Texto nº 1. Geografia 1ª série colegial. Rio Claro: **AGETEO**.1979. (Textos Didáticos de Geografia da Associação de Geografia Teorética)

OLIVEIRA, Livia de. **Consideração ao ensino de Geografia**. 1967. 82 p., Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade de Campinas, Rio Claro, 1967.

\_\_\_\_\_ **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. 1978. 128 p., Tese (Livre Docência), Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

\_\_\_\_\_ Three Brazilian Cognitive Studies on Geographical Education. **Research and Research methods in Geographical Education**. University of London Institute of Education. London. p.165 – 178, 1984

\_\_\_\_\_ Percepção e Representação do Espaço Geográfico. In: OLIVEIRA, Livia de; RIO, Vicente del.(Org.) **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Carlos: Editora da Ufscar, 1996. p. 187-212.

PEETERS, Madre Teresa Francisca. **Noções de Sociologia**. 2ª Edição. Edições Melhoramentos. São Paulo. 1938

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212. 1992. Disponível em:<<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 31 maio 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15. 1989. Disponível em:<<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 31 maio 2006.

PRADA, Cecília. Palavra de Mestre: Revelações de Aziz Ab'Sáber, o maior geógrafo brasileiro. **Problemas Brasileiros**. N. 373, jan-fev 2006. Disponível em: [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br). Acesso em: set. 2006

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. (Org.), **Experimentos com história de vida: Itália Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

\_\_\_\_\_ **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

\_\_\_\_\_ O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LANG, Alice Beatriz da S. G. (Org.) **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU, 1992.p.13-29

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **A trajetória da disciplina geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942)**. 1996. 302 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC: São Paulo.

ROMANELLI, Otaiza. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. 3ª Edição. Petrópolis. Editora Vozes, 1982

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. .In Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaina.(Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV,2001.p.

SAVIANI, Demerval. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira Campinas, agosto de 2005. (Texto constante da **Biblioteca Virtual do INEP**). Disponível em: <http://bve.cibec.inep.gov.br/>. Acesso em: nov. 2007

SILVA, Osvaldo Aulino da. **Mosaico Iconográfico do Instituto de Biociências da UNESP Campus de Rio Claro**. Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, 2002

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As várias faces da Igreja Católica. Dossiê Religiões. **Estudos Avançados**. vol.18, n.52, São Paulo. Dezembro de 2004. Disponível em: [www.scielo.org.br](http://www.scielo.org.br). Acesso em: 14 out. 2007

TRIGO, Maria Helena Bueno. **Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)**. 1997. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.

VAIDERGORN, José. **As seis irmãs. As Faculdades de Ciências e Letras- Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo – 1957-1964. Alguns subsídios interpretativos para o estudo do ensino superior do Estado de São Paulo**. 1995. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas.Campinas. São Paulo

WOOLF, Virgínia. **Momentos de Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ZACHARIAS, Vera Lucia. **John Dewey**. 2006 (artigo publicado em <<http://www.centrorefeducacional.pro.br/estruens.htm>>. Acesso em: set 2007

## APÊNDICE

### AS TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

#### A PRIMEIRA ENTREVISTA

Entrevista realizada com a professora Lívia de Oliveira, na sala de reunião da Pós-Graduação do prédio da rua dez da UNESP, às nove horas da manhã do dia treze de abril de 2005. Bom, professora, nós estamos aqui pra fazer a entrevista com a senhora, é..., principalmente para preservar a memória da senhora naquilo que não está escrito nos documentos. A senhora como uma professora muito importante aqui, há..., pra poder preservar a memória da senhora em coisas que... em documentos onde não estão escritas toda a sua trajetória de vida etc. Ah, então... eu queria... só... me apresentar, meu nome é Geórgia, eu estou começando o mestrado agora com a professora Rosângela, juntamente com o professor João também, e... agora eu vou então começar a entrevista e... qualquer intervenção que... necessária, tudo bem. Ah... posso começar?

Professora Lívia - Pode, pode começar.

- Tá, então eu queria primeiro deixar a senhora à vontade pra falar tudo que a senhora quiser. A primeira pergunta então: onde a senhora nasceu e quantos irmãos a senhora tem?

Professora Lívia - Eu nasci em Mairinque, uma peq..., na época quando eu nasci não era cidade, era um Distrito pertencente à São Roque, ao município de São Roque. Eu tenho..., tive cinco irmãos, podia dizer seis, porque o primeiro nasceu vivo mas morreu em alguns dias, e depois os outros irmãos são... nós... Minha mãe punha, naquela época, os nomes eram todos na mesma... começava com a mesma letra. Então primeiro se chamava... se chamou Cid, mas como morreu, minha mãe mudou a letra, e começou com a letra L. Então, veio primeiro a Laís, depois o Laércio, a LiseiKa, depois eu – Lívia – e o mais novo, Laerte. Então nós somos... éramos, três mulheres e dois homens, porque desses, já morreu a minha irmã Laís e o meu irmão Laércio.

- O que faziam os pais da senhora? A profissão deles?

Professora Lívia - Eu não... você..., fale bem porque eu não escuto o que você fala... eu sou surda!

- A profissão dos seus pais, o que seus pais faziam?

Professora Lívia - Minha mãe era professora primária, só que eu tenho que fazer um destaque que naquela época, uma professora primária, formada pela escola, hã..., da Caetano de Campos, era como uma Faculdade. Minha mãe estudou em São Paulo, formada em 1910, e... ela... por isso que eu digo que era como uma Faculdade, porque a letr..., as pa..., os livros que ela estudou, por exemplo o Álgebra, que depois eu dei pro meu sobrinho, era uma álgebra de Faculdade, ela estudava, viu?! Ela aprendeu francês na escola, falava francês correntemente, então não era..., não era uma esc..., não era uma normalista como de hoje, viu?! Ela na verdade, ela era como uma escola superior. Meu pai era agricultor, vinha de..., de, de... trabalhos de fazenda de..., no início de cana, depois de..., ah... policultura, então meu pai trabalhava na... na terra.

- Tá. Sobre a... sua vida então... e quando e onde a senhora fez o curso primário?

Professora Lívia - Não escuto o que você fala. Por favor, eu tô explicando pra você que eu tô surda. Você fala pra baixo, fala pra dentro. Você não é uma professora, porque o professor fala pra fora, não pra dentro.

- Então quando e onde a senhora fez o curso primário?

Professora Lívia - Eu fiz em Mairinque. Então eu entrei... minha mãe, como era professora, primária, ela ensina sempre a primeira série... naquele tempo era primeiro ano. E eu, muito levada, minha avó já com muita idade, a mamãe levava a gente pra escola. Então, com 4, 5 anos eu já fui pra escola e ficava sentada, quieta lá no canto, porque ela tinha que dar aula e eu não podia ficar lá, mas um filh... mais um neto lá pra minha avó cuidar.

- E como era essa escola?

Professora Lívia - Então, a escola era, e... a escola daquela época, você vê, eu entrei em 1934, 35, é porque eu tinha... sou de 1927... é de 34, 35. A escola era um..., um..., chamava-se Grupo Escolar, havia uma se... um ano para cada série, o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto. As professoras eram daquela série, elas repetiam, sempre davam aula praquela série, ela dava no primeiro ano, minha mãe no primeiro ano, a outra no segundo, do terceiro e do quarto. As classes eram enormes, sessenta alunos, a gente sentava na bi... na carteira sentava dois de cada um, quando enchia muito a classe, minha mãe punha de três, vocês podem imaginar o problema da..., da disciplina, três crianças sentadas juntas. Tinha um quadro negro, havia muitas... hã... cartazes e..., e minha mãe desde o início, ela... dava um lápis pras crianças ah..., é..., escreverem. E pela maneira como escrevia, ela via se ia ser capaz de ser alfabetizado ou não. Então ela pela maneira que pegava o..., o..., ela... o que na verdade



ela tava vendo a coordenação motora da criança, porque ela teve na..., na época, tinha muito pouca psicologia e pedagogia. Ela aprendeu francês, aprendeu matemática, álgebra mas não aprendeu psico..., mas ela pela prática era capaz. Ela dividia a classe em A, B e C. A, que ela achava que, naquele ano não aprenderia a..., não seria alfabetizado. O B, mais ou menos. E o C, ela achava que ela consideraria, ela... seria capaz de alfabetizar. Então a gente ficava no A, no B e no C. E ela tinha..., naquela época também não tinha essa pressão do professor de apre..., de..., de passar os alunos, porque ela num..., ela numa ia sair de Mairinque nunca, então ela não precisava fazer carreira, fazer pontos. Então ela deixava a criança lá, o pai vinha, reclamava, que fazia um ano, dois anos que o menino tava na escola e não aprendia a ler e escrever. E a minha mãe dizia calmamente: “Tenha calma, porque ele vai aprender, em quanto tempo eu não sei, pode ser 2, 3, 4 anos, mas eu vou alfabetiza-lo”. E ela alfabetizava mesmo a criança, só que ela não tinha pressa... ficava lá fazendo cobrinha, como ela dizia, ficava lá... já ficava dentro, a pessoa já se disci..., se disci... se disciplinando. E os que eram capazes, já passavam pro primeiro ano, passavam pro segundo ano. Mas quando nós passávamos pro segundo ano, nós estávamos alfabetizados, nós líamos qualquer leitura, nós fazíamos todas as contas e nós escrevíamos com firmeza, isso minha mãe fazia questão de que a criança que ia pra..., pro segundo ano, pra colega no segundo ano, não tivesse trabalho de alfabetizar a criança. Se tivesse alguma dúvida, ela retinha no primeiro ano, pra depois, no ano seguinte, firmemente, a outra passar. Tanto é que quando a gente chegava no segundo ano ninguém tinha dúvida, no que o professor escrevia na sa... na lousa, o que nós tínhamos que ler porque nós sabíamos.

A diferença grande nossa do segundo ano, que nós começávamos a escrever com tinta, que no primeiro ano só escrevia com..., a lápis. Só que o..., a tinta não havia esferográfica, num tinha nem caneta..., é..., a tinta. Cada carteira tinha um lugarzinho pra por um copinho e, no dia que ia escrever com tinta, o servente vinha, enchia os copinhos e nós pegávamos um..., a caneta pra escrever. Então, vocês podem imaginar na primeira semana, no primeiro mês, era aquele esparramo, mas nós sabíamos escrever, o que nós não sabíamos era controlar a tinta pra por no papel. Isso passado um mês nós éramos capazes, e isto nos dava uma certa..., assim..., nos tornávamos mais adultos, mais maduros, olhando pro primeiro ano que só escrevia, usava lápis, porque nós já éramos capazes de escrever a tinta, e aí a professora começava com alguns conhecimentos de geografia, de ciências, a..., a matemática já era mais complicada, é... nós líamos muito mais o português. E no terceiro ano, nós escrevíamos a tinta como a lápis com a mesma facilidade, com a mesma... correção. E também, estudávamos mais, aprofundávamos todos os... os estudos.

E no quarto ano, era aquele finalmente, que e..., a... estudo já de uma história mais..., mais geral, uma geografia mais geral, a gente já ouvia falar e via os mapas da Europa, da..., da Ásia, da..., da..., das Américas... e eu, voltando um pouco no primeiro ano, quando você me perguntou da minha escola, eu, como eu ia com na minha mãe desde pequena, eu... aprendi a ler e escrever sozinha, porque minha

mãe não me dava atenção, porque era... era só pra eu ficar quieta lá dentro, né, então eu já fui escrevendo. Aí um dia, eu tava ainda com seis anos, ainda não tava registrada na..., na escola, ela... eu tava com..., com o jornal Estado de São Paulo, que na minha família desde o começo da formatação do..., do jornal, minha família a..., a..., assinava e nós líamos um pouco. Eu tava sentada com o jornal, o Estado de São Paulo na mão, e minha mãe perguntou: “Lívia, o que você está fazendo aí?”, eu disse: “Eu estou lendo, mamãe.”, “Lendo?”, “Sim, mamãe, tô lendo.”, “então leia pra mim.”, e eu li. E minha mãe ficou: “Como? Como?”, “Ué?! A senhora não me leva na escola todo dia? Eu aprendi a ler, mamãe.”, “E você sabe escrever?”, “Eu também sei escrever.”, então aí escrevi. Então, agora depois quando eu estudei o Piaget, é que eu vi claramente, eu não fui nada extraordinário, porque para o Piaget, o aprender a escrever é espontâneo, qualquer criança é..., é..., o que não é é a época, pode ser um pouco mais tarde, um pouco mais precoce, mas a gente aprende a ler e escrever espontaneamente, e daí, eu comecei a ler e até hoje eu nunca mais parei de ler. Leio, leio, leio, leio e eu sempre digo, eu... a única..., eu estou meia surda, mas eu podendo ver, não importa outro sentidos se eu não tenha, viu?! Eu ten..., podendo ler, eu... eu estou contente.

Ah, voltando um pouco mais na escola, da..., da minha experiência lá na..., na escola prim... antiga primária, nós não fazíamos excursões, não fazíamos visitas, não tinha vídeo, não tinha televisão, nem rádio num tinha naquela época, né?! E o que as professoras faziam conosco era..., tinha uma..., ou talvez um relacionamento muito mais íntimo com os alunos, né?! Os professores sa..., conheciam cada aluno, conheciam os pais de cada aluno, sabiam os problemas de cada aluno e..., e isto, por exemplo, e as aulas também, as matérias, eu me lembro que tanto mamãe com as professoras do terceiro e do quarto ano, havia uma disciplina que se chamava trabalhos manuais, e todos nós tínhamos que bordar, tricotear, e os meninos usavam serrinha, faziam sacolas com macramê. Então, era a..., segundo as professoras, e segundo minha mãe, era pra dar uma..., uma atividade manual pro..., pros alunos aprenderem a trabalhar com as mãos, além de..., de escrever..., de ler e escrever.

Outro aspecto que eu também me guardo, que eu acho que sinto que perdeu a escola, era o canto, viu?! Nós reuníamos todas..., dava o sinal da..., da entrada, formavam todas as séries, o..., o primeiro, segundo, terceiro ano numa fila, por tamanho, e..., primeiro os..., as meninas, depois os meninos, e cada série cantava um pouquinho um..., uma estrofezinha, sabe?! Minha..., minha jangada, do..., minha jangada de vela..., cantava..., a do sabiá, cada um cantava e depois que entrávamos pra sala. E também havia aula de canto, as professoras nos sábados, todos..., todos cantavam, eu acho que isso perdeu a escola, viu?! É um..., trabalhos manuais e a parte da música, eu acho que ela perdeu um pouco de..., de vivência que dava pras crianças.

E naquela época também, ao..., sábado era dia letivo comum, comum, né?! E nessa no sábado o que que as professoras aproveitavam: era pra higiene. Minha mãe cortava a unha de todos os moleques que na casa não deixava o pai e a mãe cortar a unha, minha mãe cortava, as professoras cortavam. Iam

pra..., pra torneira com escova, escovava o..., o pé, a mão, era revistado todinho pra ver a..., a cabeça, matava piolho, matava... outros parasitas, tomava banho ali mesmo, que se não tomava em casa, tomava no sábado. No sábado todo mundo tinha que levar uma roupinha pra trocar e ficar bonitinho, depois que lavava tudo, aí vinha a aula de religião.

Naquela época também, eram poucos os não católicos, mas havia já uma tolerância, né?! Então os que não eram católicos, que a religião a..., o que se ensinar não interessava, eles saiam da sala de aula. Mas era a..., a religião, era oficial a católica e todos tinham. E depois tinham os trabalhos manuais. Então sábado era um dia... muito cheio. Também tinha brincadeiras e tudo. No final do ano, a..., havia sempre uma exposição por série, e cada um tinha que por..., por os seus trabalhos, expor seus trabalhos. Então tinha as séries do primeiro ano, segundo... e depois o encerramento do ano letivo. O ano letivo também tinha uma festa, em que toda a família ia, a gente representava. Minha mãe conta que ainda antes da minha época, de 1934,35, logo 1920, 21, ela conta que os exames na escola primária, eram a..., cond..., conduzidos pelos promotores e pelos juízes. Então havia uma banca para examinar o..., os alunos, então não era..., não era a professora que..., que..., que aprovava de ano. Então já na minha época já não tinha, não era assim, era só a professora, o diretor também era nomeado, era..., era escolhido, e..., e dep..., perdeu essa a..., como se diria, essa... sei lá dizer pra vocês... de ter as pessoa de fora que faziam a..., a prova, né?!

E, também, na época a escola, em Mairinque a escola era Escolas Reunidas, só tinha até o terceiro ano. Então pra fazer o quarto ano, ah... , meu irmãos, a Laís e o Laércio tiveram que ir pra São Paulo, pra terminar o quarto ano e depois poderem estudar. Quando a Liseica já estava, e depois eu e o Laerte já tinha a quarta série, então nós fizemos até a quarta série. Mas a partir da quinta, que naquela época era primeiro ano do ginásio, nós já tivemos que sair. Eu com 11 anos, fui pra São Paulo, ah..., fazer o primeiro ano. Tinha o que nós chamávamos de Exame – admissão, era assim um medo tão grande quanto tem agora do vestibular, porque a gente tava com 10 anos ainda, nem tinha 11, e tinha que fazer um exame de admissão. Então, a minha irmã, a Laís, que estudava já em São Paulo, já tava fazendo oh..., a Escola Normal, ela estudava no..., no ginásio Ipiranga, era um ginásio eh..., particular muito conceituado, então eu fui pra lá e terminei a quarta série, o quarto ano e fui pra São Paulo, pra fazer oh..., o cursinho, né, fazer o exame oh..., est... de admissão.

Cheguei, vocês podem imaginar, uma..., vocês podem até chamar duma tabaroa, pra nós era uma caipira, né, o pé, grosso, porque eu num conseguia por sapato, né, só puna pra ir pra escola, tirava na hora. Queimada de sol, cabelo em pé com aquele suor, eu com 9 anos perdi o dente da frente, o incisivo, numa brincadeira caí e quebrei na cabeça duma menina, fiquei banguela. Então você pode imaginar esta figura chegando em São Paulo, na capital, pra estudar. Então, sentei lá, não conhecia ninguém, tinha 40 e tantos alunos, eu comecei. Mas o diretor, quando viu a minha..., minhas notas, disse pra Laís: “Não, não, ela fica, faz aí os dias e eu acho que ela deve fazer já de cara oh..., o

admissão, não fazer tudo, janeiro, fevereiro, ela já faz de cara.” Então, assisti umas 4, 5, umas 10 aulas de..., de coisa, e o professor, e eu senti que tudo o que tava falando, eu sabia. Professor falava de História, eu sabia, de Geografia, eu sabia, de... Português, eu sabia, então falei pra Laís: “Acho que vou fazer”, então me matric..., matriculou no..., me inscreveu no vest..., no admissão. E, era... como se diz... quando eu... passei... eliminatório, Português e Matemática escrito. Então, quando eu fui lá pra saber o resultado, ficou a minha... minha alegria porque eu tinha passado de..., de primeiro, e aquela classe de 40 já tavam 20 só, né?!

E aí, era prova oral, de Português, de Geografia, de História, aí o professor de História me perguntou, quando eu sentei na frente dele, ele perguntou: “Você tem um nome histórico, você se chama Lívia, se você souber porque que você tem o seu nome, não vou lhe perguntar mais nada, porque as pessoas põem no..., as mães põem nomes pros filhos, e não explicam o que significa!” E eu, muito rápida, respondi: “Lívia foi imperadora de..., de Roma, mulher de Augusto, e mãe de Tibério também que foi imperador”. Ele disse: “Pode ir embora, porque você sabe o que significa o seu nome”. Aí, passei pro..., pro de Geografia. Geografia eu pensei: “O que que ele vai me perguntar?”. Aí ele disse assim: “Você já v..., já olhou pro céu?”. Eu falei: “Já”, “O que que você vê?”, “Olha, um monte de astros”, eu falei. Ele disse: “Só astros?”, “É, são estrelas, são... ah... são planetas, cometas...”, “Você me dê o nome de uma estrela...”, e todo mundo daria o Sol, e eu dei bete... Betelgezio, eu falei pra ele... Ele disse: “Mas você sabe?”, “É uma grande estrela, uma estrela de primeira grandeza!”, “Por que que você não falou Sol?”, “Porque o Sol é de quinta grandeza, não é de primeira grandeza, por isso que eu falei”, “Pode ir embora porque você sabe Geografia”. No dis..., de Matemática, eu fiquei... nunca tive muito boa na Matemática, mas caiu lá eh..., máximo divisor comum lá e eu fui capaz de responder, e de Português também ele mandou eu ler um trecho e interpretar, interpretei e eu passei.

Então voltamos para Mairinque, antes do Natal, e aí a mamãe disse: “Quando que você tem que voltar, Lívia, pra Mairinque..., pra São Paulo. Ah..., a Laís disse: “Não, ela já passou”, “Como que passou?”, “Ela já passou”, “Mas não é possível!”, “Passei”. Então eu já fiquei de férias, já fiquei toda pimpolha com os meus colegas, porque ah..., de toda a minha classe, a única que ia fazer..., continuar os estudos, era eu. Porque, na época, pra fazer ginásio fora, num dava pra ninguém fazer, então..., de toda a classe, fui só eu que continuei.

- Em que época, em que ano aconteceu isso?

Professora Lívia - Eu entrei no ginásio em 1939, então...

- E essa escola era particular?

Professora Lívia - É, era particular...

- E interna?

Professora Livia - Extern...

- Você dormia, tudo lá?

Professora Livia - Não, não, não. Eu morava na casa de um parente. Meu pai ah..., uma pessoa muito aberta, muito tudo, ele era contra ah..., interno. Ele achava que tanto pra filho homem como filha mulher, a formação num era boa de... de internato. Então, preferiram me por numa escola..., ficar na casa de um parente, e frequentar a escola externa, como minha irmã também, morava na casa da madrinha dela. Nós nunca fomos em escola interna, viu?! E eu, continuo muito..., depois, quando a gente fica adulto, é que a gente entende, num falavam por que, mas era ah..., a escola interna, o internato, a gente conhece todos os problemas que..., que aparecem, né?!

- Disso tudo que a senhora... falou pra gente aqui, do que a senhora podia... dizer do que a senhora mais gostou dessa época do primário?

Professora Livia - Eu acho..., gostava da escola mesmo, viu, eu gostava de ir na escola, eu gostava de saber cada coisa nova que os professores davam, eu gostava de... de olhar os..., o corredor cheio de..., de cartazes, e eu via ali ah..., de..., de Geog..., o mapa da Europa, eu via onde tava localizado o país, eu via onde tava localizado Nova Iorque, eu via onde tava localizado Fortaleza... então, eu sempre sonhei em viajar, então o mapa sempre foi uma atração pra mim, viu, sempre foi uma atração. E..., o número que não, viu, o número... eu nunca tive uma atração muito grande pelo número. Eu sempre tive atração pela cor, por isso acho que os mapas pra mim, me diziam muito por causa da cor, eram todos eles eram coloridos. E também a parte de..., de Português, porque eu gostava muito de ler, e eu escrevia muito, com a imaginação, contava histórias, inventava histórias.

E, as brincadeiras que eu não falei pra você porque ah..., abria a escola, meia hora antes. Quando abria, a primeira que entrava, era eu, viu?! Entrava correndo, pra já a gente organizar os grupos de brincadeira, viu, e eu dominava um mesmo quando tava no primeiro ano, no segundo, eu que decidia quem ia pra cá, quem ia pra lá, quem que fazia as coisas... E aí a gente brincava até entrar, aquela meia hora de entrar na escola, na aula. Depois tinha o recreio, também era de meia hora. Também eu não comia, eu descia correndo pra brincar.

E quando acabava a aula, nós tínhamos que sair da escola, mas como durante o tempo eu briguei com todo mundo, porque eu batia num, batia noutra também, quando eu saía, eu tinha que sair correndo

porque a molecada corria atrás de mim, porque eu já tinha brigado com outro. E aí, gritavam, porque eram dois pontos fracos meu: me chamar de banguela e por casa do..., do Popeye, da Olívia Palito, eu era muito magrinha, eu era chamada de Lívia Palito. Então aquele ódio, você pode imaginar, eu acho que isto me fez ser agressiva, e depois ter orientado pro... pro bom caminho, mas eu fui muito agressiva por causa disso. Me olhavam, banguela, e magra feito num sei o que, era Olívia Palito. Então eu saía correndo, porque sempre vinham. Com dois meninos, eu era capaz, eu batia em dois. Se viessem em três, eles me pe..., dois me pegavam e aí eu num... me batia. Mas tudo longe, que minha mãe nunca viu, viu?! Minha mãe nem sabia que eu batia em todo mundo e que todo mundo batia em mim. Quando eu chegava marcada, eu contava uma história, e ela... como foi lá fora, não foi aqui dentro, ela dizia que a gente tinha que resolver os problemas lá fora e num trazer problema pra casa, porque, a primeira vez que eu levei pra casa e disse pra mamãe que tinham batido em mim, a minha mãe me bateu. “Você apanhou lá dentr..., você apanhou lá fora, você apanha aqui dentro. Você resolve os seus problemas na rua, não traga nenhum problema aqui”. Nunca mais eu levei trab..., trabalho pra minha mãe, eu resolvia lá, batia, fazia o que eu tinha que fazer lá fora, com os meninos, com as menin...

- E ainda dessa época, de qual professor você mais gostou?

Professora Lívia - Não, aí a gente tinha uma professora. Claro, a minha mãe era uma pessoa especial, né?! Depois no segundo ano, foi minha madrinha, eu gostei muito dela e pedi pra ela ser minha madrinha de crisma. No terceiro ano era dona Terezinha e no quarto ano voltou outra vez a minha madrinha de crisma. Então, a gente tinha uma rea..., uma relação muito boa, muito franca com as professoras, viu?! Então eu num..., eu nunca fui daquelas crianças de carregar ah..., caderno pra professora. As crianças brigavam pra esperar porque, as professoras levavam os trabalhos, os cadernos pra corrigir em casa, num corrigia lá. E eu nunca fiz isso, nunca fui de carregar nada pra professora, eu achava que isso não era a minha obrigação, minha mãe ficava brava. Às vezes ela pedia: “Lívia, vem me ajudar!”, “Não vou, não é minha obrigação ajudar a senh... peça pro seu... pra outros alunos ajudar, eu não vou!”. Isso eu nunca fiz, viu?! Isso de..., e de levar flor pra professora eu também nunca levei, levar fruta pra professora, não. Minha relação com as professoras eram... como eu dizia, eu estudava, eu fazia a lição, eu acho que era aí que tava a minha relação com o professor. Não levar flor, nem levar fruta, nem agradar professor, nem nada, isso nunca fiz com professor. Também os professores nunca passaram a mão na minha cabeça, acho que tinham até medo, viu, de passar a mão e eu, levantar a voz contra eles.

- E depois, quando você foi professora de Prática de Ensino, como é que você viu a escola em relação a essa escola que você viveu na infância?

Professora Livia - Então, aí a escola já tava tão diferente, já rinha passado tanta água pelo rio, já não tinha mutó, né?! Mas, a primária, eu dei poucas aulas na escola primária, né, porque eu fiz escola normal, né?! Eu fiz pouca, dei poucas aulas. Quando eu voltei da aula do primário, quando eu dei eu dei como substituta lá em Mairinque, a minha relação com as crianças era de brincadeira com as crianças, eu tinha 17 anos, né, quando term..., terminei o normal, e as crianças... a gente brincava, até ontem eu brincava com eles na rua, né?! Então, e o diretor não achava que eu podia ser daquele jeito, mas as crianças me adoravam, porque eu ensinava e nós..., eu ensinava brincando com eles, viu, cantando, fazendo as coisas. Eu tirava eles pro..., pro pátio e o diretor ficava furioso, já tava co..., que eu nem devia nem entrar no primário, porque como que eu ia ser professora? Então, ah..., eu, naquela época, vamos dizer, em mil novecentos e... agora já perdi um pouquinho, foi 1944, 45, né, quando terminei o normal. Se falava... ouvia qualquer coisa de escola nova, mas muito pouca, né, mas eu intuía que eu teria que ter um outro relacionamento com as crianças, viu, e substitui por pouco tempo, viu, então, eu... a minha escola já é..., não era da minha mãe, minha mãe já tinha aposentado, mas também a escola já tava havendo mudanças, viu?!

- E do Ginásio?

Professora Livia - Então, do ginásio, eu comecei o ginásio em..., no ginásio Ipiranga, fiz a primeira e a segunda série, e depois por questões, eh..., particulares, eu não vou entrar em detalhes aqui, eu..., só um detalhe: briguei com a prima da minha mãe, em que morava na casa, só podia ah...

Minha irmã morava e depois fui morar na casa de uma tia, que foi excelente, mas ela morreu quando eu tava na segunda série. E eu fiquei muito triste, achei que eu ia dar trabalho lá pro meu tio que ficou viúvo, e nessa época eu tinha um..., um conhecido lá de Mairinque, que tava estudando no ginásio, e ele tava fazendo no ginásio do Estado de Sorocaba, e aí ele me falou que não pagava no Estado, e que a escola era melhor da particular. Aí eu falei pra mamãe, e mudei e aí era muito mais perto Sorocaba de Mairinque do que de São Paulo. Então eu passei, eu me formei no ginásio estadual de Sorocaba. Eh..., e depois eu fiz a escola normal também lá.

Na minha época foi aquela reforma, que eram 5 séries no ginásio, no ano que eu terminei eram 4 séries, e eu passei de ano diretamente, com exame claro, para a escola normal, por isso que eu me formei na escola normal com 17 anos. Não veio a reforma da escola normal ser de 3 anos, então eram 2 ainda, então eu fiz 4 de ginásio e 2 anos de escola normal, então eu te... minha base é de 6 anos e não de 7 como depois os outros foram.

- Aí você pegou a reforma da 4024?

Professora Livia - Isso, eh... essa daí. Então, eu estudava na quin..., no ginásio eu ia ter bastante latim e não tive. Fiquei contente, tive um ano só de latim, porque a quinta série de latim era de lascara, todo mundo reclamava, viu, se bem que eu, na quinta série, apareceu uma professora, licenciada pela USP, que foi dar aula de latim e eu, nós todos ficamos encantados com ela, viu, porque ela era uma belezinha, chamava Virgínia, não me lembro o sobrenome, mas ela dava aula de latim pedagogicamente didaticamente como a gente imagina. Ela era licenciada, então, todos gostávamos de latim, todos nós ficamos encantados com o latim, e..., foi a primeira professora que eu tive de... licenciada, porque o de Português, o de História, o de Geografia, o de Matemática eram todos engenheiros, advogados, pessoas “gradadas”(?), eruditas, mas não licenciadas. O meu contato com Licenciatura foi através com a professora de latim de..., do ginásio.

-Tá, dessa época, do secundário, do que a senhora mais gostou do secundário?

Professora Livia - Do secundário? Era da Geografia e de História. De disciplina, era de Português, Geografia e História, que eram as disciplinas que mais eu gostava dos..., das colegas. Nós éramos um grupo muito bom, nós éramos muito amigos, eu tinha vinho do..., de ginásio particular pelo Estado, tinha um grupo que tinha vindo da escola da..., das freiras para o ginásio do Estado, então nós nos reuníamos, foi muito..., foi uma amizade muito boa, tanto é que a formatura de normal até hoje nós nos encontramos, viu, até eu senti que nos 60 anos eu não pude ir, viu?! Mas a gente tem se.. nos reunido, porque a gente vinha do ginásio e mas... quem reúne é a turma do normal, viu, então a gente entra em contato, vê, conversa, cada um conta suas coisas, o que que tá fazendo, o que que tá vendo, cada um tem que ir lá falar, então isso eu tenho... só sinto de não ter feito..., não ter podido ido no ano passado de 60 anos, mas todos os outros, a gente..., eu fui em todos os encontros lá de Sorocaba.

- Qual professora a senhora mais gostou?

Professora Livia - Aí no ginásio? Eu gostava muito do de mat... do de Geografia. Eh... e depois fiquei encantada com a de... de Latim, e depois você como é interessante o mundo como dá volta, o de Matemá..., o de Geografia, senhor Abdias, depois eu vim conhecer o filho dele que veio fazer Geografia quando eu entrei na faculdade. O filho dele, e ele era pai do... do Douglas Teixeira, um sociólogo, viu?! Então o..., o Éder, o Éder fez Geografia depois ele desistiu, mas aí conversando eu disse: “Mas eu gostava tanto do seu pai.” E ele disse: “Pois é”, e ele era pai do... do Douglas Teixeira, porque o primeiro fil... o mais velho, não me lembro qual é, eles eram 3 homens, o mais velho, era do



Partido Comunista e ele tava preso naquela época de 1940, 41, 42, e eu vinha de noite de Soroca... e ia de noite de Soroc... de Mairinque pra Sorocaba, ia de trem, porque no outro dia eu tinha aula cedo, e ele vinha com a senhora dele, o seu Abdias, por que ele ia lá visitar o filho, e aí a gente vinha conversando, e eu me lembro até hoje a fisionomia da mãe, ela tinha uma fisionomia de Marte, viu, porque claro, eles devem ter criado os filhos com uma abertura, e depois... e depois eu vim saber que eles eram acho que presbiterianos, ou metodistas que eles eram, e eles devem ter criado os filhos com muita abertura, e o filho, por questão de... política, de idéias, era... tava preso. Depois, como eu digo, eu gostava muito dele, eu viajava todo sá... todo domingo a noite eu vinha com ele, vínhamos conversando, então estabeleceu uma... uma relação assim, depois amarrei quando entrei na faculdade com o Éder e depois quando eu conheci o Douglas, que era filho, eu falei: “Não me diga! Como o mundo é pequeno!”, e na época, aquele meu colega que fazia... que foi pro ginásio do Estado, o Artur, era colega do... do Douglas, só que na época a gente não amarra muito as coisas que o Douglas foi ser um grande... eh... sociólogo.

- E de qual professor a senhora menos gostou?

Professora Livia - Num é bem... não gostou, mas era o medo que eu tinha da Matemática, viu, tanto quando eu fiz o ginásio do Estado e como no ginásio particular, era... eu não sei, depois com o tempo, eu que acho que projetava aquilo no professor, viu, porque eles eram educados com a gente, nunca gritaram, nunca falaram que a gente errou, nunca... mas eu sempre tinha horror a Matemática, eu achava que... e aí depois também teve um professor de Física que me disse que eu não era capaz de raciocinar, por isso que eu não conseguia eh... fazer Matemática, Física porque eu não tinha raciocínio, que raciocínio era uma... faculdade, e como eu não tinha essa faculdade em mim, eu não capaz mesmo de entender Matemática, eu não ia entender Física, então aquilo já me fechou mesmo. Mas eu não posso dizer que... que eu fosse... que eu não gostasse, eu acho que eu tinha medo, viu, eu tinha medo do... do professor.

- Com relação ao comportamento, como era a disciplina?

Professora Livia - Comportamento eu não posso falar, porque eu sou piagetiana, viu?! Você não pode usar essa palavra pra mim, você tem que usar a palavra conduta, falou comportamento você tá querendo que eu lhe diga... não posso, como você usa essa palavra aqui?

- Então, como era a conduta?

Professora Livia - Como que você fala comportamento pra mim? De jeito nenhum! A conduta de que você quer saber? Dos alunos, dos professores?

- Com relação aos alunos.

Professora Livia - Dos professores? Não, a conduta era... era de autoridade que o professor dava a aula, em geral em pé ou outro que dava sentado, usava lousa, nós tínhamos livros pra seguir, e era... era tradicional, vamos dizer, mas a gente aprendia, viu, por exemplo o de História fazia umas, uns parênteses e caminhava através de História, e essa a que nós prestávamos mais atenção, né, com essas pass... essas viagens dele, que ele fazia por toda a História.

-Com relação aos livros didáticos, como eles eram?

Professora Livia - Eu ficava encantada, viu, porque eu sempre gostei do livro didático pra mim, eu... aprendia muito, e depois, naquela época que eu fiquei em São Paulo, naquela cada daquela minha prima, prima da mamãe, ela não me deixava ler, eu não podia ler jornal e eu não podia ler romance nenhum, então eu lia o di... o livro didático, talvez por isso aprendi bastante Geografia, bastante Ciência, porque eu tinha que le... precisava ler alguma coisa, e aí eu lia o livro didático.

Eu, pra mim, eu gostava, viu, o de Geografia me encantava, o de História então, História Medieval eu achava a coisa mais linda que podia existir a ida... a Idade Média, então eu num... eram livros didáticos, Ciência a gente lia, e de Matemática eu não entendia, então não podia dizer que gostava ou não gostava da Matemática.

- A senhora tem algum?

Professora Livia - Liv... se eu tenho ainda? Ah, não tenho não, infelizmente a gente foi dando, foi perdendo, num sei se a... se a Marlene Colesante lá tem algum, porque ela que fez aquele trabalho sobre o livro didático, eu posso ver se ela tem ou não algum que era meu e que tá com ela.

- Tá. Com relação agora a graduação, quando e onde a senhora fez o curso de graduação?

Professora Livia - A graduação eu fiz na USP. Só que entre a minha... eu ter formado em escola normal e ter netrado na USP, pra fazer Geografia e História, na antiga Filosofia, Ciências e Letras, eu fiz Enfermagem, também na USP, eu, com 17 anos, entrei na... na Enfermagem, era apaixonada, como tudo eu faço as coisas só pela paixão, e trabalhei... estudei, fui aos Estados Unidos, fiz o curso de

especialização, em... saúde pública e trabalhava e da minha aula, mas muito jovem eu num fui lida... num fui capaz de lidar com... as coisas que aparecem na vida, que depois apareceram na Geografia, e eu fui capaz de lidar, quando a gente é mais jovem, a gente não é capaz. Então, briguei... feio, na faculdade lá de Higiene, e aí eu saí e fu... eu já tava fazendo Geografia, e aí fui trabalhar no hospital do... de Ortopedia, e depois que eu fiz o concurso para o magistério.

Mas quando eu term... eu queria fazer uma outra faculdade, queria fazer um outro curso, eu pensei em fazer Letras, porque eu tinha estado nos Estados Unidos, falava inglês, sempre gostei muito de Português, eu pensei em fazer Letras, ou Filosofia, que também me atraria, mas aí a mamãe falou: “Você foi fazer Enfermagem porque você quis, ninguém queria, mas você quis, você fez, nós demos todo o apoio. Agora, você vai escolher uma nova profissão, uma no... vai mudar sua vida, escute o que sua mãe vai falar”, “O que a senhora acha que eu devo fazer, mamãe?”, “Não vá fazer Letras nem Filosofia, vá fazer Geografia”. Minha mãe gostava demais de Geografia, desde a época da escola normal, e ela dizia: “É tão bonito, você gosta de Geografia, você gosta de História”. Aí eu fui lá, na Filosofia, naquela época era na Maria Antonia, e vi o programa, e achei, disse “Ah não, então faço... por causa de História, não de Geografia”, minha decisão foi pela História. Aí eu falei: “Mas eu, pra fazer o vestibular agora”, aí eu fiz um cursinho, que eram os próprios alunos lá da... da Filosofia que davam, mas a gente fazia o vestibular na própria Filosofia, não tinha essa história de... de coisa grande, nada, era um número de pessoas, tal. E eu fiz, fiz... só que naquela época não entrava Matemática, também foi a minha decisão, eu fiz Português, uma língua, Inglês, Geografia e História, ofram essas, então eu falei: “Nessas hist... esse curso que eu vou fazer”, porque pra fazer Matemática, eu num... num daria pra eu fazer, né, depois de tantos anos, e aí eu fiz o vestibular. Aí o vestibular, também eu preciso contar pra vocês, que eu entrei em primeiro lugar, aliás a nota mais alta do vestibular do ano, de toda a Filosofia, foi a minha nota. Porque tive a sorte, entre aspas, né, era o doutor Eurípedes Simões de História, né, e ele caiu o... o Renascimento da Itália, e eu, em 1950, tinha estado na Europa, e tinha visto, de... de... olhando mesmo, eu vi todo o... o Renascimento, então, eu escrevi essas páginas de... de almoço, eu escrevi 6, 7 páginas, não vamos... porque eu sabia tudo, comparava tudo, eu tinha tomado nota na... na viagem, em 1950, porque isso foi em 53, que eu fiz, 52.

- Foi à passeio?

Professora Livia - É, a passeio. É, eu fiz em 52, acho sim que foi em 52, que eu fiz o vestibular, então é claro, a nota eu tive 10 em História, né, aí de Português também, então Inglês, então eu tive notas altíssimas, e depois ainda tinha a... a oral, então em Inglês,... então todas as minhas notas foram assim, acima de 9 eu tive, então a nota mais alta de toda... de todo o vestibular, entre de dia, de noite, de tudo. Mas foi também uma sorte, porque todas as coisas que... depois a Geografia eu tinha estudado, então o

que saiu eu fui capaz de... de responder, todas de... de Português, eu me lembro ainda de Português, foi o Aersa Galvão que foi o... o de Português, o oral, e ele me perguntou: “Se você me falar alguma coisa sobre o livro do..., do Último dos Moicanos”, né..., como é que é o nome... do... eu até mandei buscar o livro, e o Último dos Moicanos, nós assistíamos, quando era criança em Mairinque, uma... um seriado, e nós brincávamos e representávamos aquilo tudo, então depois eu li o livro mais comum e agora eu mandei buscar o mais completo, né, então aquilo pra mim, o Último dos Moicanos, era uma coisa, era assim... fabulosa, viu, que eu me lembrava com todos os detalhes, o nome dos..., das pessoas, eu sabia da Cora, da Alice, tão bonitinha, moreninha, o Moicano, tudo, tudo e sabia... então eu contei pra ele. Ele disse: “Mas você...”, falei: “ Não, mas é...”, aí ele disse: “Mas você assistiu... você é do tempo do seriado?”, doutor Plínio disse, eu disse: “Sim”, “Então pode ir embora”, também tirei 10, então... as notas, a sorte foi isso, tudo o que caiu, eu sabia e eu tinha vivido o que eu falava, então eu entrei na USP, na Geo... era Geografia e História. E o meu encanto era História, mas como sou sempre muito briguenta, briguei com o Rosendo, que a minha paixão era fazer História da América, né, e briguei com o Rosendo, e com o Astrogildo, que eram os de História, né, e aí, eu acabei ficando na Geografia, então Araújo sempre brincava comigo: “Mas nós nunca vamos brigar com você, viu Lívía, na Geografia, nós vamos tratar muito bem você”, ele sempre brincava, e depois, as minhas brigas dentro da Geografia num foram assim tão profundas, pra eu mudar de novo, porque eu digo pra você: se eu tivesse que mudar, eu teria mudado de novo, porque eu só faço as coisas que eu gosto, apaixonadamente, viu?! Pra fazer obrigada, eu nunca faria nada.

- Vamos voltar um pouquinho, Lívía, quando você fala que ingressou em 52 na USP, mas você já tinha estado nos Estados Unidos e já tinha...

Professora Lívía - Na Europa.

- Já tinha estado na Europa. Isso era comum, ou você... era uma ousadia sua?

Professora Lívía - Era uma ousadia, né, uma ousadia, porque pra ir pra Europa, era... 1950, a guerra tinha acabado em cinquenta e... 45, 46, mas nós tínhamos em Mairinque um abade, um alemão, que ele veio fugidio pela... da época da guerra, e ele, ia ter o ano santo, 1950, então havia uma série de facilidades e tudo, e ele tava organizando e fomos 4 pessoas com ele, foi a Maria Betina, que era da minha idade, e a... a dona Romilda e a Olga, que era irmã da minha tia, era mais velha, então fomos nós 4 e ele providenciou, nós fomos com ele, fizemos tudo

- Navio?

Professora Lívia: De navio! Naquela época de navio, fomos de navio, levamos 15 dias, e todas as coisas... e lá, nós tínhamos certas facilidades, em Roma ficamos num colégio de freiras, mas a gente tinha liberdade pra entrar e pra sair, e ficamos simplesmente 15 dias em Roma. Então, nós via... e naquela época, no ano santo, a gente tinha um... um passzinho que a gente comprava pra poder entrar..., então nós viaj... pra pod... de bonde, de ônibus, fomos por toda a cidade de Roma, então conheci roma pra baixo e pra... e depois dali fomos pra... pra Suíça, fomos pra Alemanha, que era a... a família dele tava nos esperando, e nós... a fami... era uma aldeia como na época, as aldeias ainda de... como vestígios medievais, era assim, a aldeia era só católica, a outra era só luterana, a outra era só... cada aldeia num tinha de outra religião, então, o dom abade, claro, a aldeia dele era católica, e nós ficamos lá, recebidos pela família, e eles nunca tinham visto um estrangeiro, porque era uma aldeia mesmo, assim, perdido, eles viram os russos passando lá diante, porque o... então eles nunca tinham... vinham a noite pra nos ver, pra ver aquela coisa diferente, que nós éramos estrangeiros, então nós fal... ficava assim, os alemães, nós aqui e dom abade traduzindo pra lá e pra cá. Então as risadas eram em dois tempos, nós ríamos, depois eles riam, e tudo, e eles também ficaram... nunca imaginaram como que era estrangeiro, isso você pode imaginar, naquela época tinha 22, 23 anos, eu e Maria Betina também nessa idade, com nossas roupas todas coloridas, todas... eles ficaram deslumbrados conosco, né, porque a alegria nossa, tudo. Depois de lá fomos até a Áustria, depois fomos a Paris e voltamos. Ficamos 2 meses na Europa, por causa do... da viagem de carro, então isso foi nos anos 50. E aí eu já tava formada em Enfermagem, aí em 51 eu fui pra Minnessota, pra fazer o curso de especialização. É... Minnessota eu dizia que era o... onde o Judas perdeu o bota, porque eu olhava no mapa, era pra lá de lá, né, quase no pa... no Canadá.

- E seu pai que pagou?

Professora Lívia- A viagem?

- É...

Professora Lívia - Não. A viagem... não, meu pai já tinha morrido nessa época. A viagem pra Itália?

- Não, pra...

Professora Lívia - Não, pros Estados Unidos eu fui com bolsa, e na... na Europa eu fui com o meu dinheiro. Minha mãe me ajudou, mas fomos com o meu dinheiro e o abade arrumava muitos lugares que nós ficamos, pagamos pouco... tudo. Não, nos Estados Unidos foi com... com bolsa

- Especialização em Enfermagem?

Professora Livia - É. Nós trabalhávamos na faculdade de Higiene e Saúde Pública, fomos fazer um curso lá.

- Isso tem a ver com, o acordo MEC- USAID?

Professora Livia - Não, num era, era a... era um outro, era um outro, num era MEC- USAID, não, era outra... outro acordo que...

-: Mas era aqueles acordos dos Estados Unidos no pós-guerra pra...

Professora Livia - É, era um acordo sim

- A bolsa era americana?

Professora Livia - A bolsa era. Nós recebíamos em dólar lá. Então aí eu fui em 51, e voltei em 52. Aí depois que eu entrei na Geografia. Porque aí que eu briguei, e aí que eu fui entrar, porque senão eu nunca teria... aí eu teria feito na Filosofia, porque pra nós podermos fazer Mestrado, num podia fazer com o curso de... de Enfermagem, porque naquela época eram 3 anos, era considerado um curso superior não universitário, então eu ia fazer Filosofia pra ter o título superior. Mas aí depois como aconteceu a briga, aí eu fui pra Geografia.

- Então você não tem diploma de Enfermagem?

Professora Livia - Tenho, tenho. Superior, é... igualzinho o do... lá da USP, é, tenho sim. Formei na... na quarta, ah... turma que formou.

- Com relação ao curso de graduação, no caso daí, da Geografia, o que a senhora guarda na memória?

Professora Livia - As excursões. O... o Pasquale Petroni que era um professor especial, o Araújo, o Aziz, doutor João, então, eu acho que pra mim a Geografia, a graduação, me abriu muito, viu?! Eu já tinha a cab... mas a Geografia me abriu, e depois tem um detalhe, minha mãe estudou comigo a Geografia, viu, como ela gostava, ela... me traduzia todo o francês, eu trazia os livros, e ela lia e ela fez o curso comigo, viu, todos, todos, todos o c... a Geo..., a História ela dizia que não ia ler, que ela

não queria, mas os de Geografia, todos. E ela quando viajava, quando ia na casa dos parentes, ela ia de livrinho, marcando, e ela “Pelo quilômetro tal, mudou o barranco, Livia”, dizia, pra depois eu ver o que que mu... o que que era, “Porque se eu voltar outra vez, eu quero ver que rocha que é aquela, viu, você me procure qual é”, aí ela também notava: “Tava um frio, e de repente ficou quente, quente”, então a minha mãe já come... ela observava porque ela fez Geografia comigo na verdade, ela... ela sabia tanto Geografia quanto eu, porque ela lia, ela... fazia as provas comigo, tudo, então... a Geografia foi pra mim muito agradável porque primeiro eu redescobri minha mãe, né, porque essa parte de... de nós estudarmos juntos, principalmente por causa do... francês, porque eu dominava o inglês, e ela ajud...me ajudava com o francês, e com mesmo o italiano também ela entendia bem o italiano, então foi pra nós, pra mim assim muito gostoso ter estudado a... ter estudado com ela, viu?!

E aí, eu tinha duas colegas, né, duas colegas uqe entraram comigo na vest... no vestibular e elas eram irmãs e elas eram lá de... de Itapetininga. E também eram como eu, muito briguentas, elas também gostavam muito de História, a gente fazia História e tal, mas aí elas acharam que nós, como nor... como nós tínhamos diploma de escola normal, nós podíamos fazer o concurso de ingresso na magistério direto, antes de formar a Licenciatura. E aí, nós faríamos, entraríamos, e pediríamos um... um condicionamento, porque podia ser feito, só que nós fizemos e não veio o... num podia mais fazer isso. Então, eu perdi um ano na pós... na graduação, eu entrei em 52, fiz 53 e 54, aí no 55 eu saí, aí eu fiz 57 e 58, então um ano porque eu fui... peguei lá a Pedro de Toledo e... e tinha que dar aula de História, eu tinha que todo dia ir pra lá e não podia, aí... então eu comecei a estudar a noite, na... na USP, foi a primeira turma da noite que apareceu, foi a minha.

- Você morava aonde nessa época?

Professora Livia - Morava em São Paulo.

- E dava aula em Pedro de Toledo?

Professora Livia -: Depois. Aí, primeiro, morava em São Paulo, trabalhava no hospital e ia na escola. E quem foi meus colegas de... que entrou, o Marcos Alegre, que todo mundo conhece, tem vários que... aí, quando eu passei, quando eu parei um ano e voltei, aí eu voltei de dia, não mais de noite, aí eu fiquei morando em Santos, levei... levamos a mamãe pra Santos, morando com meus..., com meu irmão, e eu ia pra dar aula em Pedro de Toledo, voltava 4 horas naquele trezinho de Santos-Juquiá “tic-tic-toc-toc”, dava..., ia 4 horas, dava 4 hora de aula e voltava 4 horas, né, davam 12 horas a gente... e aí, eu nos outros dias, eu ia 2 dias por semana pra Pedro de Toledo, e os outros dias eu vinha

pra... pra São Paulo assis... pra assistir as aulas. Aí, mudou a minha turma, aí que eu fiquei pra turma do... do conte, do João Fran... do João Lao Rodrigues.

- Você foi contemporânea da Helena Cortejo?

Professora Livia - Não, não. Ela foi bem depois de mim, bem depois de mim.

- Você foi contemporânea da Tomoko?

Professora Livia - Não, bem depois, ela... ela é do... a Tomoko. Então eu sou da... da Helena Mirabele, da Maria Alice Reis, do Conte, do João... o Rodrigues, marido da Adir, quem mais que foi da minha turma... é que o Conte que a gente continuou muito ligado, né, e aí eu voltei a estudar de manhã com outra turma, e era a última turma que continuaria História e Geografia e os al... os alunos poderiam escolher fazer só História, só Geografia ou Geografia e História, e eu escolhi Geografia e História, então a minha licenciatura e bacharelado é em Geografia e História. O Conte ficou só com Geografia.

- Tá, enquanto estudante, que tipo de pesquisa a senhora realizava?

Professora Livia - A gente não fazia bem mesmo pesquisa, viu, os professores também estava de for... fazendo doutorado, naquela época a única pessoa que era doutor o João que já era doutor, que era titular... era catedrático, o Ari França, o professor Aroldo, o... o Aziz tinha feito o doutorado dele, o.. Pasquale Petrone também... então eles não fa... não tinha essa... essa tradição, e este... este conceito de pesquisa, então quando você me fala isso, num... num dá pra tran... num dá pra passar praquela época, viu, o que nós fazíamos era excursões com os professores, a gente fazia levantamentos bibliográficos, mas pesquisa pesquisa, não. O professor Azis sempre me dizia que com os meus alunos lá em Pedro de Toledo, que eu fizesse pesquisa, então com eles nós saíamos pro campo, viu, pra fazer... mas num era pesquisa, na verdade eu... eu classificaria de levantamentos, nós fazíamos levantamentos dos lugares, das reg... das áreas onde a gente estava.

- Ainda dessa época do curso de graduação, do que a senhora mais gostou?

Professora Livia - Eu acho que das excursões. Das excursões.

- E de qual professor a senhora mais gostou?



Professora Livia - Ah, eu não sei dizer qual, viu, eram todos iguais pra mim, viu, todos especiais, viu, acho que não. Eu por exemplo, com a professora Alice Necoque Muller, que tinha... ela era um pouco assim, mas depois quando eu fiz viagens com ela, eu... a gente, quando fui... aqui depois quando fui na... na AGB..., ia com um caderninho tomando nota de tudo, no final da tarde, de noite, reunia-se e... no caso do doutor João não admitia que fosse em boate, que fosse em festa, porque no outro dia tinha que levantar cedo, e a gente tinha que ir prestando atenção em tudo que ia vendo enquanto o ônibus ia passar. Sempre era preparado antes, era dado um roteiro com o que que a gente ia ver no... no caminho, e depois quando voltava nós fazíamos um relatório.

- Tá... professora, hoje... hoje não, mas quando você tava na... na graduação ainda, eh... aqui tem uma tradição por fazer excursões, né, mas... mas você acha que tem a mesma... importância que tinha quando você fez?

Professora Livia - Não, aqui ainda tinha, eu me lembro antes da aposentadoria, eu e a Luci fizemos uma... nós tivemos... responsáveis pela... pela disciplina Estado de São Paulo, e nós fizemos uma excursão com eles, foi obrigatório e... não tinha mais muito dinheiro, mas nós fomos até o Paraná, fomos até Paranaguá, fizemos todo o preparo, com eles fizemos igual como era... na nossa época, tudo pago, com todas as coisas, os que comia, tudo, e até me lembro acaba... sobrava um pouco de dinheiro, aqui sempre dizia que era difícil você... prestar atenção... prestar conta por algum pouco, então... compramos frutas pros alunos no finalmente pra... pra ficar o dinheiro, pra ficar zerar o dinheiro. Mas ah... a última excursão da que eu fiz, ainda fizemos com alunos, eu acho que era... era válida, e era desse tipo, porque o que chamava atenção entre os outros ge.. entre as outras escolas de Geografia, é que nós tínhamos ônibus, os outros não tinham, a USP tinha mas nós éramos a única que tinha da... nem o Rio de Janeiro num tinha ônibus, então nós tínhamos ônibus.

- Agora, você acha que... porque, no ensino de Geografia, os professores da escola, né, não digo hoje, mas até 10 anos atrás, quando eu vim pra cá, há 20 anos atrás, né, eles poucas instruções faziam, não tem essa prática nas excursões. Você acha que... por ter participado da excursão na formação, eles temiam essa prática no ensino?

Professora Livia - Eu acho que sim, não idêntico porque eu acho que teria que ser em... na Prática de Ensino da Geografia, na Didática da Geografia, num sei que nome que ela tem agora, deveria ser... sair com o professor, com o licenciando pra ele aprender como que ele deve fazer a excursão, eu acho que teria que ter.

- Você percebeu isso quando você deu aula de Prática?

Professora Lívia -Eu percebi. Eu falava com eles isso, viu, eu sempre citei essa parte de que eles teriam que sair com os alunos, mas que não era pra repetir aquela excursão como tinha feito, que deveriam, ser mais curtas, uma parte do dia, né, não duraria o dia inteiro, ou ia no sábado, no domingo, mas deveria ser, eu me lembro quando eu dava aula na Prática, eu... fiquei com uma classe, mas num recebia, era só pros alunos trabalharem no Bilac, de Geografia, na... naquela época era na quinta ou na sexta série, e nós fizemos uma excursão que a própria... a própria escola planej... nos deu... nós fomos num sábado, a Piracicaba e foram os alunos do ginásio da... da quinta série, e os meus alunos da Prática de Ensino, fomos a Piracicaba, pra eles verem, pres... de verdade, como é diferente a excursão aqui na... no nível da graduação pro no nível de ginásio. A questão do... a começar pela... pelo comportamento, pela conduta das crianças, é diferente, eles tiram fotografia, eles num podem ficar o tempo todo prestando atenção, e eles tomam nota alguma coisa, mas era mais no sentido de mostrar nós fomos, no rio, eles viram a cidade, então foi alguma coisa prática, mas isso eu tente... eu fiz uma excursão com os alunos, viu, eu acho que deveria ser feito na Prática de Ensino, de sair pelo menos uma vez pro aluno... pro aluno licenciando aprender.

- Tá. Ainda com relação ao curso de graduação, como eram os livros usados?

Professora Lívia - Eram quase todos em francês, viu, inglês e francês. Pouquíssimos escritos em português, pouquíssimos traduzidos, viu, nós... quem não sabia... eu por exemplo, que não sabia francês, eu tinha conhecimento só de ginásio, eu aprendi a ler francês, por causa disso, viu, e eu num... num consigo falar francês, mas entender o francês e ler o francês, eu leio correntemente mas num consigo falar, porque todos os livros, ou eram francês ou inglês. Agora que tem essa quantidade de traduzidos, porque eu fico imaginando vocês lerem o Tuan, o Topofilia, no inglês, se vocês entenderiam ou não, porque foi me... me deu trabalho pra fazer a tradução.

- A senhora tem algum livro... dessa época, com qual a senhora aprendeu?

Professora Lívia - Ah, acho que não, também não tenho não. Não, não tenho, viu. Sabe, com mudança de cá, de lá, ah... um tá fazendo Geografia, a gente dá, num tenho, num guardei nada, viu.

- Tá, agora... passando a... pós-graduação. Quando e onde a senhora fez a pós-graduação?

Professora Lívia - Então, vocês fazem as perguntas pras pessoas de outra época, e não é válida essa pergunta. Eu não fiz pós-graduação, num existia, como é que eu poderia fazer? Então você não pode fazer essa pergunta pra nós, viu, você teria que... como você teria que mudar a sua pergunta? Que... remodele, refaça a sua pergunta, que pergunta você falaria pra mim?

- Como a senhora deu continuidade aos estudos?

Professora Livia - Isso, isso. Então vocês precisam ter cuidado, com isso, viu, porque vocês querem uma memória da gente, mas eu não tenho o... eu não posso, não vou te dar essa resposta.

- Com relação então a continuidade dos estudos... como foi?

Professora Livia - Então, na época saía do gin... saía da graduação, o próximo passo era o doutorado. E o doutorado tinha que se fazer 3 disciplinas que se chamava geralmente assim: Geografia Física, Geografia Humana e Geografia do Brasil, na USP. E isso eu fiz, cheguei a fazer e...,ganhei um papel lá que eu não sei dizer pra você o que que seria, se poderia ser equivalente a pós-graduação, mas não se chamava pós-graduação. Depois que a gente fazia essas 3 disciplinas, é que a gente escolhia a área e o professor pra poder fazer o doutoramento. Coincidiu eu ter vindo pra Rio Claro, e veio toda... a... remodelação do Ensino Superior, né, já tinha mais aí... já pensavam em... doutoramento já foi direto, tudo, então, eu já fiz o doutoramento direto, porque não tinha mestrado, então não tenho, no meu currículo, não tem mestrado, e nem podia ter, como que eu ia ter? Só se eu num... ficasse... então eu fiz direto o meu doutorado, aí já fiz aqui em Rio Claro.

- Como aconteceu de você vir pra Rio Claro?

Professora Livia - Como é?

- Como é que você veio pra Rio Claro?

Professora Livia - Por causa... fui convidada por doutor João. Naquela época, as pessoas eram... o catedrático que combin... que combinava... e doutor João me conv... o que... me convidou, antes de eu vir pra cá, bem antes. Mas eu, minha mãe já era muito... muito doente, não tanto velha, mas muito doente, e... e vim pra Rio Claro, antes de 1960, vocês podem imaginar, eu não podia, né, minha mãe era cardíaca, precisa... então, morava em São Paulo e em Santos, tinha um médico ótimo, então, nem me passou pela cabeça. Eu falei: “Doutor João, de jeito nenhum, eu...”, “Mas eu gostaria que a senhora viesse pra... fosse pra... Rio Claro”, falei: “Mas eu de jeito nenhum”.

- Nessa época você já tinha terminado Geografia?

Professora Livia - Já, já dava aula, já tudo, já... já tava fazendo essas disciplinas, sabe, então ele sabia que eu tinha interesse de fazer carreira universitária, tudo. E aí, depois, quando ele soube que mamãe morreu, em 1961, ele voltou a me convidar. Aí eu disse: “Agora eu aceito, porque eu...”, por isso que eu vim em 1962.

- E você conheceu ele lá em São Paulo?

Professora Livia - Sim, ele foi meu professor, desde... fizemos excursão, ele foi do meu concurso, da banca... não, conhecia o doutor João desde a... do primeiro ano que eu fiz Geografia.

- Então, nesse meio de caminho aí, você prestou concurso de ingresso ao ensino público...

Professora Livia - É, de ingresso... público... e aí eu dava aula no secundário. Dava no secundário, e terminei a... a Graduação, e comecei no curso, vamos dizer, de doutorado, que seria... comecei, porque a mamãe me incentivava muito, ela queria... e quando ele me convidou, quando eu falei pra ela, ela disse: “Ah, você deveria ir, você...”, eu falei: “Não, mamãe...”, naquela época, pra vir pra cá, pra eu voltar pra Santos... e meu irmão disse: “Você não leva ela de jeito nenhum pra... pra Rio Claro”. Você pode imaginar o que era Rio Claro naquela época.

Então, em 62, aí ele voltou, já no final de 61, ele voltou. Só que eu tinha a minha cadeira no secundário, então eu falei pra ele que eu pediria aquele afastamento, mas que eu não iria largar, porque eu não sabia o que era da... o que... se ficaria aqui ou não. Então demorou sair meu afastamento, e eu vim pra cá em maio, e não em março, pra com... e ele queria que eu desse a disciplina que se chamava: “Didática Especial de Geografia”, e era no quarto ano, e era o quarto ano que era o primeiro ano de licenc... de formados aqui de Rio Claro. E ele me chamou bem atenção, porque que ele me chamava, ele me convidava. Ele não queria que eu transformasse a minha vinda como trampolim pra eu passar pra Geografia, pra eu vir pra cá e depois passar, trabalhar em Geomorfologia, que eu gostava muito, em Climatologia, Urbana, então ele que eu não... que eu viesse para trabalhar em Didática da Geografia. Que eu fizesse pesquisa, ele usou bem a palavra, que eu iniciasse trabalhos de pesquisa em ensino da Geografia, não em Geomorfologia. Ele... ele disse: “Você pode ir lá com o Carlos Augusto, você pode ir lá com... com a Elza, você pode ir lá... observar, fazer... mas não quero que você faça pesquisa nisso, eu quero que você faça pesquisa em ensino de Geografia”.

- Na época, isso era...

Professora Livia - Era, na... ninguém nem eu sabia o que que era...

- Nem a USP?

Professora Livia - Nem a USP, nem a USP não fazia isso...

- Então, foi um trabalho seu... eh... como eu... de pont...

Professora Livia - Pioneiro, de vanguarda e por causa de visão do doutor João, porque foi a visão dele, porque ele que me colocou isso. Então, quando eu cheguei, não havia programa nem nada, havia a minha experiência de secundário, de primário, o que que eu poderia fazer com os alunos, e nós, também tavam chegando ah... a turma da Filosofia pra trabalhar na... na Pedagogia, a Maria da Penha Villa-lobos que vinha pra Didática Geral, a Maria Alice que tava dando Filosofia da... da Educação. Então era um grupo que... o Tamas que ia dar... ah... Pedagogia, Didática da Pedagogia, e então o doutor João disse: “Você, fica aqui na Geografia, e você fica lá também na Educação”, e eu aproveitei, era tempo integral, eu num tinha, entre aspas, o que fazer, eu tava acostumada ah... a dar aula, correr pra cá, pra lá, o que que eu fiz: eu assistia as aulas da.. da Filosofia, eu assistia as aulas de Geomorfologia do... do Carlos Augusto, de Climatologia da... da Elza de Agrária, então eu me atualizei em Geografia com os grandes que estavam aqui, e como eu num... num escrevia nem nada, eu só ia lá, se eu não podia ir eu não ia, mas eu assistia ah... a Aerofotogrametria, que também começou em Rio Claro, eu também fui fazer o curso, porque os meus alunos sabia... faziam reconstituição e eu não sabia nada de Aerofoto, então eu também fiz... a Cartografia, tudo fui fazendo junto com aqui.

E lá, na Educação, Filosofia da Educação que eu não tinha, eu comecei a ler todos os livros ligados ah... a ensino de educação, aí que eu fui ler KillPatrick, que fui ler Dewey que eu fui ler todos esses, então... eeu fui, minhas leituras foi ampliando juntamente na Educação, e na Geografia, e também eu ia nas excursões da Geografia, todas as excursões, com Carlos Augusto, com dona Elza, com todos, eu... falava que tinha, lá tava eu. Primeiro também que eu queria ver como que eles trabalhavam no campo, né, então... não tinha, às vezes, por exemplo... a Olguinha Cruz tava fazendo trabalhos e ela queria conhecer a região, num tinha ninguém que fosse com ela, eu ia, então eu sempre acompanhei, ah... pro campo, sempre fiz e eu acho que isso que me deu esta base grande e que eu acho que quem vai pra educação geográfica, precisa por os dois pés nas duas canoas, se ele ficar só num, ou só no outro, se ficar só na Educação, ele perde ah... a evolução, o progresso na Geografia, e ele fica pra trás e aí os alunos não respeitam a gente.

- Na época que você veio pra Rio Claro, ah... a faculdade aqui tava começando ah... se estruturar, na verdade era a primeira turma que tava se formando. Como é que você via a relação de Rio Claro e a USP, já que você vinha da USP?

Professora Livia - Havia si... sempre eu falo, havia um pouco de ciúmes, de... de lá, de cá, e doutor João, porque doutor João era lá da USP, né, então contan... contando um pouco de detalhe, o sonho do doutor João sempre foi ser diretor da... da fac... da Filosofia, né, e era sempre escolhido o doutor Eurípedes, né, e... e a gente sabia, ele num... num conseguia escolher, ele achava que ele ia ser um ótimo diretor, se ele fosse diretor da Filosofia na... na USP. Não conseguiu, nunca foi, porq... era aquelas indicações, aquelas coisas, aí ele aceitou organizar a Filosofia de Santa Catarina, que tava no começo, e a experiência dele foi lá, o teste dele foi lá, que ele levou o Carlos Augusto, o Peluzo, e... e muita gente boa lá pra Santa Catarina...

- Na federal?

Professora Livia - Não sei se chamava federal, ou cham... federal em 1959, 58, não sei se... devia ser federal, mas não sei se fala ainda assim. E nós, nós já falávamos USP naquela época, na... essa sigla de chamar USP é relativamente nova, viu, a primeira vez que eu vi eu digo: “Mas o que que é USP?”, universidade de são..., falei: “Ai, eu sou formada por lá, nem sabia que chamavam USP”, isso é relativamente se... novo, né, e... e aí o Jânio Quadros, que tava começando a dar uma nova... orientação pro ensino superior, veio essa idéia de ter campus, espalhados pelo estado de São Paulo. E... e convidou o doutor João pra organizar a daqui, a de... de Rio Claro, mas o doutor João só aceitou se tivesse curso de Geografia, por isso que ele aceitou e ficou aquela dúvida, onde que ia, onde que se localizava, e por questões políticas locais, ficou em Rio Claro. E começou com o curso de Geografia, de Matemática, de Pedagogia e de História Natural. Ficou História Natural por causa doutor Buschinelli, que era... que tinha interesse... e também dizem as más línguas que o doutor Buschinelli puxou a sardinha pro lado achando que ele que ia ser o diretor, e no final o diretor foi o doutor João. E doutor João, era... não sei se pode dizer amigo, mas ele tinha acesso ah... ao palácio do governador, a hora que ele queria, e o dinheiro que ele precisava. Então, ele organizou, por isso que ele fez o curso de Geografia como ele imaginava, já com o ônibus, de cara, pra sair, com a Aerofotogrametria que ele tinha ido não sei onde aí e já tinha visto, já com todos os aparelhos, com o professor dando aula, e ele queria uma Geomorfologia, uma Climatologia moderna e ele convenceu o Carlos Augusto pra vir pra cá. E... queria uma parte agrária e urbana também forte, e trouxe a e... a Elza lá do IBGE, que era considerado, umas das sumidades...

- Elza?

Professora Livia - Keller. Então, aí começou. Na Geografia do Brasil, que veio o Penteadó. E Cartografia, era o Linton, que dava ah... a Aerofotogrametria, tudo, então começou já noutró nível, a Geografia daqui, e, é claro, algumas coisas que tinha em São Paulo, na USP, aqui já não tinha. Primeiro, ele trouxe todos os professores com tempo integral. Isso foi também a base que ele exigia. Ele queria..., não queria que fosse “bico” vir pra cá... era pra trabalhar, e pesquisar. Então vocês vão ficar 40 horas fazendo pesq... docência, preparando material e pesquisa, e eu... ele exigia que todos fossem em congressos, naquela época também davam dinheiro pra ir em congressos e... levando trabalhos, pra levar o nome da geog... da... de Rio Claro. Isso num foi só na Geografia, foi a Matemática, a História Natural e a Pedagogia. Foram os quatro cursos que começaram, e começaram pra isso, pra um... um alto nível de pesquisa e de docência.

Os alunos que entravam aqui era em tempo integral, os alunos ficavam aqui de manhã, a tarde e às vezes até de noite, o Carlos Augusto dando aula de noite pra eles aqui. Num podia pensar de... de ir pra onde, nã... eles não conseguiam dar aula, ah, havia aquele problema de eles não terem dinheiro, mas ninguém podia, não dava tempo pra... só se dava aula de noite, que aí ele forma... marcava aula de noite, o Carlos Augusto.

Professora Rosângela - Livia... agora eu tô falando as perguntas porque eu conheço um pouco o trabalho da Livia. O seu doutorado, eu lí o seu doutorado, né, você buscou, né, eh... fazer um... uma contribuição, você trouxe uma contribuição para o currículo de Geografia, naquela discussão do seu doutorado. E, como é que você chegou naquilo?

Professora Livia - Vocês não podem imaginar, cheguei sozinha, batendo a cabeça pra cá e pra lá, sem ninguém pra me dizer como que eu devia fazer, vocês num pode imaginar naquela época, a reprodução era por mimeógrafo de tinta, chovia lá fora, aquela umidade, e eu rodando ah... as minhas... os meus exemplares, todos borrados, vocês não podem imaginar, viu, e depois não acharam que era boa, acharam que aquilo não era, não era pra ter sido feito, só que a minha defesa foi brava, viu, porque eu dizia que ninguém foi... porque quem aceitou dar o nome de orientador foi o... o Araújo, então eu tenho assim uma gratidão muito grande ao... porque nem foi dona Amélia nada, foi... foi o doutor... o professor Araújo, e o Araújo e o Petrone que me defenderam porque eu disse que eu sozinha, num tinha ninguém pra me dizer, ninguém me mandou pra and... o que eu fiz, o que achava que deveria ser feito, e procurei fazer de uma maneira, que outros pudessem repetir e ir pra frente.

Professor João - Por que é um proposta curricular, né, o que você fez...

Professora Lívía - É, mas eu, sinceramente, aí aquele... aquele grupo aqui da Filosofia era muito teórico, já tinha saído, e eu achava que tinha que fazer um... uma pesquisa mais prática, mais que pudesse, porque eu também não tinha leituras pra ainda propor teorias nem nada. Então foi um trabalho, ficou muito esquecido, eu nem falava no meu doutoramento, foi um pe... foi um... você sabe João, você não pode imaginar a alegria que você me deu, porque eu escondia o meu doutoramento, viu, quando você em... em Maringá, me disse que tinha..., eu falei: “Você fez a livre doc...”, eu falei: “Não, o doutorado...”, você não pode imaginar, a alegria que me deu aquilo, viu, é sinal de que eu tinha feito alguma coisa de validade. De fato, agora olhando pra trás, pra mim aquilo seria uma... um mestrado, num seria o doutorado, mas nós num tínhamos mestrado, mas você me deu muita... você sabe que vo... eu sentia nesse... eu nunca imaginei que o João iria pegar a minha te... a minha tese de doutorado, e iria usá-la, sabe, muito obrigada, viu, João!

Professor João - Obrigado você, pela sua contribuição que você tem dado...

Professora Rosângela - Eh... eu descobri no seu doutorado também...

Professora Lívía: Escondido lá.

Professora Rosângela - ... escondido lá, porque procurei pelo seu nome, na busca da original da livre-docência, e me deram o doutorado...

Professora Lívía - E aí que você descobriu...

Professora Rosângela - Aí, eu disse: “Ué?”, e eu que num sabia desse trabalho, quer dizer, realmente ele não foi nada divulgado, o que eu acho uma pena, porque nós... se na época ele tivesse sido divulgado, ele teria repro... eh... dado mais...

Professora Lívía - É, a única de... a única foi que eu levei para o Congresso Internacional da Índia, viu, mas mesmo o doutor João achou que eu não deveria ter levado, porque ele não gostou do... ele... quer dizer, depois que a gente com... entra nos... na trama, como o Carlos Augusto dizia, que você descobre, na verdade dona Amélia esperava que eu... que ela orientasse, porque ela não tinha orientado ninguém...

Professora Rosângela - Ela er... desculpa, Lívía, mas ela estava aqui ou na USP?



Professora Livia - Não, ela tava na USP...

Professora Rosângela - Na Educação?

Professora Livia - É, na Educação. E doutor João achava que ele que deveria ter orientado, não o Araújo, e eu não procurei ele... porque... sei lá, ah... essas coisas que a gente se sente perdido, “Com quem que eu vou falar?”, com quem eu tinha mais liberdade era com o Araújo pra falar isso, era o Araújo e o Petroni, que eu tinha muito mais liberdade, né, aí falei com o Araújo, o Araújo disse: “Eu faço, traga aqui...”, ele disse: “Não, não, vamos po...”, então, quando foi na... na audição, doutor João me pôs pra baixo, viu, e dona Amélia também. Então quando eu fui... quando eu... me preparei pra ir pra... pra Índia, pro congresso, eu ia man... mandei, eu pedi afastamento, não dinheiro, porque ele não me deu dinheiro pra Índia, sabe, só me deram o afastamento, ele disse: “Não vão aceitar, porque o seu trabalho não é bom...”. Aí eu mandei, e aceitaram e o trabalho, na Índia, foi muito reconhecido, gostaram e tudo... Graves tudo, e aí que eu vim conhecer o... o Norman Graves, né, e então tá publicado em inglês, viu, e então, em português num saiu mesmo, viu, porque eu num... aqui eu num... num saiu, eu num tive possibilidade de... de divulgar.

Professora Rosângela - Se eu pegar um gancho na sua resposta e perguntar outra coisa, Livia. Esse... ah, a sua livre-docência, né, foi o seu trabalho de maior repercussão, juntamente depois que já foi publicado pelo IG, e... quando eu fiz a graduação, ele era citado como um trabalho pra ser lido na área de Educação e Ensino de Geografia. Mas, você vê, assim, ah... eu sinto que há um afastamento entre ah... o que acontecia na década de 70 principalmente, no final de 60, 70, na área de Geografia, de Ensino de Geografia, e... a sua atuação aqui. Como é que você vê isso?

Professora Livia - Havia porque... vamos dizer que... a USP, você sabe, sempre foi lá na Educação, sempre foi lá, separado da Geografia, agora que você que eles tentando vir à mídia, outras pessoas estão vindo a Geografia, e a Geografia tá indo lá. Mas naquela época, não, era completamente separado. Quando houve os... o... aquele encontro, agora não me lembro, acho que foi em 65, não, 65 não..., 69 porque ah... o doutor... ah, foi em 67, foi em 69, que teve um encontro lá em... acho que um congresso de Geografia na... no Rio de Janeiro. Eu levei o trabalho, uma... uma parte do meu doutorado, e eu... o que eu defendi na me... não era mesa, era ct... eram as comunicações, o que eu defendi foi que precisava começar a fazer defe... pesquisa em ensino, porque eu tava sentindo, que todos os que levaram, como até hoje, levam trabalho em congresso, na seção de Geografia, de ensino, levam a sua experiência, o... como que deveria ser o currículo, como deveria ser não sei o quê, o... o

que que foi lá... e não uma pesquisa, pesquisado, com metodologia, com... com análise, eh... isso, eh... eu acho que foi em 68, 69 eu devo ter aí que foi esse congresso lá... e eu batalhei isso na se... na seção de ensino da Geografia, chamava acho que ensino da Geografia. E depois muita gente veio me procurar, falei: “Mas isso que nós temos que falar, eu sou de Prática de Ensino, os que somos de Prática de Ensino, temos que fazer pesquisa, pesquisa, num pode mais ficar relatando experiências, que fez aqui, que fez acolá, porque em cada lugar vai ser um tipo de se... desses relatórios, desses relatos...”. E continuou, ainda agora você vê no EGAL também você vê os relató... as comunicações ainda são e... relatos de... de como que deveria ser feito, como fez ah... e não pesquisa.

Professor João - Deixa eu perguntar só um pouquinho sobre as suas... aulas lá em Santos, no Ensino Médio...

Professora Livia - Em Pedro de Toledo... lá na... lá no Igua... na.. na baixada lá, né. Eu fiquei, tive muita sorte, primeiro: eu tava dan... mais nova, dando aula de Geografia, fazendo Filosofia na coisa... então, entre os alunos, então eu tin... eu tinha assim muito... muita autoridade, porque eu tava estudando, e eu dava uma Geografia já moderna pra eles na época, né, as coisas, nós fazíamos trabalhos, eles faziam desenhos, por exemplo na... na sexta se... na quinta série, que naquele tempo era o primeiro ginásial, eu pegava as últimas aulas, dos outros professores e tinha um riozinho lá, e nós íamos dar aula no rio. Então todas aquelas nomenclaturas de rio era dada dentro do rio. Depois, nós íamos pra... pra Peruíbe pra dar a parte de mar, e depois a cidade nós estudávamos a cidade de Pedro de Toledo, então eu sempre fiz isso com os alunos, viu, e levei essa parte de... de excursões, de trabalhos de... práticos com eles, eles confeccionavam mapas, nós fazíamos torneios de isto, daquilo... e quando eu fui pra... pra Europa, as... a outra vez, em 1960, eu tava dando aula lá, em Pedro de Toledo. E eu tive a pachorra... sou bem... bem Livia de Oliveira, eu levei... (final do primeiro lado da fita)

Professora Livia - ... cada série eu mandava de um país, por exemplo da França, outro da Itália, outro da Alemanha, outro da Inglaterra, mandei pra todos. Você não pode imaginar, quando eu voltei da exc... do meu passeio, o trem, até as mães, os pais, tavam tudo lá na estação, me esperando, com o cartãozinho na mão, só... bem... era uma colônia japonesa, e mesmo os brasileiro, e... “Olha o cartão, que a sen...”, então foi assim aquela emoção, nunca tinha recebido um cartão, recebeu um cartão belíssimo, como os cartões europeus, né, então todos eles ficaram encantados e depois aí nós comentamos, eu... eu usava muito cartões pra eles fazerem, análises, viu, geográfica do cartão, e... nós não pudemos ir lá, aí cada um trouxe, fizemos um grupo sobre a França, outro sobre a... Alemanha, tudo através dos cartões deles, então isso sempre... minhas aulas eram movimentadíssimas, viu, e até

hoje, o meu grupo lá de Pedro de Toledo, nós nos reunimos, viu, então a turma que entrou no primeiro ano comigo e foi minha pro... foram meus alunos de primeira a quarta, que... que eles me conheciam pela voz, tudo com eu... como eu dava as aulas, nós continuamos nos encontrando lá em Pedro de Toledo, viu, tem uma família, que o sobren... o sobrenome é Satto, e todos eles foram meus alunos, 4, 5, não sei quantos, viu, e nós continu... continuo indo a Pedro de Toledo pelo menos reunimos com todos... E eles, agora os filhos levam o cartãozinho, porque o cartãozinho foi guardado até hoje, e... e uma das últimas vezes um dos filhos veio mostrar e “Como que a senhora mandou esse pro meu pai?”, então, você vê que o... nós estabelecemos um relacionamento e todos eles tem um respeito pela Geografia, que eu acho que é isso que nós temos que fazer, enquanto professores, viu, então eu tenho com... ah... esses alunos dessa época que estão... que foram trabalhar na Sabesp, que tão trabalhando no... no IPT lá, naqueles... todos aqueles... fizeram Engenharia, todos... todos eles dizem que o que eles aprenderam de Geografia de mim, é o que vale pra eles lá, viu, a questão de enchentes, que nós fazíamos estudo de enchentes, de... de questão de prédios, de tudo, fo... muitos foram pra Engenharia, pra Arquitetura, e eles disseram que até hoje, a Geografia que eles sabem, foi o que eu ensinei no ginásio, porque eles eram... “Depois a gente aprende, ninguém mais diz prático, a senhora dava Geografia prática pra nós aplicarmos, num importava...”. eu falei: “Eu num quero que vocês façam Geografia, eu quero que vocês usem mo... usem a Geografia na vida de vocês, o profissional, o pessoal, porque a Geografia vai valer em qualquer momento de vocês, isso que eu quero. Não quero que vocês façam Geografia, porque vocês vão fazer o que vocês quiserem, o que... que vocês tiverem oportunidade, mas num esqueçam da Geografia, porque ela é, permeia toda a nossa vida, todos os co...”, e essa... esses... criançada de lá até hoje, já tão até avô e continua ainda usando a minha Geografia.

- Só pra voltar um pouco, pra... pontuar o que a gente tá aqui falando agora, como ah... a senhora entrou pela primeira vez na escola, pra lecionar?

Professora Livia - No que? No primário, secundário, superior? Você tem que especificar...

- Na questão da... na escola... no secundário.

Professora Livia - No secundário?

- Isso...

Professor João - No concurso público?

- ... no concurso público...

Professora Livia: No concurso público, foi concurso público, é.

- Tá, e a senhora chegou a lecionar no secundário então?

Professora Livia - Dei, muito... pois foi esses alunos que eu acabei de falar agora pra você. Você nem podia ter perguntado isso, porque eu acabei de falar pra você, você não tá prestando atenção nas minhas respostas, viu.

Professora Rosângela - Mas Livia, o que é legal de você contar pra gente, como é que eram as condições de trabalho... na sala de aula, com os alunos, a escola...

Professora Livia - Então, a escola lá em Pedro de Toledo era bem simples, né, eh... não era prédio próprio, era um prédio emprestado, eh... de... quando vinha a chuva enchia, e no... a primeira vez, eu falei que ia encher mas não pre... não previmos, me... perdeu tudo o material que tinha, depois nós previmos, porque eu sabia, tinha falado pro diretor, porque que ia... a enchente, ele dizia que o rio passava lá longe, e que o rio... e eu falava: “Não é aquele lá, é esse aqui que vai encher. Aquele lá que vai fechar, vai represar e é esse que vai vir aqui, não é aquele!”, mas ele não... então, perdemos muita coisa. E eu também usava, porque... vamos dizer quase que 80, 90 por cento dos alunos eram de origem japonesa, e principalmente de Okinawa os alunos, não eram da ilha, eram todos do arquipélago de Okinawa, então eles eram muito.. todos da agricultura mesmo, e eu aproveitava aquele conhecimento deles, pra organizar a parte agrária, eles me davam todo... o calendário deles, viu, então, pra nós tirarmos que época que chovia, que época... porque eu também cheguei, muito... com aquelas idéias de que... o... o Brasil, o estado de São Paulo, o clima é tropical, com duas estações, uma chuvosa, out... quando eu acabei de falar isso, um menino levantou a mão e... “Mas aqui chove o ano inteiro”, pois eu tava em pleno... pleno Iguape, plena ali... achando que... as frentes chegam por ali, saem por ali, eles... então falei: “Então vamos ver”, aí eu fui ver de fato, aí depois quando eu fa... quando vim aqui com o Carlos Augusto, o Carlos Augusto me usou até, porque ele disse: “Nós não temos essa idéia, porque a gente fala que é tudo tropical, e num é, é um tropical úmido, porque chove o ano inteiro, e que... tem a máximas, é são... equinociais”, então, quando eu falei pra ele, disse que a enchente ia ser no outono, o professor lá, o diretor disse que era bobagem, que as enchentes só podiam ser no verão, falei: “Não, porque aqui as máximas são equinociais”, então eu aproveitei dos alunos e isso depois quando eu vim dar aula aqui na Prática de Ensino, eu sempre dizia: “Quando você chegar, você pergunta pros seus alunos, como que é... a cidade dele, o clima dele, como que é as coisas pra você depois entrar com o seu, porque ma... eu cometi esse erro dizendo que o que era... que era duas

estações quent... seca e uma úmida, e lá era úmida o ano inteiro, então você tem que tirar, primeiro, a... o conhecimento deles”.

Professora Rosângela - E a disciplina dos alunos?

Professora Livia - Naquela época, você vê, eram crianças japonesas, num tinha problema, né, porque eles... faziam questão, e como os mais malandros preferiam ficar na escola do que no campo com o pai, porque o pai, se não fosse na escola, ia trabalhar... então eles preferiam ficar lá. Então, nós lá não tínhamos esse problema, viu, e era um relacionamento muito assim... informal, porque nós íamos de trem, e já em Ita... em Itanhaém começava a entrar alunos, e nós já íamos brincando, de... palavra-cruzada, de jogos, com a de Matemática, com a de Geogra... com a de História, com a de... com a de Português, nós já íamos... conversando com eles, tudo. Tanto é que a turma de lá, que vinha de cá pra cá, morria de ciúmes, porque nós convivíamos muito mais com os daqui pra lá, de Santos pra... pra Pedro de Toledo. Então, em pedr... lá em Pedro de Toledo eu nunca tive problema, viu.

Quando eu cheguei em São Paulo, antes de eu vir aqui pra Rio Claro, eu... eu me removi pra São Paulo, e era a noite, coisa que eu nunca dei aula a noite, num gostava, eu tive, no começo, um pouco de... de indisciplina, viu, mas depois comecei dar a aula, e comecei a ir quando eu... comecei, em... em fevereiro, e fiquei até maio, então esses 2, 3 meses, eu já não tinha mais também, era a época de 1962, eram... outros tempos, outras... cois...

Professora Rosângela - Aonde você deu aula?

Professora Livia - No... Manuel de Paiva. A diretora era muito... ali na... na vila Nova Conceição. A diretora tinha uma... era muito... não era rígida, ela tinha autoridade, e o grupo nosso de professores, éramos excelentes, como ela dizia, era school, nós brincávamos, porque a... a de... a de Matemática, ela tinha dado... Didática de Matemática um monte de anos na USP, aí agora tava dando no secundário, porque ela queria regimato. A laurin... a... o Laurindo, que era de Português, que agora eu vejo ele escreve... então, no... a Regina, que depois casou com o... com o Eurípides, era que dava História, então o grupo era assim, então nós... acabou não tendo problema de... de disciplina porque éramos todos capazes e... e interessados, dávamos aula, e... e trabalhávamos com eles, mas eram... eu tinha um problema que era a noite, viu.

Professora Rosângela - Eram alunos que trabalhavam fora, ou não?

Professora Livia - Não, não. É que a escola era usada de dia, e num tinha ainda prédio deles, então usava a noite. Ah... então, mas não, num... era poucos que trabalhavam.

Professor João - Eu queria perguntar...eh, como que... que você vê ah... a sua influência na formação dos professores...

Professora Livia - É difícil, medir, dizer, eu... diria pelo seguinte: como eu dei aula de Prática de Ensino, até o ano... um pouco antes de você, até a...

Professora Rosângela - Você começou quando? Em sessenta e...

Professora Livia - Eu comecei em 62, e agora eu não sei até que ano, quando s... quando a... a Prática de Ensino foi lá pra educ..., pra Biologia, eu num sei que ano que aí ficou ah... a Mírian Propnov ficou, então até aquela época, eu que dei.

Professora Rosângela - Setent... não noventa... não, oitenta e quatro?!

Professora Livia - Oitenta e pouco, por aí. Então, é... foi... mas de 20 anos, então, todos alunos eh... foram meus de que.. professores de Geografia, aqui da redondeza, tinham sido meus alunos. Tanto do... em Limeira, Araras, São Carlos, Araraquara, eh... todos, Piracicaba, todos eh... tinham sido meus alunos, então, a gente... recolhe coisas assim, né, por exemplo... uma... formada por aqui, foi dar aula lá em São Bernardo do Campo, e a diretora perguntou: “Com quem que você teve aula de Geografia? Você é formada lá por Rio Claro...”, “Sim, pela professora Livia de Oliveira”, “Então, eu já num... num vou nem fazer seleção, eu contrato você”, porque a diretora tinha sido a minha secretária lá em Pedro de Toledo. Então, a gente encontra essas... essas coisas, e... outras, outros... em outras ocasiões, de pessoas..., de diretores num fazerem seleção, só por saber que eu que tinha sido professora de Prática de Ensino, “Então, entre outras pessoas, eu prefiro você, porque foi prof... você foi aluno lá da Livia”, então... você acha que... e também, ago... sei lá, a gente continua sendo conhecida, porque tantos anos aqui em Rio Claro...

Professor João - E você acha, eh... as mud... queria que você comentasse as mudanças que... que a Geografia, que o Ensino de Geografia teve nesse período.

Professora Livia - A mudança no secundário? Ou no... no superior? No secundário?

Professor João - E tem relação, o que aconteceu com o secundário e o superior?

Professora Livia - Não sei, não sei se tem relação... mas... é que mudou a condição, as... as condições sócioeconômicas dos alunos, né, eu acho que com a saída do... da classe média que ia na escola pública, eu acho que aí mudou a clientela na..., na escola, ah, pública, e... e nós talvez na Prática de Ensino, continuamos dando aula, formando alu... professores, pra... pra aquela classe média que num existe mais, teria que haver uma reformulação na formação do professor, porque o professor agora ele sai daqui da... da faculdade e ele encontra um aluno que ele não imagina, eu tenho conversado mesmo..., mesmo os meus agora que estão... ele não esperava aquele aluno, ele não sabe que mudou completamente ah... a conduta, de diretor, de tudo, de tudo... ah, a própria Janaína tá dizendo, ela tá dando aula em Sumaré, que o professor... que o diretor é muito bom, só que o diretor morre de medo dos professor... dos alunos, e... e houve esta inversão, que... que no meu tempo e há até pouco tempo a pessoa importante, central, era o professor, e agora, num é que ele... que o professor não é o central, o aluno é o central, é que agora colocaram o foco no aluno, e todos tem medo do aluno. O professor tem medo, o diretor tem medo, todos tem medo porque a clientela mudou.

Então precisa tratar essa clientela de outra maneira, eu acho que a Psicologia teria que mudar, a Pedagogia teria que mudar, a Pedagogia teria que dar instrumentos pro professor entrar em sala de aula prof... ah... em escola pública. Porque ah... a Renata, que foi sua aluna, ela tá dando aula na... na pública em Santos, e na particular. Então, como ela disse, na particular não teve problema, é o que ela aprendeu aqui, agora no... na pública, ela teve que usar outros recursos pra poder aguent... pra poder enfrentar os alunos, viu, então... eu acho que... eu num sou contra, pelo contrário, que a massa entrasse na escola, precisava, havia a necessidade, o que nós ficamos defasados, a universidade, foi a formação do professor, e não é só o de Geografia, é o de Matemática, o de... de História, de todos porque... eu acho que os nossos cursos de... de licenciatura, não se atualizaram sociologicamente, culturalmente, economicamente, pra aquela clientela que agora vêm a escola pública. Porque nós ainda estamos dando uma... como se a... a clientela fosse a de classe média.

Estão falando aí que a classe média tá voltando, mas num vai voltar porque os pais vão fazer de tudo pra pod... e não, não é só não vai voltar, porque também tem um detalhe, na minha época, a escola boa era pública. Os professores bons, bem pagos, eram da pública. E hoje, as escolas mais bem pagos, são os de escola particular. E por um detalhe, né gente, que a gente não pode escolher. O BIRD dá todo o apoio pra escola... particular, como eu digo, porque que o Integrado ficou essa escola desse jeito? O próprio Koelle aqui de Rio Claro, nunca foi desse jeito quando eu cheguei, porque o BIRD emprega dinheiro, ele dá empréstimo, pra pagar em 30, 50 anos, por 2% ao ano, então com este dinheiro, eles fizeram as escolas... o COC, o Puríssimo, o Puríssimo era péssimo aqui em Rio Claro, o Koelle era péssimo em Rio Claro. Tinha boa aqui era o Ribeiro, era o... Batista Leme, e por que que houve essa

inversão? Num é só a clientela não, porque se tivesse colocado dinheiro nessas escolas, teria mantive... mantivesse o nível das escolas. Porque nós sabemos perfeitamente, gente, mesmo as escola públicas e universidade, por que que nós estamos nessa situ...? Porque nós não recebemos auxílio do BIRD, nem do... do Bird, nenhum deles nós recebemos, né, mas quem que continua recebendo? As particulares, e elas se transformam materialmente uma maravilha, mas nós sabemos que o conteúdo continua fraco e... em certos sentidos até a própria particular... ah.... o secundário.

Professora Rosângela - Lívia, agradecemos... quer falar mais alguma coisa, Geórgia?

Professora Lívia - Fale, Geórgia.

- Não, só agradecer...

Professora Lívia: Viu, Geórgia... eu, eu sou professora, viu, e acho que vou morrer como professora, então vocês... qualquer coisa que vocês falam, eu corrijo. Até os meus sobrinhos já sabem que eu sou assim mesmo, viu, e me... me sai na hora, minha correção, viu...

- Mas é isso que a gente queria dessa entrevista, principalmente, sempre, muito... abertamente ah... a fala da senhora...

Professora Lívia - Espero que esteja... tenha ficado satisfatório como você queria...

- Com certeza...

Professora Rosângela - Agradecemos muito a sua participação, Lívia, e voltaremos...

Professora Lívia - Tá, brigado..., eu que agradeço...



## A SEGUNDA ENTREVISTA

Entrevista feita com a Profa. Dra. Lívia de Oliveira, no dia 09/05/2005, na Pós-Graduação da UNESP de Rio Claro). A segunda entrevista foi realizada pela professora Rosangela Doin de Almeida – orientadora desta pesquisa- , e pelo professor João Pedro Pezzato – coorientador.

- Professora Lívia, retomando a nossa... entrevista anterior, a gente gostaria de fazer algumas perguntas, buscando esclarecer... eh, detalhar algumas questões que ficaram menos... eh... detalhadas na anterior, né. Então, eh, começando a respeito da suas experiência como professora da rede bas... básica, né, do ensino básico, eh... você falou naquela ocasião, que você fazia estudo do meio com os alunos, que você trazia conhecimentos dos alunos, conhecimento... cotidiano dos alunos, passa pra sala de aula, e a partir dele trabalhar os conteúdos da Geografia. Eu gostaria de saber como que você... partiu, da onde você partiu pra fazer... este tipo de trabalho, de prática...

Professora Lívia - Eu tenho a impressão que... agora, voltando... com retrospectiva, eu poderia dizer que foi intuitivo, porque eu num tinha um conhecimento... científico sobre isso. Eu sentia, de que se eu levasse as crianças, os alunos de... de quinta, sexta série ao... ao campo pra eles observarem, pra eles me fazerem perguntas, eu... encontrava que isso era... válido, mas dizer que eu tinha uma base científica, eu num tinha mesmo. Então eu diria que minha base foi intuitiva, e eu sempre achei que ensinar é bom senso, se eu tiver um bom senso... com os meus alunos, eu num vou ensinar nada errado, num vou ensinar nada absurdo, porque eu parto dele e volto para ele. Porque eu sempre pa... ah... procurava eh... ver o que que eles conheciam sobre o meio ambiente, naquela época também não se falava meio ambiente, se falava paisagem, sobre... onde que vocês vivem, as suas cidades, como seus pais cultivam, então era isso que eu... retirava deles, e depois, eu voltava para eles, eu, ah... o que na verdade o que eu fazia era uma sistematização daquele conhecimento, só que aí, filtrado pelo meu conhecimento geográfico, da universidade, porque eu tava na, ah... ainda tava terminando, mas eu tinha conhecimento geográfico, da Geografia, pra poder voltar para os alunos.

- Nas aulas de Prática de Ensino da universidade, não tinha esse tipo de abordagem?

Professora Lívia - Não, exi... exatamente não. O que... por exemplo, o Carlos Augusto fazia, ele fazia blocos diagramas pra dar Geomorfologia, ou ele fazia... aq... todas as representações da circulação atmosférica, ele fa... usava uma lousa toda, pra fazer esses desenhos com giz colorido, tudo, quando os alunos entravam em sala de aula, encontravam já aquilo desenhado. Ele desenha muito bem, né, um artista na verdade, e ele dizia pros alunos, porque... eu assistia as aulas dele, pra fazer a minha

atualização de Geomorfologia, de Climatologia, ele diz...: “Vocês... é isso que vocês tem que usar na escola. Quando vocês forem pro ginásio dar aula, vocês também tem que fazer desenho na lousa, pros seus alunos”, então ele chamava atenção, pra toda essa parte dele. Doutor João também, quando nós saíamos pras ex... pras excursões, ele dizia: “Vocês tem que sair com seus alunos no campo, só que não vão ensinar... só que não vão ensinar Geomorfologia profunda” ele dizia, “Vocês tem que fazer uma passagem pros seus alunos”, então isso era mesmo, mesmo a... Elza também, ela chamava atenção da cidade, que se eles fossem dar aula em ginásio, no... em qualquer cidade, mesmo que eles não conhecessem, que eles saíssem com os alunos, pra dar um reconhecimento da cidade. Então, era mais ou menos, os professores chamavam atenção, para as disciplinas que eles ministravam, para os alunos lembrarem quando forem professores, pra fazer isso. Era feito sim, viu, de um modo geral era feito.

- Quer dizer que na época... existia... um senso entre os professores de que... eh... o trabalho de campo era importante para as práticas de aula, tanto da universidade quanto do ensino fundamental. Agora, Lívia, na sua experiência de vida, essa preocupação, essa... esse hábito de observar a paisagem sempre esteve presente? Como é que você começou a prestar atenção nisso?

Professora Lívia - Aí eu num... na outra entrevista eu falei muito da minha mãe, agora eu vou falar do meu pai. Meu pai que me levou a isso. Meu pai era uma pessoa... ele trabalhava... fazenda, foi na época de escravo, ele teve escravo, tudo, mas a preocupação dele foi sempre com a natureza. Então, pra nós, quando saíamos, nós tínhamos que coletar ah... folhinhas pra ver a diferença de uma da outra, ele nos ensinava a ouvir os passarinhos, e discriminar um que que tava cantando, outro que tav... a maneira diferente, então toda essa parte de natureza, foi dada por meu pai. Ele... a mamãe também gostava, é claro, ela gostava muito de flores, e tudo, mas quando nós saíamos com ele, era ele que nos... indicando e nos ensinando a discriminar sons, ruídos, cores, eh... todas as diferenças que ele dizia, que o mundo não era igual, que nós tínhamos que observar. E, e nós sempre tivemos o hábito, de quando via... eu já sai... eu sai com 11 anos de casa, pra estudar, nós sempre tivemos o... o hábito de relatar o que tinha acontecido enquanto nós estávamos fora. A mamãe exigia e o papai também ficava prestando atenção, então eu desenvolvi também a fala, né, ah... o discurso, vamos dizer isso, por causa de que tinha que descrever, com detalhes, do que... tudo que tinha passado na... e meu pai, sempre perguntava sobre a paisagem. “Então, o que que você viu de diferente em São Paulo, o que que tem, o que que...”, então, eu sempre observei, sempre tive essa... preocupação com a observação, isso foi do meu pai.

- É... só mais uma perguntinha sobre essa parte, Livia... é... nos materiais didáticos que você usava, eram... tinham livros de Geografia, que livro que era, que você lembra que usava...?

Professora Livia - No ginásio?

- É.

Professora Livia - Você sabe... era o... o Aroldo de Azevedo, mas eu... muitas vezes, pro primeiro ano, pra... pra quinta, sexta série, eu achava um pouco comp... um pouco difícil pra... pras crianças, porque eram crianças lá do meio rural, do... do Vale do Ribeira, né, muitas vezes só falavam japonês em casa, e... eu então eu... escrevia na lousa muito pra eles, viu. E eles tinham um caderno que eles copiavam e eles completavam com a com... eu usava o livro didático como uma consulta pra eles. Tanto é que nem obrigava que eles comprassem, eles usavam o..., já usados, de... de outros colegas, de outros pais. E eu, pela... com a quinta e a sexta série, eu exigia um caderninho de desenho. Não de Cartografia, um de desenho e eles tinham que fazer os desenhinhos aí de... de solos, de... de camadas de... de geomorfologia, então até esse meu sobrinho que eu vou passar, que ele fez Matemática, ele fez a quinta série comigo, né. Então ele pegou, eu mandei ele fazer os desenhos...

- No Vale do Ribeira?

Professora Livia - É, é... Meu... minha irmã morava em Raposo Tavares, e eu dava aula em Pedro de Toledo, então ele vinha de trem. Aí, ele pegou... eu mandei que ele fizesse um caderninho, e ele pegou um caderno velho, arrancou umas folhas, pegou e fez de qualquer jeito e me entregou. E eu fiquei muito brava... “Logo você, Luis Antonio, o meu sobrinho, olha este daqui! Você tinha que fazer deste jeito!”. Peguei, rasguei o caderno “Você vai fazer outro bonitinho, porque você é capaz!”. E ele diz que até hoje, ele não esqueci isso, de que eu disse que ele era capaz de fazer uma coisa melhor do que ele tinha feito, e depois, da próxima vez, ele veio com o caderninho e como ele disse: “Isso, tia, eu na hora fiquei, assim... porque que você fez aquilo comigo? Mas eu na hora senti que você queria que eu fizesse o melhor”. Então, eles davam esses cadernos, eu corrigia, dava nota e eles depois, eu mandava... eu indicava pra eles que não comprassem um caderninho tão fininho, porque já servia pro segundo ano. Aí no segundo ano, eles punham “segundo ano”, que era a sexta, e continuava. Eu fazia só com a quinta e com a sexta, por causa da idade deles, porque já, eu achava que pedir caderninho de desenho pra aluno já na sétima série era tratá-los muito como crianças, e eles não gostariam, eu parava com isso. Aí na quin... na sétima e oitava série, o que nós fazíamos eram os mapas tirados dos Atlas, dos cad... dos livros do Aroldo de Azevedo, nós fazíamos grande reproduções, reproduzíamos pra

deixar como material pra própria escola. Então aí eu já mudava o tipo de trabalhos que eu solicitava pra eles, mas eles faziam o trabalho em grupo, e deixávamos pra escola, pra... pra outro professor e no ano seguinte eu mudava que trab... que mapas que nós faríamos, porque a gente já aproveitava o que tinha feito.

- E tinha Atlas na escola?

Professora Lívia - Não. Eu fiz, comprei com o meu dinheiro, os Atlas... aquele que era do IBGE, e deixei na escola, pra... pra ser usado, porque eh... uns, ficar... os pais ficaram tão entusiasmados que compraram, mas eu comprei 40 eh... mandei lá pro IBGE e eles me mandaram mais barato né, e eu comp... deixei os 40 mapas, porque desde o começo, que eu comecei a lecionar Geografia, no secundário, eu sentia que a base da Geografia, pro ensino, tinha que ser o mapa. Eu sempre senti isso, tinha que ser o mapa. Eu tinha que partir do mapa e chegar no mapa, porque qualquer coisa que eu ia trabalhar com eles, eu ia tr... trabalhar com a representação, então sempre... por isso eu comprei os Atlas pra escola.

- E a ampliação, como vocês faziam?

Professora Lívia - Era uma loucura, viu, eles iam, procuravam os engenheiros de lá, e arrumavam pantógrafo, viu, eles se viravam, viu, eu dizia: “Eu quero...” e eles se viravam, eles encont... sempre tinha um... um agrimensor, um... porque tinha muitas terras, né, que tinha que medir, ai... e eles faziam por pantógrafo, viu, isso eu deixava por conta deles.

-E não era por quadrículas?

Professora Lívia - Não. Eles iam com o pantógrafo, viu, usava o pantógrafo, ia o pequeno de um lado... porque tinha um que descobriu isso, deixava isso por conta deles, viu.

- Isso de você... passar tarefa e deixar eles se virarem, já era alguma coisa que podia, no futuro, ter te aproximado do Piaget?

Professora Lívia - É, talvez fosse, talvez fosse, viu. Eu deixava mesmo, mesmo quando eu fazia as excursões, dentro da cidade, ou na redondeza, também, eu deixava, eles iam com um caderninho, aí já era sétima, oitava série né, que eu fazia, e eles tinham que aprend... a ver o que que eles iriam ver. Mas também eu ficava com a parte mais alegre, eu não sei, você no seu tempo já não sei se era, que nós fazíamos músicas nas excursões.

- Sim. Tinha.

Professora Livia - Então com eles também: (cantando) “O relevo hostil, do meu Brasil...”, nós todos fazíamos, então com eles, também eu fazia, nós íamos cantando e depois quando voltava, eles faziam, pegava uma outra música, com uma outra letra e até o... “Gnaisse, gnaisse... e mais gnaisse...”, porque nós andamos e só encontramos o gnaisse, eles ficaram desesperados porque não encontraram outra rocha, só gnaisse, gnaisse, gnaisse... então isto, era assim... eh... pra outras... mas eu fazia isso no sábado e no domingo, né. Eu ficava lá, e pra não ficar longe da minha mãe, eu trazia a minha mãe, tinha uma casa de família, muito nossa amiga, lá em Pedro de Toledo, eu vinha na sexta-feira com a mamãe, e nós no sábado, eu saía com um grupo e no domingo com outro grupo, então nós saíamos, e a família tod... todas as... as famílias nos ajudavam muito, viu, tinha uma padaria, ela fazia os lanches pra nós levarmos, viu, cada família dava uma coisa, e eles gostavam de me ver, esse interesse com os alunos, que no sábado e no domingo eu voltava pra trabalhar com eles, viu.

- Você não ganhava pra fazer isso?

Professora Livia - Não, não. Não ganhava nada não. Eu ganhava a satisfação de ver aquela criançada descobrindo coisas, e isso que era a minha satisfação, né. Tanto é que ah... eles se conheciam, a mamãe gostava mui... porque nessa época o meu pai já tinha morrido, né, eles gostavam muito da mamãe, então quando eu ia corrigir as provas dela... deles, ela refazia todas as leituras, e aí ela vinha: “Mas fulaninho, você vai... dê mais meio pontinho pra... ele vai ficar reprovado, Livia, não deixe ele... olha, é aquele menininho, que veio...”, então, havia uma... uma relação muito... muito íntima, sabe, eles todos sabiam que a mamãe era protetora deles, viu. “Ah, fale pra dona Altina não sei o que...”, mandavam goiaba, mandavam coisas pra mamãe porque sabiam que a mamãe era protetora deles, pra que eu não fosse muito rig... exigente, porque eu era mesmo exigente com eles, viu, eu dizia que não podia ser fácil, porque a vida lá fora ia ser difícil, e era melhor eu exigir pra eles, porque eles sabiam que eu tava... que eu gostava deles, que eu tava... in... fazendo tudo por eles, do que lá fora, eles iriam estar sozinhos.

- E qual era a carga horária sua, dessa época? Você lembra?

Professora Livia - Ah, eu nem sei dizer, viu, porque eu... dava duas aulas por semana de Geografia, e era quatro... era oito, era oito aulas, né porque eu dava... ia num dia, e depois... era quatro... era duas... não, era oito por série, né. É, oito por série... então dava... era quatro séries, nem sei!

-Era quinta, sexta, sétima e oitava?

Professora Livia - É...

- Uma de cada...

Professora Livia - Uma de cada, é, então eu dava quatro aulas na... num dia, e depois quatro aulas... mas dava na todas... só tinha uma série de cada uma...

- Dois dias dava...

Professora Livia - Dava... é. Então viajava, eu ia dois dias pra lá, porque os outros dias eu voltava em São Paulo pra terminar a faculdade. Então eu ia de sexta... de segunda e de sexta, porque sexta eu tinha História lá, então eu fazia um... um arranjo lá e...

- E o salário dava pra pagar a viagem, a estadia...?

Professora Livia - Dava, dava. Eh... num era uma coisa... eu sempre senti isso, que no mundo inteiro o professor nunca vai enriquecer. Isso eu também falava nas minhas aulas de... de Didática: “Você escolheu o profissão, mas não vai enriquecer, dentro de... do ensino, você não enriquece. O que você enriquece é que você tem uma realização íntima muito grande, viu, porque o... a relação do professor com o aluno é uma relação especial, e isto você não tem entre patrão e empregado, em lugar nenhum, nem no comércio, nem na indústria, em lugar nenhum, é só no magistério que a gente essa relação”. E... eu... dava pra eu ganhar, dava pra eu viajar, eu viajava muito, comprava as coisas que eu queria, mas nunca fui de... de muito luxo, então... dava.

-Livia depois que... você veio pra Rio Claro, né, você começou a trabalhar com... com a pesquisa, com a Prática... com a Didática, né...

- Só... só pra completar, desculpa, é que... é que existiu um mito de que... que professor, na década de 70, 60, ganhava igual um juiz.

Professora Livia - Não, não...

-Eu queria... você já ouviu essa...

Professora Lívia - Já, já... Isso, sabe, ganhava... na época de 1920, 1930, viu. Já 60 não, viu. Nem 50... eu entrei em 56, não, não ganhava não. O professor universitário talvez sim, mas o professor secundário não. Era um... fui um mito mesmo.

- Então, Lívia, quando você veio pra Rio Claro, quando você começou a trabalhar com a Didática aqui, você passou a se voltar mais pra área da educação, assim... mas muito eh... preocupada com o ensino da Geografia, né. Eh... e a sua livre-docência... que é um trabalho, digamos assim pioneiro e de referência, né, na produção eh... acadêmica na área de ensino, né, eh... tem um... aporte teórico-metodológico muito rigoroso na sua parte, porque é um ponto extremamente positivo, né, e que você faz uma retomada de um... de uma pesquisa do... do Piaget, sobre a idade das crianças e relacionou isso com eh... as estruturas cognitivas pra compreensão do mapa, né. O que... no seu texto não tem e o que a gente queria saber da sua parte, é como é que você chegou nesse tema, porque o Piaget tem uma obra muito vasta, né, sobre a representação do espaço, tem vários aspectos que você poderia ter explorado, né, mas você se voltou para esta questão específica, né. Como é que você chegou nisso?

Professora Lívia - E... no começo, quer dizer, eu quando comecei a trabalhar na Didática, senti que era a questão do mapa que... que seria importante pro... desenvolver trabalhos. Mas, antes de eu entrar, ah... entrar em contato com o Piaget, eu tive várias vezes nos Estados Unidos, principalmente na universidade de Iowa, que já estava com uma Geografia moderna, diferente, pra frente, né, era um centro importante, ah... ela tinha o doutor... o Arold Carter, doutor Coalt, vários professores já famosos na Geografia, e eu entrei em contato com uma bibliografia... com uma biblioteca daquelas fabulosas, né, e eu entrando, tudo, procurando, não sabia exatamente o que eu queria fazer, mas instintivamente, intuitivamente eu sabia, mas claramente não. Ao procurar toda a biblioteca, não encontrei nada, e eu tinha muitas conversas ah... com o doutor Coalt, ele sempre se interessou por ensino, porque, em geral, lá nos Estados Unidos, quando os professores chegam a ser “professor”, quando eles chegam no máximo, eles passam a voltar... a se interessar pelo mínimo, pelo ensino. Então, ele já tava nessa fase, né, chefe de departamento nos Estados Unidos, é um... é uma coisa importantíssima você chefe de departamento, e ele já tava nesse ponto, já tinha livros, já tinha sido presidente da AG, então agora, ele já tava voltado para o Ensino, então nós conversávamos muito, então ele brincava comigo, que eu, de começo tava indo pro ensino e ele tava indo pro fim, mas que nós tínhamos muita coisa em comum. E... ele que me deu muitas dicas, de co... como fazer uma pesquisa, de procurar tudo, mas eu não sabia direito. Aí, eu fui no encontro, as datas pra mim já me confundem um pouco viu, fui num encontro da UGI, na União Soviética. E antes de... de ir pra União Soviética...

- UGI o que que era?

Professora Livia - Da UGI, União Geográfica Internacional. Era um encontro internacional, que eu fui em vários da... da... não me lembro, acho que foi em 80, não, foi antes, porque foi antes de eu ter feito a minha livre docência. E eu... então, como nós íamos pagar passagem pra Europa, tudo, eu fui com antecedência, e... escrevi lá pro centro de... de epistemologia lá do Piaget, e consegui um estágio, então eu fiquei um mês faze... estagiando. Aí, enc... encontrei a biblioteca específica, conversei... conversei muito rapidamente com Piaget, ele ainda tava vivo, tava fazendo ah... os oitenta anos, tudo, mas eu tive a oportunidade de ter uma entrevista com Will Ban, que era o que trabalhava com espaço. E aí eu coloquei todos os meus problemas, as minhas angústias, as minhas preocupações, como o espaço geográfico, eu disse pra ele que eu tava lendo toda a parte de espaço do Piaget, e que não encontrava o espaço geográfico. E aí que ele me disse: “Quem vai encontrar, é você. Você que ta... porque nós não vamos encontrar pra você. Você que vai fazer essa ponte, porque você conhece Geografia, e agora você trabalha com o espaço... do Piaget, então você faça essa superposição. Faça você isso.”, eu até re... ponho um trechozinho da nossa... da nossa conversa com Will Ban, então ele não mandou que eu... que eu procurasse. Então isso que me deu eh... mesmo direção pra fazer esse trabalho, né. Eu já tinha feito alguns, e aí quando eu voltei, eu me... deve ter sido... 64, 68, 72 deve ter sido... porque depois eu fui fazer o... e aí eu... me deu, pode dizer um insite, um estalo, o que que foi, de que, no mapa, que eu trabalhava no mapa, no plano, e que eu tinha que fazer a passagem pro aluno no plano, não na realidade, não lá fora, que eu tinha que trabalhar com ele na re... na representação. Então, vendo isso, eu... achei que... como que nós faríamos essa passagem, se no mapa é tão importante a direita e a esquerda, e acima e abaixo. E, muita gente, erradamente, fala “em cima” e “embaixo”, e “em cima” e “embaixo” é altimetria, não no plano. No plano, não há “em cima”, é acima e abaixo. Quando me... isso também conversando com uma professora de Português, que ela me ajudou ah... a usar a palavra exata no Português, e ela disse: “Livia, não existe... em cima é uma coisa, e acima é outra, e no mapa é acima, porque eu não vou pra cima no mapa, em vou... em direção pro norte...”

- ... que é bidimensional, né?

Professora Livia- É, é... mas o mapa não. Então, eu vi que faria... e eu encontrei no Piaget, aquele de... da frente e atrás. E... e pro direita e esquerda? Aí que eu criei um... os testes também. As provas também de direita e esquerda, porque também eu ia na Matemática, e perguntava pro Mario Tourasse o que que era direita, o que que era esquerda, porque tem, a Matemática tem que me descrever, tem que me... definir. Ele disse que não tem uma definição exata em Matemática pra direita e esquerda. “Defina você”, ele dizia pra mim, e eu defini. Então eu defini voltando com o Piaget, que trabalha com



o próprio corpo. Então naquela situação... aí eu tinha que fazer a passagem pro mapa, aí eu encontrei os mapas pra poder fazer as provas, né. Então quando eu tive as três provas, acima e abaixo, direita e esquerda, né, acima e abaixo, direita e esquerda, aí eu passei pro mapa. O que... norte sul, leste oeste. E aí eu... fiz a prova. Todas as provas, teve que fazer todo o trabalho, todo os... os materiais, toda aquela coisa.

E agora, como que eu vou fazer? Aí eu testei numa escola só, ainda era aquela época que o... Batista Leme mora... ainda tava situado ali na... na avenida 1, eh... usei a escola toda, e aí eu... ap... aperfeiçoei ah... os meus testes, as minhas provas, acertei tudo, e depois eu queria que fosse perfeito, o mais perfeito ah... a pesquisa. Então... coletei em cada escola, ainda naquela época não tinha tanta escola como aqui em Rio Claro, eu coletei todos os nomes dos alunos de todas as... de quinta a oitava série, ah... organizei em ah... letra alfabética, misturando todas as escolas, então as minhas listas era, por exemplo, de idade, tinha que amarrar a idade com a série, então quinta série eram 11 anos, então fiz listas e listas de todas as crianças. Aí depois que eu fiz todas as listas, aí eu fiz o sorteio por ah... aleatoriamente, usando aquela tabela. Então eu tirava os alunos, vamos dizer, quatro saiam numa escola, três saiam da outra, porque tava ah... a população era mesmo... completa, e aí eu tinha ah... que aplicar num período curto, porque você sabe que no Piaget, um mês faz diferença, você já não pode comparar os... Então eu preparei alunos da Pedagogia pra poder me ajudar ah... a aplicar, nem peguei da Geografia, viu, tinha que ser da Pedagogia, que entendia a história. Então eu fiz... quatro plan... quatro cópias, cada uma tinha pa... levei em casa, aplicou em mim, todas viram, tava direitinho, eram alunas já de terceira, quarta série... da Pedagogia, e aí eu fui nas escolas, eles me deram uma sala, porque tinha que tirar as crianças da sala.

E aí como que eu tirava... porque você sabe que... se você chegar numa sala e dizer: “Eu quero fulano que saia pra vir falar...”, as crianças pessoalmente, eh... eu fiz de primeira a oitava série, não foi de quinta, foi de primeira a oitava série...

- E tinha Pedagogia nessa época?

Professora Lívia - Desde o começo tinha Pedagogia aqui... foi um dos cursos de... iniciais daqui. Depois que ficou uns anos sem...

- Ah...

Professora Lívia - E aí, eu... como que eu tirar uma criança de sete anos da classe, dizendo que ela tinha que sair, ela já viria com medo, preocupada pra poder fazer... eu trouxe uma sobrinha minha, que é muito... eh... ela se dá muito bem com criança, muit... e ela ia buscar as crianças na sala de aula, viu, e ela vinha, eu falava: “ Odilene, você venha com a mã... dando a mão”, e diz que as crianças

apertavam a mão, porque elas não sabiam pra onde que elas iam, viu, todas as crian... então, eu tive todos esses cuidados pra não entrar... que a crianç... que isso atrapalhasse na coisa. E aí depois quando elas viam que era um brinquedo, que era uma coisa, elas se sentiam a vontade. Na sétima, oitava série já não precisava, mas precisava alguém que os tirasse da sala. Isso encontrei de todos os diretores, me ajudaram todos por... (pausa da fita)

... comparados, isso que eu queria, porque eu falei: “Se eu não fizer um rigor, num vou poder comparar”, e depois a minha procura também, como sempre como professora, eu queria fazer uma pesquisa completa, rigorosa, precisa... mas clara, que qualquer outro professor pudesse rep... reproduzir, pudesse a partir da minha pes... da minha pesquisa, criar outras pesquisas, inven... realizar outras pesquisas. Então, foi feito com todo esse cuidado eh... e depois que tive que fazer o... a análise, tudo, depois já foi mais fácil, porque a gente já tava dentro de cas... então a coleta que foi rigorosa, viu, o preparo de instrumento de medida foi trabalhoso, eu demorei pra chegar naquilo, e depois a coleta também foi trabalhosa, porque eu tinha que controla-lo, não queria que passasse nada de fora, e depois, pra sentar e fazer o... a análise e o... aí, já foi trabalho meu, discutido meu.

- Você constatou uma defasagem, né, nas crianças...

Professora Lívia - É, uma pequena defasagem é. Isso... depois conversando com dona Amélia, outras pessoas, é comum porque... num compara as nossas escolas com as européias e americanas, não compara viu. O mês que eu fiquei lá em Genebra, e fui muito na escola lá de lá, eu ia quase todo dia na escolinha, viu, é uma beleza, vocês não podem imaginar o que que é ensinar numa escola daquele tipo. Mas eu também fui numa escola pública de Genebra, com alunos comuns também, professores, o diretor me deixou assistir, entrar na sala, então também a escola pública é uma coisa, gente, toda... então não tem nada a ver com a nossa escola, então não é possível, não dá pra você comparar mesmo viu, não dá pra você comparar... então, eu encontrei essa defasagem, e depois quando eu encontrei a...Barbel veio no Brasil naquele encontro, e depois nós fomos a Curitiba e ela recebeu o Noris Causa da universidade do Paraná, eu perguntei a ela, falei que... ela disse: “É isso mesmo, viu” ela disse que “todos que tem feito, quando aplicam, usam o Piaget, encontram uma defasagem, a não ser por exemplo, como ela disse, na Finlândia, na Suécia”, ela disse que “pode até algum que possa ir um pouco a mais, mas você encontrar um pouco a menos, não, mas o importante é que você encontrou todos os... e todos eles chegaram. Se eles chegaram, atingiram o... o estágio um pouco atrasado, isso não vai atrás... vai fazer com que eles se infelizes”, ela ainda usou essa palavra né, “eles vão ser... chegaram um pouco mais atrasados, mas chegaram, isso que é importante é que o aluno atinja os estágios”.

- E porque você não continuou... aprofundando o estudo na linha piagetiana? Porque depois, na sua livre docência, você... nos seus trabalhos eh... acadêmicos, publicações, leituras, você acha que descobriu...

Professora Livia - A percepção.

- É...

Professora Livia - É porque eu... eu sempre gostei da novidade, e aí, mesmo trabalhando com o Piaget, eu encontrei a percepção, a do Piaget, e eu também, às vezes que ia nos Estados Unidos, eu já tinha lá... já tava começando o 'perception environment', com todos trabalhando nisso, eu e... porque aí eu encontrei um lugar na Geografia, pra eu trabalhar. Então eu comecei a trabalhar com isso, né. Aí... foi isso, por causa da... mas era Piaget ainda, só que a percepção. E como agora, nós já tamos saindo da percepção e passando pra cognição, porque na verdade, num é propriamente percepção que a gente faz de... é cognição, porque a percepção é um pouco parada, né, é meio... ela é de laboratório, ela é de... de dentro de sala de aula, né, de sala... e nós agora já tamos usando a palavra cognição, já tamos vendo, porque na verdade, o que nós trabalhamos é a cognição e não com a percepção. Então, já estão começando os primeiros trabalhos, e muita gente já tá mudando a palavra pra cognição.

-E esses são os trabalhos que você ta orientando agora?

Professora Livia - É, os trabalhos que eu to orientando agora. E que eu orientei já voltando pra cognição.

- E nessa volta, você retoma o Piaget ou não?

Professora Livia - Sim, sim. Continuo, continuo com o Piaget. Porque eu li toda a parte do Vigotsky, mas o Vigotsky é o... me dá um outra complementação, né. Muita gente, quando ele apareceu, disse: "Ele derrubou o Piaget". De jeito nenhum, ele... primeiro que na época, na União Soviética era proibido ler e trabalhar com o Piaget, né, como agora ainda em Cuba, vocês sabe que Cuba, uma amiga minha que é psicóloga, teve lá e ela apresentou um trabalho e foi um horror, viu, só faltaram levar ela pra fora, porque não podia abrir aquela palavra, porque é claro, o Piaget leva as crianças, os alunos à crítica, à realização não... não é repetida, não é uma doutrinação, tanto é que não há ah... conscientização, há tomada de consciência, então você sabe... ela ficou, ela disse: "Olha, eu nem imaginava, porque já na União Soviética tinha acabado, já era Rússia, tudo", mas em Cuba ainda é

completamente proibido e a palavra Piaget é... pe pecado, viu, inda. Então, em questão de educação, você encontra essa dificuldade, como quando eu fui lá na União Soviética, que leve.. que ainda era União Soviética e o meu trabalho era piagetiando, o Stoufman disse: “Não, você fala, eu também vou falar de Piaget”, nós já tínhamos um grupo grande... “não, nós vamos falar, eles não vão poder nos pregar... prender por causa disso, porque aqui é um congresso, eles não podiam... você mandou trabalho antes...”, mas o da Maria Lúcia lá em Cuba, ela passou mal, viu.

- Agora, Livia, aproveitando um ganho aí da sua discussão, as vertentes teóricas da... da Psicologia, da Sociologia, da Educação, né, em relação à Geografia, eh... eu diria que no artigo que você deixou com a gente, né, a sua preocupação quando você estava estudando mais sobre a percepção do meio ambiente e situou o pessoal que tava trabalhando com a percepção, em Rio Claro, né, e daí houve uma cisão com São Paulo, né, eh... o pessoal da geografia mais marxista, que predominou na década de 70 né, 80 e tal, eh... essa cisão, como é que você vê essa cisão, sobre a questão do ensino? Né, porque o ensino de Geografia ficou meio... como o João tava falando, quer dizer que tinha uma preocupação no passado, tinha. E como é que isso se perde? Quer dizer, onde é que tá... como é que você vê essa passagem, como é que você percebeu, sentiu essa fase, década de 70, década de 80, na... no ensino de Geografia?

Professora Livia - Eu, agora com perspectiva, podendo... na época também não conseguia perceber isso na... exatamente, pra mim foi a... a questão do marxismo, porque nós sabemos perfeitamente que a doutrina marxista é dogmática, quando a gente estuda epistemologia, eu num entendia como que uma pessoa que quer fazer ciência, possa ser marxista, doutrinariamente falando, doutrinariam... porque é uma doutrina e é um dogmatismo, não permite a crítica, não permite nem a dúvida, nem... não permite nem o ceticismo, é dogmático, é aquilo e acabou. Então muitos dos geógrafos, que também não leram Marx, ouviram falar, porque eu conversava com as pessoas e nunca leram porque eu li o Capital antes de entrar na Geografia, por questão de religião, na... eu pertencia a um grupo, na JUC, e nós já na época de 40, final de 40, nós já lemos todo o Marx.

- O que que era a JUC?

Professora Livia - Era juventude universitária católica, e nós tínhamos grupos de estudos, e já se...

- Isso lá na USP?

Professora Livia- E nessa época eu li toda a obra do Marx e já tínhamos constatado que era uma ideologia, agora a parte econômica, isso eu não entro em discussão, porque isso é outro... outro aspecto do Marx, o que eu falo é essa parte, e para o Ensino, eu acho que de jeito nenhum poderia ser, eh... colocado as noções de Marx pra educação, a começar que ele nunca teve preocupação com isso, ele não tem livros, não tem trabalhos, não teve essa preocupação com a educação... a preocupação dele era muito mais econômica, pras classes eh... operárias, as classes sociais, era essa a sua preocupação, que é válida, ninguém dizia que devia ser tratado o trabalhador de outra maneira, mas muitos de nossos geógrafos tomaram conta da... da CENP, e levaram... porque enquanto eu fui da CENP, nós sempre tínhamos essa preocupação de que a parte universitária se preocupasse também com o ensino, já separasse o universitário com o secundário, mas aí acabou, eles tomaram conta, fizeram isso, mudaram toda a grade curricular, tiraram toda a parte de natureza, você sabe, tiraram toda a parte de Geografia física, e o que tinha que dar era economia, era sociologia, porque eles deturpam o Marx na verdade, a meu ver foi isso. Foi uma deturpação, eu acho que o Marx não deve ter concordado com isso, e eu também, o que eu falava na época, como havia o materialismo histórico, eles que trabalhavam com o materialismo, que procurassem o materialismo geográfico, porque deveria existir, eu diria, uma dialética geográfica, eu não tava preocupada com a dialética, nem com o materialismo geográfico, mas tinha que ter um materialismo e é isso que era o papel do geógrafo que tinha que fazer e não transformar o materialismo histórico pra transformar o ensino da Geografia, então a mim, aí que ta, pode ser que eu esteja errada, mas aí que fez e hoje nós temos isso, não sei quando que vamos conseguir recuperar a nossa parte perdida, como diria o Carlos Augusto, o nosso “geo”, porque nós perdemos mesmo, né, e os professores de ciências não sabem nada de Climatologia, não sabem nada de... nem de solo eles sabem né, nem de relevo, nem de vegetação, dizem que dão toda a parte física.

- Então agora a gente já pode fazer um balanço desse período de geografia crítica né, que foi uma parte desse momento do ensino, e dá pra fazer umas análises como essa que você fez, né Livia. E os PCNs? Você conhece, sabe o que é?

Professora Livia - Eu não entrei mais, não entrei mais. Tive visto, discuti com um... muitas das proposições são válidas, só que eu acho que como perdeu uma parte aqui, pra retomar o que tava lá colocado, eu não sei mais, e depois era assim; quando eu fiz concurso pro ensino secundário, aparecia 50, 60 professores, candidatos... passavam 20, 15. Hoje, chegam...aparece 10 mil, e passa 2 mil, então, eu acho que agora a CENP deveria usar outra estratégia, porque é outro contexto, é outra realidade, viu.

- É um ensino de massa mesmo.

Professora Livia- É, é de massa mesmo.

- Nisso, Livia, ah... essa que você fala que perdeu e ficou fazendo falta, quer dizer que não houve durante um período, produção de conhecimento voltada para o ensino de Geografia, é isso?

Professora Livia - Não houve. Por isso que uma das explicações entre o período da minha tese em 1977 e depois o aparecimento do... da Cartografia infantil, foram... porque durante esse período, muitos professores estavam preocupados com a parte marxista, com a parte da dialética, com outras preocupações, e quando começou a fazer a volta, passaram a se interessar pelo... pelo ensino da Geografia. Eu... eu sou otimista, viu, eu acho que nós já fomos, e já estamos voltando... eu já vi muitos dos meus colegas que já foram radicais hoje já tão... procurando fazer pesquisa dentro do ensino da Geografia, muitos já estão aceitando a percepção, então você nota... e já estão vendo mais o Marx como ele deve ser visto, como filósofo, como um homem estudioso, preocupado com a economia que era naquela época, eu acho que hoje eles tão pondo o Marx na devida posição. Porque havia mesmo, aquele encontro que o... o Correia, com é que é...

-: Manuel Correia?

Professora Livia - Não... o... ai, o da Geografia, que escrevia do lugar sem lugar...

- O Armando...

Professora Livia- Isso, o Armando... quando ele propôs um encontro sobre as categorias da Geografia, que foi no Rio de Janeiro e que foi o... Milton Santos, só tava... só eu de diferente, como um patinho feio lá no meio né, e a Fani brincou comigo: “E você, Livia?”, e eu digo: “Não, a categoria, a preocupação com as categorias da Geografia não são de vocês, não é da... do marxismo, da Geografia radical. A categoria básica da Geografia...”

- Que ano foi isso?

Professora Livia- Ai, eu já nem sei, tá escrito aí... quando foi? Não me lembro quando foi, viu. E ainda o... o Milton Santos disse: “Não, nós temos que aceitar, porque se é uma pessoa preocupada teórica... com a teoria da Geografia é a Livia e ela tá acima de todas essas coisas viu”, e eles aceitaram o que eu coloquei, da questão da... que tinha que pensar nas categorias da Geografia a partir do ensino, não a partir... até nem sei onde que foi para o meu trabalho, viu, que a partir do ensino e não a partir do

geógrafo, ver quais as, como que a criança e o adolescente categoriza a Geografia porque a partir daí um categoriza o outro. Então aceitaram tudo, mas era da... foi naquela época mesmo, e... o... mas eu me dava muito bem com o Armando, ele dizia que a única pessoa que entendia os livros dele era eu, porque eu lia, nunca tinha problema de ler, e o Milton Santos também, ele sempre me respeitou muito como eu também a ele, ele sempre dizia: “Você... essa gentarada aí”, ele dizia pra mim “mesmo esses marxistas aí não sabem nada, Lívია, você sabe muito mais e Marx do que eles”, mas, foi uma época assim de... como se diz, de troca de... assim parecia uma... o final de uma... de um jogo do Corinthians, como agora ontem o corinthian perdeu e ninguém aceitou que perdeu, desse de 5 a 1 do São Paulo, então é aquela coisa...

- Bom, eh... eu falei da questão dos PCNs relacionado com essa proposta que predominou por causa da CENP porque ele busca retomar um pouco a questão da natureza... então, por isso que eu perguntei...  
 Professora Lívია - É... eu acho que valia a pena a gente voltar, fazer uma discussão, só que eu acho que essas coisas que vem lá de cima não vem pra durar viu, vem o PCN, passou... é meio assim como... como é que se diz, eles tem que fazer relatórios lá tem cima, dizer que fizeram, então fizeram o PCN. Eles não tão nem aí, nem com o PCN, nem com o professor, nem com o aluno, eles não tão nem aí, como se diz viu... estão só fazendo relatório pra dizer que fizeram. Mas eu acho que seria válido estudar, fazer uma... e não sei... até quando vão ficar esses PCNs válidos? Não sabemos...

-Até vir outro...

Professora Lívία - Até vir outro que proponha outro... então eu ao sei se... se eu tinha interesse de gastar meu tempo nisso. Eu preferia fazer as pesquisas diretas, e que... dentro do ensino da Geografia.

- Lívία, daqueles outros professores que estiveram com você aqui em Rio Claro no início da sua formação, ah... o Carlos Augusto... quem mais esteve?

Professora Lívία - Mas também tinha a parte da educação. Eu, a minha sala era na Geografia, porque o doutor João queria que eu ficasse na Geografia, mas depois eu descobri que administrativamente eu era da educação, não era da Geografia. Então, mas eu me ligava muito com a turma da Educação, e também naquela primeira época, naqueles primeiros anos, a Pedagogia também teve gente de grande nomes, né, como a Maria da Penha Villa Lobos, que dava Didática, era formada em Filosofia, a Maria Alice Fonseca que dava História da Filosofia, que também era formada em Filosofia, a Regina Bicalho, que ainda ta aqui em Araraquara também era filósofa, e... o Tamas, que depois ficou mais na economia mas que veio pra Pedagogia no começo, então, era um grupo muito bom, e que eu aprendi

muito com eles e que eu entrei em contato com muitas leituras, que eu não conhecia... não conhecia, Kilpatrick, Dewey, Bertharnd Russel, então a me... a Penha me dava livro e eu lia, lia, lia pra saber como que eu passava tudo aquilo pra... pra Geografia, né, Anísio Teixeira, toda essa... todos esses nomes eu entrei em contato com o pessoal da Educação. E também tinha... nós tínhamos a Matemática que era muito boa, e o Ubiratã tava chegando na teoria dos conjuntos, então tínhamos que... isso perdeu um pouco, então nós tínhamos que... ele era da Matemática, e ele dava pra nós a teoria dos conjuntos, como uma introdução, porque nós não sabíamos, e precisávamos trabalhar com isso, né, então era gente da Sociologia, da Geografia, da Matem... mesmo da Matemática, e ele dava esses cursos, né.

- Esses cursos eram informais assim?

Professora Livia: É, eram informais, nós que... fim da tarde, a gente se... via o dia que todos podiam, eo Ubiratã, o Ubiratã Ambrósio, que tava... agora ele tá no... na UNICAMP, e ele nos dava. E também a questão da epistemologia, ligada a Matemática, ah... o Mario Tourassi fazia discussões com a Penha, por que a Penha pra ler o Piaget, teve que ir no Tourassi pra entender a Matemática do Piaget. E tinha também um grupo menor, uns 4 ou 5, mas com... então, eu aproveitei esse começo, a gente não tinha compromisso, não sabia que tinha compromisso com doutorado, nada disso, a gente... aí eu aproveitei, ler, ler, ler de cá, reuniões de cá, reuniões de lá, e na SBPC sabe, eu aproveitei...

- E na universidade tudo era...

Professora Livia- Era mais fácil, muito mais... e quando a gente acordou de repente que tinha passado os 5 anos e era obrigatório fazer o doutorado ali, se não os... a gente ia ser manda embora, então foi uma água fria na cabeça., porque foram 5 anos que eu passei inocentemente eu vou dizer viu, porque não sabia que tinha que... sabia que.. eu queria fazer o doutorado, mas num sabia que tinha uma data... até aquela data, né.

- Então você atribui a esse período inicial um momento em que houve uma toca intensa entre os professores e uma produção de conhecimento a partis daí muito grande...

Professora Livia- Muito grande...

-Quando não tinha controle, né... e com o controle...



Professora Livia- Acabou. E aí, nós mont... fundamos aqui a AGB de São Paulo ..., de Rio Claro. E também, o diretor era sempre um professor, e os alunos participavam da diretoria, mas não como diretor, aliás sempre... eu fui, o Tavares, o Carlos Augusto no começo foi ele, então a gente sempre tínhamos reuniões anua... semanais e tínhamos sempre uma palestra. A reunião era bem do tipo da AGB primeiro, então tinha uma reunião, a pal... a gente trazia alguém, um próprio professor, aí eu levava a Maria da Penha pra fazer um aparte de Filosofia, levava um da Matemática, então, e reunia alunos e professores de Geografia, na reunião, e isso era a reunião da AGB, e depois nós tínhamos a UPEG, que era a união paulista de estudantes de Geografia, e também na UPEG precisava... aí era os alunos na diret... que eram os diretores, mas precisava de um professor como... orientador e também, eu por muitos anos, eu fui isso, e eu acompanhava os alunos nas reuniões do... das reuniões de UPEG dos alunos, eu sempre fui com eles... As me... até hoje quando eu encontro com o Arquimedes, aí da... ele lembra até hoje da nossa briga contra os Estudos Sociais, eles eram alunos e precisavam brigar em Diamantina contra os Estudos Sociais e fomos nós, e fui eu lá, eu fui eu com os alunos, e brigamos, saímos correndo, o ônibus ligado e nós corremos, a turma correndo atrás de nós porque era contra, que eram a favor dos Estudos Sociais, e nós com a Geografia, Geografia... lembro até hoje isso, viu. Então nós, havia um... uma ligação entre os professores e os alunos de graduação muito grande viu, muito grande.

- E a procura pelo curso, né, nesse período de OSPB, Estudos Sociais...houve uma mudança?

Professora Livia - Agora?

- Não, naquela épo... naquele momento da década de...

Professora Livia - Não, a procura que sempre foi alta, viu, porque nós sempre começamos o curso bom... de muito bom nível, porque o doutor, o primeiro curso no estado, viu, que teve Aerofotogrametria fomos nós, que teve... Antropologia, não... então nós tínhamos umas certas, sabe... um certo corpo docente, uma grade curricular muito chamativa pros profess... pros alunos, então nós sempre tivemos procura, viu.

É que eu pensei que tinha havido...

Professora Livia - Não, uma época teve, quando... venceu os Estudos Sociais, muita gente procurou porque eram 3 anos, tinha até ah... a curta era de um ano e meio, e muita gente queria dar aula e então aí procurou e podia dar aquele curso de educação moral e cívica, lembra, então com aquele curso

podia dar. Então, só naquela época que houve um pouco... uma diminuição, mas logo depois já... já começou de novo a procura.

- É, ainda sobre as mudanças no ensino, né, na década de 70, com a 5692, depois com as mudanças das propostas curriculares na década de 80, com a formulação, eh... você... como você percebeu essa mudança... fazendo uma relação com o ensino eh.. na universidade, com a formação dos alunos?

Professora Livia - Eu, eu diria a você o seguinte: enquanto nós fomos um instituto isolado, que nós podíamos escolher até os professores pra contratar, eu acho que nós tivemos um nível melhor. Porque, nós mesmos, os professores, que fazíamos o vestibular dos alunos, então os alunos nos vinham, e nós, por exemplo, e isso era muito comum, eu sempre examinava inglês. O Carlos Augusto, Geografia e essas coisas... o francês o Jorge, então nós mesmos fazíamos a seleção pra entrar na universidade. E como o Carlos disse... o Carlos Augusto sempre dizia e mesmo a Elza, que ela via também, que às vezes o aluno tava nervoso, não tinha ido bem na prova escrita, nem na prov... porque tinha prova oral naquela época, né, ela deixava de lado e depois nós fazíamos uma reunião pra ver cada um, e aí a gente olhava o currículo, as notas que ele tinha aqui no...ginásio, né, e de que ginásio que ele vinha, e dizia que era um aluno bom, ficou nervoso, pode ser tímido, vamos perder esse aluno? Não, não vamos. Então vamos aprovar. Então, havia muito isso, e muitos, não vou dizer os nomes, muitos que entraram através disso, de nós termos feito essa... hoje são professores aqui, viu. Aqui e noutro lugar, porque este... este vestibular do jeito que é feito, fica muito impessoal, e nós, não é que nós protegíamos, mas era pessoalmente, e mesmo o contra... a chegada dos professores também, reunia o departamento, e todos davam palpite, contava a história do que tava querendo entrar. E aí a gente fazia um balanço, e entrava. Eu também acho que foi com isso que nós tivemos um nível bom, porque no momento que entra um professor que sabe fazer um data... um datashow e dá uma aula no data show, todo... isso não vai indicar pra nenhum que ele vai entrar aqui no nosso dep... e entra com nosso espírito de porc... de corpo, porque nós perdemos esse espírito de corpo, viu, que nós tínhamos, viu. Nós sentíamos que nós éramos um grupo que não... num era fechado, podia entrar, mas para entrar tinha que ter certas... certos valores, certos... e agora a gente...

(pausa da fita)

... constato isso, que a seleção de um professor pra entrar, seja por exemplo, como base que ele... o que ele considera o curso de Geografia. Como ele considera, se ele sente... vai entrar num grupo que ele se sinta orgulhoso de fazer parte, e eu não sinto isso, viu. Pra mim, um po... um pouco é isso que ta acontecendo...

- Passa por uma massificação do ensin...

Professora Lívia- É, uma massificação. Ele ta, ele faz o exame, passa em primeiro lugar, mas eu acho... é dado mais importância a... a prova que ele fez do que a entrevista, quando nós sempre demos mais importância a entrevista. Porque muitos professores que entraram aqui, usaram só como trampolim, em todos... um trampolim, porque queria ir pra São Paulo, ir pra não sei onde...

- É... a partir da sua experiência e formação de professora dando aula de Didática da Geografia, eh... que tipos de problemas os estagiários, os alunos que faziam estágio, traziam pra você? Você se recorda disso?

Professora Lívia - Não, difícil dizer porque eles nunca foram sozinhos fazer estágio, eu sempre acompanhei eles no estágio, viu. Eu nunca deixei os meus licenciando sozinhos lá na escola, viu, eu achava que era largar na cova do leão sozinhos, viu, porque os alunos, as crianças, os alunos lá sabiam que eles não eram professor, o professor sabia que ele não era um professor, quem impunha respeito era eu lá, viu, porque eu conversava com os professores antes, pra preparar... os meus alunos preparavam uma... um capítulo de dados da escola, eu escolhia dentro do programa do professor, o que o profes... então em tal... em agosto, em tal semana, eu vou dar esta... ela me dava e os meus alunos preparavam... um grupo preparava um de quinta série, outro de sexta, outro de sétima, e... e cada um preparava aquele... não era capítulo, como é que se fala?

- O tema...

Professora Lívia - O tema. E eles preparavam o... o texto, e iam lá dar aula, mas eu ficava lá na sala, viu, porque também os meus alunos, os meus licenciandos sentiam um pouco de medo de ficar sozinhos na frente da classe, ainda mais com a professora lá, olhando pra eles, porque era uma situação de gente que nunca deu aula, né, então isso eu nunca deixei, nos 20 anos que eu trabalhei, eu nunca deixei os meus alunos sozinho, viu.

- Quantos alunos você tinha, Lívia?

Professora Lívia- Tinha... o ano que eu tive mais foram 50. E eu, trabalhava de dia e de noite, mas nunca deixei os meus alunos sozinhos, viu. Foi o grupo maior que eu tive, mas dep... no começo eram poucos, mas depois tinha 20, 30, eu nunca... foram poucos, viu.

- E que texto que você usava com eles?

Professora Livia - Eu pegava o texto, o... o tema que o professor deu, tirava lá do professor, por exemplo, ele ia dar... Geografia física ah... geral de rios, por exemplo... então eu pegava o tema de lá. E eles preparavam uma apostila, eu tenho isso, posso ver pra você. Acho que eu dei tudo lá pra Renata, vou tomar da Renata, viu. Então eles faziam mapas, distribuía pra cada aluno, tinha mapas, tinha... eh... exercícios, e a gente dava um pra professora, porque aí nisto, eles atualizavam os conhecimentos do professor de sala de aula, e eu me lembro de uma que teve que falar sobre cana-de-açúcar, num tinha idéia, “Mas como que eu vou falar? Como que produz?”, eu disse: “Vá numa dessas fazendas aí, e entre lá”, e aí que ela descobriu que pra plantar a cana, era o... o pedaço de cana que punha, e punha de atravessado, e ela ficou boba, ela achava que se... enfiava a... então eu sempre fiz isso, viu, elas todas eh... eu tenho todos os feitos da época viu.

- É muito interessante, né.

Professora Livia - É... então a minha... a minha idéia, mas é que... a parte minha, da minha aula de Didática, me tomava muito tempo por causa do estágio, e eu sempre achei que estágio era desse jeito, acomp... com acompanhamento, né, supervisionado e com acompanhamento. E eu nunca tive tempo, mas o meu sonho, era escrever um livro e o atlas, quando vocês eh... conseguiu, e fez o atlas, eu me senti realizada, viu, eu num senti... a minha inveja foi muito positiva de você, não... porque tem gente que tem aquela inveja duída, “Ah, ai... eu que... eu que tinha que ter feito”, não, eu fiquei feliz que você tivesse feito, viu. Agora o que eu senti que nunca consegui, com algumas alunas, das que saíram, nós tentamos fazer um livro didático, como que eu imaginava, mas eu nunca consegui reunir um grupo pra isso, viu. Porque eu também já tava na percepção, correndo, viajando, eu viajava muito, ia muito em congressos, dava muito cursos fora, então eu senti isso, viu, mas agora, eu tô me realizando...

- Livia, eu fiz prática de ensino com o Bernardo Isller, você tinha aproximação com ele? (Com relação à professora Rosangela )

Professora Livia- Muito, nós somos muito amigos, fomos colegas na época, o Bernardão, como falávamos...

-Você trabalhou com estudo dirigido? Ele fazia a gente escrever o estudo dirigido, você fez isso também?

Professora Livia - Não, não... eu dava uma aula até sobre estudo dirigido... eu fazia na prática com eles, viu, dava um texto, e isso na prática, só pra eles ter idéia do que que era ensino dirigido...

- Tem a ver com a escola nova, né?

Professora Livia - É...

- O Bernardo... obrigava a gente a fazer o estudo, e tinha que fazer...

Professora Livia- É, eu não fazia com eles não... eu dava uma aula, como uma aula prática, né, dava um texto, fazia os... arrumava os grupos, dividiam, e eu dava... e eu ia dando a parte de sistematização, mas não... pra eles fazerem não...

- E a passagem da didática da Geografia pra prática de ensino? Como que foi essa mudança?

Professora Livia - Eu continuei fazendo a mesmo a coisa, não mudei de jeito nenhum, porque o meu conceito de... de didática era a prática. É claro, eu dava um pouquinho de teoria pra eles, a gente discutia, e enquanto eu ia dando as aulas da prática, eu dava um pouco de teoria da didática. Então, eu num sentia diferença, viu. Eu talvez sentiria agora, com o... a carga horária, que agora que mudou a carga horária, então eu... eu acho que agora eu teria que fazer uma remodelação, mas a... a passagem primeira, num sei por... porque a minha aula era de 60, era de 120, porque eu dava aula o ano inteiro, mas eu já mais au... horas/aula, por causa do preparo dos temas, tudo, então, mas eu não sei o que eu faria agora com os alunos o cont... a contagem de horas/aula, da carga horária.

- Quantas aulas os alunos davam?

Professora Livia: eles davam uma... um tema, viu. E cada um dava um, mas todos... todos preparavam, vamos dizer se o grupo dava 5, ou 4, todos os alunos paravam, todos iam lá, todos os dias de aula, e... e cada um dava uma aula. Então, por exemplo, um dava apresentação, um dava isso, e depois todos trabalhavam com... aí nós dávamos o trabalho com os alunos, e todos trabalhavam com os alunos.

- E... e agora, com a mudança curricular do ensino superior, as iniciativas mudaram, né, você acha que foi bom?

Professora Livia - Mas eu não sei exatamente o que que mudou e pra que que foi, viu. Isso, sinceramente, eu não sei.

- Por exemplo, separou o estágio da prática de ensino... ainda tá...

Professora Livia - Eu num... eu num sei, eu num acompanhei mais. Porque eu nunca separei a prática do estágio, né. Mas se tivesse que separar, dava pra separar...

- Acho que acabou, né?

- Livia, nós agradecemos você, pela disposição aqui na nossa entrevista, e prometemos dar um bom destino...

- Obrigado.

Professora Livia - Eu que agradeço, de... de ter a oportunidade de falar com vocês...

- Na verdade, Livia, nós estamos pretendendo juntar o depoimento seu, nós vamos tentar fazer com mais 4 ou 5 professores, e depois publicar.

Professora Livia- Isso... de quem mais vocês estão pensando?

-O Aziz...

- A gente vai transcrever... e vai passar pra...

Professora Livia- Claro, claro. Eu sei, eu sei...

-Estamos pensando em falar com o Aziz, o Carlos Augusto, Tomoko... quem mais era... mais pelo menos 5...

- o Conte...

Professora Livia- O Conte... porque a Tomoko eu acho que é ótimo porque ela ta ainda bem ativa nessa parte de ensino e tudo... e o Conte sempre teve essa preocupação de ensino...

- É... esses são os principais... do pessoal de Rio Claro, quem você acha interessante entrevistar?

Professora Livia - Ligado a ensino é o que vocês estão pensando?

- É, que tenha alguma coisa a ver com ensino ou que você percebe...

Professora Livia - É, porque o Jorge nunca deu aula no secundário, né...

- o Iuri?

Professora Livia- É, o Iuri, ele nunca deu aula no secundário... o Cerom deu... deu aula no secundário, tanto é que nós viemos juntos aqui..., e ele t... mas eu não se ele aceitarei fazer isso. Mas ele sempre foi muito didático, viu, nas aulas.. ele também usava muito jornal, porque ele usava a passagem do ensino, pra eles aproveitarem, como eles aproveitaram o ensino secundário.

- Quem você acha que poderia ajudar a gente a fazer um roteiro pra entrevistar o Cerom... Que tenha mais assim...

Professora Livia- Olha, é difícil, que ele andou brigando com todo mundo... ele era assim com a Lucinha Gerardi, depois nem se conversavam, viu, depois ele era assim com a Lígia, depois... não sei, talvez eu mesma, porque ele ainda me aceita, encontro com ele na... nas coisas...

- E se você rascunhasse umas perguntas, porque eu não conheço o Cerom...

Professora Livia - Quem também trabalhou, e gosta... e trabalhou no colégio de aplicação é a Luci.

- Ah... a Luci Marion?

Professora Livia- É, a Luci Marion... ela entrou na... ela entrou pra dar aula de aplicação de Geografia, até eu tinha escolhido a Elide, mas ela não aceitou, aí a Luci era a segunda e eu trabalhei muito com a Luci, e aí depois quando acabou o... a aplicação, ela entrou no departamento, e nós sempre fizemos vários... trabalhos ligados a educação, tudo, que eu esperava que ela ficass... que ela ficasse com a parte de ensino, mas depois ela já tava na percepção, acabou ficando... ah, desliga...

## A TERCEIRA ENTREVISTA

Entrevista realizada no prédio da pós graduação da Unesp no dia 14/05/2007

- A senhora se recorda da vinda de Piaget ao Brasil?

Professora Livia - Não, quando ele veio eu acho que nem tava ligada à geografia. Você tem a data que ele veio?

- Não, mas mais ou menos na década de 50...

Professora Livia - É, em 50 eu estava na Geografia, estava saindo, ou pode ser que até estivesse na Enfermagem, mas não na Geografia. Mas é que não me disse nada o Piaget na época.

- Então como foi seu primeiro contato com a obra dele?

Professora Livia - Depois de formada em Geografia, depois de dando aula, quando eu vim aqui pra Rio Claro depois de 62 é que comecei a estudar a parte da Nova Educação. Comecei ler livros de Educação, do Hokeimer, do Bertrand Russel; aí que eu entrei em contacto com essa literatura e junto com o Piaget. Porque a Maria da Penha Villalobos ela já estava preparando o Doutorado dela sobre o Piaget. Então aí que eu entrei em contacto e comecei a ler o Piaget e como tinha o problema do espaço e nós também na época já estávamos discutindo que a Geografia estudava o espaço, não era simplesmente a descrição, então foi aí que eu entrei. Foi depois de 62.

- E nesse seu contato o que mais marcou? A primeira coisa quando a senhora teve contato com o Piaget o que mais te marcou nesse primeiro contato?

Professora Livia - Porque ele se preocupava com o espaço, com o espaço das crianças, e aí também que eu vi a primeira vez a palavra de dizer construção do espaço pela criança; aí acendeu a lamparina, que de fato os alunos da primeira, do fundamental, agora no ensino médio, eles estavam construindo o espaço deles. E aí que eu fui também, junto com isso, eu fui ver o que era espaço. Então eu fui pra matemática a partir também já da matemática porque o Piaget também trabalhava com o espaço da matemática. E quando eu dizia no grupo de professores aqui da pedagogia que eu trabalhava com espaço geográfico, ninguém sabia o que era espaço geográfico. Porque para eles só existia o espaço



matemático e o espaço físico, mas o espaço geográfico, o que era? O que era a geografia? Então também comecei a me perguntar: o que era geografia? E todos me tiravam sarro, porque o que que é geografia, o que que é? Aí que eu vi que eu não podia mais dar aquela resposta da descrição da geografia. Eu também fui reler o Sorre, reler o Demartone, o Vidal de LaBlache, que na verdade, nós é que líamos como se fosse uma simples descrição, mas mesmo esses geógrafos mais antigos, eles não ficavam presos à descrição, nós aqui na geo... ,aqui no Brasil que nós dizíamos isso. Então quando eu comecei a ler as minhas leituras e claro, junto com o do Piaget, eu fui encontrando respostas no Piaget, e junto, a parte da educação, que também já tinha passado de que não era só psicologia, não era só pedagogia que a criança também tinha um desenvolvimento mental. Então aí toda a década de 60 e começo de 70 lendo, lendo, lendo as coisas do Piaget.

- E a senhora também conhece a obra da Amélia Domingues de Castro, e Zélia Chiarottino?

Professora Lívia - Sim, porque a dona Amélia foi minha professora na USP, e eu tinha muita ligação com ela. Tanto é que ela foi da minha banca de Livre Docência; eu trabalhei, conversei muito com ela, porque agora eu acho que é mais dif..., mais fácil fazer uma Livre Docência, porque já tem muita gente com o título. Mas naquela época eram pouquíssimas, então eu tinha muito medo se o que eu estava fazendo daria uma Livre Docência; é sempre essa a preocupa... Porque a gente, no Doutorado, você tem um orientador, e ali eu não tinha um orientador. Então eu discuti muito com ela e ela diz que sim, que eu consegui, porque apesar da dona Amélia ter vindo da Geografia, o doutorado dela foi em História.

Professora Rosângela - A dona Amélia é formada em Geografia?

Professora Lívia - É, em Geografia e História, por isso o Doutorado dela é Didática de História por isso que o meu foi o primeiro em Geografia.

Professor João- Mas você também era História e Geografia?Naquela época...

Lívia - Era tudo junto, era tudo junto.

Professor João - Só que depois cada uma caminhou...

Professora Lívia - Datas exatamente eu já não sei, mas eu estava cursando, freqüentando o curso de Geografia e História quando veio a separação, porque achavam que não podia mais continuar, faltavam disciplinas pra História, faltavam disciplinas pra Geografia, não havia tempo na grade

curricular e aí separaram. Então quem estava no momento podia escolher ir para Geografia, terminar Geografia, ou terminar para História ou terminar Geografia e História. Eu continuei na Geografia e História, eu tinha entrado então na licenciatura em Geografia e História.

Professor João - Você falou da Amélia, da questão da Livre Docência, em que ano foi a sua Livre Docência?

Professora Livia - Em 1977, a Dona Amélia já tinha feito a dela né? Ela fez um trabalho muito bom; o Doutorado dela também não tinha grandes coisas porque ninguém nem sabia direito como pesquisar em educação. Agora, já a Livre Docência dela já é uma grande contribuição para o ensino geral, e para nós da geografia estava bom, casava tudo o que nos interessava.

-É justamente isso que nós íamos perguntar, qual era a contribuição dessas autoras para a educação?

Professora Livia- E a Zélia Chiarottino foi o livro dela que a gente começou a ler; aí também como eu procurei em São Paulo, ela já tava dando aula na psicologia, e ela também continuava trabalhando porque ela tinha estado na França, ela trabalhou com Granget. É, acho que o Doutorado foi orientado pelo Granget; foi aí que eu entrei em contato com a Zélia.

- A senhora nos mostra nas entrevistas passadas que a senhora encontrou a percepção no Piaget. E que notou que nos Estados Unidos já estavam começando estudos sobre o “perception environment”. Aí então os seus trabalhos e suas pesquisas se tornaram conhecidas no Brasil e internacionalmente, principalmente pelo seu trabalho ligado à geografia humanista; tanto é verdade que muitos encontros foram feitos em sua homenagem, suas publicações nessa área são sempre lembradas e citadas... E nós gostaríamos que a senhora falasse porque o interesse por essas duas áreas diferentes?

Professora Livia - Percepção não é separado do meio ambiente, porque quando eu trabalhava com o espaço baseado no Piaget, eu tive que trabalhar com a percepção. Então eu li toda a parte de percepção, de inteligência do Piaget, os livros e tudo. E aí que pra minha definição, e que eu uso, porque muita gente usa agora outras definições pra percepção, a percepção é atribuição de significados, a gente vê tudo, ouve tudo, pega em tudo, porque a percepção é... como eu poderia... É através dos sentidos, mas você tem que, ao selecionar o que você, o que lhe interessa, é aquilo que atribui significado. E também aí que chegamos a conclusão fazendo parte daquele grupo que nós reunimos em Araraquara, que tivemos vários encontros de..., eu não me lembro o nome, que nós vimos com o Batro, que vinha da Argentina e dava tudo...Aí que nós chegamos à conclusão, como o

Batro também falou que nós não trabalhávamos exatamente com a percepção, mas com a cognição. Também quando tinha um dos professores que vinha de Ribeirão Preto, ele é psicólogo, era do nosso grupo, fez Mestrado, fez Doutorado - até fui fazer parte da Banca que era de titular dele. Como tinham poucos titulares ele pediu que eu fosse. Aí que também, discutindo, aí a gente viu que na verdade, nós não fazemos percepção do meio ambiente, nós fazemos cognição do meio ambiente, é o conhecimento que nós temos. Então agora é que nós estamos passando pro outro lado, mas o título ficou percepção do meio ambiente. Então agora nos últimos orientandos nós temos acrescentado no título percepção e cognição porque a percepção em psicologia é o aqui e agora, e é um trabalho de laboratório, você pra fazer todos os experimentos em psicologia visual, você fica parada vendo as coisas, todos aqueles testes. Mas não é isso que nós fazemos. E também quando o Piaget reconhece que entre a percepção e a inteligência, a cognição ele coloca uma atividade perceptiva, na verdade nós trabalhamos com as atividades perceptivas.

Professor João - Então a cognição é mais atividade perceptiva...

Lívia - É, está mais perto porque ele coloca que é um contínuo. Então a cognição está mais, vamos dizer, no final e a percepção no começo da atividade perceptiva.

Professora Rosângela - É um movimento entre a assimilação e a acomodação...

Professora Lívia - E a acomodação, é que ela tá ali. E também com a percepção eu tive que ver e rever, entender toda essa fase, destrinchar todo esse conhecimento do Piaget, dos livros dele. E nessa época que nós estávamos começando a fazer os primeiros estudos, as primeiras pesquisas aqui; nós aí, quando eu fui... agora não me lembro exatamente, acho que depois que eu fiz a Livre Docência que teve um Encontro de percepção do meio ambiente lá na Nigéria que era da UGI. E aí que conversamos, eles também não se incomodavam em dizer que não tavam preocupados com a base psicológica que eles estavam trabalhando. Pra eles isso era nada, eles queriam era na verdade atitudes das pessoas diante da paisagem, diante do meio ambiente. Mas o nome ficou percepção do meio ambiente, deveria também ser naquela época deveria ter-se atitude, mas... Aí depois que veio o livro do Tuan.

Professor João - E a geografia da percepção?

Professora Lívia - Então, e a geografia da percepção começaram a falar, nós mesmos começamos a falar, depois eu vi que não era, porque a geografia da percepção é comportamental, a psicologia é

Skinneriana, por isso que nós falamos percepção do meio ambiente, ou percepção geográfica, mas não geografia da percepção. Porque a geografia da percepção é um tipo de pesquisa, eles nem falam como campo, é um tipo de pesquisa encomendada, em geral, pelos legisladores, os deputados, pra mercado. Por exemplo, querem implantar um supermercado, uma loja num lugar então aí que faz a percepção, é uma geografia da percepção porque eles usam um mapa e distribuem o que lhes estão interessando. Mas nós nunca trabalhamos nisso. É válido, tem muita gente que ganha a vida fazendo isso, mas nós aqui nunca fizemos isso.

Professora Livia - Mas são coisas que entram e a gente não consegue tirar, mas mesmo no começo eu também não falava Geografia Humanista, foi depois que a gente foi vendo que existia, que o Tuan já estava falando assim, e o Claval no grupo francês chamava de Geografia Cultural, mas é a mesma Geografia Cultural, só que no inglês, no americano, nos ingleses, é Geografia Humanista.

Professor João - E americanos é Cultural?

Professora Livia - É... não, franceses é Cultural.

Professor João - Americanos também?

Professora Livia - Não, francês é Humanista. Vamos dizer, de língua inglesa é Humanista, e francês é que é Cultural.

- A senhora vivenciou a transição da escola para a Escola Nova; como a senhora vê a influência do Dewey e do Anísio Teixeira na educação e também no seu trabalho no magistério?

Professora Livia - Nessa época eu não trabalhava com educação, eu era Enfermeira nessa época. Eu vim ler Dewey, eu vim ler Anísio Teixeira quando entrei aqui em 62. Então eu entrei em contacto com a Escola Nova, vamos dizer, ela já tinha acontecido aqui.

Professor João - Porque veja bem, até as publicações, aquele livro que divulga um pouco as idéias da Escola Ativa é de 60, final de 60, início de 70...

Professora Livia - Então, quando eu entrei na Geografia foi em 53<sup>59</sup>. Então eu não estava interessada em educação, eu tava interessada aí em Geografia, eu tava saindo da Enfermagem, passando por Geografia. E na Geografia não se falava, ninguém tava preocupado com Escola Nova, nem com nada, pelo menos lá na USP ninguém falava; talvez na pedagogia falasse, mas cada curso apesar de que o prédio era o mesmo, cada um estudava o seu.

Então quando eu comecei a dar aula, aí que eu comecei a fazer indagações, como o que acontece, como que os meus alunos aprendem, como que eu posso afirmar que eles aprenderam, como que eu devo chegar até eles. Mas quando eu cheguei aqui em 62 pra dar Prática de Ensino é que eu comecei a ler Dewey, e todos eles, li Kilpatrick, todos, todos, todos a partir daqui. Pode me arrumar um copinho d'água?

- Então senhora disse que não teve contato direto, a senhora não vivenciou a passagem da Escola Nova. Mas de alguma forma a Escola Nova ou as idéias da Escola Nova estavam presentes, a senhora teve algum contato, a senhora fez alguma discussão, ou não se fazia algum tipo de discussão, nada?

Professor João - Porque na sua época de 60, começavam algumas publicações, até no sentido de divulgar o pensamento do Piaget, um pouco dessa idéia construtivista estava surgindo na década de 60 e 70...

Professora Livia - Então, mas eu só ouvi quando eu cheguei aqui que eu ouvi falar em Piaget.

Professora Rosângela - Os trabalhos de campo, estudo do meio, são atividades bem, vamos dizer assim, situadas dentro do movimento da Escola Nova, que é ir ao campo, observar, fazer registro. E isso na outra entrevista você falou que fazia muito já antes...

Professora Livia - Mas eu fazia por mim. Que eu considerava - porque eu nunca ouvi falar, nunca tinha ouvido falar o nome do Estudo do Meio - porque eu só ouvi Estudo do Meio quando cheguei aqui que conheci o Colégio Vocacional, mas antes disso não. Eu fiz isto intuitivamente, e com quem eu falava muito era com o Aziz, ele que me dizia: "Você tá lá numa região como é lá no litoral sul que eu tava em Pedro de Toledo, esse é riquíssimo lugar pra você levar os alunos pra entrar, pra você conhecer".

Professor João - Que é um método da pesquisa geográfica, na verdade, esse trabalho de campo.

---

59 Nas duas entrevistas anteriores a professora Livia diz que entrou na Geografia da USP em 1952. Assim sendo, utilizamos essa data como base em nossas análises.

Professora Livia – É. Então, eu no fim de semana saía com os alunos; nós entrávamos por trilha, e mostrando, eles vendo a rocha, que tipo de rocha que era, a parte de vegetação; o tempo todo eles marcavam horas que choviam, isso na escola mesmo, em casa, o dia que chovia. Então nós fazíamos gráficos. Então isso tudo o que eu fazia era intuitivamente. Por exemplo, tinha um rio lá perto, eu dava aula de rio lá dentro do rio pra eles aprenderem. Então não esquece o que é margem, o que é talvegue, todas essas coisas. E de cidade também, eles faziam a planta da cidade, localizavam. E também eu trabalhava muito com a professora de desenho, ela ajudava muito, os croquis que eles faziam, e a de português pra corrigir o português. Então, eu fazia isso daí; eu trabalhei seis anos lá em Pedro de Toledo, mas era intuitivamente, porque eu considero que se o professor, mesmo que ele não tenha grandes leituras, ele colocado diante dos alunos e se ele tiver bom senso pra ensinar ele consegue descobrir as coisas com os alunos.

- Aí então, na época quando a senhora começou a lecionar na Faculdade aqui de Filosofia, aqui em Rio Claro, o que se propunha como didática no ensino da Geografia?

Professora Livia - Não sei o que você quer dizer com “propunha como didática”. Também era uma outra parte que nós não sabíamos direito o que era Didática. Aí que eu fui ler o que era didática, o que era pedagogia. E também, pros meus alunos - você vê que as primeiras turmas que eu dei aula foi pedido pelo Departamento - eu fazia um pequeno histórico da Geografia, dava pra eles e dava um pouco das Escolas portugue..., inglesa, americana, francesa, alemã, dava um pouco dessa visão. E depois eu dava leituras pra eles. Então eu procurei tirar. Eles começaram a ler, também os alunos, sabe: Anísio Teixeira, Kilpatrick . Então eles começaram a ler pra saber o que tinha que ensinar, mas eu passei aí pra prática. Então eu já começava a preparar pra fazer os estágios com eles, pra eles entrarem em contacto com os alunos no secundário, no ginásio. Mas a Didática, se você me perguntar que Didática que eu usava, eu não posso dizer pra você que eu sei, como agora.

- Mas agora, justamente isso, não exatamente à essa didática, mas justamente às idéias que permeavam essa didática, quais idéias a senhora utilizava pra dar a tua aula, pra colocar aquilo, usar aquilo como didática...

Professora Livia - E como eram relativamente poucos alunos, nós nos reuníamos, aí eu também já comecei a usar uma mesa redonda, fazendo em grupos, isso eu usava. Aí depois até o Carlos Augusto gostou muito dos grupos. Aí ele também começou a fazer grupos; ele dava trabalho e mandava que cada um fizesse um grupo, porque todo mundo dava aquela aula magna né? Lá na frente dando aula, e

eu desde o começo eu comecei dando aula, não assim expositiva, expositiva, de discussões, de usar grupos.

Professora Rosangela - Mas é importante esse seu comentário porque assim, quando a gente tá preocupado com um currículo de geografia, de ensino de geografia, sabendo de quem esteve na Universidade nessa época que não existia algo produzido como didática da geografia, já pontua que esse conhecimento de como ensinar não tava situado lá, daquela fase, por exemplo, a fase pós 60 né? Até 70 por aí, não havia mesmo produção nacional sobre isso, tanto então que você traz os autores estrangeiros...

Professora Livia – Não, não tinha. E eram os traduzidos, porque pra mandar, não ia dar o Dewey pra eles lerem em inglês né? Eles liam já o Dewey. E eu preparava alguns textos, já conversava com a Maria da Penha, ela já dava algumas leituras e aí apareceu logo no começo o livro do Aebli traduzido, primeiro ele em espanhol. Então esse já começamos a ler, aí eu dava...

Professor João: Qual era o título do livro?

Professora Livia - Era... como é que chama...

Professora Rosangela - Era o Prática de Ensino da Geografia ou Didática da Geografia não era?

Professora Livia - É o que? Não, não é da Geografia, o do Aebli...

Professora Rosangela: Hans Aebli

Professora Livia - O Hans Aebli, não é da Geografia, é da Didática.

Professora Rosangela: Prática de Ensino

Professora Livia - Prática de Ensino, é, Prática de Ensino. E aí o Aebli que dava umas técnicas, umas práticas, e eu usava aquelas práticas que ele dava. Por exemplo, na parte de geografia que ele dizia que a geografia devia usar o contraste. Então eles preparavam aula pra mostrar isto e aquilo pra fazer a comparação através do contraste, não dá tudo igual, nada, que não era tudo homogêneo. Então eu usei muito o Aebli

Professora Rosângela - E ele traz uma parte bem da construção do pensamento do Piaget...

Professora Livia - Do Piaget, é.

-E daí, continuando, eu li os relatórios elaborados pelos seus alunos da graduação, aqueles relatórios que a senhora deu pra Rosângela...

Professora Livia - É, não é relatório aquilo, era aula que eles davam, não é relatório.

-Eram as aulas?

Professora Livia - Eram as aulas que eles davam. Eram textos que eles levavam, não era relatório, eles preparavam o material didático. Como eu não punha... eles não iam sozinhos lá na... isso eu nunca deixei os meus licenciandos ir sozinhos na escola, eu ia junto, a professora deixava classe pra gente, mas eles preparavam aquela... E também chegavam lá, organizavam os alunos em grupos, distribuía, falava, dava aula, dava uma parte expositiva, uma parte de trabalho mas aquilo não são relatórios.

-Ah, interessante, e quem elaborava os textos?

Professora Livia - Eu com os alunos, porque eu considerava que a Didática da Geografia não adiantava ficar dando aula, aula, aula, que eles tinham que passar da Geografia Científica, pra Geografia Escolar, que já era isso que eu queria. Então muitos ali, ou não sabiam o que que eles tinham que falar e eu sempre junto com eles, trabalhava com os grupos, eles ficavam em grupos, pegávamos os temas as classes lá. Nós íamos no Ribeiro, depois fomos aqui no...quando tinha aqui o... não era mais Vocacional, era Batista Leme. Então pegávamos os textos e os temas da esc... lá da professora, nós não levávamos uma coisa fora pra ensinar, de dentro do tema então ela me dava, por exemplo, ela ia dar agricultura do Brasil, então ela dava o tema e nós organizávamos aqueles textos, e os alunos iam lá dar e depois também fazia a avaliação, porque nesse ponto sou bem piagetiana, como ele diz: se você não avaliar o que você ensinou, não adianta nada, você não sabe.

-Daí voltando um pouco professora, como a senhora vivenciou...

Professora Livia - Me chame de Livia, eu acho que, quando vocês falam... eu não sou sua professora, eu não sou sua professora, agora você é minha colega.



- Tá bom, que ótimo... Lívía. Então voltando um pouco Lívía, como a sen... Como você,... posso te chamar de você?

Professora Lívía - Claro, aluno de primeiro ano aqui me chamava de você e eu gostava.

- Tá bom então, como você vê... vivenciou as realidades da USP e da UNESP. Gostaria que você falasse, como você viu daí no caso o movimento da Escola Nova na USP, mas a senhora disse que já não faziam nada né?

Professora Lívía - Eu fazia geografia, não tinha nada a ver com a escola nova.

Professor João - Poderia pensar assim, se nesse contato com a escola, com os estagiários, das escolas públicas que eles iam fazer os estágios...

Professora Lívía - Aqui.

Professor João - Aqui em Rio Claro

Professora Livia - O que você tem?

Professor João - Que é... como que você percebia o ensino nas escolas, se eles tinham passando alguma mudança e etc.

Professora Lívía - Não, eles iam observar aula, eu no começo eu punha..., solicitava mui..., várias vezes que eles fossem. Aí depois os próprios meus alunos licenciandos disseram que... Tanto é que as aulas eram do mesmo jeito. Eram todas tradicionais e... era aquele jeito mesmo. E que o professor ficava meio inibido com o aluno sentado lá atrás. Então eu acabei viu, porque eu acho que não adianta ir lá, e outra, pra ir lá se indispor com o professor que é o dono da classe e muitas vezes eles vinham fazendo críticas pesadas e o que eu dizia, ainda me lembro até hoje:

“Ela fica lá repetindo, repetindo”. Eu falei: -Eu quero ver você daqui há 20 anos, você com filho, com marido, com tudo! Não adianta criticar!” Falei: “você ganha uma miséria, tem que trabalhar 40 horas, um diretor “chato de argola”, tudo... Ainda agora eu ainda falaria os alunos, porque na aquela época os alunos eram normais!

Então, como que você vai criticar? Ele tá dando, ela tá fazendo o que ele pode, e nós dávamos muito material pras professoras quando nós íamos viu! Porque tinha uma das professoras do Ribeiro que ela

tinha formado em Campinas, no ano da Amanda viu, não sei que ano. Quer dizer que... Nunca mais, num faziam, nunca fizeram, agora que tão fazendo esses ensinos e... em serviço, essas coisas... E antes não, professor formava, fazia o concurso, entrava, nunca mais ouvia falar nada.

- Nas entrevistas anteriores, agora a gente vai mudar o rumo um pouco, você mencionou que foi pra Europa durante a comemoração do Ano Santo, e o que quê era o Ano Santo e como que você conseguiu fazer a viagem, porque na primeira, depois que a gente foi atentar na entrevista que isso merecia um detalhe assim, e num ficou bem explicado.

Professora Livia - É, o Ano Santo eu fui em 1950, eu era geógrafa ainda. O Ano Santo foi... Porque na Igreja Católica, de 50 em 50 anos tem o Jubileu que faz a Igreja faz essa... como teve agora no ano 2000, também teve o Ano Santo. E eu consegui afastamento pra ir pra Europa, porque davam pra... pros funcionários públicos né? E eu lutei de cá lutei de lá e consegui, e fiquei dois meses na Europa. E isto me ajudou muito depois na Geografia; eu fui como geógrafa mas sempre fui muito curiosa, sempre gostei, tomava nota de tudo. Quando eu fui fazer o vestibular eu não tive quase dificuldade, porque o que eles tavam falando, principalmente a parte de História, tudo o que eles tavam falando eu tinha vivido aquilo. Então foi isso que...

Professor João- Mas você entrou na geografia em que ano?

Professora Livia - Em 54.

Professor João - Ah, foi antes de você fazer Geografia, quando você era Enfermeira...

Professora Livia - É, eu era Enfermeira. E depois em 1960 eu voltei de novo à Europa com mais tempo. Aí eu fui, era o Congresso Eucarístico, também eu consegui de novo - aí eu era professora secundária - eu consegui dois meses de novo de licença pagando o paga... Aí eu aproveitei muito mais em 60, porque eu aí eu já era geogra..., já tinha formado em Geografia. Então aí foi aquela beleza mesmo né? Então eu fui... depois outras vezes voltei pra Europa, mas assim mais de Congresso, mais rápido, mais...essas duas vezes, 1950 e 1960 eu fiquei dois meses.

Professora Rosangela - Deixa eu perguntar uma coisa, quando a gente viaja, a gente tem mania de entrar em livreria e ficar caçando livro lá, você fez isso naquela época?

Professora Livia - Um pouco, não muito. Na primeira vez não e na segunda vez eu não fiz muito não viu. Eu achava que era perder muito tempo que eu tinha... eu preferia por exemplo, se eu tava em Roma, se eu tava em Paris, vê por exemplo ir na periferia, pegar o metrô chegar até o final, lá vê, do que ficar... porque na biblioteca, nas livrarias a gente manda buscar daqui e agora então a com Internet, mas naquela época num tinha, eu mais conversei. Nos Estados Unidos é que eu fui muito em livraria porque eu fiquei lá muito mais tempo, fiquei na casa de uma amiga. Então eu tinha tempo, eu precisava encher de tempo, aí eu enchia nas livrarias... nas bibliotecas. Aí frequentei muito biblioteca, muita livraria mas nos Estados Unidos, na Europa não muito.

-Em entrevistas anteriores, você falou alguma coisa sobre a JUC. Eu queria que você falasse sobre esse movimento pra que a gente pudesse saber dele. Porque até fui procurar e não acha, não tem.

Professora Livia - Era Juventude Universitária Católica, e eu fui da JUC na época que eu tava de Enfermeira, na Enfermagem. Então era o auge do... do marxismo, e era pra poder... nós sermos preparados pra nós podermos enfrentar o que tinha aceitação ou não aceitação do marxismo.

Professor João- Tinha ligação com a teologia da libertação?

Professora Livia - Não, nem sabia o que quê era isso. Esse foi em 1940 ,46, 47, 48 viu... que era.. Depois acabou, tinha Juventude..., JEC, tinha vários assim. Depois isso acabou na Igreja Católica, esses encontros. A gente..., nós nos reuníamos com teólogos, com pessoas que... advogados que nos preparavam, que nos davam conhecimento pra gente não... Nós lemos, nessa época que eu li O Capital, li todo o Marx. Então eu tava na Enfermagem, não foi aqui na Geografia. E era pra nós podermos o que tinha de bom aceitar e o que não tinha pra não aceitar porque não ia dar certo, aquelas coisas. Então isso que é Juventude Universitária Católica.

-E o objetivo da JUC?

Professora Livia - Era só a parte teológica.

-Ah tá, de discussão mesmo...

Professora Livia - Não era social e nem política.

-Não era um movimento pra fazer alguma reforma...

Professora Livia - Não, não, nada, nada, nada. Era pra dar conhecimento das novas... as novas... enfim, as novas doutrinas, as ideologias... Nem usava a palavra ideologia, não existia essa palavra ideologia. É que vocês já tão acostumados com o jargão de agora, e naque.. no final de 1940, 1950 era outro o linguajar da gente viu.

- E você saiu daí da JUC porque?

Professora Livia - Não, terminou. Eu me formei na Enfermagem, aí era também, era só juventude, era só profissional, já não pertencia. Aí eu saí.

- Tá,, daí você saiu e na época você tava na USP?

Professora Livia - Não, não, porque Enfermagem é USP também, Enfermagem é USP.

- E nessa mesma época que você ta na JUC, depois quando você veio pra cá em Rio Claro em 62 aí...

Professora Livia - Em 62 já não tinha mais JUC . Eu acho que em cinquenta e pouco, 55, 56 já não tinha mais. Aí também já tava, como se diria, a situação política já era diferente aqui no Brasil né!

Professor João - E essas viagens, tinham ligação com a JUC ?

Professora Livia - Não, apesar de que eu fui no Ano Santo, eu fui no Eucarístico, mas fui por minha conta visitando as coisa que eu queria. Não, nunca viajei pra fazer peregrinação não. Nós fomos em todas as Igrejas que queríamos ir mas não junto assim.

Professora Rosângela - Livia, essa Juventude Universitária Católica está no final da década de 40. Você acha que foi assim como um pós-guerra, a Igreja Católica, preocupada com as conseqüência da guerra, que promoveu esse tipo de movimento?

Professora Livia - Não, acho que não. Porque você vê, a guerra acabou em 1945. Então a gente já tinha, já existia. Era mesmo para dar um preparo para o universitário poder conhecer as doutrinas que se ensinava na verdade na Universidade, que se falava né. Não, não era do pós-guerra não.

Professora Rosangela - Marxismo também foi proibido depois na década de 60 né?

Professora Livia - É, mas também em 45 ele era aberto, as pessoas eram marxistas, a gente tem amigos daquela época tudo mais, a gente... cada um... nós discutia mas nunca brigamos, nunca ofendemos ninguém, a gente... nós nos encontrávamos em reuniões, em tudo... principalmente na parte de... de.. de vôlei, de natação que a gente ia muito né, ali da medicina que tinha esses esportes...

Professor João - Esses encontros eles serviam também para as pessoas se conhecerem né...

Professora Livia - É, é pra se conhecer é, pra se confraternizar.

-Essas viagens que no caso você fez para o Ano Santo, ou mesmo depois que você foi fazendo algumas outras para os Estados Unidos, depois Europa, elas eram comuns assim, pra todos que freqüentavam a Universidade?

Professora Livia - Não. Era eu que como eu sempre dizia, desde menininha, que eu ia comer pão e banana, mas eu ia conhecer Paris. Essa mentalidade minha foi sempre comigo viu. Todo o meu dinheiro eu guardava dólar pra poder viajar. E vou contar à você, nenhuma das minhas viagens, nem antes nem depois a faculdade me deu um tostão viu, sempre viajei com meu dinheiro viu, nunca pedi pra ninguém dinheiro, eu... foi sempre meu, e eu não sou rica, mas também não tinha casa, não tinha nada, nunca fiz conta de roupa nem de nada, mas eu viajava... isso eu sempre fiz, viajar. Sempre desejei viajar.

-É, porque era a próxima pergunta na verdade, com relação aos financiamentos para as pesquisas, hoje a gente tem...

Professora Livia - Quem me financiava era a Livia de Oliveira. Enquanto minha mãe foi viva ela me ajudava com dinheiro, mas depois que ela morreu... aí eu fiquei com a pensão...

-É, porque hoje a gente tem a CNPQ, tem a CAPES...

Professora Livia - Mas mesmo depois, viu Geórgia, quando apareceu essas Capes, essas coisas, eu nunca pedi, eu sempre fui muito independente, eu não sei obedecer ninguém. E eu via por exemplo os mesmos colegas aqui do Departamento, preparavam tudo, eu vejo mesmo a Rosangela, preparam tudo, tudo e a passagem não vem. A passagem chega na hora e você tem que pegar correndo o avião que já tá saindo. Eu não, minhas viagens sempre foram planejadas viu.

Professora Rosângela - Você vai pra Rússia, no Congresso de Cartografia?

Professora Lívia - Não, já fui na Rússia, já não vou mais, é muito longe. Eu já fui. Então por exemplo, pro Japão, eu já fui. Então mesmo todos esses congressos internacionais, sempre foram com o meu dinheiro.

- Aquele que você foi pra Minnesota também?

Professora Lívia – Também, não , aí era... Minnesota foi... eu fui fazer um estudo, aí foi Bolsa porque..., da Enfermagem, aí sim, aí eu fiquei lá, um ano e meio, mas era um estudo, tava fazendo um curso de especialização, aí foi com Bolsa.

- Daí você ficou um ano e meio...

Professora Lívia - Um ano e meio.

Professor João - A fluência do inglês vem dessa época?

Professora Lívia - Teve que aprender antes, fazer um exame na...na... União Cultural, ser aprovada, chegamos lá ainda ficamos um mês antes só falando inglês pra depois ir pra Universidade.

Professor João - E você já tinha fluência no francês nessa época?

Professora Lívia - Não, eu não tenho fluência em francês. Quem eu falei foi minha mãe, minha mãe que teve fluência em francês. Eu acabei nunca estudando francês, só aprendi na escola. Eu leio, entendo um pouco, mas não falo francês.

- E assim, não está aqui mas eu tinha pensado em perguntar pra você agora, só pra esclarecer um pouco mais, como era o relacionamento, o que você acredita e pode dizer pra gente, reafirmar como era o relacionamento entre a USP e a UNESP?

Professora Lívia - Quando eu...,eu vou dizer em questão da Geografia né? Doutor João Dias da Silveira que foi... que começou, que fundou aqui a Faculdade de Filosofia, ele é claro, ele instalou um Departamento de Geografia. E o Doutor João queria um Departamento de Geografia diferente do da USP, ele queria mais pra frente, ele queria pesquisa, ele achava que tinha que ter pesquisa. Por isso

que ele foi buscar o Carlos Augusto, foi buscar a Elza. Aí trouxe o de Cartografia, começou já com Aerofotogrametria, porque ele tinha estado na Europa e já viu que era utilizado. Então eles...

Professor João - E qual era a formação dele?

Professora Livia - Como?

Professor João - Ele era geógrafo?

Professora Livia - Claro! O Doutor João foi o primeiro geógrafo a defender Doutorado. E todo nome daqui é porque ele era da Geografia. E aí também, ele já..., existiu um ônibus pra nós fazermos excursões, pra fazer trabalho de campo. A USP não tinha isso, viu! Pra pegar um ônibus pra gente sair quando era estudante, era uma dificuldade viu. Então esta... essa nova visão era daqui de Rio Claro. E como não eram, não tinham vindos da USP - a não ser o Penteadado que era de Geografia do Brasil e a Cecília França que depois já foi embora - eram de fora, e o Carlos Augusto já começou com aquela parte mesmo a Geomorfologia dele que era muito viva, muito... com desenhos, com croqui, e a parte da Climatologia e a Elza que já trabalhava com a parte de Agrária. Então desde o primeiro dia, os alunos já começavam sair pro campo, já fazer trabalho, já fazer pesquisa, e eles já começaram a pedir auxílios de Bolsa, de tudo. Não é que na USP não tinha, tinha, mas era pra um ou pra outro; agora aqui não, eram vários que tinham, o Carlos Augusto fez uma equipe de trabalho, 5, 6 alunos trabalhando.

-E depois que surgiu, daí no caso a Faculdade de Filosofia, de certa forma você acredita que existia alguma rivalidade entre a USP...

Professora Livia - Olha, muita gente falava, mas eu, como era uspiana, porque eu fui formada lá, eu sempre fui muito amiga do Araújo, do Aziz, de todos eles eu nunca tive, eu ia lá mas a turma que daqui achava que de lá falava. Eu não posso dizer isso viu, eu não posso dizer. É como agora falam de Rio Claro com Presidente Prudente; eu, se eu chegar lá em Presidente Prudente, eu sou muito bem recebida, nunca tive problema. Agora talvez seja até pessoal né? Eu nunca tive dificuldade de... não de impor, de me aceitarem, de... sabe, eu sou assim eu faço as coisas. Agora também, nunca joga na cara do outro, que eu sei que ele não sabe, se você fizer isso ninguém vai gostar né? Então, falavam que tinha. O que tinha era isso, depois quando nós quise..., porque quando nós saíamos pra um Congresso era maior o número de alunos nossos que apresentavam trabalhos, porque lá não tinha essa tradição da USP. Depois é que começou a também o professor..., porque os professores lá eram catedráticos, pra mim a diferença toda era essa. Eles eram catedráticos.

Professor João- O que isso significa?

Professora Livia - O que significa isso? A cátedra, o que que é a cátedra? A cátedra -até me lembro sempre que o Dr. Eurípidés que dizia- ele vinha pra dar aula de História, ele vinha com uma coisinha, um móvelzinho, porque ele punha ali... aquilo é a cátedra. Então você se coloca numa situação acima do aluno, o aluno fica lá embaixo e o professor... Então a cátedra..., foi isso também uma das Reformas Universitárias, foi contra a cátedra, e quem escolhia o assistente era o catedrático, não havia concurso, não havia seleção, o profe... o catedrático escolhia fulano, beltrano pra ser os assistentes dele.

Professor João - Se forma na Europa, né...

Professora Livia - É, a formação européia. Aí e quando chegou aqui, já o Carlos Augusto não se sentia catedrático, ele primeiro que ele nem era doutor, lá todos eram doutores, todos eram catedráticos né? E o Carlos Augusto não era, nem a Elza. Então havia ali o nosso... a nossa sala... era muito mais fácil de entrar junto com professor e aluno. Então havia um entrosamento, umas discussões. Agora também, na Usp também é assim, mas na época dos catedráticos não era. E com isto nós íamos então o grupo todo apresentando trabalho, em todas as seções, isto um pouco os alunos também os daqui quando iam lá, se chegavam superior aos da USP viu, pra se impor! Mas isso depois passou viu. Aí depois quando veio o da pós-graduação também, eles achavam que nós não tínhamos como... de ser, agora semana passada, como que nós ousávamos fazer... é... implantar um Doutorado numa cidade de interior. O problema todo era o interior, a província como eu dizia, a província. Lá é o centro, a metrópole, aqui era província.

- Porque essa questão de interior, de província, tem um livro- Mosaico Iconográfico, organizado pela Lucia Gerardi- e lá, tem um depoimento que fala justamente disso, de uma pessoa que- eu não vou me recordar o nome agora, eu tive lendo o livro, mas não me recordo qual depoimento- e fala justamente disso, dessa crítica de uma Universidade, Faculdade que vai parao interior...

Professora Livia - É, porque também os catedráticos em geral não aceitavam viu, que tivesse outro Curso de Geografia, de que tivesse outro nível de...universitário no interior. Quer dizer, a parte universitária pertencia à metrópole, à capital. Depois a própria USP abriu o curso, me lembro quando abriu o curso de Medicina de Ribeirão Preto, o Zeferino Brás só faltaram comê-lo, porque onde já se viu uma Faculdade de Medicina no interior! Aí ele respondia: -Não é no interior, é em Ribeirão Preto,



cidade rica!. Então era essa a resposta que ele dava viu. Então depois começou com aqui de São Carlos, que também é USP. Então agora, agora já não tem mais isso!

Professora Rosângela - Lívia, quando foi criada a Unesp na década de 70, aí a situação mudou porque criou uma única universidade e juntou todos os cursos do interior. Você percebeu essa questão de ser uma universidade do interior com relação a Usp, com é que isso ficou?

Professora Lívia – É, porque já tinha a UNICAMP. A UNICAMP é antes da UNESP..

Professor João - A Unicamp é da década de 70

Professora Lívia - É. Então aí já tinha aparecido outra Universidade Estadual no interior. Então nós já éramos a terceira. Agora, eu... ,o que nós sentíamos, e sentimos até hoje, é que nós nos sentíamos muito bem - ainda que somos unespianos - porque somos muito fragmentados. Não tem um elo que ligue as Faculdades. Isso falta na nossa Universidade de Unesp. A gente... tá acontecendo lá dentro e a gente não sabe. Agora, por exemplo, na USP não, o que tá acontecendo na Geografia, tá ali acontecendo na Geografia, mas o nosso não, por exemplo. Então eu acho que por isso que ainda falta este sentimento universitário, apesar... ,por ser do interior e por ser todo...Porque na época, antes de juntar como Universidade da Unesp, nós pretendíamos grupos de Universidades viu! Então nós iríamos unir com Araraquara, num sei, é... nós iri... sabe, faria assim um grupo, seria do centro, Universidade do centro. O grupo mais antigo não concordava com isto, de toda essa extensão geográfica do estado de São Paulo, de fazer do sul, do norte, do norde...,do centro. E acabou, era politicamente pra sair, só podia sair desse jeito e saiu.

- E aí digamos que casou com o Dr. João Dias de ele vir pra cá?

Professora Lívia - Não! Ele vem em 54, 55 pra começar aqui. Você tá fora do tempo viu. Você tá completamente fora do tempo!

Professora Rosângela - Ele fundou a Faculdade...

Professora Lívia - Ele fundou a Faculdade!

Professora Rosângela - Na década de 70 o governo do estado...

Professora Livia - Se juntou...

- Eu quero dizer assim, que quando o Dr. João Dias veio pra cá...

Professora Livia - Foi em 54.

Professora Rosangela - Foi em 50...

Professora Livia - 55. E ele saiu, e ele era da USP.- Ele era formado, ele era catedrático de lá. Deram uma licença pra ele, um afastamento e ele veio aqui como diretor para instalar os cursos.

- Tá, mas embora...

Professora Livia - Eram Institutos Isolados, se chamavam Institutos Isolados, nos éramos comandados pelo Conselho Estadual de Educação.

Professora Rosangela - E era uma política de governo do estado...

Professora Livia - Do governo... foi do Jânio Quadros sabe, de trazer... foi idéia dele de trazer a Universidade para o interior. E depois o Carvalho Pinto continuou com esta política de trazer..., que a Universidade..., porque também se você levar em conta, o Estado de São Paulo, as cidades já estavam se florescendo com as estradas, com o agronegócio, com as indústrias; a indústria já estava saindo de São Paulo pro interior. Então o interior de São Paulo já começava marcando o Brasil, a posição dentro do Brasil. Então aí, junto com isso, tem os Institutos Isolados, mas o Doutor João não, não tem nada a ver com , ele nem sonhava em formar UNESP. Mas eu entendo viu, porque você é nova. Então a história...Você... É uma coisa a gente estudar...

Professora Rosangela - Você não viveu!

Professora Livia - E a outra é você viver viu.

-É verdade, fica meio que fragmentado assim..., pra mim.

Professora Livia - Mas estou às ordens, qualquer coisa.